UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Ana Cristina Celestino Montenegro

O *Tesouro* de Brunetto Latini:
estudo e tradução do prólogo e da retórica

Versão corrigida

São Paulo
2010

Ana Cristina Celestino Montenegro

O *Tesouro* de Brunetto Latini:
estudo e tradução do prólogo e da retórica

Versão corrigida

De acordo

Prof. Dr. Leon Kossovitch

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Leon Kossovitch

São Paulo
2010

Agradecimentos

Muito especialmente ao Prof. Dr. Leon Kossovitch pelas aulas, leituras e conversas, antes mesmo de Brunetto aparecer, e pela disposição e paciência para abrir o *dure cervis* da jurista aqui.

À Prof. Dr. Adma Muhana pelo incentivo e acompanhamento sempre minucioso do trabalho.

Aos Prof. Dr. Celso Favaretto, Prof. Dr. Luciano Migliaccio, Prof. Dr. Luiz Costa Lima, Prof. Dr. Marcos Martinho e Prof. Dr. Rodrigo Naves.

A Pietro Beltrami pelo belo trabalho sobre o *Tesouro* e pela possibilidade de anexar o texto em francês.

A Geni, Maria Helena, Mariê, Verônica e todos da secretaria do Departamento de Filosofia, por tornarem as coisas mais fáceis.

A Flávio Reis, fornecedor de livros, artigos, ideias, risadas e ombro, e aos colegas Amanda Azis, André Miatello, Charles Bonares, Denis Molino, Marcelo Lachat, Rita de Cássia Oliveira e Rodrigo Pinto. E também a Ana Cândida Avelar, Fernanda Pitta, Heloísa Espada e Priscila Sachettin.

Às amigas Camila Maroja, Graziella Moraes Silva e Marília Risi, pelas inestimáveis contribuições para a bibliografia. A Ana Maria Hovell, Maria Lúcia Resende, Regina Montenegro, Thiago Coutinho e Vitor Dornelles, pelas preciosas revisões e digitalizações.

E, pelo apoio e compreensão incondicionais, à minha família e a Marcelo Marchesini.

RESUMO

MONTENEGRO, Ana Cristina Celestino. O Tesouro de Brunetto Latini: estudo e tradução do prólogo e da retórica. 2010. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A presente pesquisa compreende o estudo e a tradução para o português do prólogo e da retórica do *Tesouro* de Brunetto Latini. Trata-se de uma compilação escrita em francês, por volta de 1260, que reúne matérias úteis para a política, entendida como arte de governar uma cidade. O *Tesouro* está dividido em três livros, um sobre teórica, um sobre ética e outro sobre política, o qual inclui uma arte retórica e um manual do podestade. O estudo do prólogo mostrou que a política é o fio condutor deste texto no gênero humilde que, para ensinar, compila excertos de diversas autoridades de maneira ordenada. Por sua vez, a arte retórica, parte da política, segue de perto a matéria do tratado *De inventione*, de Cícero, e traz também preceitos para a escrita de cartas, preceitos de artes poéticas e exemplos históricos e bíblicos. Por seus preceitos e exemplos, que são tanto retóricos quanto éticos, o *Tesouro* ensina e faz o elogio da política, ao mesmo tempo que se apresenta como uma memória.

Palavras-chave: Brunetto Latini, Tesouro, retórica, compilação, arte de governar.

ABSTRACT

MONTENEGRO, Ana Cristina Celestino. O Tesouro de Brunetto Latini: estudo e tradução do prólogo e da retórica. 2010. 212. Thesis (Master Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

This study encompasses an analysis and a Portuguese translation of the prologue and the rhetoric of Brunetto Latini's *Tresor*. The text is a French compilation written around 1260, and it compiles materials useful to the science of politics, which is defined as the art of ruling a city. The *Tresor* is divided into three books, one about theoric, one about ethics, and the other about politics, which includes an art of rhetoric and a handbook for the *podestà*. The analysis of the prologue shows that politics are the guiding principle of the text, which is written in plain (*attenuata*) style, thus meant for instruction, and compiles and puts in a specific order excerpts taken from various authorities. As for the art of rhetoric, a part of politics, the text closely follows the subject matter of Cicero's *De intentione*, and also has precepts for letter writing, principles of poetry and historical and biblical examples. Through the precepts and examples, which are rhetoric as well as ethic, the *Tresor* teaches and praises politics, and at the same time operates as a memory.

Key Words: Brunetto Latini, *Tresor*, rhetoric, compilation, art of ruling.

SUMÁRIO

Introdução	8
<i>I. Este livro é chamado Tesouro</i>	<i>15</i>
<i>II. Aqui começa retórica</i>	<i>34</i>
Tradução	52
<i>Livro I</i>	<i>53</i>
<i>Livro III</i>	<i>59</i>
Referências bibliográficas	127
Apêndice 1: <i>Tresor</i> (edição de Beltrami)	132
Apêndice 2: Quadro sinótico	197
Apêndice 3: Imagens	207

Lista de abreviações

De coni.: *De conivratione Catilinae*

De inv.: *De inventione*

Her.: *Retórica a Herênio*

Tres.: *Tresor*

Introdução

A presente pesquisa tem como ponto de partida os afrescos ditos do bom e do mau governo do palácio público de Siena. Pintados por Ambrogio Lorenzetti na primeira metade do século XIV, eles são uma fonte sem fim de discussão entre historiadores da arte e também entre pesquisadores de outras disciplinas, como a história do pensamento político.

Ao longo de três paredes da sala onde os nove membros do executivo sienense exerciam suas funções, foram figurados a alegoria e os efeitos do mau governo, a alegoria do bom governo e os efeitos do bom governo. Na parede mais à esquerda, dedicada ao mau governo, veem-se colinas devastadas e ruínas.¹ Ao lado, na mesma parede, encontra-se uma cidade onde ladrões roubam e soldados matam e prendem pessoas. Os prédios estão em ruínas e o único comércio aberto é de armas. Na extrema direita dessa parede, uma corte funesta dirige tais desgraças: ao centro, maior figura de todas, a tirania ostenta chifres e dentes de fera. Abaixo dela, a justiça está amarrada e os pratos de sua balança, quebrados no chão. Acima da tirania, três vícios figurados como anjos maus, a soberba, a avareza e a vanglória. Aos seus lados, crueldade, engano, fraude, furor, discórdia e guerra. Apesar de esse afresco ser o menos bem conservado dos três, é notável a riqueza de detalhes e a clareza do significado dessas figuras. Cite-se a discórdia, que veste um traje metade branco e metade preto e, com uma serra, procura serrar a si própria ou a algo que está em seu colo.²

A parede do meio mostra a alegoria do bom governo, o qual é presidido pelo bem comum, um admirável senhor de barba branca. Em sua corte, têm assento paz, fortaleza, prudência, magnanimidade, temperança e justiça. Acima dele, pairam fé, caridade e esperança. Abaixo, estão conselheiros da cidade, cavaleiros, soldados e prisioneiros. Mais longe, à sua esquerda, e em posição relativamente mais baixa, a justiça, na forma de uma bela dama entronada, segura os pratos da balança que faz a justiça distributiva e a comutativa. Desses mesmos pratos saem duas cordas que se unem na mão da concórdia, também entronada e localizada diretamente abaixo da justiça. A corda formada pelas duas acima mencionadas é segurada por cada um dos conselheiros da cidade, que formam uma espécie de fila que se estende em direção ao bem comum.³ Como no outro afresco, há aqui medalhões emoldurando a cena. Nesta parte, os medalhões contêm personificações das artes do *trivium* (gramática, dialética e retórica).

A última parede, oposta à parede dedicada ao mau governo e à direita da alegoria do bom

¹ Ver imagem I, apêndice 3.

² Imagem II.

³ Imagem III.

governo, mostra os efeitos do mesmo. De um lado, têm-se os efeitos sobre a cidade⁴ e, do outro, sobre o campo.⁵ Na cidade, vê-se grande movimentação: pessoas entrando e saindo com mercadorias, um cortejo nupcial, um grupo de dançarinas, e ainda uma sapataria, uma tecelagem e uma aula. Há muitos prédios e um dos telhados está em construção. No campo, mostra-se o equivalente a isso: a movimentação dos labores. Os efeitos do bom governo são, portanto, o florescimento da vida citadina e campesina, com segurança e evidente benefício para todos.

A riqueza desses afrescos deu lugar a diversos comentários, gerais e específicos. Há autores que estudam aspectos pontuais, como as dançarinas, ou o suposto naturalismo pictórico na figuração da cidade e do campo. Alguns se indagam a respeito da combinação da figuração alegórica com a naturalista (Donato, 1995). Outros consideram que os afrescos são a versão imagética de um gênero de texto moral, os espelhos de príncipe (Castro, 2003). Ou ainda, seriam a imagem da república, como os manuais sobre a arte de governar, específicos aos séculos XIII e XIV no norte da Itália, chamados espelhos ou olhos dos magistrados (*spechi* ou *occhi dei magistrati*) (Starn, 1998, p. 26).

Estes últimos dois gêneros de texto têm relação entre si por seus destinatários e por seu ofício. Os mesmos pontos que os aproximam ajudam a explicar por que, na tentativa de descobrir fontes escritas para a iconografia dos afrescos, ou ao menos um correspondente textual dos mesmos, diversos comentadores tenham se referido a *le livre dou Tresor* (Starn, op. cit., p. 21; Rubinstein, 1998, p. 788-789), doravante chamado *Tesouro*, um texto escrito em francês pelo florentino Brunetto Latini, provavelmente entre 1260 e 1266. Nesta obra, estão reunidos saberes tirados de diversos autores, das diferentes partes da filosofia, úteis para aquele que é chamado para governar uma cidade. O *Tesouro* é dividido em três livros, os quais tratam de teórica, ética e política.

Sobre a vida de Brunetto Latini,⁶ há poucas informações. Por alguns atos públicos em que seu nome aparece e outros que ele assina, sabe-se que foi notário, funcionário público e homem político florentino. Sua data de nascimento é incerta, por volta dos anos 1220. Um ato oficial registra sua morte em dezembro de 1293 (Beltrami, 2007, p. 2-3).

⁴ Imagem IV.

⁵ Imagem V.

⁶ Na época do início da escrita nas línguas vulgares da Itália, os nomes eram compostos por um primeiro nome e um patronímico ou um indicador de origem. O patronímico era geralmente precedido de *di*. Por vezes, este nome tomava a forma do genitivo em *i* ou *is*, perdendo o *di*. Assim, o nome do pai de Brunetto encontra-se escrito como Bonaccorso di Latino ou Bonaccorso Latini (Beltrami, 2007, p. IX). Já o nome do autor aparece também como Burnetto e com um patronímico que varia entre Latino, di Latino e Latini. Esta última forma foi mantida na maior parte das línguas modernas que se consultou e, por isso, foi utilizada aqui. Ressalta-se, entretanto, que também se pode optar por traduzir o nome. Na *Divina comédia*, citada um pouco abaixo, Dante escreveu *Brunetto Latino* e o tradutor traz para o português: Bruneto Latino (Inferno, XV, 32). O próprio Brunetto, ao escrever o *Tesouro*, traduz seu nome para o francês: Brunet Latin (*Tres.*, I.1.1).

Ele é mencionado na *Nuova cronica* de Giovanni Villani, do início do século XIV:

Nel detto anno 1294⁷ morì in Firenze uno valente cittadino il quale ebbe nome ser Brunetto Latini, il quale fu gran filosofo, e fue sommo maestro in rettorica, tanto in bene sapere dire come in bene dittare.⁸ E fu quegli che spuose la Rettorica di Tulio, e fece il buono e utile libro detto Tesoro, e il Tesoretto, e la Chiave del Tesoro, e più altre libri in filosofia, e de vizi e di virtù, e fu dittatore del nostro Comune. Fu mondano uomo, ma di lui avemo fatta menzione però ch'egli fue cominciatore e maestro in digrossare i Fiorentini, e farli scorti in bene parlare, e in sapere guidare e reggere la nostra repubblica secondo la Politica.

(Villani, G, *Nuova cronica*, IX, x *apud* Beltrami, op. cit. p. 2)

Ainda hoje a *Rettorica*, o *Tesouro* e o *Tesoretto* são considerados os principais textos escritos por Brunetto. A atribuição de outros escritos a este autor já foi bastante discutida (para textos anteriormente atribuídos a Brunetto, ver Chabaille, 1863, p. vi-viii; East, 1960, p. 16-18). Atualmente, estes três textos e uma epístola em versos sobre a amizade, *Favolello*, não causam discussão (East, op. cit., p. 18; Beltrami, op. cit., p. 11). Quanto à tradução dos discursos *Pro Ligario*, *Pro Marcello* e *Pro rege Deiôtaro* de Cícero, a atribuição era duvidosa para East (p. 18), em 1960. Para Beltrami, mais recentemente, não há dúvida (p. 11). Não se sabe que texto é a *Chiave del Tesoro* mencionado por Villani (Beltrami, op. cit., p. 2).

A *Rettorica* é tida como o primeiro dos três escritos mencionados. Trata-se de uma tradução comentada para o vulgar florentino dos primeiros 17 capítulos do tratado ciceroniano *Da invenção*.⁹ Os estudiosos consideram que o próximo texto escrito foi o *Tesouro*, que será mais amplamente discutido abaixo. O *Tesoretto*, que teria sido escrito em seguida, é um poema alegórico em versos que reelabora parte da matéria do *Tesouro*. Sobre o texto *Favolello*, sabe-se apenas foi divulgado ao mesmo tempo que o *Tesoretto*, o qual segue em diversos códices (ibid., p. 14).

A notoriedade de Brunetto hoje deve-se em parte à menção que recebeu no Inferno da *Divina comédia*, de Dante Alighieri, no círculo dos violentos contra a natureza. Dante identifica Brunetto como seu mestre e o faz mencionar o *Tesouro*:

Sois vós aqui, indaguei, ser Bruneto?.

⁷ Segundo Beltrami, a data indicada por Villani para o falecimento de Brunetto está errada, em razão do ato oficial de 26 de dezembro de 1293 (Ibid., p. 2).

⁸ A palavra *dittare* significa escrever. Ver explicações abaixo.

⁹ Cícero, *De inventione*, *De optimo genere oratorum*, *Topica*. English translation by H. M. Hubbell. Ver bibliografia.

[...] (Inferno, XV, 30)

pois sempre eu guardo, e me entristece agora
o bom e caro símbolo paterno
vosso, quando no mundo, hora por hora,

me ensináveis como o homem faz-se eterno.

[...] (Inferno, XV, 82-85)

[...] Que o meu Tesouro para mim tuteles,
no qual ainda eu vivo, e mais não peço. (Inferno, XV, 119-120)

A leitura do *Tesouro* revelou pontos em comum com os afrescos. Antes de mais nada, chamam atenção a abrangência e complexidade da matéria de ambas as obras e sua organização compartimentada. Das artes do *trivium* à construção de casas e produção de armas, da colheita à virtude da prudência e vício da guerra, a pintura reúne matérias variadas. Do mesmo modo, conforme se verá abaixo, o texto começa na criação do mundo e termina no governo da cidade, passando por um bestiário, uma ética e uma retórica, entre outros. Os afrescos estão divididos em paredes, em alegorias e efeitos, em campo e cidade, em medalhões e filactérios. O *Tesouro* é dividido em livros e, nos livros, em partes e, ainda, em capítulos. A simples descrição de ambas as obras é longa, porque a matéria é extensa.

Em seguida, vê-se que há uma certa correspondência de matéria. Se as paredes do palácio público tratam do bom e do mau governo, o livro de Brunetto trata dos saberes úteis para um bom governo. Mais: o texto, apesar de extenso, não descreve amplamente os saberes e sim de forma abreviada, como o próprio autor explica, pois, do contrário, o livro não teria fim (*Tres.* I.200.1). Pode-se traçar um paralelo entre este procedimento e o que trata de matérias complexas como estas por meio da figuração.

Além dessas analogias, há, ao longo do *Tesouro*, inúmeros lugares em que se pode relacionar as duas obras. Por exemplo, no capítulo sobre a construção de casas, o texto remete o leitor ao livro de vícios e virtudes, para que saiba evitar que seu edifício ultrapasse sua riqueza ou sua dignidade e que, ao contrário, nisto mantenha sempre o meio-termo (*Tres.* I.126.1 e *Tres.* II.116). Também na pintura, são as virtudes do bom governo que levam aos efeitos que veem-se na cidade e, neste sentido, o telhado em construção é ditoso, por oposição às ruínas do outro lado. Às regras para edificação se sobrepõem os preceitos éticos.

Assim também, é efeito do bom governo que os artífices sejam mostrados trabalhando na

cidade, enquanto no mau governo só o fabricante de armas prospera. O *Tesouro* explica justamente que tanto os senhores quanto seus sujeitos, dentre os quais uns são clérigos e outros laicos (pedreiros, ourives, sapateiros, camponeses e outros), buscam o bem que pertence à pacífica comunidade dos homens e das cidades (*Tres.* II.50.3). Cada um, por seu ofício, contribui para o bem comum que, está visto, deve governar.

No capítulo do texto sobre a concórdia, a definição desta virtude pode ser aproximada da figura pintada da concórdia entronada, segurando em sua mão as cordas que se transformam em uma só, que, em seguida, passa pelas mãos de cada um dos conselheiros da cidade, ligando os pratos da balança da justiça à concórdia e aos ditos conselheiros. O *Tesouro* define a concórdia como uma virtude que liga (como uma corda) em um direito e em uma habitação os de uma cidade e de um país.¹⁰ É a virtude que protege o proveito comum.

Por fim, o próprio fato de um maior espaço ter sido reservado para as virtudes e seus efeitos do que para os vícios e os seus (duas paredes contra uma) está de acordo com o que diz o *Tesouro* quando explica que trata mais longamente das virtudes do que dos vícios, porque cada um deve entender que onde se manda fazer o bem, deve-se evitar o mal.¹¹

No momento da pesquisa em que se faziam esses paralelos, não se buscava estabelecer o *Tesouro* como fonte dos afrescos, pois certamente há muitos outros textos que podem ser relacionados com a pintura dessa maneira e, ademais, há também divergências entre os dois e matérias que estão em um e não no outro. O objetivo era tentar encontrar analogias entre a maneira como cada um dos meios, a pintura e a escritura, havia lidado com matérias muito próximas. Apesar de a relação entre texto e imagem ser objeto de inúmeros estudos na história da arte, essas duas obras pareciam particularmente profícuas para tal tipo de análise e merecedoras, portanto, de uma estudo conjunto. Entretanto, a amplitude e complexidade do *Tesouro* me levaram a começar com ele. A análise dos afrescos será retomada em outro momento.

O *Tesouro* é frequentemente classificado como uma enciclopédia do século XIII (Ribémont, 1999, p. 9; Murphy, 1988, p. 130), gênero que alguns estudiosos procuraram definir. *Grosso modo*, seriam enciclopédias medievais os textos, surgidos nos séculos XII e XIII, que teriam reunido os gêneros de história natural, cujo modelo primordial é Plínio, o Velho, e os escritos ligados de uma maneira ou de outra às artes liberais, numerosos nas letras latinas, como os de Marciano Capela, Boécio e Santo Agostinho. As características principais seriam a abrangência de todo o saber, por

¹⁰ *Concorde est une vertue que lie en un droit et en une habitation çaus de une cité et d'un país* (*Tres.* II.108.1).

¹¹ *Et já soit ce que li livres parole plus longuement des vertus que des vices, neporquant la ou li bien sont comandé a faire dois chascuns entendre que les maus sont devees a faire, [...]* (*Tres.* II.132.1).

meio da compilação de autoridades, e sua exposição de maneira ordenada e sistemática (Ribémont, op. cit.; Díaz y Díaz, 1999), princípios que são claramente ligados aos escritos escolásticos, cujo modelo é a *Summa*.¹² Como a escolástica, o gênero enciclopédico seria tributário das novas traduções dos textos aristotélicos (Ribémont, op. cit., p. 16; Marchionni, 2001, p. 16-17). Essa classificação apresenta os problemas de não ser reconhecida pelos próprios autores e de confundir-se com o que vem a chamar-se “enciclopédia” no século XVIII e é totalmente distinto do texto que se estuda aqui (East, op. cit., p. 1-2; Ribémont, op. cit., p. 8). Ademais, o fato de chamar de “enciclopédia” tanto a *Naturalis historia* de Plínio, o Velho, do século I (Dauzat, 2002, p. VIII – IX), quanto o *Speculum maius* de Vicente de Beauvais, do século XIII (Lusignan, 1979, p. 21), não ajuda a mostrar o que distingue uma obra da outra, nem o que distingue uma e outra.

Quanto ao *Tesouro*, há comentadores que ressaltam sobretudo a língua utilizada, o romance (no caso, francês neolatino) (East, op. cit., p. 86; Murphy, op. cit., p. 265), característica que aqui reveste um significado particular.¹³ Além disso, o texto pode ser relacionado a gêneros de texto diversos, como os espelhos de príncipe, obras dedicadas aos soberanos (Beltrami, op. cit., p. 11, n. 34; Ribémont, op. cit., p. 29), ou os manuais do podestade,¹⁴ dedicados aos governantes das repúblicas do Norte da Itália. Vê-se aqui o quanto os comentários aos afrescos e ao *Tesouro* são parecidos.

A dificuldade de se estabelecer o gênero do texto advém em grande medida de sua divisão em três livros, um sobre teórica, outro sobre ética e um último sobre política. Além da amplitude das matérias, o tratamento de cada um deles é bastante distinto. O primeiro livro reúne a matéria de um livro de propriedade das coisas¹⁵ e partes de crônica.¹⁶ O livro de ética se divide em uma tradução da ética aristotélica e um florilégio.¹⁷ O de política, em uma retórica e um manual do podestade. A variedade das partes é um obstáculo para se compreender facilmente o *Tesouro*. A questão de saber se as partes devem ser relacionadas ou consideradas independentes, à maneira dos textos nos códices de Cassiodoro,¹⁸ coloca-se sempre. À tendência de se considerar cada parte

¹² Segundo Panofsky, as três exigências básicas dos textos escolásticos são a completude, o ordenamento e a clareza (Panofsky, 1991, p. 21).

¹³ *Autrement, quand l'écrit est lancé vers le public, le choix du vulgaire est, au XIII^e ou au XIV^e, généralement justifié car c'est un choix signifiant* (Redon, 2002, p. 14). No presente caso, o francês era a língua dos príncipes de Anjou, partidários do papa (*Ibid.*, p. 11). Foi Carlos de Anjou quem derrotou as tropas imperiais de Manfredo em 1266 (Skinner, 1999, 35), libertando Florença dos inimigos de Brunetto.

¹⁴ *Podestà* refere-se aquele que exercia o poder executivo nas cidades da Itália do Norte. Não foi traduzido em Skinner (1999, p. 25).

¹⁵ Chamam-se assim os textos que tratam da natureza, ou, como diziam os autores, das propriedades das coisas, isto é, da descrição e explicação dos elementos da Criação, em cujos títulos costumavam aparecer as expressões *speculum* e *natura rerum* (Ribémont, op. cit., p. 18-19; Díaz y Díaz, op. cit., p. 12).

¹⁶ Ver abaixo a breve apresentação do livro primeiro.

¹⁷ Florilégio como compilação medieval de sentenças (Murphy, op. cit., p. 145).

¹⁸ Por códices de Cassiodoro, entende-se os volumes que este monge do século VI constituiu para a biblioteca do mosteiro de *Vivarium*, em que reuniu obras de vários autores. Alguns volumes eram compostos por textos não

isoladamente se opõe a organização minuciosa do *Tesouro*, frequentemente lembrada pelo autor ao longo do texto.

Devido às questões acima expostas e à dimensão e escopo do *Tesouro*, escolheu-se apresentar a tradução para o português de determinadas partes da obra, como forma de aproximar-se do texto e de facilitar o acesso de outros estudiosos ao mesmo. A parte que se mostrou mais apropriada para a tradução foi a arte retórica contida na primeira parte do livro três, já que as regras enunciadas nela devem aplicar-se ao próprio discurso que as enuncia. Cabe lembrar, a este respeito, o que diz Cícero, em *Da invenção*, na parte em que trata do manual de retórica escrito por Hermágoras. Ele diz que é pouca coisa, para um orador, falar sobre sua arte; o mais importante é falar de acordo com as regras da arte.¹⁹ Assim como Hermágoras – e Cícero, diga-se –, Brunetto devia, em seu *Tesouro*, respeitar os preceitos que enuncia na retórica, o que faz com que essas regras sejam bastante úteis para a leitura da obra.

Além da retórica, traduziu-se a primeiríssima parte do *Tesouro*, do prólogo até o início do livro primeiro, em que o texto mostra as divisões da filosofia, pois uma parte importante da arte retórica do livro três trata dos ensinamentos sobre o prólogo e ele é, por conseguinte, um trecho privilegiado para se ver a aplicação dos preceitos da oratória. Além disso, nele o autor exalta seu texto e sua matéria, indicando seus procedimentos e seu objetivo ao escrever. Lido de acordo com as regras mencionadas, ele ajuda no estabelecimento do gênero do texto.

No prólogo, o *Tesouro* se apresenta como a reunião de preciosos saberes para “acrescer seu poder e exaltar seu Estado na guerra e na paz” (*Tres.*, I.1.1). A retórica, por sua vez, está anunciada na parte sobre política, dita a mais importante. Isso dá crédito para a análise que enfatiza o aspecto político do texto.

Com a tradução e apresentação desses trechos, espera-se contribuir para a apreciação do gênero do texto, bem como para os estudos de retórica e dos escritos do século XIII. Cabe ressaltar, entretanto, que este estudo é uma primeira abordagem do *Tesouro*, do seu tempo e dos textos relacionados a ele. É apenas uma etapa: não pretende ser exaustivo ou conclusivo, quer apenas apresentar os comentários e desenvolvimentos a que se chegou até agora.

Dito isso, após uma breve descrição dos três livros, serão destacadas, a partir dos termos do

relacionados e outros por textos com matérias aparentadas. Exemplo de um códice com matérias heterogêneas: *Liber regularum*, de Ticônio, *De doctrina christiana*, de Santo Agostinho, *Isagoge ad sacras scripturas* (em latim), de Adriano, *Formule*, de Euchério, *De partibus divinae legis*, de Junilius. Um códice homogêneo: *De inventione*, de Cícero, *Ars rhetorica*, de Quintiliano e de Fortunaciano (Díaz y Díaz, op. cit., p. 86-87).

¹⁹ *But for an orator it is a very slight thing to talk about his art, as he has done; by far the most important thing is to speak in accordance with the principles of his art, which we all see he was wholly incapable of doing (Verum oratori minimum est de arte loqui, quod hic fecit, multo maximum est arte dicere, quod eum minime potuisse omnes videmus.)* (*De inv.*, I.VI.8).

prólogo, as principais características do *Tesouro*: compilação, política, ordenamento e ensinamento. Ainda com relação ao prólogo, serão discutidos o destinatário, o fim do prólogo e o exílio do autor. Em seguida, chega-se à análise da retórica, tratando primeiro da fundamentação política e da relação com o *Da invenção* e, depois, de alguns pontos específicos de sua matéria: a pronúncia, a arte de escrever cartas, prosa e rima, ordem natural e ordem artificial, cores de retórica, exemplos e memória. Por fim, serão apresentadas a tradução para o português do prólogo, da divisão da filosofia e da retórica do *Tesouro*, bem como a versão original dos mesmos trechos.

I. Este livro é chamado Tesouro (Tres., I.1.1)

Questões preliminares

As principais edições do texto do *Tesouro* em francês antigo que se encontram hoje são: 1) *Li livres dou Tresor*, de 1863, estabelecido por Polycarpe Chabaille; 2) *Li livres dou Tresor*, de 1948, estabelecido por Francis Carmody; 3) *Li Livres dou Tresor*, de 2003, estabelecido por S. Baldwin e P. Barrette²⁰ e 4) *Tresor*, de 2007, edição bilingue francês-italiano organizada por Pietro Beltrami. Esta última é certamente a mais completa nos comentários e bibliografia e seu texto foi considerado nesta pesquisa o mais correto. Nela, cada um dos livros do *Tesouro* foi traduzido para o italiano e comentado por um estudioso. O prólogo e o livro primeiro ficaram a cargo de Paolo Squillacioti e o livro terceiro, de Sergio Vatteroni.

Existem hoje poucas traduções modernas do *Tesouro*. São elas: para o italiano, a edição acima mencionada de Beltrami; e para o inglês, a tese de doutorado de J. R. East, de 1960, na qual é traduzida a retórica do *Tesouro*, e uma edição de S. Baldwin e P. Barrette, de 1993, à qual não se teve acesso. Há também uma tradução para o francês moderno de uma versão italiana manuscrita do bestário (parte do livro primeiro do *Tesouro*), de G. Bianciotto, de 1980. A versão inglesa de East foi utilizada, junto com a italiana de Beltrami, para a presente tradução.

Para as referências ao texto do *Tesouro*, será utilizada a paragrafação mantida desde a edição de Carmody. Quando a indicação se referir à edição de Beltrami, será feita da seguinte forma: *Tres.*, I.1.1 (*Tresor*, livro.capítulo.parágrafo). Quando se referir ao texto de Chabaille, será assinalada por: Chabaille, número da página. Quando a referência for a alguma tradução, será assinalada por: nome do tradutor, número da página. Ressalta-se ainda que, quando for citado algum trecho do *Tesouro* que pertence às partes traduzidas neste trabalho, não haverá nota de rodapé trazendo o texto em francês. Pede-se ao leitor que se reporte à versão francesa em apêndice.

²⁰ Esse texto não foi consultado nesta pesquisa.

Nesta pesquisa, não foi feito trabalho de análise de manuscritos e de estabelecimento de texto. Conforme dito acima, a edição de Beltrami será utilizada como texto de base. Qualquer divergência relevante entre as edições será indicada em nota.

Breve apresentação

Livro primeiro

O *Tesouro* está dividido em três partes.²¹ Após o prólogo, há quatro capítulos sobre filosofia e suas partes. O capítulo 6 do *Tesouro*, intitulado “Como Deus fez todas as coisas no começo” (*Coment Dieu fist toutes choses au commencement*), começa a tratar da matéria de teórica conforme anunciada no prólogo. O último capítulo do livro primeiro, antes da conclusão, é o número 199, “Aqui se diz sobre o urso” (*Ci dit de ours*). Segue-se o capítulo 200,²² “Aqui termina o primeiro livro do Tesouro” (*Ci finist le premier livre dou Tresor*).

O livro começa com Deus, passa aos anjos, ao homem e à origem das coisas e dos reinos, quando trata do Antigo e do Novo Testamento. Em seguida, volta ao homem, suas complexões e virtudes, aos cinco elementos, aos planetas, ao mapa-múndi,²³ ao cultivo da terra e à construção de casas e, enfim, aos peixes, às aves e aos animais terrestres.

Há trechos de história bíblica e outros sobre os povos, as dinastias reais e as seis idades do mundo (tirados, entre outros, do *Pantheon* de Godofredo de Viterbo e da *Historia scholastica* de Pedro Comedor), além de trechos de crônica (Beltrami afirma que foi utilizada uma fonte em comum – não identificada - com a *Nuova cronica*, de Giovanni Villani; bem como as *Chronicon Pontificum et imperatorum romanorum*, de Gilberto, e, talvez, o *Speculum historiale*, de Vicente de Beauvais).²⁴

A pequena quantidade de citações explícitas é uma característica do primeiro livro, se comparado ao segundo. Brunetto menciona expressamente apenas o Antigo e o Novo Testamento, o

²¹ Ver Quadro sinótico, no apêndice 2. O quadro mostra as divisões do *Tesouro* em três livros e, depois, as divisões das matérias do livro primeiro e da retórica do livro terceiro.

²² Na edição de Chabaille, o último capítulo da primeira parte é o 199, sobre o urso. Depois segue um parágrafo não numerado que termina o livro. Além disso, a edição de Beltrami não contém os capítulos 92 e 94 a 98, pois ele não considera que estes foram escritos por Brunetto. Chabaille e Carmody defendem que esses capítulos são fruto de uma segunda redação pelo mesmo autor, em que ele teria relatado eventos políticos posteriores à sua volta a Florença (Beltrami, p. 12-13 e n. 39).

²³ *Ci comence le devisement de mappemonde, c'est coment la terre est ordenee* (Tres., I.121). Brunetto trata da Ásia, da Europa e da África.

²⁴ Serge Lusignan, em sua análise ao prefácio do *Speculum maius*, destaca que Vicente de Beauvais separa, colocando em livros diferentes, *natura rerum* et *gesta temporum*: o *Speculum naturale* trata do mundo visível (*mundus visibilis*); o *Speculum historiale* trata dos desenvolvimentos históricos (Lusignan, 1979, p. 24 – 25). Brunetto reúne as duas matérias em um mesmo livro sobre teórica.

Evangelho de São Mateus, Aristóteles (*Categoriae*), o Almagesto, Paládio (*De agricultura*), Plínio, o Velho (*Naturalis historia*) e Santo Ambrósio. As fontes são – em todo o livro – frequentemente indiretas. Por exemplo, a *Naturalis historia*, de Plínio, o Velho, é mediada pela *Collectanea rerum memorabilium* de Solino, uma das mais utilizadas. Outras fontes importantes foram as *Sentenças*, *De ortu et obitu patrum* e *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha. Há também fontes cronologicamente mais próximas de Brunetto, como os já mencionados Godofredo de Viterbo e Pedro Comedor, do século XII. Algumas não foram identificadas, mas parecem ser comuns a textos contemporâneos ao *Tesouro*, como *Image du monde*, de Gossouin de Metz, e *Speculum naturale*, de Vicente de Beauvais (Beltrami, 2007, p. 7-8; Carmody, 1937).

Livro segundo

O primeiro capítulo desse livro se intitula “Aqui começa o segundo livro de Aristóteles que fala de vícios e de virtudes o qual mestre Brunetto Latini transladou de latim em romance” (*Ci comence le secont livre de Aristote qui parole de vices et de vertus le quel translata maistre Brunet Latin de latin en romans*) (Tres., II.1).²⁵ Trata-se da tradução do texto conhecido como *Compendium Alexandrinum*, uma abreviação da *Ética nicomaquéia* traduzida do árabe para o latim por Hermano Alemão em 1243 (Skinner, 1999, p. 71). Há comentadores que consideram que Brunetto utilizou a tradução da *Ética nicomaquéia* de Taddeo Alderotti, mas parece haver um conflito de datas que inviabiliza esta hipótese (Beltrami, op. cit., p. 8).

Essa parte do livro segundo termina no capítulo 50. Nela, não há quase nenhuma citação direta e a matéria também é dividida em capítulos. Ele trata daquilo que anuncia, dos vícios e virtudes.

Do capítulo 51 ao 132, Brunetto volta a tratar de vícios e virtudes, desta vez reunindo sentenças de diversos autores. As citações são muitas e organizadas por assunto. Alguns autores aparecem em todo o livro, como Sêneca, Cícero e Salomão. Outros aparecem menos ou sobretudo em algumas partes. Nota-se que não há distinção entre autores pagãos e cristãos e tampouco entre os mais e menos antigos. São Paulo, Santo Agostinho, Boécio, Cassiodoro, Santo Isidoro e Jó são tratados exatamente da mesma maneira que Sócrates, Catão, Horácio, Juvenal, Virgílio, Sófocles e Pérsio, por exemplo. Em meio às sentenças, muitas vezes encontram-se aquelas do próprio Brunetto. Ele apresenta-se como *li maistres* (Ibid., p. 9).

O livro de moral, portanto, apresenta primeiro uma ética tirada da ética aristotélica e, em seguida, um florilégio de sentenças de vários autores. Isso é claramente anunciado no primeiro

²⁵ *Ci commence li secons livres dou Tresor; qui parole des vices et des vertus – Prologue*. Chabaille, p. 255.

capítulo do livro segundo, quando diz querer fundar seu edifício sobre o livro de Aristóteles: “Mas, antes, quer fundar seu edifício sobre o livro de Aristóteles, e o transladará de latim em romance e o porá no começo da segunda parte de seu livro” (*Mes, tout avant, viaut il fonder son edifice sor le livre de Aristote, et il le traslatera de latin en romans et le possera au commencement de la seconde partie de son livre*) (Tres., II.1.4).

As fontes identificadas por Beltrami para o livro segundo são principalmente: *Moralium Dogma Philosophorum*, de Guilherme de Conches; *Doctrina de arte loquendi et tacendi*, de Albertano de Brescia; *De quattuor virtutibus cardinalibus sive Formula vitae honestae*, de Martinho de Braga; *Summa de virtutibus*, de Guilherme Peraldo; e *Sententiarum libre tres*, de Santo Isidoro (Ibid., loc. cit.).

Livro terceiro

Começa, então, o último livro do *Tesouro*. Dividido em duas partes, a primeira é uma arte retórica; a segunda, uma arte de governar. Na primeira, que termina no capítulo 73, Brunetto dá preceitos para a fala e a escrita de cartas. A matéria e a ordem dessa primeira parte seguem de perto as do livro primeiro do *Da invenção*, de Cícero, que se refere a somente uma das partes da retórica, a invenção, visando sobretudo à oratória jurídica.

Segue-se a segunda parte, em que são expostos preceitos para o governo da cidade. Inicialmente, é descrita a eleição do governante, em seguida, dão-se modelos de cartas a serem enviadas e discursos a serem proferidos no processo de eleição e aceitação do cargo. Há regras para reunir a administração e outras sobre como deve comportar-se o eleito em diversas circunstâncias e também sobre os cuidados que o senhor deve ter durante o mandato. O capítulo 105, o último, trata da prestação de contas e da volta do senhor para a sua cidade, com glórias e honras.

Há ainda algumas citações, mas menos do que no livro segundo. As autoridades são algumas das já citadas nos outros livros como: Cícero, Aristóteles, Sêneca, Platão, Catão e as Escrituras. As fontes identificadas para esse livro são o *Liber de regimine civitatum*, de João de Viterbo e um tratado anônimo chamado *Oculus pastoralis* (Ibid., p. 11).

Depois dessa breve apresentação do *Tesouro*, volta-se ao prólogo para apontar, a partir de seus próprios termos, alguns aspectos relevantes.

Compilação:

Pois assim como o senhor que quer em um pequeno lugar juntar coisas de grandíssimo valor [...] (*Tres.*, I.1.1)

Como um verdadeiro tesouro - um conjunto de riquezas -, o *Tesouro* reúne “em um pequeno lugar [...] coisas de grandíssimo valor”, isto é, “as mais caras coisas e as mais preciosas joias” (*Tres.*, I.1.1). A comparação com o tesouro enaltece a matéria e diz sobre a composição do texto. O *Tesouro* não reúne exatamente pedras e joias, mas sim sapiência, ou seja, a filosofia tirada dos autores que antes de Brunetto escreveram sobre ela:

[...] outrossim é o corpo deste livro uma **compilação de sapiência**, assim como o que é extraído de todos os membros de filosofia em uma suma abreviadamente. (*Tres.*, I.1.1)

E se não digo que este livro é extraído de meu pobre sentido, nem de minha nua ciência, mas é assim como um favo de mel colhido de diversas flores; pois este livro é uma **compilação somente dos maravilhosos ditos dos autores (*actors*) que antes do nosso tempo trataram de filosofia**, cada qual segundo a parte que sabia; pois nenhum homem terreno pode sabê-la toda, [...] (*Tres.*, I.1.5) (grifos meus)

O *Tesouro* compila os admiráveis ditos dos *actors* que escreveram sobre filosofia, tirando de cada autor a parte sobre a qual mais adequadamente escreveu. É uma antologia, um florilégio, como sugere a comparação com o favo de mel colhido de diversas flores, a qual costuma ser referida a uma epístola de Sêneca em que ele recomenda ao poeta que imite a abelha que colhe das flores mais apropriadas para fazer o mel e transforma e dispõe o material nos favos. Esta formulação é geralmente associada à escolha de modelos na imitação e sua transformação pelo poeta em “obra sua e superior às de seus modelos” (Muhana, 1997, p. 49).

Como soe dizer-se, devemos imitar as abelhas que deambulam pelas flores, escolhendo as mais apropriadas ao fabrico do mel, e depois trabalham o material recolhido, distribuem-no pelos favos [...]. (*Cartas a Lucílio*, Ep. 84, 3)

Esta mesma formulação aparece em Cícero, no prólogo do livro segundo do *Da invenção*.²⁶

²⁶ Antes, entretanto, Cícero relata o exemplo de Zêuxis, o pintor grego a quem os cidadãos de Crotônia, na Itália, encomendaram pinturas para o templo de Juno. Querendo pintar um retrato de Helena, pediu que lhe levassem as mais belas jovens da cidade, das quais escolheu cinco, para imitar em cada uma a parte mais perfeita, pois não achava que uma só jovem podia ter todas as qualidades que deveriam combinar-se para formar o retrato da mais bela das mulheres (*De inv.*, II, 1, 1 – II, 1, 3). Este exemplo é geralmente relacionado à imitação da natureza, mas Cícero o apresenta em seu prólogo para esclarecer a imitação dos modelos mais adequados na composição de um tratado de arte retórica.

Ele diz que, ao escrever seu tratado de retórica, tirou os preceitos mais adequados de cada modelo, colhendo as flores de vários engenhos, porque cada escritor digno de fama e reputação dizia alguma coisa melhor do que os outros, mas não atingia a preeminência em todas as coisas (*De inv.*, II, 2, 4).

Em seguida, Cícero diz que assim também fez Aristóteles, quando reuniu os livros mais antigos sobre retórica, analisou suas regras e as reescreveu em linguagem clara, dando o nome dos autores e explicações nas partes mais difíceis. Por este livro, Aristóteles ultrapassou as autoridades anteriores de forma que todos procuravam o livro dele para conhecer as doutrinas dos outros (*De inv.*, II, 2, 4 – II, 2, 7). Cícero, como Sêneca, toca assim na emulação, mostrando que as autoridades não são apenas imitáveis, mas, ao se tirar e reescrever os sábios ditos dos melhores, sua obra ultrapassa as deles.

O trecho mencionado é tido por Ana Faria e Adriana Seabra como esclarecedor da prática de compilação que orientou Cícero (Faria e Seabra, 2005, p. 25 -26). O que caracteriza o *modus operandi* descrito é a eleição dos materiais disponíveis mais adequados, e não de um único modelo, para a composição de sua obra. Para compor seu tratado, o autor reúne os preceitos e exemplos daqueles que escreveram antes dele, tirando de cada um o que é “mais apto à tarefa de ensinar e também mais propício à efetivação do que se aprendeu” (Ibid., p. 25). Importa lembrar, conforme foi dito acima, que a retórica de Brunetto tem como principal modelo o livro primeiro do *Da invenção*.

Voltando ao *Tesouro*, Brunetto também não tira de um só, mas compila os ditos de vários *actors* que escreveram antes dele, elegendo em cada parte do seu texto aqueles que, sobre a matéria em questão, escreveram de maneira mais adequada.

Acima, na breve apresentação, mostrou-se que, em cada parte, Brunetto serve-se de determinadas fontes e cita determinados *actors*. Por exemplo, viu-se que, na parte final do livro terceiro, cita Cícero, Aristóteles, Sêneca e Platão, mas usa como fonte *Liber de regimine civitatum*, de João de Viterbo e um tratado anônimo chamado *Oculus pastoralis*. No que concerne à ética, o autor explicita que fundará seu edifício – sua contribuição que é tanto a compilação de sentenças, quanto as sentenças que apresenta como suas - sobre o livro de Aristóteles.²⁷ Nota-se que Brunetto cita Aristóteles e não Hermano Alemão, autor do compêndio que traduz. O mesmo ocorre no livro três, quando Brunetto cita Salústio antes de apresentar os discursos de Júlio César e Catão referentes à conjuração de Catilina (*Tres.*, III.35 e 37), mas efetivamente os tira de uma compilação francesa chamada *Fet des Romains*, que ele não menciona (Beltrami, op. cit., p. 10). Não é realmente a fonte, no sentido de hoje, que importa, mas sim dialogar com os autores reputados, os *actors*.²⁸

²⁷ *Mes, tout avant, viaut il fonder son edifice sor le livre de Aristote, et il le traslatera de latin en romans et le possera au commencement de la seconde partie de son livre* (*Tres.*, II.1.4).

²⁸ Não é simples a definição das autoridades. A esse respeito, nota-se que Vicente de Beauvais, em seu *Speculum*

Estes variam de discurso para discurso, segundo o que é adequado a cada um. Aproveitando a metáfora da jurisprudência, proposta por João Adolfo Hansen a respeito dos usos da prosa e da poesia:²⁹ em cada caso deve-se trazer as decisões anteriores que ajudam a causa que se defende, não quaisquer decisões importantes e tampouco quaisquer julgamentos que tenham citado essas decisões importantes. Na presente pesquisa, se analisará mais detidamente a retórica do *Tesouro* e, portanto, como esse texto utilizou-se das autoridades adequadas à sua composição.

A leitura e o reconhecimento das autoridades vinham juntos, e, assim, a variação introduzida pelo autor do texto era apreciada. “Nesse escrutínio os homens educados se comprazem, pois, ao reconhecer o produto do engenho de outros, dão provas de aptidão do engenho próprio e demonstram o saber que detêm” (Faria e Seabra, op. cit., p. 28). Diga-se de passagem, esta é uma das razões por que se deve ter cautela ao falar de vulgarização no caso de textos como o *Tesouro*.

Não se trata de vulgarização no sentido atual de divulgação, mas sim de transmissão para a língua vulgar, uma língua que não fosse o latim. As matérias (teórica, ética, retórica e política) e as autoridades referidas nesse texto concernem aos letrados. O desenvolvimento das línguas neolatinas, ou vulgares, também chamadas de “romanas” (pode-se dizer românico, romance, romanço), nos séculos XII e XIII, não significou que os leitores do *Tesouro* fossem diferentes. A questão não era a língua, mas a instrução. A tradução do latim para o *românico* ou a composição de textos nesta língua tornou-se uma atividade letrada usual, de que o texto é exemplo: “Aqui começa o livro do Tesouro, o qual transladou (*traslata*) em francês (*francés*) mestre Brunetto Latini de Florença [...]” (*Tres.*, I.1). O termo transladar³⁰ referia-se não somente à tradução, mas também à escrita em romance. Beltrami afirma que não foi encontrado um livro do qual o *Tesouro* seria uma simples tradução (op. cit., p. 1). Brunetto anuncia, no prólogo, que escreveu em *roman* porque estava na França e porque a língua é a mais deleitável e mais comum (*Tres.*, I.1.7).

A compilação e a utilização de material tirado das autoridades (*actors*) são usos relacionados entre si e fundamentais na produção textual de um período amplo. A dificuldade está justamente em conseguir estabelecer se e como esses usos se distinguem e se particularizam em determinados períodos, quanto a determinados gêneros de texto.

Alguns estudiosos apontam um procedimento de compilação característico das ditas

maius, apresenta-se como *actor* quando coloca as sentenças que diz serem suas (Serge, 1979, p. 21). É interessante notar também que um autor francês da passagem do século XIV para o XV, Alain Chartier, cita Brunetto Latini ao lado de autores antigos: *Veulx tu donques, dit-il, veoir ton cas em autrui, et les aventures de nos jours comparer humainement à celles des anciens predecesseurs? Lis Omer, Virgile, Tite Live, Orose, Troge Pompee, Justin, Flore, Valere, Stace, Lucan, Jule Celse, Brunet Latin, Vincent et les autres historieurs qui ont travaillé à allonger leur brief aage par la notable et longue renommee de leurs escriptures* (Citado em Chabaille, 1863, p. v).

²⁹ “A prática da poesia e prosa nesse tempo era uma jurisprudência de 'bons usos' da linguagem fundamentados nas autoridades retóricas e poéticas de um costume antigo e anônimo” (Hansen, 2002, p. 27).

³⁰ Em português antigo, “romançar”, “romançar”, “romancear” é traduzir do latim para a língua ‘romana’, isto é, para uma língua vulgar, ou nela compor algum discurso” (Muhana, 1997, p. 18).

enciclopédias medievais. A prática seria indicada e descrita pelas palavras *some* e *briefment*, presentes no prólogo e em outras partes do *Tesouro* (*Tres.*, I.1.1; ver citação acima).

Sobre *briefment*, ou abreviadamente, o próprio Brunetto traz explicações esclarecedoras. Por exemplo, ao final de seu discurso sobre o Velho Testamento, ele diz que abreviadamente nomeou os Santos Padres e descreveu suas vidas, mas que quem quiser saber mais deve ir à Bíblia, onde essas coisas estão escritas abertamente.³¹ Adiante, ao final do primeiro livro, ele diz que divisou abreviadamente sua matéria, pois se quisesse escrever sobre cada coisa o porquê e o como, o livro seria sem fim, pois seriam necessárias todas as artes e toda a filosofia.³² Pode-se entender o que significa tal abreviação, mas o fato de anunciá-la e de insistir nela ao longo do discurso merece ser destacado. Quanto a *some*, ou suma, o autor não dá esclarecimentos específicos, mas em geral o termo é utilizado no sentido de soma, de completo, como se vê quando, na retórica, Brunetto trata do entimema e diz que se deve começá-lo propondo “abreviadamente a suma de teu argumento” (*Tres.*, III.59.1). Deve-se começar enunciando onde se quer chegar, o fim do seu argumento, a conclusão, sem entretanto passar por todas as etapas.³³

Na compilação do *Tesouro*, Brunetto escolhe os excertos mais adequados de vários *actors* e os reúne, de maneira abreviada, em uma ordem apropriada ao seu fim. Todavia, aqui não se adota a qualificação de enciclopédia, pois a diferença entre um e outro procedimento compilatório não é clara. Ressalta-se apenas que a compilação é contribuição útil e deleitável que de maneira alguma deprecia a obra.³⁴

Política:

[...] para acrescer seu poder e exalçar seu Estado na guerra e na paz, [...] (*Tres.*, I.1.1)

³¹ *Or vos ai je nomez les sainz peres dou Viel Testament et lor vies briefment; mes qui plus largement le voudra savoir si s'en aille a la grant Bible, ou eles sont toutes escriptes apertement* (*Tres.*, I.62.1).

³² *Car se le maistre le vosist plus largement metre en escrit et mostrer de chascune chose por quoi et coment, le livre seroit grant sens fin, car a ce besoigneroient toutes les ars et toute philosophie* (*Tres.*, I.200.1).

³³ Panofsky afirma que o conceito de *summa*, em latim, mudou na virada do século XII para o XIII. Segundo este autor, a palavra inicialmente era utilizada como título de livro pelos juristas e, em seguida, passou a significar “breve sumário”. A primeira *summa* com o sentido de exposição exaustiva e sistemática seria datada de 1202. O ápice do gênero seria a de Santo Tomás de Aquino. Panofsky cita o *Tesoretto* de Brunetto Latini, como exemplo de obra do período de declínio das doutrinas escolásticas (Panofsky, 1991, p. 5-7). No último sentido descrito da palavra suma, haveria uma contradição de termos em uma “suma abreviada”. Entretanto, Ribémont, ao comentar o gênero enciclopédico, considera a dupla referência à abreviação e à soma como lugar comum dos prólogos dos textos em questão. Significaria extrair, compilar e reunir. Não quereria dizer escrever brevemente, mas sim fazer uma transposição enciclopédica, escolhendo, juntando e ordenando (Ribémont, op. cit., p. 19).

³⁴ Veja-se Curtius, a respeito de Santo Isidoro: “*If we call this work a compilation, we must further reflex that the derogatory designation does not quite do justice to the facts in the case.*” (1963, p. 455). Sobre Brunetto, East diz: “*To state that he was in a large part a compiler is not to deny him praise, [...]*” (East, op. cit., p. 34). Aqui, parece haver algum pudor em dizer que era simplesmente um compilador. A grande contribuição, para este estudioso, foi a escrita em vulgar (*Idem*).

Brunetto compara o *Tesouro* às coisas de grandíssimo valor que um senhor coloca em um pequeno lugar, “não para o seu deleite somente, mas para crescer seu poder e assegurar seu Estado na guerra e na paz” (*Tres.*, I.1.1). A política não é expressamente mencionada, mas está claro que o objetivo desse senhor que reúne seu tesouro é político, pois quer aumentar e melhorar seu poder e garantir seu Estado, na guerra e na paz. O autor não dá, para o *Tesouro*, algum objetivo diferente do desse senhor. Deixa entender, no início, que o fim do seu discurso é, não apenas o deleite, mas também aumentar o poder e assegurar o Estado.

Em seguida no texto, o autor descreve as três partes, dispostas, segundo ele, da menos para a mais importante. Esta última “ensina o homem a falar segundo a doutrina de retórica, e como o senhor deve governar as gentes que estão sob ele, especialmente segundo os usos dos italianos” (*Tres.*, I.1.4), pois “a ciência de bem falar e de governar gentes é mais nobre que todas as artes do mundo” (*Tres.*, I.1.4). De novo, portanto, se não usa a palavra “política”, dá-se a entender que o fim do texto é político.

Esses dois trechos fazem pensar na distinção entre o fim e o ofício da retórica, explicada pelo autor no livro três (*Tres.*, III.2.3-4): assim como o ofício do médico é fazer curas e medicamentos para sanar e o fim é sanar por seus medicamentos, o ofício da retórica é falar segundo os ensinamentos da arte e o fim é fazer crer por sua arte. Do mesmo modo, o fim do *Tesouro* seria crescer o poder e assegurar o Estado na guerra e na paz, falando segundo a doutrina de retórica e governando gentes segundo o uso dos italianos, e o ofício seria falar segundo a doutrina de retórica e governar gentes segundo o uso dos italianos, de forma a crescer seu poder e assegurar o Estado na guerra e na paz.

Apenas no quarto capítulo, onde o texto trata das partes da filosofia, a palavra “política” aparece. Ela é a terceira ciência da segunda parte da filosofia, a prática, e é:

a mais alta ciência e do mais nobre ofício que há entre os homens, pois ela nos ensina a governar as gentes estrangeiras de um reino e de uma cidade, um povo e uma comuna em tempos de paz e de guerra, segundo razão e segundo justiça. (*Tres.*, I.4.5)

Com base nesta definição, pode-se dizer que o terceiro livro do *Tesouro* diz respeito à política, pois ensina a governar as gentes. E, lembrando as primeiras palavras do *Tesouro*, “exaltar seu Estado na guerra e na paz” (*Tres.*, I.1.1), talvez se possa também concluir que o fim do texto é político. Aqui, diferentemente do que ocorre no prólogo, a arte de bem falar não faz par com a de governar gentes, mas a definição da política continua, para dizer que sob ela estão todas as artes e

ofícios necessários à vida do homem (*Tres.*, I.4.6). Estas artes e ofícios são de duas maneiras: as artes manuais ou mecânicas,³⁵ em que se obra com as mãos e os pés, como ourivesaria, sapataria, tecelaria e outras; e as artes da fala, também conhecidas como liberais, ou *trivium*,³⁶ aquelas em que se obra com a boca (*boche*) e a língua (*langue*): gramática, dialética e retórica. Esta última recebe a mais longa e elogiosa definição das três liberais (*Tres.*, I.4.9-10).

Até aqui, tratou-se de “ciência”, “doutrina”, “arte” e “ofício”. São “ciências” as partes da filosofia (teórica, prática e lógica), o bem falar e governar gentes, as partes da prática (ética, economia e política) e gramática, dialética e retórica. Mas esta última é também uma “doutrina” e uma das “artes e ofícios” da política.

O *Didascálicon* de Hugo de São Vítor oferece definições de ciência e arte úteis para se ler o presente texto. Este autor é o primeiro a incluir as artes mecânicas na filosofia (Marchionni, 2001, p. 17). Ele faz da mecânica uma das partes da filosofia, ao lado de teórica, prática e lógica. Embora Brunetto difira e apenas inclua as artes mecânicas sob a terceira parte da prática, é possível que a divisão do *Didascálicon* tenha contribuído para tanto. Segundo Hugo de São Vítor, “ciência” pode ser compreendida como “arte” ou “disciplina”, ou como um conhecimento determinado. Por exemplo, pode-se dizer que “a dialética é uma ciência, isto é, uma arte ou disciplina”, mas também “se sei que Sócrates é filho de Sofronisco tenho ciência” (São Vítor, 2001, p. 127). Ou seja, uma ciência pode ser uma arte ou disciplina ou pode ser um conhecimento; e qualquer ciência que seja uma arte ou disciplina pode ser uma parte da filosofia. Essa definição está de acordo com a utilização por Brunetto do termo “ciência”. Ele o emprega ora como classificação (as ciências teórica, prática e lógica), ora como definição (“ciência de bem falar e de governar gentes”, *Tres.*, I.1.4) e, ainda, no sentido de um conhecimento determinado: “E se não digo que este livro é extraído de meu pobre sentido, nem de minha nua ciência” (*Tres.*, I.1.5).

Por sua vez, ainda no *Didascálicon*, as arte e disciplinas - que podem ser chamadas de ciências - têm definições variadas, tiradas das *Etimologiae* de Santo Isidoro de Sevilha. Podem ser consideradas arte “as regras e os preceitos de uma arte, como é o escrever”, ou ainda “aquilo que é operado na matéria inerte e é realizado mediante operações, como é o caso da arquitetura” (São Vítor, op. cit., p. 84-85). Isso é por oposição à disciplina, que é “uma ciência considerada completa, como na matemática”, ou ainda “aquela que consiste na investigação e se realiza exclusivamente no raciocínio, como é a lógica” (Ibid., p. 85). Se Brunetto não utiliza a palavra “disciplina”, ele aplica “doutrina” e “arte” à retórica e “arte e ofício” às artes mecânicas e da fala. Parece, portanto, que, aqui, “arte” e “ofício” podem servir indistintamente às artes da fala e às mecânicas, mas “doutrina”

³⁵ Hugo de São Vítor também trata de artes mecânicas, mas ele as dispõe sob a quarta parte da filosofia, a mecânica (São Vítor, 2001, p. 111).

³⁶ O termo encontra-se em Hugo de São Vítor, mas não em Brunetto (Ibid, loc. cit.).

é reservada à retórica.

A política aparece ainda em outras partes do *Tesouro*: o segundo capítulo do livro de ética é sobre o governo da cidade e, nele, a arte de governar é “principal e soberana e dama de todas as artes, porque sob ela estão contidas muitas honrosas artes, assim como é retórica e a ciência de fazer hostes e de governar sua família”.³⁷ Há outros capítulos no livro segundo que tratam do assunto, como o capítulo sobre senhoria (*seignorie*)³⁸ (*Tres.*, II.44) e ainda outro sobre o governo da cidade (*Tres.*, II.49). No início da segunda parte do livro terceiro, a primazia da ciência da política, isto é, do governo das cidades sobre as outras ciências é repetida, com base no texto de Aristóteles contido no livro segundo (*Tres.*, III.73.1-2).³⁹

A submissão de artes e ofícios à política e a afirmação de que o fim dessas artes e ofícios é o mesmo que o dessa ciência⁴⁰ colocam o bem viver na cidade como bem supremo. Cada homem, pela prática de seu ofício, contribui para o proveito da comunidade. O pensamento segundo o qual a vida em comunidade é natural ao homem e a arte de bem viver em comunidade é um fim em si, cada homem devendo submeter sua vontade particular ao proveito do comum, é referido, nesse período, aos textos de Aristóteles (Skinner, op. cit., p. 65 e 71).⁴¹ Com base na ética, o *Tesouro* apresenta ideias referentes à política aristotélica.

Sobre os modos de governar, no prólogo o autor dá a entender que o dos italianos é o melhor. No livro segundo, diz que há três maneiras de senhoria, a dos reis, a dos bons e a das comunas, que é a melhor das três (*Tres.*, II.44.1). Por comunas, entendam-se as cidades-Estado do Norte da Itália, como Florença, Pisa e Siena (Skinner, op. cit., 1999). No livro terceiro, novamente, o autor trata da senhoria da Itália, onde o podestade e seu senhor são eleitos segundo o que é mais proveitoso para o comum da cidade e de seus sujeitos (*Tres.*, III.73.6).

Assim, vê-se que a política, segundo os usos italianos, é definida e lembrada do início à última parte do *Tesouro*, que trata especificamente de governar cidades. E se, pela dimensão do texto, ela aparece em poucos lugares, aparece com uma definição constante, que reforça o que foi apresentado no prólogo. Isso não significa que dentro de cada parte do *Tesouro* se possa sempre fazer uma relação direta com a política, mas em algumas partes essa relação é mais particularmente

³⁷ *Principal et souveraine et dame de toutes ars, por ce que desoz lui sont contenues maintes honorabels ars, si come est rethorique et la science de fere ost et de gouverner sa mesnee* (*Tres.*, II.3.1). Sobre *mesnee*, ver abaixo a tradução do *Tesouro*.

³⁸ Sobre o significado e a tradução do termo, ver abaixo a tradução do *Tesouro*.

³⁹ Foi dito acima que a primeira parte do livro segundo do *Tesouro* é uma tradução do *Compendium Alenxandrinum*, baseado na *Ética nicomaquêia*, de Aristóteles.

⁴⁰ *Et encore est ele noble por ce que elle met em ordre et adrece toutes ars qui souz lui sont, et le sien compliment et sa fin si est fin et compliment des autres* (*Tres.*, II.3.1).

⁴¹ O pensamento político de Aristóteles é amplamente desenvolvido por diversos autores, notadamente por Santo Tomás de Aquino e também pelos autores que defendiam os regimes das cidades-Estado do Norte da Itália (Skinner, op. cit., p. 72).

presente.

Ordenamento e hierarquização:

E a primeira parte deste tesouro é assim como dinheiro corrente, [...] (*Tres.*, I.1.1)

A comparação com o tesouro, no tocante à compilação, enaltece os ditos escolhidos dos *actors*; no tocante à divisão feita no prólogo, orna a disposição hierárquica das matérias.

Assim como o dinheiro é superado pelas pedras preciosas e estas são superadas pelo ouro, as partes do *Tesouro* vão da menos para a mais importante. A primeira parte trata de teórica e é como *deniers contans*, dinheiro corrente, sem o qual não haveria troca entre as obras das gentes, ou seja, não haveria comércio; também sem a teórica nenhum homem poderia saber plenamente as outras coisas (*Tres.*, I.1.1 e 2). A segunda parte, que pertence à segunda e à terceira partes da filosofia, prática e lógica, trata dos vícios e virtudes e é como pedras preciosas, que dão ao homem deleite e virtude (*Tres.*, I.1.3). A terceira e última parte pertence à prática e trata da doutrina de retórica e do governo das gentes, e, assim como o ouro supera todos os outros metais, é mais nobre do que qualquer arte do mundo (*Tres.*, I.1.4).

Se a enunciação do ordenamento das matérias no *Tesouro* não o distingue de outros textos mencionados aqui, como o *Didascálicon* e o *Livre des propriétés des choses*, a ordenação ascendente das matérias é digna de nota, pois, no livro primeiro, onde são descritas apenas matérias que pertencem à teórica, o sentido do texto é descendente: das coisas divinas vai-se descendo até chegar às técnicas de construção, aos peixes, aves e animais terrestres. A ordem descendente é a mesma adotada no *Livre des propriétés des choses*, cuja matéria é explicitamente organizada com base na hierarquia do universo de Pseudo-Dionísio (Ribémont, op. cit., p. 56). Apesar de a matéria dos dois livros não ser exatamente a mesma, conforme visto acima, eles têm em comum o ordenamento que parte das coisas divinas para as menos importantes. Entretanto, o livro primeiro do *Tesouro* está inserido em um ordenamento maior, que visa a tratar do governo das cidades e segundo o qual as coisas divinas estão na parte dita menos importante do *Tesouro*, isto é, no livro primeiro.

Por esta razão entre outras, escreveu-se sobre o caráter laico do texto. Marcello Ciccuto, na introdução a uma edição do *Tesoretto*, afirma que Brunetto, *retore poco affezionato al dottrinarismo teologico* (1985, p. 17), foi posto por Dante no Inferno em razão de seu sistema *laicizzante della cultura* (*Idem*, p. 15). Já Cesare Segre, citado pelo comentador acima, diz que os argumentos religiosos são omitidos no *Tesouro*, ou tratados velozmente. Este estudioso toma o *briefment* de

Brunetto como indício de um procedimento aplicado exclusivamente às matérias divinas, quando já se viu que o *briefment* é utilizado em todas as partes do livro (Segre *apud* Ciccuto, 1985, p. 36).

Para a apreciação do caráter laico do texto, cabe lembrar que, por hipótese, o *Tesouro* constitui um tratado de política e que, portanto, é de se esperar que as matérias divinas e questões teológicas não sejam tratadas tão extensamente e da mesma maneira que em outros textos. Se, como o autor anuncia, o *Tesouro* visa a acrescer o poder e assegurar o Estado, ele enaltecerá as partes da filosofia e as artes que disserem respeito à política e não à teologia. É preciso indagar se o fato de a matéria do *Tesouro* não ser religiosa reflete uma cultura laica.

Em contraponto a essa opinião, ver-se-á na retórica do *Tesouro* que foram acrescentados exemplos cristãos aos exemplos que Cícero apresenta no *Da invenção*. E, como cabe a um cristão, mesmo na política, é preciso não esquecer que “todas as senhorias e todas as dignidades nos são dadas pelo soberano Pai” (*toutes seignories et toutes dignitez nos sont baillies par le souverains Peres; Tres., III.74.1*).

Voltando à divisão feita no prólogo, ressalta-se que ela é seguida e recordada ao longo do texto. Nos capítulos iniciais e finais das partes do *Tesouro*, o autor rememora sua promessa (*promesse, Tres., II.1.1; ce qu'il li avoit promis, Tres., III.73.1*) e situa o leitor em relação à matéria: “De agora em diante se quer voltar-se para sua matéria, isto é, para teórica [...]”;⁴² “[...] e quer voltar-se para as outras ciências, isto é, para prática e para lógica, para reunir a segunda parte de seu tesouro [...]”;⁴³ “Mas aqui se cala o discurso sobre esta matéria, pois quer começar a terceira parte do seu livro, para ensinar a ciência da boa fala, segundo o que diz em seu prólogo acima”.⁴⁴

Também a hierarquização das matérias é rememorada. Assim, ao final da ética, Brunetto retoma a metáfora do tesouro e afirma novamente que não se poderia saber corretamente as coisas humanas se não se soubesse a primeira parte do livro, que aqui é auxiliar das duas outras.⁴⁵ No

⁴² *Tres., I.5.5.*

⁴³ *Et viaut torner as autres sciences, c'est a pratique et a logique, por amasser la seconde partie de son tresor; [...]* (*Tres., I.200.3*).

⁴⁴ *Mes ci se taist li contes a parler de ceste matire, car il vult comencier la tierce partie de son livre, por enseigner la science de bone parleure, selonc ce que il dit en son prologue devant* (*Tres., II.132.3*). O ordenamento é apontado por estudiosos como característica de um gênero particular aos séculos XII e XIII. Panofsky o faz corresponder a uma das exigências básicas do primeiro princípio organizador da escolástica, a *manifestatio*, ou explicitação. As exigências desse princípio seriam: completude, “ordenamento segundo um sistema de partes equivalentes e de partes das partes” e clareza e força probatória (Panofsky, op. cit., p. 21). A divisão do texto em livros, partes e capítulos, bem como a constante referência à organização seriam manifestações disso (Ibid., p. 22-23). Também Ribémont comenta a sistematização no dito gênero enciclopédico. O *Tesouro* é mencionado por ele como exemplo de organização com base em uma classificação das ciências de base estoíca. Ele ressalta que a organização do livro em si é sempre apresentada e enfatizada nos prólogos. O comentador identifica uma mudança do ordenamento da matéria (e do livro) em Isidoro de Sevilha, por exemplo, para os ditos enciclopedistas do século XIII, em que a organização ganharia mais ênfase e torna-se-ia mais complexa, porque eles teriam tido à sua disposição um leque maior de divisões, classificações e esquemas filosóficos (Ribémont, op. cit., p. 20 et seq.).

⁴⁵ *Et si come les genz ne porroiet pas chevir lor beseignes et lor mercheandises sens monoie, tout autresi ne porroient il savoir la certineté des humanes choses se il ne seussent ceste premiere partie dou conte* (*Tres., I.200.2*).

início do livro três, diz que “tudo isto seria obra interrompida se ele não dissesse nada da terceira ciência, isto é, a política” (*Tres.*, III.1.1), ou seja, a teórica e a ética não estariam completas sem a política.

A relação entre os livros não é apenas de ordem – primeiro aprende-se isto e depois aquilo –, pois, como se exemplificou na introdução deste estudo a respeito da construção de casas, a inter-relação das matérias se evidencia em diversos pontos. Assim, na parte do livro de ética sobre a virtude chamada *garde* (guarda),⁴⁶ há capítulos sobre a fala: “Das coisas que se deve guardar antes de falar”; “Aqui diz que se deve guardar a quem se fala” e “Que se deve guardar o tempo que se quer falar”.⁴⁷ Esta parte, que concerne uma das virtudes em que se divide a prudência, corresponde, conforme se verá abaixo, a uma das partes da retórica: a pronúnciação. Ao final desses capítulos, Brunetto diz que o restante será tratado no livro de retórica, que, quanto à pronúnciação, remete o leitor ao livro de ética (*Tres.*, III.3.6). A virtude na vida antecede e engloba a prudência no falar, o que está de acordo com a ordem da divisão da filosofia: aprende-se primeiro a governar a si mesmo (a ética) e depois a governar os outros (a retórica está inserida na política).

Outro exemplo é da arte de governar, contida no livro terceiro: quando o autor enuncia as qualidades que deve ter o senhor escolhido para governar, estas são principalmente tiradas dos preceitos da ética, mas também da retórica, porque o senhor deve ser virtuoso e ser “[...] muito bom orador, pois convém ao senhor que fale melhor do que os outros”.⁴⁸

Entende-se, portanto, que as partes do *Tesouro* não são independentes umas das outras e que o autor procurou apresentar cada uma como uma etapa para a próxima, conforme a comparação com as riquezas do tesouro já havia em parte mostrado e aparece sobretudo na relação entre a ética, a retórica e o governo da cidade.

Ensino:

[...] ela ensina o homem [...] (*Tres.*, I.1.4)

Os termos escolhidos para apresentar as partes do *Tesouro* o colocam no gênero do ensino. No prólogo, a primeira e a segunda parte tratam (*trate*, *tracte*) das suas matérias e a terceira parte ensina (*enseigne*) (*Tres.*, I.1.1-4). Adiante no texto, quando Brunetto divisa as partes da filosofia, também cada uma delas ensina (*Tres.*, I.3-5).

⁴⁶ Vatteroni traduz como *cautela*. (Vatteroni, p. 465)

⁴⁷ *Des chose que l'en doit garder ainces qu'il parole, Ci dit que l'en doit garder a cui l'en parole e Que l'en doit garder le tens que l'en viaut parler.* (*Tres.*, II.62-63 e II.67)

⁴⁸ [...] *Tres bon parleor, car il affiert a seingnor que il parole miauz que les autres* (*Tres.*, III.75.8).

No ensino, empregam-se os meios adequados, que são os do gênero humilde, segundo a doutrina dos gêneros da elocução, *elecutionis genera* (Lausberg, 1991, p. 392). Como Brunetto não trata da elocução em sua retórica, conforme se verá abaixo, também não expõe esta divisão dos gêneros retóricos. Ainda assim, ela aplica-se, pois diferentemente se deve escrever para ensinar, para deleitar e para comover. O ofício do gênero humilde é ensinar (*docere*) e, para tanto, o discurso não deve ser muito ornado e sim puro e claro (Ibid., p. 393). Ou ainda, de acordo com a *Retórica a Herênio*, “um discurso bem composto com palavras simples e escolhidas” (*Her.*, IV.16). Ressalta-se que, ainda que vise a ensinar, é conveniente ao discurso variar o gênero, pois a variedade evita o fastio (*Her.*, IV.16).

O texto do *Tesouro* observa as regras acima. Seu discurso é pouco ornado, pois claro, contendo exemplos e semelhanças que esclarecem e ornem sua matéria. Nos prólogos e fins de capítulos, varia o gênero.

Sobre o ensinamento, há um capítulo no livro dos vícios e virtudes em que são reunidas sentenças. Ensinamento, o texto define, é o ensinar a si e aos que não sabem. Seu ofício é ensinar primeiro a si e depois aos outros, segundo a sentença de Brunetto:

O mestre diz: beba a água de sua cisterna ou de seu poço, quer dizer que se deve tomar sentido de seu próprio pensamento; mande longe os regatos, quer dizer que se deve propagar sua ciência ensinando aos outros.⁴⁹

Li maistres dit: Boive l'ave de sa cisterne ou de son puis, ce est a dire que l'en preingne sens de sa propre pensee; envoyer fors les ruisiaus, ce est a dire que doit espandre sa science enseingnent les autres. (Tres., II.69.1-2)

Deve-se ensinar para combater o vício, como diz o texto: “A virtude é adquirida por grande trabalho; ela deseja governo, mas o vício o homem aprende sem mestre” (*Vertu est aqoise par grant travail; elle desirre gouverneur, mes vices aprent home sens maistre; Tres.*, II.69.3). O ensinamento é virtuoso; aquilo que se aprende deve ser utilizado; não se deve estudar o que não serve para nada, dizem as sentenças de Brunetto, Sêneca e Cícero. Este último deplora o vício da curiosidade e dá como exemplo o estudo da astronomia ou do algoritmo, coisas que não são necessárias.⁵⁰ Isso concorda com o objetivo e a matéria do *Tesouro* que dizem respeito principalmente à prática, ou

⁴⁹ No prólogo do *Tesouro*, aparece a metáfora da filosofia como fonte que nunca se esgota.

⁵⁰ *L'autre vice est metre grant estude es obscures choses et greves qui ne sont pas necessaires; et cest vice est apellés curiositez, ce est quant l'en met tote sa cure et trop grant entente a ce ou il n'a prou, autresi come se tu laisses la science de vertu et meisses grant estude en astronomie ou en augorisme (Tres. II. 69. 5.).*

seja, às coisas que se deve fazer ou não fazer, de acordo com a ética e a política (que inclui a retórica).

Benévolo leitor:

E porque o tesouro que aqui está não deve ser dado senão a um homem que seja suficiente a tão alta riqueza, entrega-lo-ei a ti, bem doce amigo, pois tu és bem digno dele segundo o meu juízo. (*Tres.*, I.1.4)

O amigo a quem o autor se dirige aparece em outras partes do discurso. Ainda no primeiro livro, Brunetto afirma que escreveu o livro por amor a seu amigo.⁵¹ No início do livro terceiro, diz que quer lembrar as regras e os ensinamentos de retórica a seu amigo, que já é sutil por natureza (*Tres.* III.1.13). Na segunda parte do mesmo livro, retoma a promessa feita ao amigo no início e diz que tratará ali apenas da maneira de governo dos italianos, pois as outras não dizem respeito a ele ou ao amigo (*Tres.*, III.73.1 e 6). Um pouco adiante, um dos modelos de cartas apresentados é dedicado a Carlos, conde de Anjou e de Provença.⁵² Por esta razão, há quem tenha pensado que esse era o doce amigo a quem o *Tesouro* havia sido dedicado.⁵³ Entretanto, seguindo a interpretação de Beltrami (op. cit., p. 11), a menção ao conde Carlos de Anjou é evidente para um guelfo no período em que Florença havia sido dominada pelos gibelinos e que o papa havia convidado o dito conde a libertar a cidade em nome da Igreja (Skinner, op. cit., p. 35), circunstância que, conforme se verá abaixo, levou ao exílio de Brunetto. Desta maneira, o texto não permite dizer que o *Tesouro* tenha tido um destinatário determinado.

Nos preceitos sobre o prólogo, Brunetto ensina que esta é a parte do discurso em que se adquire ou se acresce a benevolência do ouvinte – ou leitor – para que ele esteja adequadamente disposto a ouvir – ou ler – o discurso (*Tres.*, III.17.1). Quando compara a sua matéria a um tesouro de pedras e metais preciosos e diz que tal riqueza não seria adequada a qualquer um, mas apenas a alguém tão digno quanto o amigo, em cuja dignidade se fia, Brunetto constitui a figura do leitor benévolo, preparado para a leitura do texto. Nisto, aplica os preceitos do prólogo: o autor lembra as boas marcas e propriedades do leitor, elogia a ele e suas obras e mostra que se fia nele (*Tres.*, III.25.7); quanto à matéria, diz suas propriedades e pertencimentos e exalta-a (*Tres.*, III.25.8); ainda, o autor apresenta-se sem orgulho, doce e bondosamente, ou com prece de piedade ou misericórdia

⁵¹ *Il fist ce livre por amor son ami, selonc ce que il dist au prologue devant* (*Tres.*, I.93.2).

⁵² Carlos aparece também no livro terceiro, nos exemplos dos lugares para a confirmação, em que Brunetto diz: “Carlos bem deve ser leal, pois ele foi filho do rei de França” (*Tres.*, III.53.4).

⁵³ Com base nesta interpretação, alguns autores, como Mancini, Ciccuto e Ribémont viram no *Tesouro* um espelho de príncipe (ver Beltrami, op. cit., p. 11 n).

(*Tres.*, III.25.2), exatamente como Brunetto faz quando continua o trecho citado acima com: “E se não digo que este livro é extraído de meu pobre sentido, nem de minha nua ciência [...]” (*Tres.*, I.1.5). Esta tópica, dita da modéstia afetada (Curtius, 1963, p. 83), é preceituada no *Tesouro* seguindo o modelo do *Da invenção* (I, 16, 22); e permite ler o trecho precedente, da suposta dedicatória, adequadamente.

Fim do prólogo:

Nisto começa o meu discurso, [...] (*Tres.*, I.1.6)

No final do primeiro capítulo, o autor anuncia o início do discurso. No entanto, não começa a tratar ali “do começo do século e da antiguidade das velhas histórias e do estabelecimento do mundo e da natureza de todas as coisas em suma” (*Tres.*, I.1.1). Em vez disso, apresenta, nos capítulos 2 a 5 do livro primeiro do *Tesouro*, a divisão da filosofia em três partes: teórica, prática e lógica. A teórica é dividida em três ciências: teologia, física e matemática. Esta última, por sua vez, se desmembra em aritmética, música, geometria e astronomia, ou seja, as artes do *quadrivium*. A prática é composta por ética, econômica e política. Contidas nesta última estão “todas as artes (*ars*) e todos os ofícios (*mestiers*) que à vida do homem são necessários” (*Tres.*, I.4.6). Trata-se, conforme se viu acima, dos ofícios manuais do ourives, tecelão, sapateiro e outros; e dos ofícios da fala, acima dos quais estão três ciências: gramática, dialética e retórica. A última parte é a lógica, dividida em dialética, física⁵⁴ e sofística.⁵⁵

Esta divisão não pertence claramente nem ao prólogo nem à matéria do livro primeiro. O autor diz que vai começar seu discurso, mas, em seguida, não expõe o começo do século e a natureza das coisas, como havia anunciado antes. Somente ao final do capítulo 5, depois de divisar e descrever a lógica, Brunetto diz que voltará – e de fato volta – para sua matéria, a teórica (*Tres.*, I.5.5). Assim, fica a divisão da filosofia entre o prólogo e a teórica, sem que se saiba ao certo se pertence a um dos dois ou aos dois.

Conforme visto acima, o prólogo, de maneira adequada a cada matéria, coloca o autor nas graças do leitor (*Tres.*, III.32), benevolente, dócil e atento (*Tres.*, III.17; Lausberg, 1991, p. 240). Na matéria honesta, como é no *Tesouro*, pode não haver prólogo, pois a honestidade da matéria adquire a benevolência. Entretanto, o prólogo pode servir para acrescer a benevolência já adquirida, de

⁵⁴ Sobre esta palavra, ver a tradução do *Tesouro*.

⁵⁵ Kristeller diz que as classificações que tentavam harmonizar as sete artes liberais e as partes da filosofia se tornaram mais frequentes com a tradução de textos aristotélicos do árabe para o latim, na segunda metade do século XI (Kristeller, 1979, p. 37 e 231). Beltrami também ressalta a importância crescente da divisão das ciências depois da volta à circulação de textos aristotélicos (op. cit., p. 6).

acordo com os preceitos acima expostos (*Tres.*, III.17 – III.27). Para tanto, cuida-se que o prólogo seja convenientemente ornado, com belas palavras e sentenças, mas não demais, para não gerar suspeitas no leitor, tornando o discurso menos crível (*Tres.*, III.32). Assim, no capítulo primeiro do *Tesouro*, Brunetto enaltece a matéria e o leitor, oferece-se humildemente e põe similitudes e sentenças de sábios homens.

Na divisão da filosofia, há menos sentenças e ornatos e não há menção ao leitor ou ao autor. Entretanto, as propriedades das ciências são mostradas clara e brevemente, ao mesmo tempo em que se louva a filosofia e, particularmente, a política. Isso tende a fazer considerar esse trecho mais como sendo parte da teórica do que como sendo parte do prólogo. Ainda assim, as palavras com que Brunetto termina o prólogo e aquelas com que começa o livro primeiro dão argumentos para não se incluir esta divisão da filosofia no prólogo ou na teórica.

Resta perguntar se a divisão da filosofia poderia ser vista como a parte do discurso chamada divisão (*devisement*) (*Tres.*, III.47). A divisão, na retórica, tem duas partes: na primeira, diz-se o que o adversário reconhece e o que nega (*Tres.*, III.48); na segunda, diz-se abreviadamente as partes que se querará provar e, nisso, é preciso distinguir o geral do especial (*Tres.*, III.49). Quanto a esta segunda divisão (*devisement*), Brunetto mostra que a palavra animal é geral e compreende as palavras especiais homens, bestas, pássaros e peixes. Não seria correto, portanto, numa divisão, tratar dos animais, dos homens e dos peixes, pois animais são o geral que compreende homens e peixes. No *Tesouro*, não há adversário a quem se contrapor conforme pediria a primeira divisão (*devisement*), mas a divisão da filosofia dos capítulos 2 a 5, ao separar e descrever as partes e as ciências em estas partes se desmembram, distingue o geral do particular, conforme preceituado para a segunda divisão (*devisement*).

Ao final da divisão da filosofia, Brunetto diz: “Até aqui o discurso divisou bastante abreviada e abertamente o que é filosofia, e todas as ciências que se pode saber, das quais filosofia é mãe e fonte.” (*Tres.*, I.5.5). No início do livro de retórica, diz ainda: “segundo a ciência de ética e de econômica, de que fez menção ali onde divisou os membros da filosofia,” (*Tres.*, III.1.1). Entretanto, a divisão enquanto parte do discurso (*devisement*) enuncia partes que devem em seguida ser confirmadas na confirmação (*Tres.*, III.49.9). Ora, não se pode propriamente “confirmar” as divisões da filosofia e nem as partes da filosofia que são descritas nos capítulos 2 a 5 são de fato tratadas no *Tesouro*. Por exemplo, a aritmética, a música e a geometria não são objetos do livro primeiro. Todavia, isto não deve ser visto como incongruência do texto,⁵⁶ pois ele não diz que

⁵⁶ Beltrami cita Carmody a respeito da incongruência entre a divisão da filosofia e o plano do *Tesouro*, que seria devida ao caráter compilatório do texto. Beltrami, entretanto, considera que não há divergência, pois Brunetto não anuncia que tratará de todas as ciências, mas apenas daquelas que indica no prólogo (Beltrami, op. cit., p. 7) Murphy diz *egli non segue per la sua opera il piano originariament fissato* (Murphy, op. cit., p. 131), porque não teria tratado da lógica, sendo que Brunetto expressamente avisa que lógica e ética serão tratadas juntas, pois seus argumentos são

tratará de todas as partes da filosofia, mas sim daquelas que concernem ao senhor e ao seu ofício (*Tres.*, III.73.2). No início da ética, ainda, ele diz que expôs da teórica aquilo que pertencia à sua proposta.⁵⁷

Assim, não se sabe ao certo como considerar os ditos capítulos, mas, neste trabalho, eles foram tratados como parte do prólogo, seguindo o que diz o *Tesouro* a respeito da saudação em uma carta: “pois tudo o que se diz antes do fato, como se para aparelhar sua matéria, é chamado prólogo” (*Tres.*, III.14.2).

Exílio:

[...] uma é que estamos na França (*Tres.*, I.1.7)

Quanto ao exílio a que se aludiu acima, Brunetto diz que se encontra na França quando escreve o *Tesouro*. Esta é uma das razões que dá para ter escrito em francês, embora a atividade de verter para o romance e mesmo a importância da poesia composta nessas línguas pudessem constituir justificativa suficiente para tal. Ainda assim, ele retoma seu exílio quando narra a história de Roma, da fundação da cidade até a instauração do império (*Tres.*, I.36-38).

São três capítulos: um sobre Rômulo e os romanos (*Tres.*, I.36), outro sobre a conjuração de Catilina (*Tres.*, I.37) e um último sobre Júlio César, o primeiro imperador (*Tres.*, I.38). A dita conjuração é o episódio que marca a passagem do governo por senadores, cônsules, tribunos, ditadores (*dicteurs*) e outros oficiais⁵⁸ para o governo por um só senhor, o imperador.⁵⁹ O sábio e bem falante – o mais bem falante do mundo⁶⁰ - Cícero foi quem conseguiu vencer e prender os aliados de Catilina, grande parte dos quais foi condenada à morte por conselho de Catão (*Tres.*, I.36.5). E há quem diga que Júlio César era cúmplice da conjuração, pois não quis que os prisioneiros fossem mortos. Brunetto diz que, na verdade, César nunca amou os senadores e oficiais, pois era da linhagem de Eneias e queria toda a autoridade para si (*Tres.*, I.36.6).

A fundação de Florença está ligada à vitória de Roma sobre o exército de Catilina, porque os romanos que venceram os conjurados perto de Fiesole, fundaram, em local próximo, a cidade de

muito próximos: *aluec de ces ii sciences [pratique et logique] traitera li maistres auques melleement, por ce que lor argumens sont si entremellés que a peines porroient estre devisés* (*Tres.*, II.1.2).

⁵⁷ *Quant li maistres ot finee la premiere partie de son livre que il i ot mis en escrit, de theorique, ce que se apertenoit a son proposement [...]* (*Tres.*, II.1.1).

⁵⁸ *Por ceste achoison fu cil Tarquinius chaciez de son regne et fu establi par les romains que jamas n'i eust rois, mes fust la citez governee et tout son regne par les senators, et par les consules et tribunes et dicteurs, et par autres offices selon ce que les chose sont granz et dedenz la ville et dehors* (*Tres.*, I.36.4).

⁵⁹ *Et il soul ot la seignorie de Rome* (*Tres.*, I.38.1).

⁶⁰ *Li tres saiges Marcus Tullius cicero, li miauz parlanz home dou monde et maistre de rethorique* (*Tres.*, I.36.5)

Florença. Mas a planície onde isso ocorreu era chamada Casa de Marte (*Chiés Mars*) e, portanto, a cidade e seus cidadãos foram sempre regidos por Marte, o deus da batalha. Assim, sempre estiveram em guerra (*Tres.*, I.37.2), o que Brunetto confirma com seu testemunho, dizendo saber bem a verdade disto: está exilado por ocasião da belicosidade florentina (*Tres.*, I.37.3).

Depois da conjuração, o Império é instaurado por Júlio César e o texto do *Tesouro* passa às terceira, quarta, quinta e sexta idades do século. Adiante, quando a narração chega ao Novo Testamento, ela volta ao Império – agora Santo Império – e conta como este passou às mãos dos franceses,⁶¹ dos italianos⁶² e, por fim, dos alemães.⁶³ É então que Manfredo, filho ilegítimo do imperador Frederico II, trava batalhas na Itália contra a Igreja e seus partidários, o que inclui os guelfos florentinos. A conquista de Florença por Manfredo em 1260 (Beltrami, 2007, p. 3) causa o exílio dos guelfos da cidade e a queima e destruição de seus haveres. Com eles estava Brunetto, que por isso se encontra na França quando escreveu o *Tesouro* (*Tres.*, I.93.2).

O exílio de Brunetto aparece como parte da narração da história de Roma e do Santo Império, pela ligação de Florença com a conjuração de Catilina e subsequente instauração do Império Romano, o qual mais tarde vira Santo Império e passa a Frederico II, cujo filho derrota a parte guelfa da cidade toscana. É, portanto, o discurso do *Tesouro* que amarra sua escrita à política, inserindo-a numa narrativa histórica exemplar sobre Roma e o Santo Império, significativa para os acontecimentos políticos contemporâneos: a guerra entre guelfos e gibelinos.⁶⁴

Acima se expôs as características principais do *Tesouro* conforme se depreende do prólogo: é uma compilação que ensina matérias úteis para a política entendida como arte de governar a cidade, “especialmente segundo os usos dos italianos” (*Tres.*, I.1.4). A política compreende as artes e ofícios – dentre estes, a retórica - que concernem à vida comum do homem.

***II. Aqui começa retórica* (*Tres.*, III.1)**

Parte da política:

⁶¹ *Coment le roi de France fu empereor de Rome* (*Tres.*, I.89).

⁶² *Coment l'empire de Rome revint as ytalians* (*Tres.*, I.90).

⁶³ *Coment l'empire de Rome revint as alemans* (*Tres.*, I.93).

⁶⁴ Há outra menção a um autor cujo exílio marcou a escrita de determinados textos. É Ovídio, mencionado no *Tesouro* no capítulo sobre a cegonha (*De cicoigne*, *Tres.*, I.160), que faz parte do bestiário contido no livro primeiro. Ao final do capítulo, Brunetto trata do íbis, pássaro que se parece com a cegonha, mas cujos hábitos não são muito higiênicos, conforme ele descreve. O autor conta que o poeta, exilado pelo imperador, fez um livro em que o chamava pelo nome desse pássaro. *Et sachiez que Ovide li tres bon poetes, quant li emperes le mist em prison, fist un livre ou il apeloit l'empeor par le nom de cel oisel, car il ne savoit penser plus orde creature* (*Tres.*, I.160.7).

[...] tudo isto seria obra interrompida se ele não dissesse nada da terceira ciência, isto é, a política (*Tres.*, III.1.1)

Na primeira parte deste trabalho, mostrou-se que a definição de política do *Tesouro* inclui a retórica. O prólogo do livro terceiro reforça o que havia sido definido no começo:

Túlio diz que a mais alta ciência de governar cidade é a retórica, isto é, a ciência do falar; pois se não fosse a fala, não haveria a cidade, nem nenhum estabelecimento de justiça nem de companhia humana. (*Tres.*, III.1.2)⁶⁵

A classificação da retórica sob a ciência de governar é tirada do *Da invenção*, em que Cícero diz que há uma “ciência civil” (*civilis quaedam ratio*) que se divide em várias partes, das quais uma das maiores e mais importantes é a eloquência. No mesmo parágrafo, a faculdade oratória (*oratoriam facultatem*) é classificada como parte da ciência civil (*civilis scientiae*) (*De inv.*, I, 5, 6). O civil é o que diz respeito à cidade e aos seus homens, correspondendo, portanto, à política, que compreende a arte de governar a cidade e a retórica. A fundamentação política da retórica, vê-se, já está em Cícero, e Brunetto apenas a retoma (Beltrami, op. cit, p. 5), servindo-se também da autoridade de Aristóteles:

E sabeis que retórica está sob a ciência de governar cidade, segundo o que diz Aristóteles em seu livro que está trasladado cá atrás em romance, outrossim como a arte de fazer freios e selas está sob a arte de cavalaria. (*Tres.*, III.2.2)

A citação de Aristóteles refere-se ao livro de ética que, conforme acima mencionado, está relacionado com a política aristotélica. A ligação da retórica com a ética também aparece no *Da invenção*, pois, no proêmio do tratado, Cícero diz que se alguém negligenciasse o estudo de filosofia e moral e se consumisse na prática da oratória, sua vida cívica se transformaria em algo inútil e pernicioso.⁶⁶

As referências acima reforçam as ideias da fundamentação política da retórica e da política como fio condutor do *Tesouro*. Abaixo, serão mostradas as principais características da retórica da primeira parte do livro terceiro.

⁶⁵ O tradutor do *Da invenção* para o inglês, na edição Loeb, H. M. Hubbell, ressalta que o elogio da eloquência e de sua função civilizatória é lugar comum pelo menos desde Isócrates (*De inv.*, I, 1, 2 – I, 4, 5; Cicero, 2000, p. 12).

⁶⁶ *Therefore if anyone neglects the study of philosophy and moral conduct, which is the highest and most honourable of pursuits, and devotes his whole energy to the practice of oratory, his civis life is nurtured into something useless to himself and harmful to his country; (Quare si quis omissis rectissimis atque honestissimis studiis rationis et officii consumit omnem operam in exercitatione dicendi, is inutilis sibi, perniciosus patriae civis aliur)* (*De inv.*, I, 1, 1)

Cícero e Da invenção:

Túlio diz [...] (*Tres.*, III.1.2)

Cícero é o principal *actor* citado, pois é a grande autoridade em retórica para Brunetto e para os homens de seu tempo (Faral, 1982, p. 48-49) e é, conforme já mencionado, o modelo privilegiado da primeira parte do livro terceiro. Ele foi “o mais bem falante homem do mundo e mestre de retórica”.⁶⁷ Mais do que isso, foi ele quem entregou a retórica aos romanos (*En cest aage meesme bailla Marcus Tullius la rethorique as romains; Tres.*, I.42.2).

Na primeira parte deste estudo, tratou-se da compilação e da relação com os *actors* (autoridades). A leitura da arte retórica do *Tesouro*, justamente, mostra correspondência entre a sua matéria e a do livro primeiro do tratado *Da invenção*, de Cícero.

Sobre a relação com o tratado ciceroniano, Beltrami fala de *tacito rifacimento* (op. cit, p. 9). East fala de empréstimo e paráfrase (op. cit., p. 92-93). Murphy diz tratar-se de uma exposição livre (op. cit., p. 130-131). Faral considera que o *Da invenção* serviu como base para o *Tesouro* (op. cit., p. 49). Joseph M. Piel afirma que é uma tradução (1948, p. X). Chabaille diz que foi principalmente tirado do *Da invenção* (1863, p. XVII-XVIII).

East faz uma comparação detalhada dos dois tratados e mostra que aproximadamente três quartos do livro primeiro do *Da invenção* foram utilizados por Brunetto, que, o mais das vezes, transmite a matéria desse tratado por paráfrase. Segundo o mesmo comentador, o quarto restante, que não foi retomado, diz respeito a matérias de transição ou ao discurso sobre a confirmação, que, no *Tesouro*, é bastante reduzido. Além disso, o mesmo estudioso mostra que o material inserido é constituído por preceitos da arte de escrever e da arte poética, por discursos e exemplos ligados à conjuração de Catilina e exemplos cristãos (East, op. cit.), conforme será mostrado abaixo.

Neste ponto, cabe fazer uma ressalva acerca das fontes: em 1960, quando East defendeu sua tese, ele afirmou que os discursos de César e Catão contidos na retórica haviam sido tirados diretamente de Salústio:

Latini afirma que tira *verbatim* de Salústio, e uma comparação dos capítulos XXXIV, XXXV e XXXVII de Latini com a *Conspiração de Catilina* de Salústio mostra que é

⁶⁷ *Li miauz parlanz home dou monde et maistre de rethorique (Tres.*, I.36.5). O trecho é parte da já mencionada narração da descoberta da conjuração de Catilina por Cícero. Adiante neste estudo falar-se-á dessa conjuração como exemplo. Skinner afirma que a crescente menção a esse episódio, no século XIV, é uma defesa da liberdade republicana (Skinner, op. cit., p. 75-76).

verdade, quase sem uma palavra de exceção.⁶⁸

Em 2007, quando foi publicada a edição do *Tesouro* de Beltrami, este estudioso afirmou – e eu repeti no início deste trabalho – que aqueles mesmos trechos foram tirados de uma compilação francesa:

Aqui é notável a inserção a título de exemplo do discurso de César (3.35) e do de Catão (3.37) sobre a condenação a infligir aos conjurados de Catilina, quase literalmente transcrita da compilação francesa *Fet des Romains* (por sua vez derivada, por esta parte, de Salústio).⁶⁹

Vê-se que a busca das fontes é potencialmente sem fim, pois sempre se poderá descobrir outro texto que se interponha entre aquele que se estuda e a autoridade a que se refere. Desta forma, sobre o *Tesouro*, afirma-se apenas que ele segue de perto a matéria do *Da invenção*.

Sem conseguir definir a operação realizada pelo *Tesouro* com relação ao texto de Cícero, há elementos que podem auxiliar na análise do texto. Beltrami ressalta a importância da *Rettorica*, comentário ao *Da invenção* escrito em vulgar florentino por Brunetto, antes do *Tesouro*.⁷⁰ Consiste em uma tradução dos 17 primeiros capítulos do tratado ciceroniano, acrescida de comentários em que o texto do autor e o do comentador são visualmente distintos. Os trechos de *Da invenção* são em letras grandes e os comentários em letras pequenas e as palavras de Cícero e do comentador são explicitamente anunciadas: “Túlio diz...” e “O comentador diz...”⁷¹. Ver-se-á que o “Túlio diz...” é abundante no *Tesouro*, o qual, segundo Beltrami, reutiliza grande parte da matéria da *Rettorica* (op. cit., p. 9-10).

O comentário é um procedimento passível de ser adotado em face de um modelo e ele não é sempre enunciado de maneira clara como na *Rettorica*. Em alguns trechos, o comentário está bastante próximo do livro terceiro do *Tesouro*.⁷² O texto indica, com “Túlio diz...”, as partes em que

⁶⁸ Latini states that he takes the verbatim account from Sallust, and a comparison of Latini's Chapters XXXIV, XXXV, and XXXVII with Sallust's Conspiracy of Catiline show this to be true, almost without word exception (East, op. cit., p. 79).

⁶⁹ Qui è notevole l'inserzione a titolo di esempio del discorso di Cesare (3.35) e di quello di Catione (3.37) sulla condanna da infliggere ai congiurati di Catilina, quasi letteralmente trascritti dalla compilazione francese dei Fet des Romains (a loro volta derivati, per questa parte, da Sallustio) (Beltrami, op. cit., p. 10).

⁷⁰ G. C. Alessio demonstrou que esse comentário à retórica ciceroniana é tirado em grande medida de uma paráfrase latina anônima de proveniência italiana, intitulada *Ars rhetorice* (Alessio apud Beltrami, op. cit., p. 4 n.). Beltrami considera que o título *Rettorica*, com dois t, não é apenas uma variação de “retórica”, mas a junção da figura do retor com a daquele que (em italiano) *regge*, ou seja, dirige a cidade. É para este que servem os preceitos e modelos de epístolas e discursos contidos na última parte do *Tesouro* (Beltrami, op. cit., p. 5).

⁷¹ *Sponitore*, ou seja, expositor, aquele que expõe (Ibid., p. 5).

⁷² Gilson explica que o comentário foi muito comum na Idade Média em razão da lição, que era o principal método de ensino nas universidades, junto com a disputa (Gilson, 1995, p. 492).

segue o *Da invenção*.

O partido adotado na presente tradução foi de apontar em notas de rodapé os exatos trechos do *Da invenção* que correspondem a cada uma das menções explícitas a Cícero. Também foram assinaladas em nota as variações que pareceram relevantes. Assim, se poderá acompanhar na tradução em que medida o autor se aproxima e se distancia de seu modelo. Abaixo, comentam-se alguns dos pontos pertinentes desse movimento.

Pronúnciação:

Pronúnciação é dizer o que se achou e se estabeleceu em seu pensamento de maneira conveniente ao corpo, à voz e ao vulto segundo a dignidade das coisas e das palavras.
(*Tres.*, III.3.6)

As cinco partes da retórica são: invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação.⁷³ No *Tesouro*, são chamadas *trovemenz, ordre, paroles, memoires et parleures* (*Tres.*, III.3), e foram aqui traduzidas por “achamento, ordem, elocução, memória e pronúnciação”. Brunetto fornece definição de cada uma no capítulo em que divisa pela primeira vez as partes de retórica (*Tres.*, III.3).

O tratado *Da invenção*, como diz o nome, trata apenas da primeira parte, mas dá uma breve definição de todas elas. Brunetto segue Cícero quanto à invenção, mas, diferentemente deste, reenvia o leitor ao livro de ética no que concerne à pronúnciação.

No livro segundo, a pronúnciação é tratada nos capítulos dedicados à *garde* (“guarda”), um dos membros da prudência (de II.61 a II.67). O ofício da virtude de guarda é manter o meio em todas as coisas (*Tres.*, II.61.1). Deve-se resguardar de todos os extremos; e mesmo a prudência pode ser em demasia, assim como o saber, que não deve ser maior do que o conveniente (*Tres.*, II.61.3). No mesmo sentido, é preciso medir as palavras (*parables*) e, antes de dizer o que quer que seja, considerar: quem és, o que queres dizer, a quem, por que, como e em qual tempo.⁷⁴ O autor passa então a tratar destas questões.

A respeito de quem fala, o texto ensina que se considere se quem fala tem relação com a questão, se não é culpado do mesmo pecado sobre o qual fala, se não está tomado por paixões e se

⁷³ *De inv.*, I, 7, 9: *inventio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio*; *Her.*, I, 3: “invenção”, “disposição”, “elocução”, “memória” e “pronúnciação”.

⁷⁴ *Ensive, donques, prudence, qui est le mi entre ii., qui contrepoisse et et adresce les pensees, et atempre les euvres et mesure les parables; car, si come des euvres qui ne sont estables par vertu ensit perilz, tout autresi fait il dou parler quant il n'est selonc l'ordre de raison. Et por ce, tot avant que tu dies ne ce ne quoi, dois tu consirrer principaument vi. choses: qui tu es, que tu viaus dire, et a cui, et por quoi, et coment, et en quel tens. Raison comant.* (*Tres.* II.61.4)

sabe o que vai falar (*Tres.*, II.62). Sobre o que se quer dizer, é preciso observar se é verdade ou mentira, guardar-se de mentir, dizer sempre palavras boas e belas, não frívolas, nem obscuras, orgulhosas ou sofisticadas (*Tres.*, II.63). Quanto à pessoa a quem se fala, procura-se falar aos amigos e não aos inimigos, ou loucos, ou pessoas cheias de discórdia (*Tres.*, II.64). Deve-se saber o porquê da fala e o proveito que dela advém deve ser bom e conveniente (*Tres.*, II.65).

Quando o autor chega à maneira da fala, divide-a em cinco questões: *parleure* (pronúnciação),⁷⁵ *isnelité* (velocidade), *tardesce* (atraso), *quantité* (quantidade) e *qualité* (qualidade).

Pronúnciação é a dignidade das palavras e o porte do corpo, segundo o que a matéria requer; e é uma coisa que muito vale para dizer bem. Túlio diz⁷⁶ que embora teus ditos não sejam belos nem muito polidos, se os proferes gentilmente e de bela maneira e com belo porte, por isso serão louvados; e se são belos e bons, e tu não os dizes belamente, por isso serão vituperados. Por isso, debes tornear e temperar tua voz e teu espírito e todas as variações do corpo e da língua, e emendar as palavras na saída de tua boca de tal maneira que elas não sejam infladas nem quebradas no palato, nem muito ressoantes de voz altiva, nem ásperas no realçar dos lábios, mas sejam entendíveis e sonantes por bela proferição e suaves, para que cada letra tenha seu som e cada palavra seu acento entre alto e baixo; e não obstante tu debes começar mais baixo que no fim.

Parleure est la digneté des mos et la porteur dou cors, selonc ce que matiere queriert; et ce est une chose qui moult vaut a bien dire. Tulles dit que ja soit ce que tes dis ne soient biaux ne gaires polis, se tu la proferes gentement et de belle maniere et de biau port, si seront il loez; et se il sont biaux et bons, et tu ne le dis bellement, si seront il blasmez. Por ce dois tu atornier et atemperer ta vois et ton esperit et touz les muement dou cors et de la langue, et amender les paroles a l'issue de ta boche en tel maniere que eles ne soient enflees ne decassees au palet, ne trop resonant de fiere vois, ne aspres a la levee de lievres, mes soient entendables et sonans par belle porferance et soef, si que chascune letre ait son son et chascun mot son aceint, et soit entre haut e bas; et neporquant tu dois comencier puls bas qu'a la fin (*Tres.* 2.66.2)

Ademais, é preciso mudar segundo as mudanças do lugar, das coisas, da ocasião e do tempo, pois cada coisa deve ser dita de um modo: simplesmente, docemente, com desdém ou por pena. A voz, os ditos e o porte devem concordar com a matéria. Quanto ao porte, face erguida, nem olhando

⁷⁵ O tradutor da edição de Beltrami traduz *parleure* como *elocutio*, mas a definição do texto para *parleure* parece corresponder melhor à pronúnciação (*pronunciatio*), como de resto ocorre no livro III (III.3.1 e III.3.6).

⁷⁶ A referência aqui não é ao *Da invenção*.

para cima, nem para baixo; não se retorçam de maneira feia os lábios; não se franzam as sobrancelhas; e não se levantem as mãos. Em resumo, nada deve ser repreensível (*Tres.*, II.66).

Os ensinamentos acima se referem à conveniência na pronúncia, que, segundo a Retórica a Herênio, “divide-se em configuração da voz e movimentos do corpo” (*Her.*, III, 19). É do corpo, da voz e da pronúncia das palavras que trata o autor.

Há ainda outras regras a serem observadas na fala: a rapidez e o atraso, a quantidade, a qualidade e o tempo. Quanto aos dois primeiros, siga-se o meio: nem rápido demais, nem lento demais; nem muito cedo, nem muito tarde. Com relação à quantidade, que não seja demasiada e, à qualidade, que seja boa (*Tres.*, II.66.4 – 66.7). Sobre o tempo, o texto ensina que é preciso saber o momento de falar e o de calar (*Tres.*, II.67). Ao final do último capítulo sobre guarda, o autor remete o leitor ao livro três:

Mas aqui se cala o mestre sobre os ensinamentos do falar, e não dirá mais até que chegue ao terceiro livro, onde ensinará toda a ordem de retórica;

Mes ci se taist li maistres des enseignemenz dou parler, et n'en dira ores plus jusques a tant que il vieigne ou tiers livre, ou il enseignera tout l'ordre de rethorique; (Tres., II.67.2)

Vê-se aqui a já mencionada inter-relação entre ética e retórica e seus respectivos preceitos. Com relação à guarda na fala, os ensinamentos não se restringem aos da pronúncia, ou seja, a como se deve manter a voz e o corpo quando se profere um discurso: eles tratam da verdade e da mentira, do pecado, do silêncio, do sentido e da honra. Beltrami afirma que a parte referente à guarda foi extraída por Brunetto do *Doctrina de arte loquendi et tacendi* de Albertano de Brécia (op. cit., p. 9). Ademais, nota-se que a explanação da pronúncia no livro de ética é ainda mais adequada na medida em que a retórica de Brunetto também se aplica à arte epistolar, em que não há pronúncia.

Arte de escrever cartas:

Aqui divisa as duas maneiras de falar, ou por boca ou por cartas (*Tres.*, III.4)

Logo depois de descrever a matéria e as partes da retórica, Brunetto afirma que há duas maneiras de falar, por *boche* ou por *letres*, e que os ensinamentos da ciência de retórica são comuns

às duas (*Tres.*, III.4). O que determina se a matéria pertence à retórica não é a maneira como se fala, mas se há contenda ou não, conforme o autor já havia explicado anteriormente (*Tres.*, III.3.6; trata-se de *controversiam* em Cícero, *De inv.*, I, 6, 8). O capítulo quarto é o primeiro no texto que explicitamente distingue a fala da escrita para depois as reunir pelos preceitos retóricos (*Tres.*, III.4.1). Este capítulo não encontra correspondente no *Da invenção* e, talvez também por isso, nele a retórica é limitada aos assuntos civis e às necessidades dos príncipes da terra:⁷⁷

e se não o faz por isso, digo sem falha que seus ditos não pertencem aos ensinamentos de retórica, antes é a fala comum dos homens, que é sem arte e sem mestria, e que isso fique longe de nós, e remanesça à necidade das mulheres e do povinho, pois estes não têm o que fazer com as coisas civis. (*Tres.*, III.4.2)

E todas as contendas pertencem à retórica, especialmente se forem sobre as coisas civis e sobre as carências dos príncipes da terra e das outras gentes, e não sobre fábulas, nem sobre movimentos do mar, nem sobre o compasso da terra, nem sobre o curso das estrelas, pois em tais contendas não se mete esta ciência. (*Tres.*, III.4.4)

A retórica do *Tesouro* trata especificamente da escrita de cartas nos capítulos 4, 14, 16, 70 e 71. Em diversas outras partes, Brunetto, ao ensinar um preceito da retórica, diz que este se aplica à fala e à escrita (Por exemplo, *Tres.*, III.2.7, III.3.2, III.8.1 e III.12.1). A composição de cartas aparece, no *Tesouro*, vinculada à figura do ditador (*diteor*). Por exemplo, ainda no capítulo 4:

o sábio ditador (*diteor*) confirma suas cartas com belas e com boas razões e com fortes argumentos, que ajudam no que ele quer, como se estivesse em contenda diante dele [o destinatário]. E tais cartas pertencem à retórica, [...] (*Tres.*, III.4.3).

A palavra *diteor* vem da *ars dictaminis*, isto é, da parte da retórica que trata das regras de composição de cartas e outros documentos em prosa. Considera-se que tenha surgido por volta do final do século XI, em consequência do aumento da demanda por documentos oficiais variados (Tin, 2005, p. 31). Existe certa divergência quanto aos termos: há quem considere que *ars dictaminis* aplica-se a toda escrita em prosa (Martin Camargo, *apud* Tin, op. cit., p. 32); e há quem pense que concerne apenas à escrita de cartas (Murphy, op. cit., p. 252). Em todo caso, esta arte faz parte das regras da escrita em geral (*dictamen*), que inclui: prosa, métrica e rítmica.⁷⁸ A prosa diria

⁷⁷ Cícero limita a matéria da retórica aos casos (que tratam de pessoas ou coisas determinadas) e aos gêneros epídítico, deliberativo e judiciário (*De inv.*, I, 5, 7 – I, 6, 8). Ver na tradução do *Tesouro* (III.2) a variação introduzida por Brunetto.

⁷⁸ Faral divide os tratados dos séculos XII e XIII sobre as artes da escrita em: retóricas e *artes sermocinandi*; artes

respeito principalmente à escrita de cartas, a métrica à poesia e a rítmica à prosa e poesia rítmicas (East, op. cit, p. 94; Tin, op. cit, p. 36 e 82).⁷⁹ O termo *diteor*, ou, em italiano, *dictator* significaria o mestre de *ars dictaminis* (Skinner, op. cit., p. 50; Murphy, op. cit., p. 252).⁸⁰

A palavra *diteor* foi traduzida aqui por “ditador”. No Grandsaignes d'Hauterive, *ditier* é definido por “escrever, compor uma obra, ou ensinar”. Entretanto, *ditëor* está definido como “autor”, o que não significa necessariamente aquele que escreve. Beltrami também define *dittare* como escrever cartas e traduz *diteors* por *dittatori* (op. cit., p. 13). Renato Janine Ribeiro, na tradução de Skinner (op. cit.), utiliza o termo *dictatores*. Em português do século XV, usa-se a palavra “ditador” com o sentido de escritor, de orador e de rétor.⁸¹ No caso presente, ele é quem escreve cartas para convencer o destinatário a atender à sua demanda (*Tres.*, III.4.3).

Os capítulos seguintes do *Tesouro* que se referem explicitamente à arte epistolar explicam como aplicar os preceitos da retórica às particularidades das cartas. Antes de tratar do prólogo, Brunetto expõe a divergência entre os retores e os ditadores: “E se alguém perguntar por que há discórdia entre Túlío e os ditadores, já que cada um segue o ensinamento de retórica, eu lhe direi que a discórdia é por semelhança e não por verdade” (*Tres.*, III.14.2). O discurso falado tem seis partes (prólogo, narração, divisão, confirmação, refutação e conclusão) e a carta cinco (saudação, prólogo, narração, demanda e conclusão), mas o conflito é apenas aparente, porque a saudação está contida no prólogo; a divisão do discurso, em uma carta, é parte da narração; e, enfim, a confirmação e a refutação, em uma carta, estão juntas na demanda (*Tres.*, III.14). Assim, é possível encontrar correspondência entre as partes do discurso e as da carta; logo, os preceitos retóricos podem reger a escrita epistolar.

Há um curto capítulo sobre as cinco partes das cartas, em que apenas a saudação e a demanda são definidas e explicadas. A saudação é o começo da carta e deve ser adequada à pessoa a quem se escreve: se é amigo ou inimigo, se é grande, ou par, ou menor do que quem escreve (*Tres.*,

dictandi (escrita epistolar); e artes poéticas (op. cit., p. XIII).

⁷⁹ O tratado anônimo *Rationes dictandi*, de 1135, traduzido por Emerson Tin, define: “Agora, alguns textos escritos são métricos, outros rítmicos, outros em prosa. Um texto métrico é uma exposição escrita que é propriamente identificável por medidas prescritas de pé e duração. Um texto rítmico é aquela exposição estruturada silabicamente conforme determinada regra numérica. Mas, visto que a nossa intenção é tratar somente do texto em prosa, permitam-nos descrever mais cuidadosamente o que tal texto é e como deve ser escrito. Um texto em prosa é uma exposição escrita que ignora as medidas de metro e segue numa contínua e adequada ordem. Agora, permitam-nos aqui descrever o próprio significado desse primeiro termo, pois, em grego, *proson* quer dizer 'contínuo'. Então, dizemos que uma exposição escrita é 'adequada' quando nela tratamos da matéria sob discussão em palavras ordenadas conforme as regras gramaticais para prosa ou poesia” (Tin, op. cit., p. 82).

⁸⁰ Mas *dictator* também se aplica, em geral, àquele que escreve ou compõe. Curtius mostra que Dante chamou os trovadores de *dictatores illustres* no *De vulgar eloquência* (II, 6, 5) (Curtius, op. cit., p. 76).

⁸¹ “Pero, Senhor, ante que o comesasse, bem entendi que fazia emjuria a Tullio, por que antre os boos **ditadores** elle he auido por dos mais principaaes, e das suas obras que eu vi esta me parece a melhor **ditada**...” (grifos meus). Uma nota explica que “boos ditadores” significa “bons escritores” e, ainda, que a expressão pode corresponder a “rhetores” e que o verbo “ditar” significa “compor, escrever” (Ver no *Livro dos Offícios* de Marco Tullio Ciceram, traduzido por Infante D. Pedro: Piel, 1948, p. 2).

III.16). Diferentemente do que era comum nas artes epistolares, Brunetto não dá muitos preceitos ou modelos para a saudação (Murphy, op. cit, p. 253; Tin, op. cit., p. 83 et seq.).

A doutrina da retórica segue então até a conclusão, quando o texto trata da diferença entre a conclusão falada e a escrita. O autor diz que, segundo os ditadores, depois de se escrever a saudação, o prólogo, a narração e a demanda, escreve-se o que aconteceria de mal caso a demanda não fosse atendida e de bom caso fosse (*Tres.*, III.70). Já na conclusão do discurso falado, o orador diz a demanda e a suma das suas razões, por meio das três partes da conclusão: recapitulação, desdém e piedade. Esta é considerada a reta conclusão (*Tres.*, III.66-69). O último capítulo que distingue a escrita da fala dispõe sobre as partes da oração e da epístola que são indispensáveis ao discurso. Em ambos os casos, as mesmas partes são indispensáveis, isto é, o fato e a demanda (*Tres.*, III.71).

A inclusão da escrita de cartas chama atenção no *Tesouro*, pois Brunetto explica claramente como ela pode ser regida pelos preceitos retóricos, fazendo corresponder as partes das cartas às do discurso falado. Entretanto, isto não quer dizer que a comparação das cinco partes das cartas com as seis partes do discurso não fosse comum na época (East, op. cit., p. 73 n). Murphy destaca que a arte epistolar de Brunetto é a primeira conhecida em francês (1988, p. 265).

Prosa e rima:

Aqui diz de duas maneiras de falar, em prosa ou em rima (*Tres.*, III.10)

Depois de tratar das constituições da causa, seguindo a matéria do *Da invenção*, Brunetto afasta-se dela para ensinar que a grande divisão da fala é entre prosa e rima, mas “os ensinamentos de retórica são comuns às duas” (*Tres.*, III.10.1). O autor explica que a prosa corre por via ampla e aberta, enquanto a rima segue por senda estreita e fechada. Ele diz abreviadamente como se deve fazer para bem rimar: contar as sílabas para acordar seu número; medi-las para que as últimas sílabas dos versos sejam semelhantes entre si; e pesar os acentos e a voz para harmonizar os acentos (*Tres.*, III.10.2). Assim, depois de incluir a escrita prosaica de cartas em sua retórica, o autor trata da rima em trechos que, segundo East, tira de artes poéticas (op. cit, p. 77).

No final do capítulo, o autor adverte o leitor:

Mas como quer que seja tua fala, ou por rima ou por prosa, guarda que teus ditos não sejam magros nem secos, mas que sejam repletos de suco e de sangue, isto é, de sentido e de sentença. Guarda que tuas palavras não sejam néscias, que sejam antes

graves e de grande peso, mas não grande demais que as faças tropeçar. Guarda que não tragam qualquer feiura, mas que a bela cor esteja dentro e fora; e a ciência de retórica seja em ti pintora, que coloque a cor em rima e em prosa. Mas evita o pintar demais, pois nenhuma vez deve a cor tolher a cor. (*Tres.*, III.10.3)

O trecho acima diz respeito ao ornamento e à conveniência deste, pois ensina sobre as virtudes e os vícios a que se deve ter atenção ao colorir seu discurso. O importante é evitar a demasia e a falta, mas, mesmo nas qualidades, não se deve exagerar: os ditos devem ser ornados, mas não em excesso, de forma que o excesso de ornamento não seja obstáculo para o próprio ornamento.

Como explica o autor da *Retórica a Herênio*, no livro sobre a elocução: “[os ornamentos] se dispostos espaçadamente, tornam o discurso distinto, assim como ocorre com as cores; colocados todos juntos, o fazem maculado” (*Her.*, IV, 16).

Seguem-se a este capítulo outros três que não foram tirados do *Da invenção*.

Ordem natural e ordem artificial:

Aqui termina o Achamento, ora começa a falar da ordem (*Tres.*, III.11)

Brunetto anuncia assim um capítulo em que descreve a ordem natural e a artificial. Logo no início, faz menção à *Arte Poética* de Horácio (*Tres.*, III.11.1), dizendo que não quer transformar a luz em fumaça, mas da fumaça fazer luz, e então explica: “depois que se achou e pensou em seu coração o que se deve dizer, então se devem estabelecer seus ditos por ordem; isto é, dizer cada coisa em seu lugar” (*Tres.*, III.11.2). Em seguida, define as duas ordens.

A ordem natural é aquela que começa no começo, passa pelo meio e termina no fim, como quem anda por um caminho reto. Esta forma de falar é considerada sem grande mestria e, portanto, não é ensinada (*Tres.*, III.11.3). Já a ordem artificial – ou seja, de acordo com os preceitos da arte – é dizer cada coisa da maneira que mais firme a causa. Ela divide-se em oito maneiras de começar o discurso: pelo fim do discurso (1), pelo meio do discurso (2), pelo início (3), meio (4) ou fim de um provérbio (5), e pelo início (6), meio (7) ou fim de um exemplo (8). Há exemplos para cada caso, mas o leitor é advertido contra o excesso de exemplos e provérbios (*Tres.*, III.11.4-15).

No começo do capítulo, o autor parece anunciar os preceitos referentes à ordem enquanto disposição, ou seja, uma das partes da retórica (*dispositio*). Em *Da invenção*, Cícero define a disposição (*dispositio*) como a distribuição dos argumentos encontrados na ordem apropriada (*De*

inv., I, 7, 9). A ordem (*ordres*) é definida de maneira semelhante no *Tesouro*, em III.3.3 (“Ordem é estabelecer seus ditos e argumentos que se achou cada um em seu lugar, [...]”) e III.11.2 (ver citação acima).

A distinção entre a ordem natural e a artificial está na retórica antiga. Na *Retórica a Herênio* (*Her.*, III, 16 – 18), a disposição (*dispositio*) de acordo com os princípios da arte segue a ordem das partes do discurso (*Her.*, III, 16), mas há outra disposição que se afasta da “ordem prescrita” (*ordine artificioso*) (*Her.*, III, 17), sendo adequada às circunstâncias, as quais podem pedir que se comece pela narração, ou por algum argumento, ou pela leitura de algum texto, por exemplo (*Her.*, III, 17). Em outros textos, ao contrário, a ordem artificial é considerada como aquela que não segue a ordem preceituada das partes do discurso (proêmio-narração-divisão-confirmação-refutação-conclusão) e a natural como aquela que segue (Lausberg, 1999, p. 373).

No *Didascálicon* de Hugo de São Vitor, cronologicamente mais próximo do *Tesouro*, há dois tipos de disposição, a natural, que segue a ordem em que as coisas aconteceram, e a artificial, quando a narração não acompanha a ordem em que as coisas aconteceram.⁸² A ordem está também na poética antiga, por exemplo, na *Arte Poética* de Horácio, citada neste mesmo capítulo do *Tesouro*.⁸³

Edmond Faral mostra que a doutrina sobre a ordem aparece modificada nas artes poéticas dos séculos XII e XIII: a *Poetria nova* de Godofredo de Vinsauf é exemplo de tratamento da ordem semelhante ao do *Tesouro*. Nesta arte poética, recomenda-se a ordem artificial e mostra-se que, por ela, pode-se começar o discurso de oito maneiras diferentes, utilizando o início, meio ou fim do discurso, ou de um provérbio ou de um exemplo. Faral traz ainda João de Garlande, na *Poetria*, com a mesma apresentação das formas de começar o discurso (Faral, op. cit., p. 58-59). Quanto a East, ele compara este capítulo do *Tesouro* às poéticas dos mesmos dois autores mencionados e o aponta como mais um trecho tirado das artes poéticas (op. cit., p. 76 e 77, n. 37).

Cores de retórica:

Como se pode aumentar seu discurso de oito maneiras (*Tres.*, III.13)

⁸² “Na narração, de acordo com a disposição, que é dupla: natural, isto é, quando a coisa é referida segundo a ordem em que aconteceu, e artificial, isto é, quando aquilo que aconteceu depois é narrado antes e aquilo que é anterior é falado depois” (in *narratione secundum dispositionem*, quae duplex est; naturalis, videlicet, quando res eo refertur ordine quo gesta est, et artificialis, prius, postmodum dicitur, in *expositione* consideratur ordo secundum inquisitionem) (São Vitor, op. cit., 148-149).

⁸³ O trecho citado no *Tesouro*, entretanto, não é o que trata da ordem: “A força e a graça da ordenação, se não me engano, está em dizer logo o autor do poema enunciado o que se deve dizer logo, diferir muita coisa, silenciada por ora, dar preferência a isto, menospreço àquilo” (*Arte poética*, [42]).

Os capítulos 12 e 13 podem ser lidos juntos: o primeiro explica que tipo de matéria deve-se aumentar e abrir e que tipo diminuir e cobrir e o segundo ensina oito maneiras de aumentar seus ditos.

O capítulo 12 distingue quatro tipos de matéria: longa e obscura, breve e obscura, longa e aberta e breve e leve. Em cada caso, faz-se o contrário, ou seja, se é longa, deve-se encurtá-la, mas se é curta, deve-se alongá-la; se é obscura, deve-se abri-la, mas se é aberta, deve-se cobri-la com bons ditos. Cada matéria deve ser trabalhada da maneira adequada, como a cera, que pode ser moldada (*Tres.*, III.12.2).

No capítulo seguinte, Brunetto ensina oito maneiras de acrescer a matéria, as “cores de retórica”, que são: *aornemenz*, *torn*, *comparoison*, *clamor*, *fainture*, *trespas*, *demonstrance*, *adoblement*, e foram aqui traduzidas por: ornamento, torneio, comparação, clamor, fingimento, passagem, demonstração e duplicação. Cada qual é esclarecida por exemplos (*Tres.*, III.13).

Estas cores correspondem aos procedimentos de amplificação e abreviação que, segundo Faral, tornam-se importantes nas poéticas dos séculos XII e XIII. Em artes poéticas como a *Poetria nova*, de Godofredo de Vinsauf, e a *Poetria*, de João de Garlande (ambas do século XIII), a amplificação tem o sentido de alongar um tema. De acordo com Faral, ela era, para esses autores, a principal função do escritor (op. cit., p. 61).

As cores do *Tesouro* são, com outros nomes, exatamente os mesmos procedimentos de aumento que se encontram na *Poetria nova*: interpretação e expolição, perífrase, comparação, exclamação, prosopopéia, digressão, descrição e afirmação depois da negação (Ibid., p. 63 et seq.). East também se refere às cores do *Tesouro* como procedimentos de aumento (para alongar) do discurso e cita a poética de Godofredo de Vinsauf (East, op. cit., p. 78 e 79). O significado de alongar é confirmado pelo texto:

Ora haveis ouvido como se pode aumentar vossa matéria e alongar vossos ditos; pois de poucas sementes cresce um grande trigo, e de pequenas fontes nasce um grande rio. Por isso é correto e razoável que o mestre ensine a abreviar seu discurso quando for grande demais e longo demais, e isso ele mostrará adiante quando tratará de como dizer o fato. (*Tres.*, III.13.13)

Este procedimento está relacionado com a amplificação, que, na retórica antiga, consiste em um aumento vertical, como diz Lausberg (2004, p. 106), que acentua os ditos para mais ou para menos no sentido do que se quer defender; faz-se por meio de lugares comuns e é parte da invenção, pois permite achar as ideias mais favoráveis à causa. Entretanto, esta amplificação, salvo

quando feita por sinônimo mais forte ou mais fraco, também tem o efeito de aumento horizontal, ou seja, de alargamento dos ditos. Nestes casos - e, conseqüentemente, nas cores do *Tesouro* -, ela também é ornamento que alarga e ao mesmo tempo eleva o discurso (*Ibid.*, p. 106-107).

Ademais, lembra-se que o termo “cores” aparecia em tratados que traziam tropos e figuras de palavras e de pensamento. Há vários tratados que trazem figuras tiradas do livro IV da *Retórica* a *Herênio* (sobre a elocução), como o *Rhetorici colores*, de Onulfo de Spire (século XI) e a *Summa de coloribus*, de Godofredo de Vinsauf (século XIII) (Faral, op. cit., p. 49-50). Acima se mostrou que as “cores” aparecem como referência ao ornamento.

Resumindo, chama-se a atenção para o fato de os procedimentos descritos e seu nome relacionarem esse trecho do *Tesouro* à poética e à elocução, o que, de resto, está em acordo com o texto:

Mas aqui se cala o mestre sobre os ensinamentos da grande fala, para divisar aqueles da pequena fala, isto é, de um discurso ou de uma epístola que queiras fazer sobre alguma matéria que venha. Pois o mestre usa fala como nome geral de todos os ditos; mas discurso é um só dito, ou uma só carta, ou outra coisa que se conte sobre sua matéria. (*Tres.*, III.13.13)

Se a pequena fala é um discurso ou carta que se escreve sobre uma matéria determinada, a grande fala é mais do que isso. Terminando junto com os capítulos sobre prosa e rima, ordem natural e artificial e as cores da retórica, a grande fala é uma fala amplificada – talvez se possa dizer fala elevada, no sentido de ornada (Lausberg, op. cit., p. 138). Seus preceitos aplicam-se aos ditos em geral, diferentemente do que é ensinado em seguida no *Tesouro*: os preceitos para uma carta ou discurso que se faça sobre um caso específico.

Exemplos:

Mas porque o mestre quer mais abertamente mostrar o que disse, porá um velho exemplo de grande autoridade, sobre o qual disseram vários sábios. (*Tres.*, III.34.1)

Brunetto acrescenta muitos exemplos à matéria do *Da invenção*. Nos preceitos do prólogo, ele insere os exemplos dos discursos de Júlio César e Catão sobre a punição dos aliados de Catilina na conjuração (*Tres.*, III.35 e III.37). Depois, explica como cada um dos discursos seguiu os preceitos da retórica (*Tres.*, III.36 e III.38), sendo que comenta o discurso de Júlio César inteiro, mas o de Catão apenas quanto ao prólogo. Em um dos comentários, mostra como o orador enalteceu

e confirmou sua matéria no prólogo “por belas razões e por exemplos de velhas histórias que ele rememorou” (*Tres.*, III.36.3) e como lembrou, na confirmação, “diversos exemplos e autoridades e sentenças de sábios homens, que eram semelhantes à sua matéria” (*Tres.*, III.36.7).

No *Tesouro*, o exemplo é constituído pelos “ditos e pelos mandamentos que se encontram nos livros dos sábios, ou pelo que adveio aos homens ou às coisas” (*Tres.*, III.56.11). Seu uso é preceituado na ordem (*Tres.*, III.11.6 – 11.15), no prólogo (*Tres.*, III.29.6 e III.32.2) e na confirmação (*Tres.*, III.56.11), bem como na definição da elocução (III.3). Nestes casos, o exemplo serve para ornar, para tornar verossímil e para esclarecer (o autor emprega exemplos ao longo do texto para mostrar claramente a aplicação de algum preceito). Os exemplos devem ser convenientes e concordantes com a matéria (*Tres.*, III.11.15), mas não podem ser frequentes demais, pois isso seria douradura em excesso e o discurso pareceria ao ouvinte suspeito e pensado de antemão (*Tres.*, III.11.15 e *Tres.*, III.32.2).

Do mesmo modo, na *Retórica a Herênio*, “o exemplo é relato de algo feito ou dito no passado com a segurança do nome do autor” e serve para ornamentar, para provar, para esclarecer ou para colocar algo diante dos olhos (*Her.*, IV, 62).

Voltando aos discursos de Júlio César e Catão, vê-se que eles esclarecem a matéria do prólogo e das outras partes do discurso, mas também ornar e elevam o texto, pela sua dignidade. Vários trechos destes discursos servem como exemplo em outras partes da retórica do *Tesouro*. Além disto, a conjuração aparece na narração da fundação de Florença e da história de Roma e é citada em outros pontos do *Tesouro*.⁸⁴

O que se quer mostrar é que o exemplo retórico pode também ser exemplo moral, como definido no *Tesouro* mesmo: “Por isso deve-se seguir os rastros do melhor e fazer o que ele faz; pois como a cidade recebe a figura do selo, outrossim a moralidade dos homens é formada por exemplos.”⁸⁵ As ações virtuosas e eventos antigos são exemplos que servem para o aconselhamento ético. Neste sentido, diz João Adolfo Hansen:

Para compor os exemplos, acionam [os letrados] uma memória criteriosa e minuciosa de casos gregos, latinos, bíblicos, patrísticos e escolásticos [...] (Hansen, 2002, p. 35)

Na retórica e na ética, os exemplos escolhidos devem ser adequados a cada discurso e suas circunstâncias. No *Tesouro*, os discursos dos que quiseram condenar os conjurados e defender o comum de Roma são adequados à definição da política como arte de governar em prol do comum

⁸⁴ Por exemplo: [...] *Mes uns autres bourgeois doit vivre de droit dont les autres vivent, que il ne se face trop haut ne trop bas, mes garde le comum bien en pes et en honesté, si qu'il ne chee en le peché Cateline [...]* (*Tres.*, II.74.13).

⁸⁵ *Car si come la cité reçoit la figure dou seel, autresi la moralité des homes est formee par exemples.* (*Tres.*, II.132.2)

da cidade.⁸⁶ Além dos exemplos cívicos, o *Tesouro* contém muitos exemplos religiosos, os quais também são apropriados a serem seguidos na vida e nos discursos.

A reunião de figuras e feitos exemplares que o *Tesouro* opera pode ser considerada uma memória – nos termos da citação acima –, da qual os leitores tiram exemplos éticos e retóricos. Neste sentido, o *Tesouro* como compilação também é memória.

Tesouro e memória:

Memória é lembrar-se firmemente do que se pensou e pôs em ordem; pois tudo seria como nada se não nos lembrássemos quando chega a hora de falar. Entretanto, que ninguém cuide que seja a memória natural, que é uma virtude da alma que se lembra do que aprendemos por algum sentido do corpo; antes é memória artificial, que se adquire por ensinamento dos sábios para reter o que se pensa e se aprende. (*Tres.* III. 3. 5.)

A memória (artificial) é uma parte da retórica e o *Tesouro*, seguindo o *Da invenção*, não traz preceitos sobre ela. Entretanto, há, em outras partes do *Tesouro* e em outros textos, uma semelhança tópica entre memória e tesouro.

No livro primeiro do *Tesouro*, a memória natural é definida:

Memória é tesoureira de todas as coisas e guardiã de tudo o que se acha novamente por engenho ou que se aprende dos outros; pois tudo o que sabemos é destas duas maneiras: ou o novo que achamos ou o que nos foi ensinado. 2. memória é tão tenaz que se alguma coisa é tirada de diante do corpo ela deixará na memória a semelhança de si.

Memoire est tresoriere de toutes choses et guarderesce de tout ce que l'en trueve novelement par engins ou que il aprent des autres; car tout ce que nos savons est par ces ii. manieres: ou que nos le trouvons de novel ou que eles nos furent enseignees. 2. memoire est si tenanz que se aucune chose sera ostee devant le cors ele laissera en la memoire la semblance de soi. (*Tres.*, I.16.1 e 2)

O *Livre des propriétés des choses*, citado acima sobretudo com relação à teórica, também traz explicações sobre a memória natural:

O terceiro quatinho do cérebro é na parte posterior, acima da nuca; ali se encontra a

⁸⁶ Já se mencionou que Skinner mostrou que a conjuração de Catilina aparece frequentemente nos textos do século XIII, ressaltando Catão e Cícero como “figuras exemplares da virtude cívica” (1999, p. 75 e 76).

memória, que recolhe e guarda em seu tesouro as coisas compreendidas pela imaginação e o julgamento.

La troisième chambrette du cerveau est en la partie postérieure, au-dessus de la nuque; là se trouve la mémoire, qui recueille et garde en son trésor les choses comprises par l'imagination et le jugement. (Ribémont, op. cit., p. 93)

A memória é uma potência de conservação que nos permite guardar as coisas apresentadas pelos sentidos exteriores, ou pelos sentidos internos e as meter no tesouro de nossa memória, a fim de que não as esqueçamos; é por isso que um doutor diz que a memória é a arca ou o escrínio da razão.

La mémoire est une puissance de conservation qui nous permet de garder les choses présentées par les sens extérieurs, ou par les sens internes et de les mettre au trésor de notre mémoire, afin que nous ne les oublions pas; c'est pour cela qu'un docteur dit que la mémoire est la huche ou l'écrin de la raison.. (Ribémont, op. cit., p. 93)

A tópica não se restringe à descrição da memória como parte da alma, pois está também na descrição e nos preceitos da memória artificial, na *Retórica a Herênio*:

Passemos agora ao tesouro das coisas inventadas e à guardiã de todas as partes da retórica: a memória (*Her.*, III, 28)

A memória artificial constitui-se de lugares e imagens. Chamo lugar aquilo que foi encerrado pelo homem ou pela natureza num espaço pequeno inteira e distintamente, [...] (*Her.*, III, 29).

Comparando com o *Tesouro*:

Este livro é chamado Tesouro. Pois assim como o senhor que quer em um pequeno lugar juntar coisas de grandíssimo valor, [...] (*Tes.* I. 1. 1)

O que se quer dizer com isto, por fim, é que o *Tesouro*, ao mesmo tempo que – melhor seria dizer por esta razão mesma - é uma compilação que ensina matérias relativas à política, da qual a retórica faz parte, é como uma memória de saberes e preceitos e de figuras e eventos exemplares a serem seguidos. Desta forma, a política como ética está nas três partes, da história bíblica até os preceitos da conclusão (*Tes.*, III.69.17).

Na retórica, ademais, a matéria segue de perto a de um tratado voltado para a oratória judiciária, que já trazia uma concepção da retórica ligada à ética e à política. Os exemplos que o autor acrescenta reforçam o aspecto político, que não é alterado pela inclusão de matéria das artes poéticas, apenas mostrando não haver para o autor separação rígida entre estas e a retórica.

Espera-se poder desenvolver mais amplamente estes assuntos em outro momento, mas, por enquanto, será apresentado o principal desta pesquisa: a tradução do prólogo, da divisão da filosofia e da retórica do *Tesouro*, seguida da versão original destas mesmas partes.

Tradução

Notas à tradução

Conforme já se disse, o texto do *Tesouro* traduzido para o português foi o da edição de Beltrami; os capítulos, parágrafos e pontuação desta foram mantidos. A pontuação foi seguida sempre que possível na tradução, já que o autor procurou nela respeitar a sintaxe e o ritmo do francês acraico.

O texto francês que foi traduzido encontra-se neste trabalho em apêndice, sem as marcas e notas de rodapé referentes aos diferentes manuscritos utilizados no estabelecimento do texto.

Na tradução, procurou-se ficar o mais próximo possível do texto francês, com palavras etimologicamente aparentadas às francesas, mesmo quando essas palavras não são mais utilizadas no português moderno com a mesma significação. Foi o que aconteceu com a palavra “ditador”, por exemplo, que alguns tradutores preferem manter na língua original em razão da significação moderna da palavra. Também “coragem” foi mantida, embora outros tradutores preferiram “ânimo”, palavra utilizada no latim para dizer a mesma coisa. Essas escolhas são apontadas em notas de rodapé.

Também se evitou deixar palavras em francês, ainda que a preço de barbarismos. É o caso de “fidica”, que traduz *fidique*, palavra de rara ocorrência para a qual, até onde se pôde pesquisar, não existe tradução.

LIVRO I

*1. Aqui começa o livro do Tesouro, o qual trasladou em francês mestre Brunetto Latini de Florença e fala do nascimento de todas as coisas abreviadamente.*⁸⁷

1. Este livro é chamado Tesouro. Pois assim como o senhor que quer em um pequeno lugar juntar coisas de grandíssimo valor, não para o seu deleite somente, mas para acrescer seu poder e exaltar seu Estado na guerra e na paz, aí ele coloca as mais caras coisas e as mais preciosas joias que pode, segundo sua boa intenção, outrossim é o corpo deste livro uma compilação de sapiência, assim como o que é extraído de todos os membros de filosofia em uma suma abreviadamente. E a primeira parte deste tesouro é assim como dinheiro corrente para despender sempre em coisas necessárias; isto quer dizer que ela trata do começo do século e da antiguidade das velhas histórias e do estabelecimento do mundo e da natureza de todas as coisas em suma. 2. E isto pertence à primeira ciência de filosofia, isto é, à teórica, segundo o que este livro fala abaixo. E assim como sem dinheiro não haveria nenhuma mediação entre as obras das gentes que tratam umas com as outras,⁸⁸ outrossim não pode nenhum homem saber as outras coisas plenamente se não sabe esta primeira parte do livro. 3. A segunda parte, que trata dos vícios e das virtudes, é de preciosas pedras, que dão ao homem deleite e virtude, isto é, quais coisas o homem deve fazer e quais não, e mostra a razão por quê; e isto pertence à segunda e à terceira partes de filosofia, isto é, à prática e à lógica. 4. A terceira parte do tesouro é de fino ouro; isto quer dizer que ela ensina o homem a falar segundo a doutrina de retórica, e como o senhor deve governar as gentes que estão sob ele, especialmente segundo os usos dos italianos; e tudo isto pertence à segunda ciência de filosofia, isto é, à prática. Pois assim como o ouro supera todas as espécies de metais,⁸⁹ outrossim a ciência de bem falar e de governar gentes é mais nobre que todas as artes do mundo. E porque o tesouro que aqui está não deve ser dado senão a um homem que seja suficiente a tão alta riqueza, entrega-lo-ei a ti, bem doce amigo, pois tu és bem digno dele segundo o meu juízo. 5. E se não digo que este livro é extraído de meu pobre sentido, nem de minha nua ciência, mas é assim como um favo de mel colhido de diversas flores; pois este livro é uma compilação⁹⁰ somente dos maravilhosos ditos dos autores⁹¹ que

⁸⁷ *Briefment.*

⁸⁸ *Adrecier* significa, em francês atual, *dresser; redresser; faire droit à; se diriger vers* (Grandsaignes d'Hauterive). Procurou-se uma palavra que desse conta do sentido de “negociar” e do de “dirigir-se a”. Na tradução da edição de Beltrami, o trecho ficou: *E così come senza denaro no ci sarebbe alcuna mediazione fra le opere degli uomini, **che** regolasse gli uni nei confronti degli altri, similmente nessuno può conoscere pienamente le altre cose se non conosce questa prima parte del libro* (Squillacioti, p. 5; grifo nosso).

⁸⁹ *Toutes manieres de metals; tutte le specie di metalli* (Squillacioti, p. 5).

⁹⁰ *Car cest livres iert conpilez [...]*.

⁹¹ *Actors.*

antes do nosso tempo trataram de filosofia, cada qual segundo a parte que sabia; pois nenhum homem terreno pode sabê-la toda, porque filosofia é a raiz de onde crescem todas as ciências que o homem pode saber, outrossim como uma fonte de onde muitos regatos saem que correm aqui e ali, assim que uns bebem de um e os outros do outro; mas é diversamente, pois uns bebem mais e outros menos, sem estancar a fonte. 6. Por isso diz Boécio, no livro de sua Consolação, que ele a viu com semblante de dama, em tal hábito e em tal maravilhosa potência que ela crescia quanto lhe aprazia, tanto que sua cabeça subia sobre as estrelas e atingia o céu, e via a montante e a jusante segundo direito e segundo verdade. Nisto começa o meu discurso,⁹² pois a um bom começo segue um bom fim. E nosso imperador⁹³ diz, no livro de Lei, que o começo é grande parte da coisa. 7. E se alguém perguntasse por que este livro é escrito em românico, segundo o patoá⁹⁴ da França, pois que somos italianos, eu diria que é por duas razões: uma é que estamos na França, a outra porque a fala é mais deleitável e mais comum a todas as linguagens.⁹⁵

2. De filosofia e de suas partes

1. Filosofia é a verdadeira busca das coisas naturais e das divinas e das humanas, tanto quanto ao homem é possível entender; de onde advém que aqueles que estudaram para inquirir e saber a verdade dessas três coisas que são ditas em filosofia, isto é, a divindade e as coisas da natureza e as coisas humanas, foram filhos diretos de filosofia, e por isso foram chamados filósofos. 2. E foi verdade que no começo do século, quando as gentes, que soíam viver a lei das bestas, conheceram primeiramente a dignidade da razão e do conhecimento que Deus lhes havia dado, e elas quiseram saber a verdade das coisas que estão em filosofia, elas buscaram em três questões; uma foi de saber a natureza de todas as coisas celestiais e terrenas, a segunda e a terceira são das coisas humanas. Cujas segunda é saber quais coisas se devem fazer e quais não, a terceira é saber razão e prova por que se devem fazer umas e as outras não.⁹⁶ 3. E depois que essas três questões foram tratadas e ventiladas longamente entre os outros sábios clérigos e entre os filósofos, eles

⁹² *Conte*. Esta palavra será traduzida sempre por “discurso”. Se aqui significa o texto de Brunetto, adiante significará o discurso composto segundo as regras de retórica ou, ainda, a narração. A vantagem de manter uma só palavra, como faz o autor, é ressaltar que as regras de composição de discursos se aplicam ao próprio discurso que as enuncia. Os tradutores da edição de Beltrami preferiram distinguir entre *trattato*, quando o termo refere-se ao próprio *Tesouro*, e *discorso*, quando se refere a outro discurso. East, varia segundo o caso, traduzindo por *discussion*, *discourse* e *account*, por exemplo. Etimologicamente, a palavra está ligada ao verbo “*computare*”, no sentido de enumerar os detalhes de um acontecimento, narrar, relatar (Houaiss).

⁹³ Carmody indica que poderia se tratar de Justiniano (Carmody, 1948, p. 434).

⁹⁴ *Patois*. Em Chabaille, *langage* (p. 3).

⁹⁵ *Languaiges*. Em Chabaille, *gens* (p. 3).

⁹⁶ Em Chabaille, a divisão entre a segunda e a terceira parte é diferente: *Dont la premiere est de savoir queles chose on doit faire et queles non, la seconde et la tierce est de savoir raison et prueve por quoi l'on doit les unes faire et les autres non* (Chabaille, p. 4).

encontraram em sua mãe filosofia seus três principais membros, isto é, três maneiras de ciências, para ensinar e provar a verdadeira razão das três questões que divisei acima.

3. *Como a natureza de todas as coisas está dividida em três maneiras segundo teórica*

1. Cujas primeira, teórica, é a própria ciência que nos ensina a primeira questão, de saber e conhecer as naturezas de todas as coisas celestiais e terrenas. Mas porque essas naturezas são várias e diversas, já que outra natureza é das coisas que não têm corpo e não convivem com as coisas corpóreas, outra natureza é das coisas que têm corpo e convivem com as coisas corpóreas, e uma outra natureza é das coisas que não têm corpo e estão em torno das coisas corpóreas: por isso foi coisa bem razoável que essa ciência de teórica fizesse de seu corpo três outras ciências, para demonstrar as três diversas naturezas que divisei. E essas ciências são chamadas por nome de teologia, física e matemática. 2. A primeira e a mais alta das três ciências que são extraídas de teórica é teologia, que ultrapassa o céu e nos mostra a natureza das coisas que não têm corpo e não convivem com as coisas corpóreas, de tal maneira que por ela conhecemos Deus o todo potente; por ela cremos na santa Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo em uma só substância, não em uma só pessoa;⁹⁷ por ela temos a fé católica e a lei da santa Igreja, e abreviadamente ela nos ensina tudo o que à divindade pertence. 3. A segunda é física, pela qual sabemos a natureza das coisas que têm corpo e convivem com as coisas corpóreas, isto é, dos homens e das bestas, dos pássaros, dos peixes, das plantas e das pedras e das outras coisas corpóreas que estão entre nós. 4. A terceira é matemática, pela qual nós sabemos as naturezas das coisas que não têm nenhum corpo e estão em torno das coisas corpóreas, e essas coisas são de quatro maneiras diversas e, por isso,⁹⁸ são quatro ciências no corpo de matemática, e são chamadas por reto nome aritmética, música, geometria e astronomia. 5. A primeira destas quatro ciências é aritmética, que nos ensina a contar e a numerar e a juntar uma conta à outra, e a multiplicar uma pela outra, e umas tirar das outras e partir e dividir em diversas partes; e nisso estão os ensinamentos do ábaco e do algoritmo. 6. A segunda é música, que nos ensina a fazer vozes e sons, em canto e em cítaras e em órgãos,⁹⁹ e em outros instrumentos acordáveis uns aos outros para deleite das gentes, ou na igreja para o serviço de Nosso Senhor. 7. A terceira é geometria, pela qual sabemos as medidas e as proporções das coisas na longura e na largura e na altura, é a ciência pela qual os antigos¹⁰⁰ sábios se esforçaram com a sutileza de

⁹⁷ O texto de Chabaille é diferente nesta parte: [...] *la sainte Trinité dou Pere et dou Fil et dou Saint Esperit en une seule persone*; [...] (p. 6).

⁹⁸ Este trecho (“e essas coisas... e por isso são”) não consta do texto de Chabaille (p. 6).

⁹⁹ *Orgues*. Órgão, do grego *organum*, que significava instrumento musical (Houaiss), mas não o instrumento musical que hoje chamamos de órgão. Segundo Grandsaignes d'Hauterive, significa uma forma primitiva do órgão.

¹⁰⁰ O texto de Chabaille diz *li .vij. sage* (p. 7).

geometria para encontrar a grandeza do céu e da terra, e a altura entre um e outro, e muitas outras proporções que fazem se maravilhar. 8. A quarta ciência é astronomia, que nos ensina todo o ordenamento do céu e do firmamento e das estrelas, e o curso dos sete planetas pelo seu zodíaco, isto é, pelos doze signos, e como se move o tempo no calor ou no frio ou na chuva ou no seco ou no vento, por razão que está estabelecida nas estrelas.

4. Das coisas que se devem fazer e quais não, segundo prática

1. Prática é a segunda ciência de filosofia, que nos ensina o que se deve fazer e o que não. E, para dizer a verdade, isto pode ser de três maneiras; pois uma maneira é fazer algumas coisas e esquivar outras para governar a si mesmo, outra maneira é para governar sua família¹⁰¹ e sua casa e seus haveres e sua herança, e uma outra maneira é para governar gentes ou um reino ou um povo ou uma cidade, na paz e na guerra. 2. Mas, pois que os antigos sábios conheceram estas três diversidades, conveio que encontrassem em prática três maneiras de ciências para tratar¹⁰² as três maneiras de governar a si e ao outro, e estas são ética, econômica, política. 3. A primeira destas três ciências é ética, que nos ensina a governar a nós primeiramente, a seguir vida honesta, e a fazer obras virtuosas, e a se guardar dos vícios; pois ninguém poderia viver no mundo nem bem nem honestamente, nem trazer proveito para si nem para os outros se não governasse sua vida e conduzisse¹⁰³ seus costumes segundo as virtudes. 4. A segunda é econômica, que nos ensina a governar nossas gentes e nossos filhos mesmo, e nos ensina a guardar e a crescer nossas possessões e nossas heranças, e a ter móveis e cabedal para despender e para reter, conforme lugar e tempo mudem. 5. A terceira é política, e sem falha é a mais alta ciência e do mais nobre ofício que há entre os homens, pois ela nos ensina a governar as gentes estrangeiras de um reino e de uma cidade, um povo e uma comuna em tempos de paz e de guerra, segundo razão e segundo justiça. 6. E assim nos ensina todas as artes e todos os ofícios que à vida do homem são necessários; isto é de duas maneiras, pois uma é por obra e a outra por palavra: na que é por obra são os ofícios em que se obra sempre com as mãos e os pés, são ourives, tecelões, sapateiro, e os outros ofícios que são necessários à vida dos homens, e são chamados mecânicos. Na que é por palavra são aqueles em que se obra com sua boca e com sua língua, e são de três maneiras, sobre as quais são estabelecidas três ciências: gramática, dialética, retórica. 7. Cuja primeira é gramática, que é fundamento e porta e entrada das outras ciências; que nos ensina a falar e a escrever e a ler direito, sem vício de

¹⁰¹ *mesnee*, segundo os tradutores da edição de Beltrami, significa a “gente da casa”, em um sentido próximo ao de “família” em latim, ou seja, os servos, os clientes, os filhos etc. (Beltrami, p. 11 e 635, notas).

¹⁰² Sobre *adrescier*, ver nota 2.

¹⁰³ *Adreçoit* é traduzido por Squillacioti como “regular” (p. 13).

barbarismo e de solecismo. 8. A segunda é dialética, que nos ensina a provar nossos ditos e nossas palavras por razão, e por tais argumentos que dão fê às palavras que dissemos, de maneira que pareçam verdadeiras e prováveis de serem verdadeiras. 9. A terceira ciência é retórica, esta nobre ciência que nos ensina a achar e a ordenar e a dizer palavras boas e belas e plenas de sentenças, segundo o que a matéria requer. É a mãe¹⁰⁴ dos oradores,¹⁰⁵ é o ensinamento dos ditadores,¹⁰⁶ é a ciência que instruiu¹⁰⁷ o mundo primeiramente a fazer bem, e que ainda o instrui pela pregação dos homens santos, pelas divinas Escrituras e pela lei que governa as gentes com direito e com justiça. É a ciência da qual Túlio diz¹⁰⁸ em seu livro que conquistou altíssima coisa aquele que supera os homens naquilo em que os homens superam todos os outros animais, isto é, a fala. 10. Por isso deveria cada um penar para sabê-la, se sua natureza o sofrer e o ajudar, pois sem natureza e sem ensinamento ninguém pode conquistá-la. E, para dizer a verdade, dela temos necessidade em todas as tarefas de todos os dias, e muitas coisas grandes e pequenas podemos fazer apenas bem dizendo o que convém, que não poderíamos fazer por força de armas ou outro engenho.¹⁰⁹

5. *Aqui diz por que se devem fazer umas coisas e as outras não, segundo lógica*

1. Lógica é a terceira ciência de filosofia, aquela propriamente que ensina a provar e a mostrar razão por que se devem umas coisas fazer e as outras não. E essa razão nenhum homem pode bem mostrar senão por palavras, então, lógica é ciência pela qual se pode provar e dizer razão por que e como o que dizemos é tão verdadeiro como avançamos; e isto é de três maneiras, e assim são três ciências: dialética, fidica¹¹⁰ e sofística. 2. Cujas primeira é dialética, e ensina a contestar e a

¹⁰⁴ Em Chabaille, no lugar de *mere*, a palavra é *lumiere* (Chabaille, p. 9).

¹⁰⁵ *Parliers*. Traduziu-se por “orador” para manter a consonância com o sufixo de “ditador”, o que pareceu preferível a manter o radical “fala”, com as palavras “falante” ou “falador”. Nisso, se seguiu as traduções de Vatteroni (*oratore*) e East (*orator*).

¹⁰⁶ *Diteor*. A palavra vem das expressões *ars dictaminis* e *artes dictandi* que designam, respectivamente, a arte e os tratados sobre a composição de cartas e outros documentos em prosa. As regras, enquanto regras de arte autônoma, surgem no século XII (Tin, 2005, p. 32). No Grandsaignes d'Hauterive, *ditier* é definido como “escrever, compor uma obra, ou ensinar”. Entretanto, *ditëor* está definido como “autor”, o que não significa necessariamente aquele que escreve. Beltrami também define *dittare* como escrever cartas e traduz *diteors* por *dittatori* (p. 13). Renato Janine Ribeiro, na tradução de Skinner (1999), utiliza o termo *dictatores*. Em português do século XV, usa-se a palavra “ditador” com o sentido de escritor, de orador, ou de retor. Ver *Livro dos Ofícios*, de Marco Tullio Ciceram, traduzido por Infante D. Pedro (1948, p. IX e 221). Aqui, ditador é aquele que escreve conforme as regras da arte.

¹⁰⁷ *Adreça*, no sentido de “amestrar”; por isso, a tradução por instruir. Squillaciotti traduziu por *indirizzare*, isto é, “dirigir” (p. 13).

¹⁰⁸ *De inv.* I, 4, 5.

¹⁰⁹ *Enging*: em francês moderno, a palavra *engin* perdeu o sentido de “capacidade de criar, realizar, produzir com arte, habilidade, sensibilidade; engenhosidade, criatividade, inventiva, talento” (Houaiss), significando apenas máquina, engenhoca. Para aquele primeiro sentido, hoje geralmente se usa *esprit*.

¹¹⁰ *Fidique* é uma palavra de ocorrência rara, para a qual não se encontrou definição certa. Segundo Beltrami, na *Rettorica*, a lógica é dividida em *dialettica*, *efidica* e *sofistica*. Para este autor, *fidique* e *efidica* derivam de “apodítico” (necessário, em lógica. Ver Lalande, 2006, p. 68), com influência também da palavra “epidictico”. Entretanto, diz, a definição de nenhuma dessas palavras se enquadra corretamente (Beltrami, 2007, p. 6).

combater e a disputar uns contra os outros, e a fazer perguntas e defesas. 3. A segunda é fidica, que ensina a provar que as palavras que se disse são verdadeiras, e que a coisa é assim como se diz por reta razão e por argumentos verdadeiros. 4. A terceira ciência de lógica é sofística, que ensina a provar que as palavras que se dizem são verdadeiras; mas isto ela prova por mau engenho e por falsas razões e por sofismas, isto é, por argumentos que têm semelhança e cobertura de verdade, mas não há nada senão falsidade. 5. Até aqui o discurso divisou bastante abreviada e abertamente o que é filosofia, e todas as ciências que se pode saber, das quais filosofia é mãe e fonte. De agora em diante se quer voltar-se para sua matéria, isto é, para teórica, que é a primeira parte de filosofia, para demonstrar um pouco da natureza das coisas do céu;¹¹¹ mas isto será o mais abreviadamente que o mestre poderá.

6. Como Deus fez todas as coisas no começo (começa a matéria de teórica)

¹¹¹ Em Chabaille, Brunetto anuncia que demonstrará a natureza das coisas do céu e da terra (*dou ciel et de la terre*; Chabaille, p. 11). Não parece estar faltando nada ao texto de Beltrami, já que o tratado começa com a criação das coisas do céu. Depois é que parte para as coisas terrenas.

LIVRO III

1. Aqui começa retórica, isto é, o livro de boa fala que ensina a bem falar

1. Depois de o mestre Brunetto Latini ter concluído a segunda parte de seu livro, na qual demonstra bastante bem como o homem deve ser em moralidade, e como deve viver honestamente e governar a si e sua família¹¹² e suas coisas, segundo a ciência de ética e de econômica de que fez menção ali, onde divisou os membros da filosofia, e de ter dito que coisa rompe a lei e gasta a cidade, pareceu-lhe que tudo isto seria obra interrompida se ele não dissesse nada da terceira ciência, isto é, a política, que ensina como se deve governar a cidade, pois cidade não é outra coisa senão umas gentes reunidas para viverem sob uma lei e um governante. 2. Túlio diz¹¹³ que a mais alta ciência de governar cidade é a retórica, isto é, a ciência do falar, pois se não fosse a fala, não haveria a cidade, nem nenhum estabelecimento de justiça nem de companhia humana.¹¹⁴ E embora a fala seja dada a todos os homens, Catão diz que sapiência é dada a poucos. E por isso digo que as falas são de quatro maneiras: pois alguns são munidos de grande sentido e de boa fala, e são a flor do mundo; os outros são esvaziados de sentido e de boa fala, e são o grandíssimo dano; os outros são esvaziados de sentido, mas são demasiado bem falantes, e são grandíssimo perigo; os outros são cheios de sentido, mas se calam pela pobreza de sua fala, e estes requerem ajuda. E por esta diversidade, os sábios contenderam acerca dessa ciência, se ela é por natureza ou se é por arte. 3. E, para dizer a verdade, antes que a torre de Babel fosse feita, todos os homens tinham uma mesma fala naturalmente, o hebreu; mas depois que a diversidade das línguas¹¹⁵ veio aos homens, acima das outras houve três sagradas: hebreu, grego e latim. E vemos que, por natureza, aqueles que habitam o Oriente falam pela garganta, como os hebreus fazem; os outros que ficam no meio da terra falam pelo palato, como os gregos; e aqueles que habitam as partes do Ocidente falam pelos dentes, como fazem os italianos. 4. E embora essa ciência não consista somente em falar, mas em falar bem, não obstante, Platão diz que ela é por natureza, não por arte, porque encontram-se muitos bons falantes naturalmente, sem nenhum ensinamento. Aristóteles diz que é arte, mas má, porque pela fala sucedeu aos homens mais mal do que bem. 5. Túlio concorda¹¹⁶ que a simples fala é por natureza, mas na boa fala convêm três coisas: natureza, uso e arte, pois uso e arte são plenos de grandes ensinamentos, e ensinamento não é outra coisa senão sapiência, 6. e sapiência é compreender as

¹¹² *Maisnie*; ver nota acima sobre *mesnee*.

¹¹³ *De inv.*, I, 5, 6.

¹¹⁴ *Humane compaignie*.

¹¹⁵ *Langues*. Em Chabaille, *langages* (p. 468).

¹¹⁶ *De inv.*, I, 4, 5.

coisas segundo o que são: por isso é chamada mediadora¹¹⁷ das coisas, pois as provê todas diante de si, e lhes dá certo fim e certa medida. E onde a sapiência está junto da fala, quem dirá que disto pode nascer senão o bem? 7. Túlio diz¹¹⁸ que no começo os homens viviam pela lei das bestas, sem casa própria e sem conhecimento de Deus, em meio aos bosques e refúgios campestres, tanto que ninguém observava o casamento, ninguém conhecia pai nem filho, então houve um sábio homem bem falante, que tanto aconselhou os outros e tanto lhes mostrou a grandeza do homem e a dignidade da razão e da discrição que os retirou de sua selvageria, e moveu-os¹¹⁹ a habitar em um lugar, e a guardar razão e justiça. E, assim, pela boa fala, que nele estava acompanhada do sentido, esse homem também foi como um segundo Deus, que instaurou o mundo pela ordem da companhia humana. 8. E assim nos conta a história de Anfíão, que fez a cidade de Atenas; ele fazia vir as pedras e a madeira com a doçura de seu canto, quer dizer que, por suas boas palavras, retirou os homens das rochas selvagens que habitavam e levou-os à comum habitação naquela cidade. 9. E, por outro lado, Túlio concorda¹²⁰ com o que Aristóteles diz sobre a fala, que é má arte; mas se a fala é sem sapiência, quando um homem tem boa língua por fora e nenhum conselho por dentro, sua fala é feramente perigosa para a cidade e para os amigos. 10. Ora está portanto provado que a ciência de retórica não é de modo algum adquirida por natureza ou por uso, mas por ensinamento e por arte; por isso digo que cada um deve empenhar seu engenho em sabê-la, 11. pois Túlio diz¹²¹ que o homem, que em muitas coisas é menor e mais fraco do que os outros animais, supera-os nessa coisa que é poder falar: portanto, aparece manifestamente que adquire coisa muito nobre aquele que supera os homens naquilo em que o homem supera as bestas. 12. Não obstante, diz o provérbio que alimento supera natureza: pois segundo o que encontramos na primeira e na segunda partes deste livro, a alma de todos os homens é boa naturalmente, mas ela muda sua natureza pela malignidade do corpo em que está encerrada, outrossim como o vinho, que piora pela malignidade do vaso. E quando o corpo é de boa natureza, ele exorta sua alma, e ajuda sua bondade; então lhe valem e arte e uso. Pois arte lhe ensina os mandamentos que a isto convêm, e uso o faz preste e aberto e amolado para a obra. 13. E por isto quer o mestre lembrar a seu amigo as regras e o ensinamento da arte de retórica, que muito ajudarão na sutileza que nele está por sua boa natureza. Mas antes disso ele dirá o que é retórica, sob o que está, e depois seu ofício e seu fim e sua natureza, e suas partes. Pois

¹¹⁷ *Amoieneresse*. De *amoiennar*, que significa *négociar, régler* (Grandsaignes d'Hauterive). Em Vatteroni, *mediatrice* (p. 637). Em East, *governess* (p. 108). Em Chabaille, a palavra é *amoneresce* (p. 468).

¹¹⁸ *De inv.*, I, 2, 2.

¹¹⁹ *Combra*. Segundo Grandsaignes d'Hauterive, *combrer* é como *couvrir*, que significa *saisir, empoigner*. Portanto, pode querer dizer, no sentido figurado, “comover, convencer”. Em Vatteroni, *costrinse* (p. 637). Em East, *encouraged* (p. 108).

¹²⁰ No *De inventione*, Cícero não cita Aristóteles sobre esse ponto específico, mas sobre a eloquência sem sabedoria, diz em *De inv.*, I, 1, 1 e I, 2, 3.

¹²¹ *De inv.*, I, 4, 5.

quem bem sabe isto entende melhor o complemento dessa arte.

2. *Aqui diz sobre retórica, o que é, seu ofício e seu fim*

1. Retórica é uma ciência que nos ensina muito plena e perfeitamente a dizer as coisas comuns e as privadas; e toda a sua intenção é dizer palavras de tal maneira que faça aqueles que as ouvem crer em nossos ditos. 2. E sabei que retórica está sob a ciência de governar cidade, segundo o que diz Aristóteles em seu livro que está transladado cá atrás em romance,¹²² outrossim como a arte de fazer freios e selas está sob a arte de cavalaria. 3. O ofício desta arte, segundo o que Túlio diz,¹²³ é falar pensadamente para fazer com que creiam no que se disse. Entre o ofício e o fim há uma diferença tal que no ofício o orador considera o que convém a seu fim, isto é, que ele fala de tal maneira que se creia nele, e no fim considera o que convém a seu ofício, isto é, fazer crer por sua fala. 4. Razão por que: o ofício do físico é fazer curas¹²⁴ e medicamentos pensadamente para sanar, e seu fim é sanar com seus medicamentos; e, abreviadamente, o ofício da retórica é falar pensadamente segundo os ensinamentos da arte, e o fim é a coisa por que se fala. 5. A matéria da retórica é aquilo sobre o que o orador diz, outrossim como os doentes¹²⁵ são a matéria do físico. Donde Górgias diz que todas as coisas sobre as quais é conveniente dizer são matéria dessa arte. 6. Hermágoras diz que essa matéria é de causas e questões, e dizia que causas são aquilo sobre o que os oradores estão em contenda¹²⁶ quanto à determinada gente ou outras coisas determinadas; e isto ele não dizia mal. Mas dizia que questão era aquilo sobre o que os oradores estão em contenda sem nomear determinada gente ou outras coisas que pertençam às necessidades determinadas, assim como a grandeza do sol ou a forma do firmamento: isto ele dizia mal demais, pois tal coisa não convém ao governo da cidade, antes pertence aos filósofos que estudam em profundo retiro.¹²⁷ 7. Por isso estão enganados aqueles que cuidam que contar fábulas ou antigas histórias ou tudo quanto

¹²² Referência ao capítulo três do livro segundo do *Tesouro*, que trata de ética (*Tres.*, II.3).

¹²³ *De inv.*, I, 5, 6.

¹²⁴ *Cures*. Em Chabaille, *oeuvres* (p. 471).

¹²⁵ *Malades*. Vatteroni traduz por *malati* (p. 641). Entretanto, em Chabaille - e em Carmody (East, op. cit., p. 110) -, trata-se de *maladies* (p. 471).

¹²⁶ *Contens* significa disputa, debate, luta, esforço, pressa, emulação (Grandsaignes d'Hauterive). Na tradução de Vatteroni (p. 641), ele utilizou *controversie* e o verbo *contendere* ("contender", em português). Cícero emprega a palavra *controversiam* (*De inv.*, I, 6, 8).

¹²⁷ *En parfonde clergie*. Em Chabaille, *en trop parfonde clergie* (p. 471). No trecho correspondente do *De inventione*, Cícero mostra o que Górgias, Aristóteles e Hermágoras consideram ser matéria do orador. Cícero discorda deste último quanto à inclusão na retórica das questões gerais, como "Há algum bem afora a honra?", "Qual é o formato da terra?", "Qual o tamanho do sol?", pois afirma que todos podem entender que estas questões são muito distantes do orador, parecendo grande loucura atribuir ao orador, como se fossem pouca coisa, temas que tanto trabalho consumiram do sumo engenho dos filósofos (*De inv.*, I, 6, 8). O texto do *Tesouro* segue Cícero e ainda exclui da retórica as fábulas e antigas histórias (*Tres.*, III.2.6-7). Chama-se a atenção para a correspondência entre os assuntos civis e a matéria da retórica.

se possa dizer é matéria da retórica: mas aquilo que se diz por boca, ou que se manda pensadamente por suas cartas, para fazer crer ou por contenda para louvar ou vituperar, ou ter conselho sobre alguma carência, ou coisa que requeira juízo, tudo isso é matéria de retórica. 8. Mas tudo o que não se diz artificialmente, isto é, por nobres palavras graves e plenas de boas sentenças, ou por algumas das coisas ditas acima, está fora dessa ciência e longe de suas regras. Por isso diz Aristóteles¹²⁸ que a matéria dessa arte é sobre três coisas somente, isto é, demonstração, conselho e juízo. 9. Com isto mesmo concorda Túlio,¹²⁹ e diz que demonstração é quando os oradores louvam ou vituperam um homem ou outra coisa em geral¹³⁰ ou em particular. Razão por que: “Eu louvo muito a beleza das mulheres”, um diz; “E eu a vitupero”, diz o outro; e isto é dito em geral. Mas, em particular, um diz: “Júlio César foi muito prudente e muito valente”; o outro diz: “Não foi, mas sim traidor e desleal”. E esta questão não tem lugar senão sobre coisas passadas e presentes, pois quanto ao que está por vir ninguém pode ser vituperado ou prezado. 10. Conselho é quando os oradores aconselham sobre alguma coisa que lhes é proposta, ou em geral ou em particular, para mostrar quais são proveitosas e quais não. Razão por que: diz um dos cardeais de Roma, em geral: “É coisa proveitosa manter a paz entre cristãos”; “Não é”, diz o outro. Mas em particular, um diz: “É coisa proveitosa a paz entre o rei de França e o rei de Inglaterra”; “Não é”, diz o outro. E esta questão não tem lugar senão sobre coisas futuras. E quando cada um houver dado seu conselho, fica-se com aquele que mostra razão mais firme e mais crível. 11. Juízo está em acusar e em defender, ou em demandar, ou em recusar, para mostrar a respeito do homem ou de outra coisa, em geral ou em particular, que é justa ou não. Razão por que: “Eu digo, em geral”, um diz, “que todos os ladrões devem ser enforcados”; o outro diz: “Não devem”. Ou um diz: “Aquele que governa bem a cidade deve ter grande recompensa”; o outro diz: “Não deve”. Mas, em particular, um diz: “Eu digo que se deve enforcar Golias¹³¹ porque é ladrão consumado”;¹³² “Não é”, diz outro. Ou: “Peço recompensa pelo que fiz em proveito do comum”; “Não fez”, diz o outro, ou porventura responde: “Tu mereceste pena”.¹³³ E esta questão não tem lugar senão sobre coisas passadas, pois ninguém deve ser condenado ou recompensado senão por coisas passadas¹³⁴ que já fez. Mas sobre isto se cala agora o discurso para divisar as partes

¹²⁸ Aristóteles citado por Cícero em *De inv.*, I, 5, 7.

¹²⁹ *De inv.*, I, 5, 7.

¹³⁰ Cícero define a demonstração como o elogio ou vitupério de uma determinada pessoa, e não o elogio ou vitupério de uma pessoa em geral ou em particular (*De inv.*, I, 5, 7). Em *De inventione*, os três gêneros de discurso, demonstrativo, deliberativo e judiciário, dizem respeito às causas específicas (*causam*) e, portanto, envolvem somente pessoas determinadas. As questões gerais, que não dizem respeito a pessoas determinadas, não são matéria de retórica (*Ibid.*, loc. cit.). No *Tesouro*, diferentemente, apresentam-se exemplos de questões específicas e gerais para cada gênero de discurso.

¹³¹ Segundo o glossário de Carmody, trata-se de uma pessoa indeterminada. Na *Rettorica*, o nome utilizado foi “Guido” (Carmody, 1948, p. 437). Vatteroni traduz por “Golia”, sem mais explicação (p. 643).

¹³² *Leerres atains*. No glossário de Carmody, *ataint* significa *prouvé* (Carmody, 1948, p. 426). Na tradução de Vatteroni, *perché è ladro provato* (p. 643).

¹³³ *Peine*, no sentido de castigo e não de compaixão.

¹³⁴ O trecho “pois ninguém ... por coisas passadas” não está na edição de Chabaille (p. 472).

da retórica.

3. *Aqui divisa as partes da retórica*

1. Nesta ciência, Túlio diz¹³⁵ que há cinco partes, que são achamento, ordem, elocução, memória e pronúnciação. Boécio diz que estas cinco coisas são tanto da substância do falar que, se alguma delas faltar, ele não estará completo, outrossim como a fundação e as paredes e o teto são partes de uma casa, sem o que ela não é casa inteira. 2. Achamento é um pensamento para achar coisas verdadeiras ou verossímeis, e provar sua matéria. É a fundação e a firmeza¹³⁶ de toda essa ciência que, antes que se diga ou se escreva palavra, devem se encontrar suas razões e seus argumentos e se provar seus ditos para torná-los críveis àqueles a quem se fala. 3. Ordem é estabelecer seus ditos e argumentos que se achou cada um em seu lugar, segundo o que possa valer mais, isto é, que antes de tudo devem se colocar as boas razões, e no meio as fracas, mas no fim devem se colocar os argumentos muito fortes nos quais mais se fia, e que seu adversário não possa contestar. 4. Elocução é o torneio das palavras e das sentenças convenientes com o que se achou, pois achar e pensar valeriam pouco sem as palavras concordantes com sua matéria: pois as palavras devem servir à matéria, não a matéria às palavras. Pois umas belas palavras e uma similitude, ou um exemplo que seja semelhante à matéria confirmam todos os ditos, e os fazem belos e críveis. Por isso deve o orador, quando trata de batalha ou de guerra,¹³⁷ dizer palavras de guerra e de vitória e, na dor, palavras de aflição e, no júbilo, palavras de alegria. 5. Memória é lembrar-se firmemente do que se pensou e pôs em ordem, pois tudo seria como nada se não nos lembrássemos quando chega a hora de falar. Entretanto, que ninguém cuide que seja a memória natural, que é uma virtude da alma que se lembra do que aprendemos por algum sentido do corpo; antes é memória artificial, que se adquire por ensinamento dos sábios para reter o que se pensa e se aprende. 6. Pronúnciação é dizer o que se achou e se estabeleceu em seu pensamento de maneira conveniente ao corpo, à voz e ao vulto¹³⁸ segundo a dignidade das coisas e das palavras. E, para dizer a verdade, quando o orador disser seu discurso, deve considerar sua matéria e seu ser, pois de maneira diferente deve manter seus membros e seu rosto¹³⁹ e seu olhar em dor e em alegria, e de maneira diferente na guerra e na

¹³⁵ *De inv.*, I, 7, 9: *inventio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio*. No *Tesouro*: *trovemenz, ordre, paroles, memoires et parleures*. Tentou-se traduzir por palavras próximas às escolhidas por Brunetto. Entretanto, para *paroles* e *parleures* não foram encontrados no português termos que permitissem distinguir essas duas partes da retórica dos termos “palavra” e “fala”, que são empregados o tempo todo no livro terceiro.

¹³⁶ *Fermeté*. Em Vatteroni, *base* (p. 643). Em East, *essential part* (p. 113).

¹³⁷ Em Chabaille, o texto diz *ost ou de fuerre*, ou seja, de “hoste ou de espada”. Na edição de Beltrami, o texto é diferente: *quant il traite de estrif ou de guerre*, ou seja, “de batalha ou de guerra” (p. 644).

¹³⁸ *Mours* (Beltrami, p. 644). Em Beltrami, *atteggiamento* (Beltrami, p. 645). Em East, *movement* (East, p. 113).

¹³⁹ *Chiere* (Beltrami, p. 644). Segundo Grandsaignes d'Hauterive, significa “rosto”.

paz, e de maneira diferente em um lugar e no outro. Por isso cada um deve evitar levantar suas mãos, seus olhos ou sua frente de maneira que seja repreensível. E sobre esta matéria vale a doutrina que está ali atrás no livro de vícios e de virtudes, no capítulo de guarda.

4. *Aqui divisa as duas maneiras de falar, ou por boca ou por cartas*¹⁴⁰

1. Ora diz o mestre que a ciência de retórica é de duas maneiras, uma que é dizendo por boca, e outra que se manda por cartas; mas os ensinamentos são comuns, pois não pode importar que se diga um discurso ou que se o mande por cartas. Mas tanto uma quanto a outra maneira podem diferir, isto é, ser por contenda e sem contenda. E o que é dito ou escrito sem contenda não pertence à retórica, segundo o que Aristóteles e Túlio dizem¹⁴¹ abertamente. Mas Górgias diz¹⁴² que tudo o que os oradores dizem pertence à retórica. O próprio Boécio concorda que qualquer coisa que convenha ser dita pode ser matéria do ditador. 2. E a quem quiser considerar a sutileza desta arte convirá que a primeira sentença seja a de maior peso. Pois quem quer que diga por boca ou envie cartas a algum homem ou o faz para mover a coragem¹⁴³ deste para fazê-lo crer e querer aquilo que diz, ou não; e se não o faz por isso, digo sem falha que seus ditos não pertencem aos ensinamentos de retórica, antes é a fala comum dos homens, que é sem arte e sem mestria, e que isto fique longe de nós, e remanesça à necedade das mulheres e do povinho, pois estes não têm o que fazer com as coisas civis. 3. Mas se o faz artificialmente para mover o coração daquele com quem fala ou a quem escreve por suas cartas, convém que seja rogando, ou demandando alguma coisa, ou para aconselhar, ou para ameaçar, ou para exortar, ou para comandar, ou para outras coisas semelhantes. E sabe-se bem que aquele a quem se enviam cartas tem suas defesas contra aquilo que se lhe escreve; e por isso o sábio ditador confirma suas cartas com belas e com boas razões e com fortes argumentos, que ajudam no que ele quer, como se estivesse em contenda diante dele. E tais cartas pertencem à retórica, assim como a canção em que um amante fala ao outro, como se estivesse diante dele em contenda. 4. E por isso podemos entender que a contenda pode ser de duas maneiras, ou aberta, quando se se defende de outro por boca,¹⁴⁴ ou não aberta, quando um manda

¹⁴⁰ Em Chabaille, o título do capítulo diz ainda *et sor quels choses* (Chabaille, p. 474).

¹⁴¹ Cícero não cita Aristóteles expressamente a respeito da contenda (*controversiam*), mas diz sobre isto em *De inv.*, I, 8, 10.

¹⁴² *De inv.*, I, 5, 7.

¹⁴³ *Corrage*. No glossário de Carmody, *animus, mens* (Carmody, 1948, p. 431). Vatteroni traduz por *animo* (p. 647). No livro primeiro do *Tesouro*, são definidas as partes da alma, dentre as quais está a coragem: *Et l'arme a mainz offices, et par chascun office est apelee par tel non com a cel office covient; car en ce que ele done vie au cors de l'ome est apelee arme, et en ce qu'ele a volenté d'aucune chose est ele apelee corraige, et en ce que ele juge droitement est ele apelee raison, et en ce qu'elle espire, est ele apelle esperit et en ce que ele sent est apelee sens, mes en ce que ele a sapience est apelee entendement.* (Tres., I.15.2) (grifo meu). Optou-se por manter a palavra coragem, ressaltando sua definição como uma das partes da alma.

¹⁴⁴ Em Chabaille, a contenda aberta pode ser por boca ou por carta: *ou en apert, quant on se deffent de autr de bouche*

cartas guarneçadas de bons argumentos contra a defesa que cuida que o outro tenha. E todas as contendas pertencem à retórica, especialmente se forem sobre as coisas civis e sobre as carências¹⁴⁵ dos príncipes da terra e das outras gentes, e não sobre fábulas, nem sobre movimentos do mar, nem sobre o compasso da terra, nem sobre o curso das estrelas, pois em tais contendas não se intromete esta ciência.¹⁴⁶

5. *Aqui divisa a contenda que nasce por palavras escritas*

1. Por isso aparece bem claramente que todas as contendas ou são por palavras escritas ou por palavras que se diz sem escrita, segundo o que Túlio diz¹⁴⁷ em seu livro. E aquela que é por palavras escritas pode ser de cinco maneiras: pois por vezes a palavra não concorda com a sentença daquele que escreve; e por vezes acontece que duas palavras ou duas leis ou mais discordem entre si; e por vezes parece que o que está escrito significa duas coisas ou mais; e por vezes acontece que daquilo que está escrito retirem-se sentidos e exemplos do que se deve fazer em outra coisa que não estava escrita; e por vezes a contenda é sobre a força de uma palavra escrita, para saber o que ela deve significar.

6. *Aqui divisa como todas as contendas nascem por quatro coisas*¹⁴⁸

1. Por outro lado, nos ensina Túlio que toda contenda,¹⁴⁹ seja a por boca ou a por escritura, nasce do fato, ou do nome deste fato, ou de sua qualidade, ou de sua mudança, pois se não fosse uma destas quatro coisas, a contenda não poderia então nascer. Razão por que: Direi que tu fizeste alguma coisa, e então proporei algum signo¹⁵⁰ para demonstrar que tu o fizeste, desta maneira: “Tu mataste João, pois eu te vi tirar o punhal todo ensanguentado de seu corpo”. Mas tu negas, e dizes que não o mataste; e assim nasce a contenda entre mim e ti do fato,¹⁵¹ que é muito penoso e árduo de provar, porque cada um tem um argumento tão forte quanto o outro. 2. A contenda nasce do nome¹⁵² quando as duas partes reconhecem o fato, mas estão em desacordo quanto a seu nome, desta maneira: “Eu digo que este homem aqui fez um sacrilégio, porque roubou um cavalo de

ou par lettres (Chabaille, p. 475).

¹⁴⁵ *Beseingnes*.

¹⁴⁶ Neste capítulo, ressalta-se a correspondência entre a matéria de retórica e as coisas civis.

¹⁴⁷ *De inv.*, I, 13, 17.

¹⁴⁸ Em Chabaille, *par. iiij. raisons* (p. 476).

¹⁴⁹ Trata-se aqui das constituições da causa conforme expostas por Cícero (*De inv.*, I, 8, 10 a I, 11, 16), embora Brunetto não proponha a mesma discussão que Cícero sobre a divisão das constituições da causa feita por Hermágoras.

¹⁵⁰ *Enseingne*.

¹⁵¹ *Constitutio coniecturalis* (*De inv.*, I, 8, 10)

¹⁵² *Constitutio definitiva* (*De inv.*, I, 8, 10)

dentro do mosteiro”. “Não é sacrilégio”, diz o outro, “mas ladroagem”. E assim nasce a contenda pelo nome do fato; e sobre isto convém considerar o que importa em um nome e o que importa no outro: pois sacrilégio é roubar coisas sagradas de um lugar sagrado, mas maneira totalmente diferente de roubar é ladroagem. Nesta contenda, reconhece-se o fato, mas há desacordo somente sobre o nome deste fato. 3. A contenda nasce da qualidade¹⁵³ quando se reconhece o fato e o nome, mas há desacordo sobre a maneira deste fato, isto é, sobre a força, ou a quantidade, ou a comparação. Razão por que: eu digo que é um malfeito cruel, ou que é mais cruel do que esse outro, ou que é uma ação bem feita, segundo o direito e segundo a razão; e outro diz que não é. E quando Catilina dizia que Túlio não tinha valido tanto para o comum de Roma quanto ele tinha; e quando um senador dizia: “Mais vale destruir Cartago do que deixá-la”; e quando Júlio César dizia: “Eu expulso Pompeu justamente”; eu digo que estas contendas nascem da qualidade do fato, não do fato nem de seu nome. 4. A contenda nasce da mudança¹⁵⁴ quando um começa uma questão e o outro diz que ela deve ser mudada, ou porque ela não pertence àquele que a move, ou porque este não a move contra quem deve, ou não diante de quem deve, ou no tempo que convém, ou não pela lei, ou pelo pecado, ou pela pena que deve.¹⁵⁵

7. *Aqui diz da contenda que nasce da qualidade do fato*¹⁵⁶

1. A contenda que nasce da qualidade do fato, como quer que ele seja, Túlio diz¹⁵⁷ que é dividida em duas partes. Uma parte é de direito, que considera as coisas presentes e as futuras segundo os usos e os direitos do país; e para prová-la, os oradores trabalham muito, para a comparação que devem fazer das coisas semelhantes ou das contrárias. 2. A outra é de lei, que considera somente as coisas idas segundo lei escrita: e nisto é suficiente dizer o que está escrito na lei e, segundo isto, as coisas são julgadas, se são justamente feitas ou contra justiça, e de um homem, se ele é digno de pena ou de mérito. 3. E esta mesma que é de lei é dupla: uma clara, que por clareza então mostra se a coisa é boa ou má, ou de razão ou de erro; e outra de empréstimo, que por si não tem nenhuma defesa firme se ela não a toma por empréstimo de fora. E esses empréstimos são de quatro maneiras: ou por reconhecimento, ou por mudança, ou por vingança, ou por comparação. 4. Reconhecimento é quando o homem não nega nem defende o fato, mas pede que o perdoem. E isto pode ser de duas maneiras, uma sem culpa e outra por súplica. 5. Sem culpa é quando diz que não o fez com conhecimento, mas por não saber, ou por necessidade, ou por outro

¹⁵³ *Constitutio generalis* (*De inv.*, I, 8, 10)

¹⁵⁴ *Constitutio translativa* (*De inv.*, I, 8, 10)

¹⁵⁵ Em Chabaille, há uma parte a mais no final: *que il deust* (p. 477), que optou-se por manter aqui.

¹⁵⁶ Em Chabaille: *et de ses parties* (p. 478).

¹⁵⁷ *De inv.*, I, 11, 14. O texto não retoma a parte que discute a divisão feita por Hermágoras (*De inv.*, I, 9, 12 a 1, 10, 14)

impedimento. Por súplica é quando suplica que lhe perdoem seus malfeitos, e isto não acontece frequentemente. 6. Mudança é quando se quer sair do malfeito que não se fez, e no qual não se teve nenhuma culpa, mas se o imputa a outro, e assim se esforça por remover o fato e a culpa de si para outro. E isto pode ser feito de duas maneiras: ou imputando ao outro a ocasião e a culpa, ou imputando o fato. 7. E por certo se imputa a outro a ocasião e a culpa quando se diz que o que aconteceu foi pela força e pela senhoria¹⁵⁸ que este tinha sobre o que se defende. Pode imputar-se o fato a outro quando se diz que não se o fez, nem isto foi feito por culpa ou por ocasião dele, mas se mostra que tal outro o fez, porque o podia e o devia fazer. 8. Vingança é quando bem se reconhece que se fez o que dizem, mas se mostra que isto foi feito razoavelmente e por vingança, porque antes se havia recebido um porquê. 9. Comparação é quando se reconhece que se fez o que se lhe imputa, mas se mostra que se o fez para perfazer outra coisa honesta e proveitosa que de outra maneira não poderia ser levada a bom termo.

8. Das coisas que se deve considerar em sua matéria

1. Ainda nos ensina Túlio¹⁵⁹ que olhemos nossa matéria, sobre a qual devemos falar e escrever cartas, se é muito simples, sobre uma coisa somente, ou se é sobre diversas. E depois de termos bem considerado diligentemente o nascimento da contenda e todo o seu ser e as suas maneiras, ainda nos convém saber quais e como são a questão, e a tenção,¹⁶⁰ e o juízo, e a confirmação da contenda.

9. Aqui diz da contenda, o que é e como deve ser estabelecida por partes

1. Por esses ensinamentos que o mestre divisou cá atrás, podemos conhecer que a contenda não é outra coisa senão a discórdia entre duas partes ou entre ditadores, enquanto um diz que tem direito, o outro diz que não tem: e chegados a isto, convém-lhes então ver se aquele tem direito ou não, e esta é a questão da contenda. Mas porque pouco vale dizer que se tem direito senão se mostra a razão por que, convém então dizer essa própria razão por que ele cuida ter direito em sua questão, pois, se não a dissesse, sua defesa seria frívola. 2. E quando disse a razão por que fez aquilo, e seu

¹⁵⁸ *Seignorie*. Vatteroni, neste ponto, traduziu por *potere* (p. 651). Em Grandsaignes d'Hauterive, a palavra significa “qualidade; autoridade do senhor” e “dominação, potência”. Em *Livro dos Ofícios*, já citado, encontram-se os termos “senhoria” e “senhorio”, o primeiro com o sentido de autoridade e o segundo como tradução para a palavra latina *nationis* (op. cit., p. 35 e 40). Optou-se por *senhoria*, que pode significar tanto autoridade ou qualidade do senhor, quanto domínio e direitos feudais (Houaiss).

¹⁵⁹ *De inv.*, I, 12, 17.

¹⁶⁰ *Tençon*. Em Vatteroni, *disputa* (p. 653) e, em East, *reasons* (p. 116).

adversário disse esses e outros argumentos para enfraquecer a razão que o outro mostra para apear sua defesa,¹⁶¹ então nasce o juízo sobre os ditos de um e do outro, para julgar se aquele tem direito pela razão que mostra. E lá chegados, então ele propõe sua confirmação, isto é, as muito boas razões e os muito fortes argumentos que valem mais para o juízo. E desta maneira os sábios estabelecem suas cartas e suas falas para mostrar seu direito e afirmar sua razão. 3. E sabeis que em todas as maneiras de contenda tanto há discórdias e capítulos tencionáveis,¹⁶² quanto convém haver questões e razões e juízos e confirmações, salvo quando a contenda nasce do fato que não se reconhece, por certo o juízo sobre a razão não pode nascer, porque aquele que nega não ensina nenhuma razão de sua negação, 4. e então o juízo é somente sobre a questão, isto é, se o fez ou não. E, no entanto, ninguém deve loucamente cuidar que esses ensinamentos sejam dados apenas para as contendas que são em tribunal¹⁶³ e corte; antes, são para todos os ditos que se dizem por conselho, ou prece, ou em mensagem, ou de outra maneira. 5. Mesmo nas cartas que se enviam aos outros, observa-se essa mesma ordem. Pois antes de tudo se pede o que se quer; e isto é como a questão, pois se está em dúvida sobre se o outro se defenderá por alguma razão contra sua requesta. E por isso se acrescenta agora a razão por que o outro deve fazer o que se requer, e por que o outro¹⁶⁴ não pode enfraquecer esta razão, colocam-se ainda os muito fortes argumentos nos quais mais se fia. 6. E ao fim de sua carta se faz a conclusão, ali onde se escreve que, se fizer o que lhe é requerido, acontecerá tal e tal; e isto é no lugar do juízo e da confirmação. 7. Mas sobre essas divisões de contenda se cala agora o discurso para dizer sobre as outras partes da boa fala que são necessárias em discurso. Pois, para dizer a verdade, não se deve considerar primeiro somente aquilo que se deve contar primeiro, mas é preciso estabelecer das primeiras palavras às derradeiras se se quer que seus ditos sejam bem concordantes com sua matéria.

10. Aqui diz de duas maneiras de falar; em prosa ou em rima

1. A grande partição de todas as falas é em duas maneiras, uma é em prosa e outra é em rima; mas os ensinamentos de retórica são comuns às duas, salvo que a via de prosa é larga e abundante, assim como ora é a fala comum das gentes, mas a senda de rima é mais estreita e mais árdua, assim como aquela que é cerrada e fechada por muros e cercas, isto é, por peso¹⁶⁵ e por

¹⁶¹ O texto de Chabaille difere deste: *Et quant il a dit la raison pourquoi il fist ce à ses aversaires, il dit ses autres argumenz por afebloier la raison que li autres monstra por apetisier sa deffense* (Chabaille, p. 480).

¹⁶² *Chapistres tençonables*. “Tencionáveis”, de “tenção”, pode referir-se tanto a propósito ou designo, quanto a assunto ou matéria, ou ainda a estado de hostilidade, briga ou má vontade (Houaiss).

¹⁶³ *Plais*. Significa: assembleia reunida para deliberar, juízo, causa, processo, pleito, discussão, disputa, arrazoamento (Grandsaignes d'Hauterive). Aqui, para não redundar com “cortes”, adota-se “tribunal”.

¹⁶⁴ O trecho entre “deve fazer... por que o outro” não consta do texto de Chabaille (p. 480).

¹⁶⁵ *Poins*.

número e por medida certa que não se pode nem se deve ultrapassar. 2. Pois a quem quiser bem rimar convém contar todas as sílabas de seus ditos de tal maneira que os versos sejam concordantes em número, e que um não tenha mais do que o outro. Depois disso, convém medir as duas derradeiras sílabas do verso, de tal maneira que todas as letras da derradeira sílaba sejam semelhantes, e ao menos a sílaba vogal que antecede a derradeira. Depois disso, convém contrapesar o acento e a voz, até que suas rimas concordem com seus acentos. Pois ainda que tu acordes as letras e as sílabas, por certo a rima não estaria correta se o acento discordasse. 3. Mas como quer que seja tua fala, ou por rima ou por prosa, guarda que teus ditos não sejam magros nem secos, mas que sejam repletos de suco e de sangue,¹⁶⁶ isto é, de sentido e de sentença. Guarda que tuas palavras não sejam néscias, que sejam antes graves e de grande peso, mas não grande demais que as faças tropeçar. Guarda que não tragam qualquer feiúra, mas que a bela cor esteja dentro e fora; e a ciência de retórica seja em ti pintora, que coloque a cor em rima e em prosa. Mas evita o pintar demais, pois nenhuma vez deve a cor tolher a cor.

11. *Aqui termina o Achamento, ora começa a falar da ordem*

1. Nessa parte que passou, o mestre divisou o fundamento e a natureza dessa arte, e como se deve estabelecer sua matéria por ordem e por partes. Mas para melhor esclarecer o que disse sobre isto, ele dirá nesta parte as regras que pertencem à ordem desta arte, pois ele não quer fazer o que fez Cíclico,¹⁶⁷ de quem fala Horácio: não quer transformar a luz em fumaça; mas da fumaça fará luz, pois tudo o que disser com regras, ele mostrará depois com exemplos. 2. E ouvistes bem cá atrás, em torno do começo deste livro, que, depois que se achou e pensou em seu coração o que se deve dizer, então se devem estabelecer seus ditos por ordem, isto é, dizer cada coisa em seu lugar. Mas essa ordem é de duas maneiras, uma que é natural, e outra que é artificial.¹⁶⁸ 3. A ordem que é chamada natural segue diretamente pelo grande caminho, do qual não sai nem por um lado nem por outro, é contar e dizer as coisas segundo o que foram desde o começo até o fim, o da frente na frente, e o do meio no meio de seu discurso, e no fim o que foi por último. E esta maneira de falar é sem grande mestria da arte, por isso nela não se intromete este livro.

¹⁶⁶ *Mes soient replains de jus et de sanc*. Em Chabaille, *mais soient repleni de vis et de sens* (Chabaille, p. 482).

¹⁶⁷ A citação de Horácio refere-se ao seguinte trecho da *Arte Poética*: “Tampouco se deve começar como certo autor cíclico outrora: ‘Cantarei a sorte de Príamo e a guerra ilustre...’ Que matéria nos dará esse prometedor, digna de tamanha boca aberta? Vai parir a montanha, nascerá um ridículo camundongo. Bem mais acertado andou este outro, que nada planeja de modo inepto: ‘Fala-me, Musa, do herói que, após a tomada de Tróia, viu os costumes e as cidades de muitos homens!’ Ele não se propõe a tirar fumaça dum clarão, mas luz da fumaça, a fim de nos exhibir, em seguida, maravilhas deslumbrantes, um Antífates e uma Cila, uma Caribde além dum Ciclope” (*Arte Poética*, [130] e [140]). Brunetto transforma em nome próprio a palavra “cíclico”.

¹⁶⁸ *Une qui est naturex, et une autre artifiel*.

11.4. *Aqui diz sobre a ordem do falar artificialmente*¹⁶⁹

A ordem artificial não se atém ao grande caminho, antes segue por senda e por atalho que a conduzem mais prontamente aonde quer ir. Ela não diz cada coisa segundo o que foi, mas muda o que está na frente para trás, ou para o meio de seu dito, não inadequada, mas muito sabiamente, para afirmar sua intenção; e por isso o orador, com frequência, muda seu prólogo e sua conclusão e as outras partes de seu discurso, e os coloca não em seu lugar natural, mas em outro que mais vale, porque as mais firmes coisas devem sempre ser postas no começo e no fim, e as mais fracas, no meio. 5. E quando queres responder a teu adversário, debes começar teu discurso em sua derradeira razão, na qual porventura ele se fia mais. Mesmo aquele que quer contar uma história velha e usada, é bom que rebusque sua reta ordem,¹⁷⁰ de tal maneira que ela pareça inteiramente nova. O mesmo vale muito na predicação e em todas as causas, pois se deve sempre guardar no fim o que mais agrada e o que mais move a coragem¹⁷¹ dos ouvintes. 6. E essa ordem artificial é dividida em oito maneiras. A primeira é dizer no começo o que estava no fim. A segunda é começar com o que foi no meio. A terceira é fundar teu discurso em um provérbio,¹⁷² de acordo com o que significa o começo deste provérbio. A quarta é fundá-lo de acordo com o que significa o meio do provérbio. A quinta é fundá-lo de acordo com o fim do provérbio. A sexta é fundar teu discurso em um exemplo, de acordo com o que é significado pelo começo do exemplo.¹⁷³ A sétima é começá-lo de acordo com a significância do meio do exemplo. A oitava é fundar seu discurso na significância do fim do exemplo. 7. Razão por que: no fim da coisa começa aquele que diz: “O sol poente já nos deixa negra noite, todavia volta à manhã, mais reluzente”. E aquele que diz: “A Abraão, quando queria matar seu filho para entregar a Deus seu sacrifício, o anjo mostrou um cordeiro para sacrificar”. O mesmo fez Virgílio quando quis contar a história de Troia, pois começou seu livro com Eneias, quando fugiu da destruição de Troia. 8. No meio da coisa começa aquele que diz: “Abraão deixou

¹⁶⁹ Esta divisão de capítulo não consta dos textos de Chabaille e de Carmody.

¹⁷⁰ Em Chabaille, *il est bon de reborser son droit cors et varier son ordre* (p. 483).

¹⁷¹ *Coraige*.

¹⁷² *Proverbe*. *Proverbia* é um termo usado para dizer *sententiae*. São proposições, tiradas dos *auctores*, que contêm na forma mais breve possível experiências psicológicas ou regras para a vida (Curtius, 1963, p. 58). Ou, ainda, *sententia* são pensamentos finitos formulados em oração como prova ou como ornato, ou fora do discurso, pensamento formulado de sabedoria popular (Lausberg, 1991, p. 269 – 274). As sentenças que o *Tesouro* traz aqui estão combinadas ao exemplo bíblico do sacrifício de Isaque por Abraão.

¹⁷³ *Exemple*. Em grego, *paradeigma*. Em latim, *exemplum* “é o relato de algo feito ou dito no passado com a segurança do nome do autor. É usado pelos mesmos motivos que usamos a similitude.” (*Her.*, IV, 62). Nesta parte do *Tesouro*, os exemplos apresentados estão mais próximos da similitude (*La similitudo es una realidad de la vida natural y de la vida humana geral (no fijada históricamente), la cual se pone en relación de paralelismo con el asunto con que se enfrenta el orador*. Lausberg, 1991, p. 252). De novo, o paralelismo é estabelecido com o exemplo bíblico do sacrifício de Isaque por Abraão. Os limites entre essas diferentes figuras são pouco nítidos (Lausberg, 1991, p. 254).

seu servo com o asno ao pé do outeiro, pois não queria que soubesse de sua intenção”.¹⁷⁴ 9. Na significância do começo do provérbio começa aquele que diz assim: “Tem grande mérito aquele que de boa fé serve voluntária e prontamente, assim como fez Abraão que, quando Deus lhe comandou que matasse seu filho, logo foi cumprir seu mandamento”. 10. E na significância do meio do provérbio começa aquele que diz assim: “O servo não deve saber o segredo do seu senhor; por isso Abraão deixou seu servo quando subiu para seu sacrifício”. 11. De acordo com o fim do provérbio começa aquele que diz assim: “Não é coisa digna que fé íntegra perca seus méritos; por isso Nosso Senhor garantiu a Abraão seu filho, que já estava posto sobre o altar do sacrifício”. 12. De acordo com o que é significado pelo começo de um exemplo, começa aquele que diz assim: “Boa árvore gera bom fruto; por isso quis Deus que o filho de Abraão fosse posto sobre o altar, e que não morresse”. 13. Na significância do meio do exemplo começa aquele que diz assim: “Devem se retirar do trigo todos os maus grãos, de tal maneira que o pão não fique amargo; por isso Abraão deixou seu servo, para que não impedisse seu sacrifício”. 14. Na significância do fim do exemplo começa aquele que diz assim: “Assim como o sol não perde sua claridade para a noite, assim também o filho de Abraão não perdeu a vida no sacrifício de seu pai, antes voltou belo e claro como o sol levante”. 15. Ora ouvistes diligentemente como o orador pode dizer seu discurso segundo a ordem natural, e como pode dizê-lo de oito maneiras segundo a ordem artificial. E sabeis que provérbios e exemplos que sejam convenientes e concordantes com a matéria são bons demais, mas que não sejam frequentes demais, pois seriam então penosos e suspeitos.

12. Aqui divisa as quatro coisas que o orador deve considerar em sua matéria antes que diga ou que escreva seu discurso

1. Depois disso, convém que observes em tua matéria quatro coisas, se queres ser bom orador ou ditar cartas sabiamente. A primeira é que, se a matéria é longa e obscura, debes apequená-la com palavras breves e compreensíveis. A segunda é que, se a matéria é breve e obscura, debes antes aumentar e abri-la mui belamente. A terceira é que, onde a matéria é longa e aberta, debes abreviar e reforçar e cobri-la¹⁷⁵ com bons ditos. A quarta é que, quando a matéria é breve e leve, debes alongá-la brevemente e orná-la convenientemente. 2. Desta maneira, debes considerar em ti

¹⁷⁴ *Covine* significa pensamento, intenção, projeto, estado, disposição, atitude, maneira de ser ou de agir (Grandsaignes d'Hauterive).

¹⁷⁵ *[C]ovrir de bons diz*. Na edição de Beltrami, a terceira matéria é longa e aberta (*longue et ouverte*). Deve-se, neste caso, abreviar e reforçar e cobrir (*abrevier et enforcier et [c]ovrir de bons diz*). No texto de Chabaille, o terceiro tipo de matéria é longo e coberto (*longue e coverte*). Requer que se abrevie, reforce e abra com bons ditos (*abregier et enforcir et ovrir de bons diz*) (Chabaille, p. 485). O conflito vem da proximidade das palavras *ouverte* e *coverte*, assim como os verbos relacionados, *ovrir* e *covrir*. No *De inventione*, não há uma divisão da matéria correspondente a esta.

mesmo e conhecer se a matéria é longa ou breve, ou se é leve ou obscura de entender, para que possas governar cada uma segundo sua lei. Pois matéria é semelhante à cera, que se deixa conduzir e apequenar e aumentar de acordo com a vontade do mestre.

13. Como se pode aumentar seu discurso de oito maneiras

1. E se tua matéria deve ser aumentada por palavras, digo que poderás aumentá-la de oito maneiras, que são chamadas cores de retórica. Cujas primeiras são chamadas ornamento: em que tudo o que se poderia dizer em três palavras ou em quatro, ou em muito poucas palavras dizer, aumenta-se com outras palavras mais longas e mais convenientes, que dizem o mesmo. Razão por que: Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria. Mas o orador que quiser embelezar dirá assim: “O bendito filho de Deus tomou carne na Virgem Maria gloriosa”, o que tanto vale dizer quanto o pouco dito acima. Ou se eu dissesse que Júlio César foi imperador de todo o mundo, o orador que quiser aumentar este dito dirá assim: “O sentido e o valor do bom Júlio César submeteram todo o mundo à sua sujeição, e foi imperador e senhor da terra”. 2. A segunda chama-se torneio: pois onde tua matéria for toda breve, mudarás as próprias palavras e transferirás o nome das coisas e das pessoas para diversas palavras todas belamente acerca do fato, e interromperás teus ditos, e repousarás teu espírito enquanto afastas teu discurso em tempo e em palavras. 3. E este torneio pode ser de duas maneiras. Ou se diz a verdade muito claramente, razão por que: queres dizer “faz-se dia”; dizes então: “Já começa o sol a esplender seus raios sobre a terra”. Ou se esquiva a verdade com seu torneio, o que equivale, segundo o que o Apóstolo diz: “Eles mudaram”, disse, “os usos da natureza para aquele uso que é contrário à natureza”. Por esse torneio o Apóstolo esquivou uma palavra feia que ele queria dizer, e disse algo equivalente. 4. A terceira cor para aumentar seus ditos é chamada comparação e é o mais belo acréscimo e o mais conveniente que os oradores fazem; mas ele é dividido em duas maneiras: pois ele é coberto ou descoberto. 5. E o que é descoberto se faz conhecer por três palavras que significam a comparação, que são “mais” e “menos” e “tão”. Razão por que: com esta palavra “mais” se diz: este é mais forte que um leão. Com “menos” se diz assim: este homem é menos irascível¹⁷⁶ que um pombo. Com esta palavra “tão” se entende assim: este é tão covarde quanto uma lebre. 6. A segunda maneira, que é coberta, não se deixa conhecer por seus signos; não veste seu hábito, antes mostra outro semblante por fora, que é tão conjunto à verdade de dentro que é como se fosse da mesma matéria. Razão por que: de um homem preguiçoso direi: “É uma tartaruga”; e de um rápido, direi: “É um vento”. E sabeis que esta maneira de fala é muito boa e muito cortês e de boa sentença, e pode-se encontrá-la muito nos ditos dos sábios homens. 7. A

¹⁷⁶ *Corrouçables*. Tradução de Vatteroni como *irascibile* (p. 665).

quarta cor chama-se clamor, porque se fala como que gritando, ou lastimando-se de ira, ou por desdém, ou por outras coisas semelhantes. Razão por que: “Ó, natureza, por que fizeste o jovem rei tão cheio de todos os bons hábitos se devias levá-lo tão cedo? Ó, má morte, que antes tivesses tu morrido quando levaste a flor do mundo!”. 8. A quinta cor chama-se fingimento, porque se finge uma coisa que não tem poder nem natureza para falar, assim como se ela falasse, como se pudéssemos sempre ouvir das gentes o que dizem ou das bestas ou de outras coisas, parecendo que elas podem falar e dizer alguma coisa; e isto é tão entendível que o mestre não trata de mostrar nenhum exemplo disto. 9. A sexta cor chama-se passagem, porque quando o orador começa seu discurso, ele se separa dele um pouquinho e passa a outra coisa que é semelhante à sua matéria, e então é bom e proveitoso. Mas se a passagem não é em nada concordante à matéria, por certo será ruim e desagradável. Por isso Júlio César fez bem quando quis defender os conjurados: ele fez essa passagem com o perdão que os antigos haviam concedido aos de Rodes e de Cartago. Outrossim fez Catão quando os quis condenar à morte: ele rememorou como Mânlio Torquato condenou seu filho à morte. Outrossim, frequentemente, se faz a passagem ao fim ou ao meio de sua matéria para renovar o que parecia ser velho, ou por outra boa razão. 10. A sétima cor é chamada demonstração, porque o orador mostra e diz suas propriedades, e os signos de uma coisa ou de um homem, por ocasião de provar alguma coisa que pertença à sua matéria, como a Escritura diz: “Havia”, diz ela, “na terra de Us, um homem que tinha por nome Jó, simples, reto, justo e que temia Deus”. 11. Outrossim fez Tristão, quando divisou a beleza da dama Isolda: “Seus cabelos”, disse ele, resplandecem como fio de ouro; sua fronte supera a flor-de-lis; suas negras sobranceiras são dobradas como pequeninos arcos; um pequeno caminho de leite as separa na linha do nariz, e é tão na medida que não há nem mais nem menos; seus olhos, que superam todas as esmeraldas, reluzem em sua fronte como duas estrelas; sua face segue a beleza da manhãzinha, pois é vermelha e branca ao mesmo tempo, de tal maneira que nenhuma das duas cores resplandece mal; a boca pequena e os lábios, ainda, espessos e ardentes, de bela cor; e os dentes mais brancos que pérolas estão estabelecidos por ordem e por medida; mas nem pantera,¹⁷⁷ nem especiaria nenhuma pode se comparar ao dulcíssimo hálito de sua boca; seu queixo é bem mais polido que qualquer mármore; o ouro dá cor ao seu pescoço, e o cristal resplandece em seu colo; de seus retos ombros descem dois braços esguios e longos e brancos, mas a carne é tenra e mole; os dedos grandes, carnudos e redondos, nos quais está a beleza das unhas; seu belíssimo peito é ornado de duas maçãs do paraíso, que são como massas de neve; e é tão esbelta em sua cintura que se poderia cingi-la com as mãos;

¹⁷⁷ No livro I, capítulo 193 do *Tesouro*, Brunetto diz da pantera que, depois de comer, entra em sua caverna e lá fica por três dias. Depois desse período, levanta-se e abre sua boca soltando um odor tão doce e suave que todas as bestas que sentem o odor são atraídas para diante da pantera.

mas calarei sobre as outras partes de dentro, sobre as quais a coragem¹⁷⁸ fala melhor que a língua”. 12. A oitava cor é chamada duplicação, pois o orador duplica seu discurso e o diz duas vezes juntas, e isto é de duas maneiras. Uma que diz sua matéria e então a rediz pelo contrário de seu dito. Razão por que: eu quero dizer de um homem que é jovem; mas duplicarei meus ditos de tal maneira: “Este homem é jovem, e não velho”; ou: “Esta coisa é doce, e não amarga”. A outra maneira diz sua matéria e então rediz outras palavras que tiram o contrário do que havia dito, desta maneira: “É verdade que este homem é jovem, mas não é louco; e embora seja nobre, não é orgulhoso; e é generoso, mas não gastador”. 13. Ora haveis ouvido como se pode aumentar vossa matéria e alongar vossos ditos, pois de poucas sementes cresce um grande trigo, e de pequenas fontes nasce um grande rio.¹⁷⁹ Por isso é correto e razoável que o mestre ensine a abreviar seu discurso quando for grande demais e longo demais, e isto ele mostrará adiante, quando tratará de como dizer o fato. Mas aqui se cala o mestre sobre os ensinamentos da grande fala, para divisar aqueles da pequena fala, isto é, de um discurso ou de uma epístola que queiras fazer sobre alguma matéria que venha. Pois o mestre usa fala como nome geral de todos os ditos; mas discurso é um só dito, ou uma só carta, ou outra coisa que se conte sobre sua matéria.

14. *Aqui divisa os ramos do discurso, e como o orador deve estabelecer seus ditos por ordem*

1. As partes do discurso, segundo o que Túlío diz e nos ensina,¹⁸⁰ são seis: o prólogo, o fato, a divisão, a confirmação, a refutação¹⁸¹ e a conclusão; mas os ditadores que ditam cartas e epístolas por mestria de retórica dizem que uma carta tem apenas cinco partes, que são a saudação, o prólogo, o fato, a demanda¹⁸² e a conclusão. 2. E se alguém perguntar por que há discórdia entre Túlío e os ditadores, já que cada um segue o ensinamento de retórica, eu lhe direi que a discórdia é por semelhança e não por verdade: pois onde os ditadores dizem que a saudação é o primeiro ramo da carta e da mensagem, Túlío entende e quer¹⁸³ que a saudação esteja sob o prólogo, pois tudo o que se diz antes do fato, como se para aparelhar sua matéria, é chamado prólogo. Mas os ditadores dizem que a saudação é a força e a entrada do discurso, e olhos e luz dele; e por isso lhes dão a honra de ser a primeira parte das epístolas e das mensagens, pois, ao se enviarem cartas e mensagens, tudo corre por uma via. 3. Por outro lado, a parte que Túlío chama divisão, os ditadores

¹⁷⁸ *Corraiges*. Em Vatteroni, *il cuore* (p. 667).

¹⁷⁹ *Grant flumere*. Em Chabaille, *aigues* (p. 490).

¹⁸⁰ *De inv.*, I, 14, 19: *exordium, narratio, partitio, confirmatio, reprehensio, conclusio*. No *Tesouro*: *prologue, fait, devisement, conformement, deferment, conclusion*.

¹⁸¹ *Deferment* vem de *desfermer*, que significa *ouvrir, briser*, ou seja, abrir ou quebrar (Grandsaignes d'Hauterive). O sentido poderia ser de quebrar os argumentos do adversário.

¹⁸² *La demande*.

¹⁸³ Em *De inventione*, Cícero não trata da epístola. O *Tesouro* submete a escrita de cartas à doutrina da retórica.

a compreendem sob o fato, e o que Túlio chama confirmação e refutação, os ditadores o compreendem sob a demanda; e para melhor entender o nome de uns e outros, e para conhecer a intenção de Túlio e dos outros ditadores, o mestre quer esclarecer agora a significância de cada parte e de seu nome.

15. Aqui divisa os seis ramos do discurso ao se falar por boca

1. Prólogo é o começo e a primeira parte do discurso, que instrui e aparelha o ouvido e a coragem¹⁸⁴ daqueles a quem falas para que entendam o que dirás. 2. O fato é contar as coisas que foram ou que não foram como se fossem; e por isso é quando se diz sobre o que se formou o discurso. 3. Divisão é quando se conta o fato, e então se começa a dividi-lo por partes, e se diz: foi de tal maneira, e de tal outra; e se acolhe a parte que é mais contrária ao adversário, e se fixa esta parte ao máximo que se pode ao coração daquele a quem se fala, e então parece que assim se tenha contado o fato. E esta é a ocasião na qual os ditadores contam a divisão do fato. 4. Confirmação é onde o orador mostra as razões e assinala todos os argumentos que pode para provar sua intenção e acrescer fê e crença aos seus ditos. 5. Refutação é quando o orador mostra os fortes argumentos e as boas razões que enfraquecem e apequenam e destroem a confirmação de seu adversário. 6. Conclusão é a derradeira parte e a conclusão¹⁸⁵ do discurso segundo a ciência de Túlio. Ora é bom dizer as partes que os ditadores dizem e, primeiramente, a saudação.

16. Aqui divisa as cinco partes das cartas escritas que se enviam às outras gentes

1. Saudação é o começo da carta, que nomeia aqueles que mandam e aqueles que recebem, e o ser e a dignidade de cada um, e a vontade do coração que aquele que envia tem para com aquele que recebe. Isto quer dizer que, se é seu amigo, manda-lhe saudações e outras doces palavras que equivalem ou mais; e se é inimigo, cala-se ou escreve-lhe alguma palavra má coberta ou descoberta; e se é grande, manda-lhe palavras de reverência; outrossim deve mandar-se ao par e àquele que é menor o que é conveniente a cada um, de tal maneira que não haja o vício do mais ou o defeito do menos. E sabei que o nome daquele que é grande e das mais altas dignidades deve sempre estar na frente, se não for ou por cortesia, ou por humildade, ou por outra coisa semelhante. 2. Do prólogo e do fato, de sua força, o mestre disse a significância acima e, por isso, ora não dirá mais do que

¹⁸⁴ *Corage*. Veja-se em *De inv.*, I, 15, 20: *Exordium est oratio animum auditoris idonee comparans ad reliquam dictionem*. Na tradução, manteve-se “coragem”, conforme acima explicado, mas destaca-se que o termo aparece, quanto à matéria do tratado ciceroniano, no lugar de *animum*.

¹⁸⁵ Em Chabaille, *confirmations* (p. 492).

disse, pois os ditadores concordam com a sentença de Túlio. 3. Mas sobre a demanda, diz o mestre que é a parte em que a carta ou a mensagem pede o fato do que se quer, rogando, ou comandando, ou ameaçando, ou aconselhando, ou de outra maneira, sobre a coisa para a qual anseia atrair o coração daquele a quem envia. E quando o ditador tiver terminado sua demanda e mostrado suas confirmações e suas refutações, ele faz a conclusão, e é o fim de seus ditos, em que conclui a suma de seu discurso, como é e como pode vir a ser.¹⁸⁶

17. Aqui divisa os ensinamentos do prólogo segundo a diversidade das matérias

1. E porque prólogo é senhor e príncipe do discurso, segundo o que Túlio diz¹⁸⁷ e prova em seu livro, é bem apropriado que o mestre dê seu ensinamento sobre isto. Do prólogo, Túlio diz¹⁸⁸ que é um dito que adquire apropriadamente a coragem daquele a quem falas para que ouça o que dirás. E isto pode ser de três maneiras: ou requerendo sua benevolência, ou por lhe dar vontade de ouvir, ou vontade de saber teus ditos. 2. Por isso digo que, quando queres fazer bem teu prólogo, te convém antes de tudo considerar tua matéria, e conhecer a natureza do fato e sua maneira. Faze então a exemplo daquele que quer edificar, pois ele não corre precipitadamente à obra, mas antes de tudo mede-a com a linha de seu coração, e compreende em sua memória toda a ordem e a figura da casa. 3. E tu, evita que tua língua se apresse para falar, ou a mão para escrever; nem comece um e o outro ao acaso,¹⁸⁹ mas que teu sentido tenha na mão o ofício de cada um, de tal maneira que a matéria esteja longamente na balança de teu coração, e dentro dele tome a ordem de sua via e de seu fim. Pois já que as carências são diversas, convém-te falar diversamente, e em cada uma segundo sua matéria. 4. Túlio diz¹⁹⁰ que todos os ditos são de cinco maneiras: ou é honesto, ou contrário, ou vil, ou dubio, ou obscuro; e por isso pensa que debes começar e seguir teu discurso de maneira diferente em uma e nas outras, e adquirir a benevolência de maneira diferente em uma e nas outras. 5. E sabeis que honesto é o que de pronto agrada àqueles que ouvem, sem teu prólogo e sem nenhum ornamento de palavras. 6. Contrário é o que de pronto desagrade pela malícia. 7. Vil é aquilo a que aquele que deve ouvir não presta atenção pela futilidade¹⁹¹ e pela pequenez da coisa. 8. Dubio é de

¹⁸⁶ Esta parte final, “como é e como pode vir a ser”, refere-se à diferença que há entre a conclusão do discurso falado e a do escrito. No capítulo 70 deste livro, mostra-se como, na conclusão da epístola, diz-se o bem que pode advir caso a requesta seja atendida e o mal que pode advir caso não seja (*Tres.*, III.70).

¹⁸⁷ *De inv.*, I, 14,19.

¹⁸⁸ *De inv.*, I, 15, 20.

¹⁸⁹ *A cors de fortune.*

¹⁹⁰ *De inv.*, I, 15, 20.

¹⁹¹ *Riote*. Significa *querelle*, *rix*; *embarass*; *bavardage*; ou *débauche* (Grandsaignes d'Hauterive). Vatteroni traduz por *molestia* (p. 673), em acordo com o texto de Chabaille (p. 494): *molesté*. Tentou-se manter o sentido de querela fútil, de pouca importância.

duas maneiras: ou porque se duvida de sua sentença,¹⁹² ou porque é por uma parte honesto e por outra parte desonesto, de tal maneira que gera benevolência e ódio. 9. Obscuro é o que aquele que deve ouvir não pode entender com leveza, ou porque não é bem sábio, ou porque foi trabalhado, ou porque teu dito é tão obscuro e coberto ou escondido que não pode conhecê-lo bem.

18. Aqui divisa duas maneiras de prólogo, uma coberta e outra descoberta

1. Pela diversidade dos ditos e das coisas, os prólogos também são diversos; e sobre isto diz Túlio que todos os prólogos são de duas maneiras: uma que é chamada começo, e outra que é chamada cobertura.¹⁹³ 2. E começo é o que abertamente, com poucas palavras, adquire a benevolência daqueles que devem ouvir. 3. Cobertura é quando o orador põe em seu prólogo muitas palavras em torno do fato, e finge que não quer o que quer, para adquirir de maneira encoberta a benevolência daqueles a quem fala. E por isso nos convém saber qual dos dois prólogos deve ser posto em cada uma das matérias do nosso discurso.

19. Qual prólogo convém sobre matéria honesta

1. Onde nossa matéria é coisa honesta, não nos convém nenhuma cobertura, mas de pronto começar nosso discurso e divisar nossa matéria, porque a honestidade da coisa já adquiriu a vontade dos ouvintes, de tal maneira que pouco nos convém trabalhar. E, no entanto, por vezes um belo prólogo é bom, não para adquirir a benevolência, mas para acrescê-la. E, se queremos renunciar ao prólogo, é bom começar primeiramente com os bons ditos e argumentos seguros.

20. Qual prólogo convém sobre matéria contrária

1. E quando a matéria é contrária, ou cruel, ou contra o direito, ou queres demandar uma grande coisa, ou cara, ou estranha, então debes considerar se o ouvinte¹⁹⁴ está movido contra ti, ou se ele está propenso em seu coração a não fazer nada de tua requesta; pois se assim for, então te convém fugir para a cobertura, e colorir as palavras em teu prólogo para abaixar sua cólera e adoçar sua dureza, de tal maneira que seu coração seja apaziguado, e que então adquiras sua benevolência. Mas quando seu coração não estiver em nada perturbado contra ti, então poderás passar com leveza

¹⁹² *Sentence*. Vatteroni traduz por significado, mas em *De inventione*, *iudicatio* é que é dúbia, ou seja, a questão a ser decidida (*De inv.*, I, 15, 20). Traduziu-se por sentença.

¹⁹³ *Principium e insinuationem* (*De inv.*, I, 15, 20). A matéria do prólogo vai de *De inv.*, I, 15, 20 a I, 18, 26.

¹⁹⁴ *Oieres*. Brunetto varia entre *oianz* (*Tres*. III.19.1) e *oieres*, sem aparente mudança de significado.

por um belo comecinho.

21. Qual deve ser o prólogo sobre matéria vil

1. Quando a matéria é vil e pequena, e o ouvinte atenta pouco para aquilo, então convém que teu prólogo seja ornado de tais palavras que lhe deem talante¹⁹⁵ de ouvir e que enalteçam tua matéria e a tirem de sua vilania.

22. Aqui divisa qual prólogo convém sobre matéria dúbia

1. E quando a matéria for dúbia porque demandas duas coisas, e que se duvida qual das duas sentenças¹⁹⁶ deva ser concluída, então debes começar teu prólogo pela própria sentença da coisa que queres, e da razão na qual mais te fias. Mas se é dúbia porque a coisa é em parte honesta e em parte desonesta, então debes ornar teu prólogo para adquirir o amor e a benevolência dos ouvintes, de tal maneira que lhes pareça que toda a coisa tenha se tornado honesta.

23. Qual prólogo convém sobre matéria obscura

1. Onde a matéria for obscura de entender, debes começar teu discurso por tais palavras que deem aos ouvintes talante de saber o que queres dizer, e depois dividir teu discurso segundo o que cuidarás ser melhor.

24. Aqui divisa três coisas que são necessárias a cada prólogo, que não pode estar bom sem uma ou sem as outras

1. Por esses ensinamentos podemos saber que em todas as maneiras de prólogo, sobre qualquer matéria que seja, convém-nos fazer uma destas três coisas: ou adquirir a benevolência daquele com quem falamos; ou dar talante de ouvir nossos ditos, ou de sabê-los. Pois quando nossa matéria é desonesta, ou maravilhosa, ou dúbia, nosso prólogo deve ser para adquirir a benevolência; e quando a matéria é vil, então deve ser para dar talante de ouvir; e quando a matéria é obscura, então o prólogo deve ser para dar talante de saber o que diremos. E isto é boa razão para que o mestre nos diga como isto pode ser feito, e de que maneira.

¹⁹⁵ *Talent.*

¹⁹⁶ *Sentence.* Novamente, em *De inventionem* trata-se de *iudicationem* (*De inv.*, I, 15, 21). Ver nota acima.

25. *Aqui divisa os ensinamentos para adquirir a benevolência*

1. Benevolência se adquire de quatro lugares, isto é, por nosso corpo,¹⁹⁷ e o do nosso adversário, e o dos ouvintes, e pela matéria mesma. 2. Por nosso corpo, é adquirida se rememoramos nossas obras e nossas dignidades de maneira cortês, sem nenhum orgulho e sem nenhum ultraje que seja; e quando alguém põe sobre nós algum vitupério ou culpa ou outro malfeito, se dissermos que não o fizemos, e que não foi por nosso feito; e se mostramos os males e as dores e as maldades que houve e podem advir a nós e aos nossos; e se nossa prece é doce e bondosa, ou de piedade ou de misericórdia. E se nos oferecemos bondosamente aos ouvintes por estas e outras propriedades semelhantes, nossas e dos nossos, benevolência é adquirida, segundo o que pertence à retórica. 3. E sabei que cada corpo de homem e cada coisa têm suas propriedades pelas quais se pode adquirir benevolência; e sobre isto dirá o mestre adiante, em lugar e tempo. 4. Pelo corpo de teu adversário, adquirirás benevolência se contares suas propriedades que causam ódio, ou inveja, ou despeito nos ouvintes. Pois sem falha teu adversário é odiado se dizes que o que ele fez é contra direito de natureza,¹⁹⁸ ou por seu grande orgulho, ou por sua feroz crueldade, ou por demasiada malícia. 5. Outrossim, ele é invejado se rememoras a força e a temeridade de teu adversário, e seu poder, e sua senhoria, e sua riqueza, e seus homens, e seu parentesco, e sua linhagem, e seus amigos, e seu tesouro, e seus dinheiros, e sua feroz maneira que não é suportável; e que ele usa sempre seu poder e sentido com malícia, e que ele se fia mais nisto do que em seu direito. 6. Outrossim, ele cai em despeito se tu mostras que teu adversário é néscio e sem arte, homem preguiçoso e frouxo, e que se emprega apenas em coisas fracas,¹⁹⁹ e que coloca todo o seu coração em devassidão e em luxúria, e em jogo, e em tabernas. 7. Pelos corpos dos ouvintes, é adquirida a benevolência se dizes suas boas marcas,²⁰⁰ e a propriedade de suas bondades, e louva-os e suas obras, e dizes que eles têm sempre o costume de fazer todas as coisas bem e sabiamente e bravamente, segundo Deus e segundo justiça, e que tu te fias neles, e que todo mundo tem boa crença neles, e que o que eles ora farão dessa tarefa será sempre lembrança e exemplo para os outros. 8. Pela matéria, adquirirás a benevolência se disseres as propriedades e os pertencimentos da coisa da qual falas, que enaltecem e reforçam tua parte e que confundem a parte de teu adversário e a põem em despeito. Mas aqui se cala o discurso sobre a benevolência, para mostrar como se dá aos

¹⁹⁷ Em *De inventione*, a palavra utilizada é *persona* (*De inv.*, I, 22, 16). Ver capítulo 51 abaixo, onde Brunetto define o que, de acordo com Túlio, significa corpo.

¹⁹⁸ *Droit de nature*. Vatteroni traduz por *diritto naturale* (p. 679), mas East traduz por *right and natural order* (p. 128).

¹⁹⁹ *Foibles*, traduzido por *futili* (Vatteroni, 679). Em Chabaille (p. 498), *frivoles*.

²⁰⁰ *Teches* significa *marque distinctive, bonne ou mauvaise* (Grandsaignes d'Hauterive). Vatteroni traduz por *qualità* (p. 679) e East por *acts* (p. 128).

ouvintes talante de ouvir nossos ditos.

26. Aqui divisa os ensinamentos para dar aos ouvintes talante de ouvir nossos ditos

1. Quando falas diante de alguma gente, ou homem ou mulher qualquer que seja, ou lhe envias tua carta, se queres lhe dar talante de ouvir teus ditos, porque tua matéria é antes pequena ou desprezível, debes dizer no começo de teu prólogo que contarás grandes novas, ou grandes coisas, ou que não pareçam críveis, ou que toquem a todos os homens, ou àqueles que estão diante de ti, ou sobre os homens de grande renome, ou sobre divinas coisas, ou sobre o comum proveito; ou se prometes que dirás brevemente e em poucas palavras o que queres dizer, ou se tocas no começo em um pouquinho da razão na qual mais te fias.

27. Aqui divisa os ensinamentos para dar talante de saber

1. E quando quiseses que os ouvintes tenham talante de saber o que queres dizer, porque a matéria é obscura, ou por uma ocasião ou por outra, então debes, no começo de teu discurso, dizer a suma de tua intenção abreviada e abertamente, isto é, dizer o ponto em que está a grandíssima força de toda a tarefa. E sabei que todos os homens que têm talante de saber por certo têm talante de ouvir, mas todos os homens que têm talante de ouvir não têm talante de saber; e esta é a diferença entre um talante e o outro.

28. Aqui diz sobre os prólogos que são por cobertura

1. Até aqui o mestre divisou como se deve começar seu discurso sem prólogo, ou por tal prólogo que não haja qualquer cobertura. Doravante ele quer divisar como se deve fazer seu prólogo por mestria e por cobertura; pois, para dizer a verdade, quando a matéria do falar é honesta, ou vil, ou dúbia, ou obscura, pode-se ligeiramente passar adiante, e começar seu discurso com pouca cobertura, ou sem nenhuma cobertura, segundo o que os ensinamentos divisaram acima; 2. mas quando a matéria é contrária e feia,²⁰¹ e a coragem do ouvinte está movida contra ela, então é preciso voltar-se para a magistral cobertura. E isto pode ser por três ocasiões: ou porque tua matéria, ou aquilo de que se quer falar não cai bem àquele que deve ouvir, antes lhe desagrade; ou porque teu adversário, ou outro qualquer que seja, o faz entender outra coisa, de modo que a crê por inteiro

²⁰¹ *Laide*. Os substantivos *lait* e *laide* significam *outrage*; *mal*, *dommage* (Grandsaignes d'Hauterive), mas como aqui se trata de um adjetivo, optou-se por traduzir como “feia”, apesar de Vatteroni ter preferido *sconveniente* (p. 683).

ou na maior parte; ou porque o ouvinte está ocupado,²⁰² ou trabalhado²⁰³ por muitos outros que lhe falaram antes.

29. Como se deve começar seu prólogo quando sua matéria desagrada aos ouvintes

1. E se tua matéria desagrada, te convém cobrir teu prólogo de tal maneira que, se é um homem²⁰⁴ ou outra coisa que lhe desagrada ou de que não gosta, te calarás sobre isso, e nomearás um homem ou outra coisa que lhe seja agradável e amável, como fez Catilina quando nomeou seus ancestrais e suas boas obras diante dos senadores,²⁰⁵ quando queria encobrir a conjuração de Roma, e quando lhes dizia que não era por mal, mas para ajudar os fracos e os não-poderosos, assim como ele tinha costume de fazer sempre, dizia. 2. E assim debes fingir tua vontade e, no lugar do homem que desagrada, rememorar outro homem ou outra coisa que seja amada, e no lugar da coisa que é desagradável²⁰⁶ nomearás um bom homem, ou uma boa coisa pacífica, de tal maneira que retiras sua coragem do que não lhe cai bem para o que deve lhe agradar. E quando isto estiver feito, debes fingir que não queres o que se cuida que queres, ou que não defendes o que queres defender, de acordo com o que Júlio César fez quando quis defender os conjurados. 3. Então comesas a adoçar os corações dos ouvintes; e assim debes então entrar pouco a pouco a tocar tua intenção, e a mostrar que tudo o que agrada aos ouvintes te agrada, e o que lhes desagrada não é de teu agrado. E quando houveres apaziguado aquele a quem falas, dirás que esse caso não tem nada a ver contigo,²⁰⁷ ou seja, que não lhe fazes o mal que outro lhe fez. 4. Assim disse a primeira amante de Páris nas cartas que lhe enviava depois que ele a abandonou por amor a Helena: “Eu não peço”, disse ela, “teu dinheiro, nem tuas joias como recompensa pelo meu corpo”; e isto vale tanto quanto se dissesse: “Tudo isso requereu Helena”. 5. Depois disso, debes negar que dizes dele exatamente o que dizes, segundo o que Túlio disse contra Verres: “Não direi”, disse ele, “que arrebataste o cabedal de teu companheiro, nem que roubaste casas e vilas”; e isto vale tanto quanto se dissesse: “Tudo isto fizeste”. 6. Mas muito debes evitar dizer uma coisa ou outra de maneira descoberta, que seja contra a vontade dos ouvintes, ou contra aqueles que eles amam, antes, que seja de maneira tão coberta que ele mesmo não se aperceba, e que afastes seu coração do que ele havia pensado, e o reúnas a teu desejo. E

²⁰² *Abeseingniés*. Vem de *besoigne*, tarefa. O sentido é de estar ocupado com outro assunto, com outro discurso. Em Vatteroni, *occupato* (p. 683); em East, *tired* (p. 130).

²⁰³ *Travaiillés*. “Trabalhado” no sentido de que demonstra fadiga (Houaiss).

²⁰⁴ *Cors d'ome*. Vatteroni traduz por *persona* (p. 683). Em *De inventione*, Cícero também usa *hominem* (*De inv.*, I.24) e a tradução é por *person*. Optou-se por manter a palavra homem.

²⁰⁵ *Le senator*. No singular em francês.

²⁰⁶ *Laide*. Optou-se por seguir a tradução de Vatteroni, *sgradevole* (p. 683).

²⁰⁷ *Tu diras que de cele beseingne a toi n'atient ne ce ne quoi [...]* (Na tradução de Vatteroni: *dirai che quella faccenda non dipende da te né tanto né poco* (p. 683). Em East: *you should indicate what part of the charge does not belong to you [...]* (p. 130).

quando a coisa tiver chegado a isto, debes rememorar um exemplo semelhante, ou provérbio, ou sentença, ou autoridade de sábios homens, e mostrar que teu caso é totalmente semelhante a esse, 7. de acordo com o que Catão diz contra os conjurados: “Eu digo”, disse ele, “que antigamente Mânlio Torquato condenou seu filho à morte, porque ele combateu contra o comando do império; do mesmo modo devem ser condenados estes conjurados que queriam destruir Roma, pois fizeram pior do que aquele”.

30. Como se deve começar seu prólogo quando os ouvintes creem em seu adversário

1. E quando aquele a quem falas crê no que teu adversário ou outro homem lhe fez entender, então debes no começo de teu discurso prometer que tu queres dizer sobre isso mesmo em que o adversário mais se fia, justamente sobre aquilo em que os ouvintes tinham crido; ou comesas teu discurso em uma das razões de teu adversário, naquilo mesmo que ele diz no fim de seu discurso; ou dizes que estás em dúvida sobre como debes começar e em quê, e sobre como debes responder e a quê, e fingir um maravilhamento. Pois quando o ouvinte vê que estás firmemente aparelhado para contradizer no que teus adversários cuidavam te ter perturbado, por certo ele cuidará ter loucamente crido, e que o direito está contigo.

31. Como se deve começar seu prólogo quando os ouvintes estão trabalhados ou ocupados

1. Mas se o ouvinte está trabalhado ou ocupado por muitos outros oradores anteriores, então debes antes prometer que não dirás senão pouco, e que teu discurso será mais breve do que tinhas pensado, e que não queres seguir a maneira dos outros que falam longamente. E por vezes debes começar por uma coisa nova, ou que faça rir, mas que seja pertencente a teu discurso; ou por uma fábula, ou por um exemplo, ou por outra fala pensada que seja de maneira a levar a riso e a solaz.²⁰⁸ 2. Mas se a coisa é de indignação,²⁰⁹ então é bom começar por uma dolorosa nova, ou por outra terrível fala; pois assim como o estômago carregado de carnes é despertado por uma coisa amarga, ou aliviado por uma doce, também assim a coragem que está trabalhada por ter ouvido demais é renovada ou por maravilhas ou por risos. 3. Mas aqui se cala o mestre sobre os prólogos que são por cobertura ou sem cobertura, pois deles disse separadamente todos os ensinamentos de um e do outro por si; mas ora quer mostrar os comuns ensinamentos de cada um juntos.

²⁰⁸ *Solas*. Em português, “solaz” significa prazer, alegria, divertimento, distração (Houaiss).

²⁰⁹ *Corrous*. *Corocement* ou *coroçon* significam *courroux* ou aflição (Grandsaignes d'Hauterive). *Couroux* significa coléra, ira, irritação, furor ou indignação (Dicionário Editora da língua francesa). Como o aflitivo é também o doloroso (da “dolorosa nova”), traduziu-se por indignação. Em Cícero, *dignitas* (*De inv.*, I, 17, 25). Vatteroni traduz por *serio* (p. 687) e East por *serious* (p. 132).

32. *Aqui divisa os ensinamentos de todos os prólogos juntos*

1. Em todo prólogo, sobre qualquer matéria que seja, debes pôr, isto diz Túlio,²¹⁰ bastantes boas palavras e boas sentenças; e tudo deve ser guarnecido de adequação, porque, sobre todas as coisas, convém-te dizer o que te ponha nas graças dos ouvintes. Mas deve haver poucas douraduras, jogos e consonâncias,²¹¹ porque destas coisas nasce frequentemente uma suspeição de coisa pensada por grande mestria, de tal maneira que o ouvinte duvida de ti, e não crê em tuas palavras. 2. E, por certo, quem bem considerar a matéria do prólogo achará que este não é para outra coisa senão para aparelhar a coragem daquele a quem falas para ouvir diligentemente teus ditos e neles crer, e para que faça ao fim o que tu lhe fazes entender. Por isso digo que deve ser guarnecido de palavras críveis e de sentenças, isto é, dos ensinamentos dos sábios homens, ou de provérbios, ou de bons exemplos; mas que não os haja em demasia, pois não deve ser dourado por lisonjas ou por palavras cobertas, de maneira que pareça uma coisa pensada deslealmente e por malícia. E assim não debes dizer palavras demais de jogo e vaidade, mas firmes e de bom saber,²¹² e evitar que haja consonâncias, isto é, muitas palavras juntas uma após a outra, que comecem ou terminem todas com uma mesma letra e uma mesma sílaba, pois esta é uma feia maneira de contar.

33. *Aqui diz sobre sete vícios do prólogo, e primeiramente do geral*

1. Depois das virtudes do prólogo, é coisa bem razoável tratar de seus vícios, que são sete, diz Túlio:²¹³ geral, comum, mudável, longo, estranho, diverso e sem ensinamento. 2. Prólogo geral é aquele que se pode colocar em muitos discursos adequadamente. Comum é aquele que, tanto quanto tu, teu adversário pode colocar. Mudável é aquele que com pouca mudança será bom para teu adversário. Longo é aquele onde há palavras ou sentenças demais, além do que é admissível. Estranho é aquele que de nenhuma maneira do mundo pertence à tua matéria. Diverso é aquele que faz outra coisa do que tua matéria requer, isto é, onde debes adquirir a benevolência, não o fazes, antes, dás talante de ouvir ou de saber, ou quando debes falar por cobertura, falas totalmente descoberto. Sem ensinamento é aquele que não faz nada do que o mestre ensina, nem adquire a benevolência, nem talante de ouvir, nem de saber, antes, adquire todo o contrário, o que é pior. 3. Todos estes vícios convém evitar firmemente, e seguir os ensinamentos, de tal maneira que

²¹⁰ *De inv.*, I, 18, 25.

²¹¹ Em *De inventione, splendoris et festivitatis et concinnitudinis* (I, 18, 25).

²¹² *Savor*. Pode-se traduzir tanto por “saber” quanto por “sabor”.

²¹³ *De inv.*, I, 18, 26.

nenhuma saudação nem nenhuma parte do prólogo seja repreensível, mas todas sejam agradáveis e de boa maneira.

*34. Aqui põe exemplo para mostrar o que está acima*²¹⁴

1. Ora ouvistes os ensinamentos que pertencem aos prólogos, e como o orador deve começar seu discurso segundo as diversidades das matérias que advêm sempre das carências do século; mas porque o mestre quer mais abertamente mostrar o que disse, porá um velho exemplo de grande autoridade, sobre o qual disseram vários sábios. 2. E foi verdade que quando Catilina fez em Roma a grande conjuração, segundo o que as histórias dizem, Marco Túlio Cícero, este mesmo que ensina a ciência de retórica, era então cônsul de Roma e, por seu grande sentido, inquiriu e achou a conjuração, e pegou vários dos conjurados, mesmo os mais poderosos homens de Roma. 3. E quando os pôs em cárcere, e que a conjuração foi descoberta e sabida com certeza, Marco Túlio chamou todo o senado e o conselho de Roma para julgar o que se faria dos prisioneiros. Salústio diz²¹⁵ que Décio Silano, um nobre senador que foi eleito para ser cônsul no ano seguinte, disse primeiro sua sentença: que aos prisioneiros devia ser dada a morte, a estes e aos outros que se conseguisse prender. E quando findou seu discurso, e que todos os outros, fora poucos, concordaram com sua sentença, Júlio César, que queria defender os prisioneiros, falou magistralmente por cobertura, desta maneira.²¹⁶

*35. Aqui diz sobre Júlio César, como fez seu juízo*²¹⁷

1. Senhores pares conscritos, todos aqueles que querem dar reto conselho sobre coisas dúbias não devem guardar ira, nem ódio, nem amor, nem piedade, pois estas quatro coisas podem fazer o homem deixar a via da retidão e se desviar do reto juízo. Sentido não vale nada onde se quer em tudo seguir a vontade. 2. Eu poderia nomear bastantes príncipes que deixaram de seguir reta via, porque ira os tinha surpreendido, ou piedade sem razão. Mas prefiro falar do que os sábios homens desta cidade fizeram algumas vezes, quando deixavam a vontade de seus corações e se atinham ao que a boa ordem ensinava e que revertia ao proveito comum. 3. A cidade de Rodes manteve-se contra nós na batalha que tivemos contra Perseu, o rei da Macedônia. Quando a batalha tinha findado, o senado e os cônsules julgaram que os de Rodes não fossem destruídos, para que ninguém

²¹⁴ Em Chabaille (p. 505): *Ci met exemple por mieulx demonstrer ce qui est devant.*

²¹⁵ *De coni.*, L.

²¹⁶ *De coni.*, LI.

²¹⁷ Na edição de Chabaille, todos os discursos apresentados por Brunetto como exemplos de prólogos são parágrafos do capítulo 34. Assim, a partir deste ponto, a numeração das edições de Chabaille e Beltrami é diferente.

disse que os tinha destruído mais a cobiça por suas riquezas do que a ocasião de seu erro. 4. Os de Cartago outrora nos contrariaram na guerra que tivemos contra os da África, e quebraram trégua e paz; no entanto, nossos mestres não deixaram de considerar o que deviam fazer deles, pois poderiam bem destruí-los, mas antes tiveram com eles doçuras e bondades. O mesmo devemos prover, senhores pares, para que a felonía e o malfeito daqueles que estão presos não superem nossa dignidade e nossa doçura. Devemos guardar mais nosso bom renome do que nossa cólera. 5. Os que antes de mim deram sentença mostraram bastante belamente o que pode advir de mal de sua conjuração: crueldade em batalhas, tomar donzelas à força, arrancar as crianças dos braços de pais e de mães, fazer força e desonra às damas, despojar templos e casas, matar, queimar, encher a cidade de carcaças e de sangue e de choro; e disto já não convém falar, pois a crueldade de tais malfeitos pode mover mais o coração do que a recordação da obra. Não há ninguém que não se aflija com seu dano, e há tais que lhe dão mais peso do que é mister; mas é lícito para um o que não é lícito para outro. Se sou um baixo homem, e me engano quanto a alguma coisa por cólera, poucos o saberão; mas todos sabem no que um grande homem se engana, em justiça ou em outra coisa. Pois quando um baixo homem se engana, atribui-se à ira; o malfeito de um grande homem atribui-se ao orgulho. Por isso devemos guardar nosso renome. 6. E assim reconheço, quanto a mim, que o malfeito dos conjurados supera toda a pena; mas quando se tortura²¹⁸ algum homem, se a tortura é mais áspera, há aqueles que bem sabem vituperar a tortura, e sobre o malfeito não dão uma palavra. Bem creio que Silano disse o que disse pelo bem do comum, e que não guarda nem amor nem ódio, tanto conheço seus costumes²¹⁹ e sua temperança; nem sua sentença me parece cruel, pois não se poderia fazer nenhuma crueldade a essa gente. Mas todavia digo que sua sentença não é adequada ao comum. Porque Silano é homem forte e nobre e eleito para o consulado: julgou-os à morte por medo do mal que poderia advir se os deixasse viver? Medo aqui não tem lugar, pois Cícero, nosso cônsul, é tão discreto²²⁰ e tão munido de armas e de cavaleiros, que nada devemos temer. 7. Sobre a pena, direi assim como é. Se os matarmos, morte não é tortura, antes, é fim e repouso da catividade; a morte consome todas as penas terrenas; depois da morte, nem aflições²²¹ nem alegrias. Por que não diz Silano ao menos que se lhes bata e torture antes? Se alguma lei proíbe que se fustigue homem condenado à morte, algumas leis dizem que não se mate cidadão condenado, antes, se o envie ao exílio para sempre. 8. Senhores pares conscritos, observai o que fazeis, pois frequentemente se fazem coisas por bem das quais depois mal advém. Quando os lacedemônios tomaram Atenas, estabeleceram trinta homens que eram mestres do comum. Estes mataram no

²¹⁸ *Tormente.*

²¹⁹ *Mours.* Na tradução de Vatteroni, *carattere* (p. 693). Em East, *habits* (p. 135).

²²⁰ *Decrés.* Em Vatteroni: *perché Cicerone, nostro console, è così avveduto e provvisto di armi e cavalieri* (p. 693). Em East: *Since Cicero, our consul, is wise, and is provided with horsemen and arms* (p. 135).

²²¹ *Cures.* Em Vatteroni, *pene* (p. 695), e em East, *anxiety* (p. 135).

começo os péssimos e desleais homens, todos sem julgamento. O povo ficou alegre com isso, e dizia que eles faziam bem. Depois aumentaram o costume e a licença, pouco a pouco, e tanto matavam bons e maus à vontade que os outros ficaram apavorados, e a cidade esteve em tal servidão que bem perceberam que sua alegria se revertia em pranto. 9. Lúcio Sila foi muito louvado por ter julgado e matado Damasipo e outros que tinham sido contra o comum de Roma; mas isto foi o começo de grande mal; pois depois, como cada um cobiçasse a casa, a vila, a louça ou o traje²²² do outro, esforçava-se por condenar aquele cuja coisa queria ter, e foram muitos outros homens condenados erradamente por seus haveres. E, assim, os que ficaram alegres com a morte de Damasipo ficaram depois aflitos, pois Sila não parou de matar dessa maneira até que seus cavaleiros ficaram cheios de haveres. 10. Não obstante, não temo tal coisa nestes tempos, justamente enquanto Marco Túlio Cícero é cônsul; mas em tão grande cidade há muitos homens diversos e plenos de engenho: no tempo de outro cônsul, alguns poderiam avançar falso por verdadeiro, e se o cônsul matasse então por decreto do senado um homem erroneamente inculpado, disto poderia advir mal. 11. Aqueles que vieram antes de nós tiveram sentido e intrepidez; orgulho não os coibiu de tomarem bons exemplos de razão aos estrangeiros; e quando achavam em seus inimigos alguma marca,²²³ bem sabiam empregá-la em casa.²²⁴ Preferiam seguir o bem do que ter inveja. Eles fustigavam o cidadão malfeitor à maneira da Grécia; quando os males começaram a aumentar, então foram dadas leis para que os condenados partissem em exílio. Por que então tomais conselho novo? Assim fizeram nossos ancestrais, e grande virtude e sapiência houve neles mais do que em nós; pois eles foram poucos, e adquiriram com poucas riquezas o que quase não conseguimos manter nem guardar. 12. Que faremos então? Deixaremos esses prisioneiros aumentarem as hostes de Catilina? Não: antes, é minha sentença que seus haveres sejam tornados públicos;²²⁵ que eles sejam postos em diversas prisões fora de Roma e em fortalezas bem protegidas, e que ninguém fale por eles nem no senado nem no povo; quem fizer diferente, que seja posto em prisão como um deles.

²²² *Le vaissel ou la robe*. *Vaissel* pode querer dizer vaso, vasilhame; ou nau, navio. *Robe* pode querer dizer saque, roubo; roupas, hábito; ou propriedade (Grandsaignes d'Hauterive). Vatteroni traduz por *il vasellame o i vestiti di un altro* (p. 695); East, por *goods, or property* (p. 135).

²²³ *Tache*. Como *teche*, significa marca distintiva, boa ou má (Grandsaignes d'Hauterive). Há divergência na interpretação que fazem Vatteroni e East. O primeiro diz: *quanto trovato lontano tra i nemici una certa qualità, sapevano ben metterla a frutto a casa loro. Preferivano seguire il bene che averne invidia* (p. 695). O segundo diz: *when they found some defect in their enemies, they knew how to use it to advantage in their own affairs: though they preferred to follow the good rather than envy it, [...]* (p. 136). A distinção está em considerar que *tache* significa marca boa ou má.

²²⁴ *Ostel*.

²²⁵ [...] *que lor avoir soit plubiés et mis en l'[a]ost*. *Ost* significa exército, tropa, multidão; expedição. *Aost* significa *moisson* (Grandsaignes d'Hauterive). *Moisson* também significa aquilo que se colhe, ou se reúne em grande quantidade (Nouveau Petit Robert). Vatteroni sugere: [...] *che il loro averi siano confiscati e messi a raccolta* (p. 697); East: [...] *that their wealth be confiscated and kept by the state* (p. 136). Em *De coni.*, LI: *publicandas eorum pecunias*.

36. Como César falou segundo esta arte

1. Por todas essas palavras podeis entender que o primeiro orador, isto é, Décio Silano, passou brevemente com poucas palavras, sem prólogo e sem nenhuma cobertura, porque sua matéria era sobre coisa honesta, como é entregar à morte os traidores do comum de Roma. Mas Júlio César, que pensava outras coisas, voltou-se para as coberturas e as palavras douradas, porque sua matéria era contrária, pois ele sabia bem que o coração dos ouvintes estava movido contra sua intenção; e por isso lhe convinha adquirir sua benevolência. E, por outro lado, sua matéria quedava dúbia e obscura por muitas sentenças e coberturas com que ele queria aconselhar, e quanto a isto ele precisava dar aos ouvintes talante de saber e de ouvir o que ele queria dizer. 2. Mas porque douradura de palavras é um tanto suspeitosa, não quis ele no começo descobrir-se de adquirir benevolência, antes, tocou a suma de sua intenção para dar vontade aos ouvintes de entender e de ouvir seus ditos, onde disse quatro coisas que bons conselheiros devem observar.²²⁶ 3. E, no entanto, seu prólogo não foi sem benevolência, onde os chamou de senhores pares conscritos, e onde enalteceu sua matéria e confirmou-a por belas razões e por exemplos de velhas histórias que ele rememorou. Assim muito belamente, em lugar da coisa que desagradava, ele nomeou coisas que deveriam agradar, para retirar as coragens dos ouvintes do que era feio para o que fosse honesto e razoável. 4. Desta maneira, passou a dizer o fato em que ele queria fundar seu discurso, isto é, o conselho que deve ser tomado sobre o malfeito dos conjurados, e fingiu que não queria defender seu mal, mas queria guardar a dignidade e a honra do senado. 5. Então começou a terceira parte de seu discurso, isto é, a divisão, e divisou os ditos dos outros, e a crueldade do crime, por partes, e escolheu essa parte que mais ajudava contra aqueles que haviam falado, e firmou-a nos corações dos ouvintes tanto quanto pôde. 6. E quando havia assim contado o fato, começou a quarta parte do discurso, isto é, confirmação, onde diz que deveriam guardar seu renome, e finge louvar as sentenças dos outros, mas muito as vitupera, e assim confirma seu discurso por muitas razões que dão fé a seu conselho e a tolhem da sentença dos outros. 7. E depois de ter firmado seu discurso com seus bons argumentos, foi então à quinta parte, isto é, refutação, para enfraquecer e destruir a confirmação dos outros que haviam dito antes dele, e onde diz: observai o que fazeis. E então rememorou diversos exemplos e autoridades e sentenças de sábios homens, que eram semelhantes à sua matéria. E, depois, quando veio perto do fim, e ele confirmou seus ditos pelos melhores argumentos e pelas mais fortes razões que pôde, 8. e veio à sexta parte, isto é, conclusão, e disse sua

²²⁶ Brunetto havia explicado que em matéria contrária é preciso adquirir a benevolência do ouvinte por cobertura (*Tres.*, III.25). Neste caso, entretanto, a matéria é também em parte dúbia e obscura, para o que é preciso dar ao ouvinte talante de saber (*Tres.*, III.24), o que é obtido dizendo-se breve e abertamente a suma de sua intenção (*Tres.*, III.27). Portanto, Júlio César não quis começar com muitos ornatos, pois isto seria suspeito, antes, quis dar aos ouvintes vontade de saber, dizendo a suma de sua intenção.

sentença, e pôs fim a seu discurso. E depois que César havia falado assim, uns diziam uma coisa e outros diziam outra, até que Marco Catão se levantou e falou desta maneira:²²⁷

37. *Este é o juízo de Catão*

1. Senhores pares conscritos, quando considero a conjuração e o perigo, e contrapeso em meu coração e em mim mesmo a sentença de cada um que falou, eu penso coisa totalmente diferente do que César disse ou qualquer dos outros. Eles falaram tão somente da pena dos conjurados que aparelharam batalha para destruir seu país, e seus pais, e seus templos, e suas casas; mas grande mister é saber como se poderá resguardar-se deles e do perigo, mais do que tomar conselho sobre como eles serão entregues à pena e condenados. Se não se provê para que esse perigo não advenha, por nada se dará a conselho quando ele tiver advindo. Se a cidade é tomada por força, os vencidos não têm nada a esperar: tudo estará perdido.²²⁸ Ora falarei a vós que bem entendeis razão, e que ansiais ter casas, vilas, estátuas e pinturas²²⁹ de ouro e de prata mais do que o proveito do comum. 2. Se essas coisas que tanto amais quiserdes guardar e reter, e quiserdes manter vossos deleites em ordem e em repouso, despertai aqui e pensai em garantir o comum. Se o comum perecer, como escapareis? Esta carência não é de tributo ou de pedágio nem de querela entre companheiros, antes, é de defender nossa liberdade,²³⁰ e nossos corpos que estão em perigo. 3. Senhores, muitas vezes falei e me queixei perante vós da avareza, e da luxúria, e da cobiça de vossos cidadãos; donde tenho a malevolência de alguns; pois não perdoo de boa vontade ao outro o malfeito de que não sinto nenhuma marca em mim. Por não perdoar nenhum malfeito, não quereria receber graça de outrem. Se isso não vos importava, e vossa riqueza vos fazia muitas coisas descuidar, todavia estava o comum em reto estado, e mais forte do que agora. 4. Mas neste lugar não falamos de nosso bem viver, nem de a senhoria dos romanos crescer e exalçar; antes, nos convém ver se o que temos pode nos remanescer e ser nosso, ou se será de nossos inimigos. Aqui ninguém deve falar de bondade nem de misericórdia: nós há tempos perdemos os retos nomes de piedade e misericórdia, pois dar os bens do outro, esta é nossa bondade; ousar malfazer, esta é nossa virtude; por isso vai nosso comum assim ao declínio. 5. Ora, podeis então ser bondosos, e pôr o

²²⁷ *De coni.*, LII.

²²⁸ *Tot sera en la mine*. De acordo com A. J. Greimas, *mettre en la mine* significa colocar em jogo, sacrificar. As traduções de Vatteroni e de East são diferentes. O primeiro diz: *tutto sarà messo in gioco* (p. 699); e o segundo: *it is a settled question* (p. 137).

²²⁹ *Ensignes, et tables d'or e d'argent*. Quanto a *enseignes*, Vatteroni indica que corresponde a *enseignes* em *Fet des Romans* e a *signa* em Salústio. Em Plínio, encontra-se a palavra *signa* traduzida como estátua (*Hist. nat*, livro XXXV.II.2). Também se encontra a palavra *tabula* designando pinturas, quadros (*Hist. nat*, livro XXXV.X). Por isso, a tradução de Vatteroni foi seguida: *statue, dipinti d'oro e d'argento* (p. 699). East traduz diferentemente: *coats of arms, and tables of gold and silver* (p. 137).

²³⁰ *Franchise*.

povo em desventura, ou podeis ser piedosos com aqueles que cuidam nada vos deixar, e cuidam roubar o tesouro do comum. Dai-lhes nosso sangue, até que todos os homens probos vão à destruição; e nisso de poupar uns poucos malfeitores, destruireis uma grande turba de boas gentes. 6. César falou bem e com graça,²³¹ nós ouvimos, da vida e da morte, quando disse: depois da morte, nem aflição, nem alegria. Mas quando falou assim, creio que se engana no que acha sobre os do inferno:²³² os maus são separados dos bons, e entram em negro lugar e no horrível, fedido e medonho.²³³ Depois julgou que seus haveres fossem tornados públicos, e que eles fossem emprisionados em diversas fortalezas fora de Roma. Duvidava ele que, se fossem mantidos em Roma, os da conjuração e outras gentes assoldadas os tirassem à força da prisão? Não? Então há má gente apenas nesta cidade? Por toda parte podem se achar maus homens. 7. César teme em vão se receia que não se possa guardá-los em Roma tão bem quanto fora. E se só ele não tem medo de que eles escapem dessa prisão onde diz que devem ser postos, e se ele não receia o perigo para o comum, eu sou o que tem medo por mim e por vós e pelos outros. Por isso deveis saber que o que julgarmos sobre esses prisioneiros deve ser julgado sobre toda a companhia de Catilina. Se fazeis com estes áspera justiça, todos aqueles das hostes de Catilina ficarão apavorados; se o fazeis fraca e molemente, vê-los-eis vir cruéis e ferozes contra nós. 8. Não crede que nossos ancestrais tenham acrescido tanto a senhoria do comum somente pelas armas, pois se assim fosse, nós a poderíamos melhorar; pois temos mais senhoria e companheiros, e maior abundância de coisas, e de cavalos, e de armas do que eles tiveram. Mas houve neles outra coisa, pela qual tiveram renome e grande apreço, e essas coisas não estão nem um pouco em nós. Eles eram, em suas casas,²³⁴ sábios e perspicazes, e davam retos comandos àqueles de fora; seus corações eram francos e despertos, e livres para dar conselho sem sujeição a pecado que eles temessem, e sem seguir má vontade. 9. Em lugar disso, o que se pode achar em nós? Luxúria, avareza, comum pobreza e privada riqueza: louvamos as riquezas, e buscamos a preguiça, não fazemos diferença entre bons e maus; tudo é voltado para cobiça, é esta a recompensa da virtude. Não é nenhuma maravilha que cada um siga sua via e seu conselho por si mesmo. Servis em vossas casas vossos deleites e entendeis seguir vossa vontade; fora de vossas casas, procurais acumular haveres e conquistar graça de outrem; daí advém que se guerreie pelo comum, e que os conjurados o queiram destruir. 10. Mas sobre essas coisas que fazeis dessa maneira não direi mais por ora. Nobres cidadãos juntos juraram que

²³¹ *Afaiement*. Em Grandsaignes d'Hauterive, *afaitement* significa com graça. Vatteroni traduz por *com arte* (p. 701); e East, por *appropriately* (p. 138).

²³² *Je croi que il cuide a faus ce que l'en trueve de ciaux d'enfer*. Vatteroni traduz assim: *credo che reputasse falso ciò che troviamo scritto su quelli che vanno all'inferno* (p. 701).

²³³ *En noir leuc et en orible, puant e espoentable*. Em Salústio, *loca taetra, inculta, foeda atque formidulosa habere* (*De coni.*, LII.13).

²³⁴ *Ostels*.

queimariam a cidade, e atraíram para mover batalha com eles a gente de França, que não gosta da senhoria nem do nome de Roma. Catilina, o duque de nossos inimigos, nos vem sobre as cabeças com todo o seu esforço. Então demorais e duvidais do que deveis fazer com vossos inimigos que prendestes dentro destes muros? Ora, ainda que julgue que vós lhes tenhais misericórdia. Dizeis que são moços, loucos, e que por má cobiça o fizeram, e os deixais ir armadíssimos. Mas, por certo, creio que essa piedade e essa doçura se tornarão miséria e amargura. 11. A coisa é áspera e perigosa: não tendes medo? Sim, é verdade. Mas a preguiça, a malignidade, a moleza de vossos corações fazem com que um espere do outro. Pondes vossa confiança em vossos deuses e dizeis que eles guardaram e livraram o comum de muitos perigos. A ajuda de Deus não vem pela vontade daqueles que querem viver como mulheres; mas todas as coisas boas advêm àqueles que querem vigiar em fazer bem e dar bom conselho. Chama Deus em vão quem se abandona à preguiça e à malignidade. Mânlio Torquato, um de nossos antigos duques, mandou matar seu filho somente porque, contra sua ordem, atacou seus inimigos em uma batalha de França: por tal malfeito morreu esse nobre juvenzito. Demorais a fazer justiça com esses cruéis parricidas que querem destruir a cidade? 12. Deixais-os partir por causa de sua boa vida:²³⁵ não morra Lêntulo, pela dignidade de sua linhagem; se alguma vez amou bom renome, se amou Deus, se poupou homem. Não morra Cétego: tenha-se piedade de sua juventude, se nunca antes moveu tumulto ou batalha neste país. Gabínio, Statílio e Cepário, tais que são, que devo dizer deles? Se tivessem tido em si razão e medida, não teriam tomado tal conselho contra o comum. 13. Por fim vos digo, senhores pares, que, por Deus, se eu²³⁶ pudesse disso escapar, eu bem vos deixaria acerca disso convir, e suportaria bem que fôsseis castigados pelo ultraje deles, quando não quereis crer em conselho. Mas por isso digo que estamos cercados de grande perigo por todos os lados: Catilina, com todas as suas hostes, está diante dos nossos olhos lá fora, e cuida nos engolir; os outros estão no meio desta cidade em toda parte; não podemos nada aparelhar nem aconselhar que nossos inimigos não saibam: donde devemos ainda mais nos apressar. 14. Por isso direi tal sentença: é verdade que o comum está em perigo pelo maldito conselho dos cidadãos excomungados²³⁷ e desleais; estes confessaram, e é conhecido pelo dito dos mensageiros de França, e de Tito Voltúrcio que queriam queimar a cidade, matar os melhores, destruir o país, desonrar damas e donzelas, fazer outras crueldades: por isso dou sentença e juízo que se deve fazer com eles como com traidores homicidas consumados.

38. Como Catão falou segundo essa arte

²³⁵ *Laissiez le vos par lor bon vie.* Em Salústio: *Videlicet cetera vita eorum huic sceleri obstat* (*De coni.*, LII.31).

²³⁶ Em Chabaille (p. 515): *se mon cors en deust eschaper.*

²³⁷ *Escominiez.*

1. Este é o discurso e esta é a sentença de Catão. Mas para melhor entender seu dito, e como ele falou segundo as regras de retórica, convém-nos considerar antes de tudo a maneira de seu dito e a natureza de sua matéria. De que muitos dizem que é dúbia e um pouco obscura, porque sua matéria é em parte honesta e em outra parte desonesta: 2. pois dizer o proveito do comum, e defender o bom estado de Roma, e destruir todos os traidores, isto é honesta coisa; e condenar à morte uma gente de nobre cidade, e dizer contra César, que tinha tão firmemente estabelecido seu juízo por tão boas razões que quase não se podia contradizê-las, e que os ouvintes estavam bastante movidos a crer em seu dito, por certo parecia ser coisa cruel e maravilhosa. E por isso ele precisava ornar seu prólogo de tal maneira que ele acolhesse a benevolência dos ouvintes, e que ele lhes desse talante de saber o que ele queria dizer, para afastá-los da sentença de César, segundo o que o mestre divisou cá atrás, onde ensina a diversidade do prólogo. 3. E por isso tocou Catão, em seu começo, brevemente e abertamente, o ponto onde estava a grande força de toda a tarefa, aquilo mesmo em que os ouvintes haviam crido, quando ele disse que pensava coisa totalmente diferente do que César havia dito, ou qualquer dos outros. Assim lhes deu talante de saber e de ouvir o que ele diria, e fingiu aconselhar somente sobre a guarda do comum, não sobre a morte dos conjurados. 4. E então procurou adquirir o amor e a benevolência dos ouvintes para apaziguar seus corações, e para tornar toda a coisa honesta, e para acrescentar a benevolência que ele tinha naquela parte em que a matéria era honesta, segundo o que o bom entendedor poderá saber e conhecer, se ele considerar e guardar diligentemente os ensinamentos que estão cá atrás. Por isso, ora se cala o mestre, pois quererá dizer outras doutrinas boas e proveitosas.

39. Aqui divisa o segundo ramo do discurso, isto é, o fato

1. Depois das doutrinas dos prólogos vem o segundo ramo do discurso, isto é, o fato. Dele, Túlio diz²³⁸ que o fato é quando o orador diz as coisas que foram, ou aquelas que não foram como se elas tivessem sido; isto é, quando deixa o prólogo, e vem ao fato, e diz a própria coisa em que está a ocasião e a matéria de todo o seu discurso. 2. E é de três maneiras: uma civil, que diz bem propriamente o fato e a coisa sobre a qual é o discurso e a questão, e divisa as razões por que essa coisa pode ser provada; e essa maneira pertence a esta arte, porque ela ensina a contender um orador contra o outro, segundo o que o livro diz cá atrás, em torno do começo. Mas ora não diz mais o discurso, pois sobre isto dirá largamente cá adiante; antes, quer seguir as duas outras maneiras do fato que não pertencem a esta arte.

²³⁸ *De inv.*, I, 19, 27: *narratio*. Cícero diz apenas que a terceira maneira é estranha aos assuntos civis, mas Brunetto reforça a ideia de que apenas primeira maneira de narrar – a civil – pertence à retórica e as outras duas não.

40. *Aqui divisa o discurso que ultrapassa sua matéria*

1. A segunda maneira de dizer o fato é quando se se afasta um pouquinho de sua própria matéria, e se passa a outra coisa fora de sua principal causa, ou para vituperar o corpo ou a coisa, ou para acrescentar o mal ou o bem que se diz, ou para mostrar que duas coisas são semelhantes entre si, ou para deleitar os ouvintes com algum chiste²³⁹ que seja pertencente à sua matéria. E desta maneira de dizer os oradores usam frequentemente para melhor provar o que querem do corpo ou da coisa.

41. *Aqui divisa o discurso que é por jogo e por divertimento*²⁴⁰

1. A terceira maneira de dizer o fato não pertence às coisas civis, antes, é por jogo e por solaz. E, não obstante, é boa coisa que se acostume a bem contar; pois assim se torna melhor orador nas grandes tarefas; e, assim sendo, o mestre dirá toda a natureza disso. 2. Túlio diz²⁴¹ que o que se diz nesta última maneira ou divisa as propriedades e os costumes do corpo,²⁴² ou divisa as propriedades de outra coisa. E se divisa as propriedades de outra coisa, convém forçosamente que seu dito seja fábula, ou história, ou argumento; e por isso é bom saber o que importa em uma e o que em outra. 3. E por certo fábula é um discurso em que se dizem coisas que não são verdadeiras, nem verossímeis, assim como a fábula da nau que voou pelo ar longamente. História é contar as antigas coisas que aconteceram verdadeiramente, mas foram antes de nosso tempo, longe de nossa memória. Argumento é dizer uma coisa falsa, que não foi, mas bem poderia ser, e se a diz por semelhança de alguma coisa. E se o orador divisa as propriedades do corpo, convém que por seus ditos se conheçam os costumes e as propriedades do corpo e da coragem juntos, isto é, dizer se é velho ou jovem, ou se é cortês ou vil, ou outras tais propriedades. 4. Para essa coisa convém ter grande ornamento que seja formado pela diversidade das coisas e pela semelhança das coragens, e por orgulho e bondade, por esperança, por medo, e por suspeição, por desejo, por fingimento, por erro, por misericórdia, por mudança de fortuna, por perigos que não se cuidava, por alegria repentina e por bom fim, segundo o que este livro divisará cá adiante, onde ensinará a usar os ornamentos e a beleza das palavras.²⁴³ Por isso, ora não diz nada mais do que já disse, antes, se

²³⁹ *Guabois*. Vatteroni: *facezia* (p. 709); East: *jest* (p. 141).

²⁴⁰ *Envoiseure*. Vatteroni: *divertimento* (p. 709); East: *amusement* (p. 143). Em Cícero, *delectationis* (*De inv.*, I, 19, 27).

²⁴¹ *De inv.*, I, 19, 27.

²⁴² *Les proprieties et les mours du corps. Personis*, em Cícero (*De inv.*, I, 19, 27). Em Vatteroni: *le proprietà e i costumi della persona* (p. 709); em East: *the properties and habits of people* (p. 143).

²⁴³ No *De inventione* (I, 19, 27), há uma referência aos preceitos da elocução, mas não há uma parte específica que os ensine. Os ornamentos e a beleza das palavras também referem-se à elocução, mas o *Tesouro* também não traz esses

voltará para a primeira maneira de dizer o fato, que é chamada civil.

42. *Aqui divisa o discurso que é de coisas civis*

1. Ora diz o discurso que a civil maneira de dizer o fato, que divisa a causa propriamente, deve ter três coisas: que seja breve, que seja clara, e que seja verossímil. Sobre todas dirá o mestre, e primeiramente sobre a brevidade.

43. *Aqui ensina a contar o fato brevemente*

1. Túlio diz²⁴⁴ que o fato é contado brevemente quando o orador começa no reto começo de sua matéria, e não em um longo começo que seu discurso em nada aproveita; assim como fez Salústio quando quis contar a história de Troia, começou na criação do céu e da terra, mas bem lhe teria bastado começar com Páris quando raptou Helena. 2. Também, é breve se, onde é suficiente dizer a suma do fato, não o dividas por partes, pois onde basta dizer assim: “Este homem matou aquele outro”, não digas: “Ele o pegou, tirou o punhal da bainha, levantou-o e fez assim e assim, uma coisa e outra”. Pois muitas vezes é bastante dizer que fato é e não como ou de que maneira. 3. Outrossim, é breve se não se diz mais coisas do que é mister saber, e se não se passa a dizer outras coisas estranhas, e que em nada pertencem à sua matéria; se não se rediz o que se pode entender pelo que havia sido dito. E se dizes: “Eles iam aonde podiam”, não convém dizer: “Eles não iam aonde não podiam ir”; e se eu digo: “Aristóteles diz tal coisa”, não convém que eu diga: “Ele o disse por sua boca”, pois cada um pode bem entendê-lo pelo que foi dito antes. 4. Outrossim, é breve se não se conta o que pode obstar,²⁴⁵ ou o que não pode nem ajudá-lo nem obstá-lo; e se diz cada coisa uma vez sem mais, e se não se recomeça frequentemente na mesma palavra que já se disse. Assim como o orador deve evitar a multidão de palavras e de falas,²⁴⁶ deve evitar dizer coisas demais, pois há muita gente que se engana; e onde se esforçam por dizer pouco, dizem demasiado longamente, porque procuram dizer muitas coisas com poucas palavras; mas não se esforçam por dizer tão poucas coisas quanto lhe são necessárias, e não mais. 5. Razão por que: cuidarás dizer brevemente se dizes de tal maneira: “Eu fui à vossa casa e chamei vosso servente; ele respondeu; eu

preceitos.

²⁴⁴ *De inv.*, I, 20, 28.

²⁴⁵ *Se il ne raconte ce qui puet anuier, ou ce que ne li puet ne aidier ne ennuier.* Em Vatteroni: *infatidire* (p. 711); em East: *if he does not relate too many things which confuse, but only those which can help and not bother* (grifos meus) (p. 143). Em Cícero, a palavra é *obest* (*De inv.*, I, 20, 28).

²⁴⁶ *Multitudo des mos et des paroles.* Em Vatteroni: *l'abbondanza dell.e parole e dei discorsi* (p. 711); em East: *too many words and phrases* (p. 143).

perguntei por vós; ele disse que não estáveis em casa”. Embora digas breves palavras, no entanto contas mais coisas do que é mister, pois basta dizer: “Disseram-me que não estáveis em casa”. Por isso cada um deve observar bem que sob as breves palavras não diga tantas coisas que sua narração seja longa e enfadonha de escutar.

44. *Aqui ensina a contar o fato entendivelmente*

1. Depois, deve o orador buscar dizer claramente o que diz, e que seus ditos sejam abertos e entendíveis. Pois Túlio diz²⁴⁷ que o fato é contado claramente quando o orador e o ditador começam seu dito naquilo que foi antes, e seguem a ordem da coisa e da estação, exatamente assim como foi, ou como podia ter sido, de tal maneira que seus ditos não sejam turvos e confusos, e que não estejam envolvidos em estranhas palavras, e que ele não passe a outras coisas que sejam dissemelhantes e longe de sua matéria; e que não comece com demasiado longo começo, e que não prolongue o fim de seu discurso tanto quanto poderia dizer, e que não deixe nada que importe contar. 2. E, em suma, ele deve evitar tudo o que o mestre ensina aqui acima sobre a brevidade do fato; pois acontece muitas vezes que o discurso é mais confuso pela longura do falar do que pela obscuridade das palavras. E sobretudo deve o orador usar palavras próprias, belas e acostumadas, segundo o que o mestre devisará cá adiante, no discurso de elocução.²⁴⁸

45. *Aqui ensina a contar o fato verossimilmente*²⁴⁹

1. Depois disso deve o orador contar o fato de tal maneira que ele seja verossímil, isto é, que ele diga tal coisa que os ouvintes possam crer que ele diz a verdade. Túlio diz²⁵⁰ que para fazer isto convém dizer as propriedades do corpo, se é velho ou jovem, preguiçoso ou irascível, ou taciturno, ou outras semelhantes propriedades que testemunhem seu dito. 2. Depois, lhe convém mostrar a ocasião do fato, isto é, a ocasião pela qual e como podia e devia fazê-lo, e que teve poder e azo de fazê-lo, e que houve tempo adequado para fazê-lo, e que teve bastante tempo e estação²⁵¹ para fazê-lo, e que o lugar foi bom e suficiente para fazer o que o orador disse antes. 3. Depois disso, deve

²⁴⁷ *De inv.*, I, 20, 29.

²⁴⁸ *Parleure*. Vatteroni traduz por *modi di parlare* (p. 713) e East, por *good speaking* (p. 145). Da mesma maneira que acima, na parte correspondente a esta, Cícero remete seu leitor aos preceitos de elocução (*De inv.*, I, 20, 29). A palavra *parleure*, no capítulo 3 (*Tres.*, III.3.6), significa pronúnciação, uma das partes da retórica. Entretanto, usar palavras próprias, belas e acostumadas diz respeito à elocução e não à pronúnciação. Cabe ressaltar que não há no livro III capítulo sobre pronúnciação ou elocução. Em relação à pronúnciação, Brunetto remete o leitor ao livro II, sobre os vícios e as virtudes.

²⁴⁹ *Voirsementablement*. Em Cícero, *probabilis* (*De inv.*, I, 21, 29).

²⁵⁰ *De inv.*, I, 21, 29.

²⁵¹ *Saison*. Ver *Tres.*, III.53.7.

mostrar que o homem ou a coisa de que ele fala é de tal maneira e de tal natureza que pode e sabe bem fazer o que o renome e a voz do povo puseram sobre ele, e que ele tem tal fé e tal crença e tal opinião que ele bem faria uma coisa assim feita.

46. *Aqui divisa os vícios do dizer do fato*

1. Ora haveis ouvido como o orador deve dizer o fato, de tal maneira que seja breve e claro e verossímil; pois estas três coisas são muito fortemente necessárias para bem dizer. E assim como o orador deve seguir as virtudes que pertencem ao bem dizer, também assim ele deve evitar os vícios que impedem e desonram sua fala;²⁵² 2. e são quatro. Um é quando é um dano para si contar o fato. O segundo é quando não lhe serve para nada dizê-lo. O terceiro é quando o fato não é contado da maneira que deve. O quarto é quando não diz nessa parte do discurso o que é mister. 3. Sabei então que é um dano para o orador dizer o fato segundo o que foi, quando essa coisa desagrade aos ouvintes, e que por isso sejam contra ele movidos à ira e ao ódio, e se ele não os adoçar com bons argumentos que confirmem sua causa. E quando isso advém, não debes contar o fato palavra por palavra em conjunto, assim como foi; antes, te convém dividir por partes, e dizer um trecho aqui e outro ali; e nesse momento juntar a razão de cada parte em seu lugar, de tal maneira que teu golpe tenha tão logo seu remédio e a boa defesa para adoçar o ódio dos ouvintes. 4. Outrossim, sabe que não serve para nada contar o fato quando teu adversário ou outro que falou antes de ti disse toda a coisa de tal maneira que não seja necessário que a redigas, nem assim nem diferentemente dele; ou quando aqueles a quem falas sabem a coisa de tal maneira que não podes mostrar que é de outro modo. E quando essas coisas advêm, Túlio recomenda²⁵³ que debes te calar, e que não digas. O fato 5. não é contado da maneira que deve, quando deve aproveitar a teu adversário e tu mesmo o dividas bem e belamente, ou quando o que deve te aproveitar o dizes turva e preguiçosamente. Túlio diz²⁵⁴ que para esquivar esses vícios, debes muito sabiamente virar todas as coisas em proveito de tua causa; e calar o contrário tanto quanto puderes; e se te convém nada dizer sobre o que pertence à outra parte, passarás ligeiramente por ela; e, todavia, diga tua parte diligente e aberta e firmemente. 6. O quarto vício é quando o fato não é dito na parte do discurso que é de mister, e isto é das coisas que pertencem à ordem. Por isso, ora se cala o mestre até quando tratar da ordem,²⁵⁵ como devem se estabelecer seu discurso e suas partes.

²⁵² *Parlement.*

²⁵³ *De inv.*, I, 21, 30.

²⁵⁴ *Ibid.*, loc. cit.

²⁵⁵ A referência à ordem está em Cícero: *quo de genere agemus tum, cum de dispositione dicemus (this topic we shall take up when we discuss arrangement)* (*De inv.*, I, 21, 30) (grifo meu). Não há no tratado citado uma parte específica sobre a disposição. O *Tesouro* trata da ordem no capítulo 11.

47. *Aqui divisa o terceiro ramo do discurso, isto é, divisão*

1. Após a doutrina do fato, vem o terceiro ramo do discurso, isto é, divisão. Dela, Túlio diz²⁵⁶ que pela divisão, quando o orador a diz retamente, por certo todo o discurso fica mais rico e mais belo, e melhor entendível. E embora estes dois ramos, isto é, o fato e a divisão, sejam para dizer a causa, não obstante, há diferença entre eles: pois divisão diz com muita certeza o ponto em que o orador se afirma, e que quer provar, mas o fato não diz assim. 2. As partes da divisão são duas: uma que divisa o que o adversário reconhece e o que ele nega, de tal maneira que cada um pode entender o ponto que o orador quer provar. A outra é quando o orador divisa por partes, abreviadamente, todos os pontos que ele quiser provar, até que o ouvinte o saiba em sua coragem, e entenda bem que ele disse toda a força de sua sentença. Por isso é reto ver os ensinamentos de um e do outro, e como o orador deve usá-los em seu discurso.

48. *Aqui fala da divisão*

1. Na primeira divisão, que conta o que o adversário reconhece e o que nega, o orador deve antes de tudo virar esse reconhecimento em proveito de sua causa, assim como fez o adversário de Orestes. Ele não disse que Orestes reconheceu que havia matado Clitemnestra, antes, disse outras palavras que afirmavam mais sua causa contra Orestes. “É bem reconhecido”, disse, “que a mãe foi morta pelas mãos de seu filho”; pois dizer que o filho matou sua mãe é mais cruel do que dizer o nome de um e de outro. 2. Também assim fez Catão em sua sentença. Ele não disse somente que eles haviam reconhecido a conjuração; pois muita gente dizia que não a haviam feito contra o comum de Roma, mas por bem, contra alguns que governavam mal o comum; por isso Catão virou em proveito de sua causa o reconhecimento deles, e disse contra eles feras maravilhas, que eles queriam queimar a cidade, matar os melhores, destruir o país e desonrar damas e donzelas. Por isso vê-se que um e outro dizem o que foi reconhecido; mas cada um virou-o em seu próprio proveito. 3. E quando tiveres feito o mesmo em teu discurso, debes dizer o que teu adversário nega, e estabelecer a questão sob juízo, para saber o direito da questão. Razão por que: Orestes reconhecia o homicídio, mas negava que o tinha feito erradamente, mas por direito, e esta é a questão que remanesce sob juízo, para saber se o fez erradamente ou com direito.

49. *Esta é a segunda divisão*

²⁵⁶ *De inv.*, I, 22, 31.

1. E a segunda divisão, que enumera por partes os pontos que quiser provar, debes observar que seja breve e completa e curta.²⁵⁷ Brevidade é que não digas palavras ociosas, senão tais que sejam necessárias à tua causa; pois não debes então, quando divisas teu fato e tuas partes, trabalhar o coração dos ouvintes por palavras e por maravilhosos ornamentos. 2. Completude²⁵⁸ é quando dizes geralmente tudo o que compreende todas as coisas de que queres dizer; e sobre isto te convém fortemente cuidar que não deixes de lembrar nenhuma coisa geral que te seja proveitosa, e que não a digas tarde, isto é, fora de tua divisão; pois isto é mal dizer e vicioso. 3. Curta é a divisão em que, quando dizes a palavra geral da causa, não redizes com a palavra especial que está compreendida sob a geral que já havias dito. 4. E saiba que palavra geral é aquela que compreende muitas coisas sob seu nome, pois a palavra animal compreende homens, bestas e aves e peixes; palavra especial é aquela que é compreendida sob outra; pois a palavra Pedro ou João ou Tiago está por certo compreendida sob o nome geral que é homem. Mas há palavras que são gerais sobre uma e especiais sob outra; pois esta palavra homem é especial sob esta palavra animal, mas é geral sobre esta palavra Pedro ou João. 5. O mestre diz estes ensinamentos do geral e do especial para que o orador guarde que em sua divisão geral não coloque a parte especial. Pois aquele que divisa seu fato desta maneira: “Eu mostrarei”, diz, “que pela cobiça e pela luxúria e pela avareza de nossos inimigos, todos os males advieram a nosso comum”, não entendeu bem que em sua divisão misturou a palavra especial com seu geral, pois, sem falha, cobiça é o nome geral de todos os desejos, e luxúria e avareza são partes dela. 6. Guarda então, quando tiveres divisado o geral, que não redigas suas partes como se fossem outras coisas estranhas. Mas no outro ramo que vem depois, isto é, na confirmação, poderás bem pôr as partes especiais do geral supracitado para melhor afirmar teu fato e tua divisão. Razão por que: queres provar que Orestes cometeu homicídio. Diz então, depois da divisão: “Orestes matou Clitemnestra, então cometeu homicídio”. 7. Depois, guarda, em tua divisão, que não divises mais partes do que é mister para tua causa; pois se divisasses de tal maneira: “Eu mostrarei que meu adversário bem tinha o poder de fazer isso, e que ele queria fazê-lo, e que o fez”, por certo tal divisão é pesada, pois há nela coisas demais; é bastante suficiente dizer: “Eu mostrarei que o fez”. Outrossim, guarda que onde a coisa é simples, e única, convém pouco dividir, pois é bastante dizer o ponto da questão. 8. E, contudo, ocorre frequentemente que uma coisa pode ser provada por diversas razões; e quando assim é, aquele que

²⁵⁷ *Briés et delivres et cors*. Em Vatteroni, *breve, compiuta e ridotta all'essenziale* (p. 719); em East, *brief, expeditious, and concise* (p. 147). Em *De inventione*, a segunda divisão deve ser *brevitatem, absolutionem, paucitatem* (*De inv.*, I, 22, 32). Na *Retórica a Herênio*, a exposição deve ser *breviter et absolute* (*Her.*, I.17), sendo *absolute* traduzido por completo. Quanto a *cors* em Brunetto, que corresponde a *paucitatem* em Cícero, traduziu-se por curto.

²⁵⁸ *Delivrance*.

divisa²⁵⁹ deve dividir suas provas desta maneira: “Eu mostrarei que fizeste essa coisa por tais razões, por documentos, e por testemunhas”. Sobre este ramo diz Túlio²⁶⁰ que ele achou em filosofia muitos ensinamentos, mas deixou aqueles que não eram tão fortemente necessários para falar bem como aqueles que aqui estão. 9. Ele ainda nos recomenda²⁶¹ outra coisa que não se deve esquecer em seu discurso; pois quando se termina sua divisão, e se começa o outro ramo, isto é, a confirmação, para provar o que se disse, que seja lembrado que do mesmo modo se confirma antes o que se dividiu antes, e depois o outro, cada um em seu lugar, de tal maneira que, quando se quiser terminar seu discurso, que não se tenha esquecido nada de sua confirmação, pois seria feia coisa recomeçar outro pleito depois do fim de sua fala.

50. Aqui diz sobre o quarto ramo do discurso, isto é, confirmação

1. Depois da doutrina da divisão vem o quarto ramo do discurso, isto é, a confirmação. Dela, Túlio diz²⁶² que confirmação é quando o orador diz seus bons argumentos que acrescem sua autoridade e firmam sua causa. 2. E porque a diversas causas convêm diversas confirmações, quererá o mestre antes de tudo dizer e mostrar os lugares dos quais o orador pode tirar seus argumentos; e depois quando serão lugar e tempo disso, ele dirá como se deve firmar sua confirmação em cada maneira de causas. 3. E sabei que nenhuma ciência do mundo ensina lugar para provar seus ditos senão dialética e retórica; mas há tal diferença entre uma e outra, que a retórica considera coisas especiais, segundo o sentido do nome e segundo a voz somente, mas a dialética considera as coisas gerais, segundo a significância do nome e da voz. E se os que sabem lei e divindade, ou as outras artes, fazem prova por lugares, digo que o fazem ou por dialética ou por retórica.

51. Aqui divide os argumentos para provar o que o orador diz

1. Toda coisa é confirmada por argumentos que são retirados das propriedades do corpo ou das propriedades da coisa. E sabei que Túlio chama corpo²⁶³ aquele por cujo dito ou por cujo feito nasce a questão; mas chama coisa aquele dito ou aquele feito do qual nasce a questão. Destas

²⁵⁹ *Devisor.*

²⁶⁰ *De inv.*, I, 23, 33.

²⁶¹ *Ibid.*, loc. cit.

²⁶² *De inv.*, I, 24, 34.

²⁶³ *Omnes res argumentando confirmantur aut ex eo quod personis aut ex eo quod negotiis est attributum (All propositions are supported in argument by attributes of persons or of actions) (De inv.*, I, 24, 34). Cícero não dá uma definição para os termos *personis* e *negotiis*. Brunetto usa *corps* e *choses*.

propriedades dirá o mestre todo o ensinamento, e primeiramente do corpo.

52. Aqui divisa as propriedades do corpo que dão argumentos de prova

1. As propriedades do corpo são tais que por elas pode o orador dizer e provar que esse corpo é voltado para fazer alguma coisa ou não fazer. Túlio diz²⁶⁴ que suas propriedades são onze: o nome, a natureza, o alimento, a fortuna, o hábito, a vontade, o estudo, o conselho, a obra, o dito, e o caso.²⁶⁵ 2. Nome é uma própria e certa voz que é posta em cada coisa como ela é chamada; alguns desses nomes são nomes e os outros sobrenomes; e com uns e outros pode o orador firmar seu argumento. Razão por que: Eu digo que esse homem deve ser orgulhoso, pois tem por nome Leôncio. Outrossim a Escritura diz frequentemente. “Eu digo”, disse o anjo, “que ele terá o nome Jesus, porque ele salvará o povo”. 3. Natureza é coisa cujo ser é muito penoso descrever, pois uns dizem que natureza é o começo de todas as coisas, os outros dizem que não é, pois se fosse isso, então Deus teria tido começo por natureza. Mas Platão diz que natureza é a vontade de Deus, e por isso aparece que Deus e natureza estão juntos. Mas natureza é dupla: uma que faz nascer e uma do que nasceu. E das coisas que nasceram, umas são divinas, outras são mundanas. E das mundanas coisas, umas pertencem aos homens, e outras pertencem às bestas. 4. No que pertence aos homens por natureza, há seis lugares dos quais o orador pode tirar seus argumentos. O primeiro é se é macho ou fêmea, razão por que: “Não deveis crer que a dama fez batalha, pois isto não é coisa²⁶⁶ de mulher”. O segundo lugar é seu país, razão por que: “Devemos bem crer que este homem é sábio, pois ele é grego”. O terceiro é sua cidade, razão por que: “Devemos crer que este homem é bom tecelão, porque ele é de Provença”. O quarto é sua linhagem, razão por que: “Carlos bem deve ser leal, pois ele foi filho do rei de França”. O quinto é sua idade, razão por que: “Não é nenhuma maravilha se este homem é leviano e inconstante, pois é muito jovem”. 5. O sexto são os bens e os males que se tem por natureza em seu corpo ou em sua coragem. No corpo, se é são ou doente, grande ou pequeno, belo ou feio, rápido ou lento. Na coragem, se tem duro engenho, ou sutil, se é bem memorativo ou não, ou doce, ou áspero, ou paciente,²⁶⁷ ou irritável. Assim, em suma, todas as coisas que se tem por natureza no corpo e na coragem são contadas sob o lugar de natureza; mas aquelas que se adquire por ensinamento são contadas sob o lugar de hábito, assim como o mestre dirá depois. 6. Alimento demonstra como e em meio a que gente e por quem os homens foram alimentados e ensinados, isto é, quem foram seus mestres, e quem seus amigos, e seus

²⁶⁴ *De inv.*, I, 24, 34.

²⁶⁵ *Chaoite*. Em Cícero, *casus*, com o sentido de acidente, acaso (Ibid., loc. cit.).

²⁶⁶ *Euvre*. Vatteroni: *cosa da donna* (p. 725).

²⁶⁷ *Soufrans*. Em Cícero, *patiens* (*De inv.*, I, 24, 35).

companheiros, que arte sabe e com que se ocupa, como governa suas coisas e sua casa, e seus amigos, e como conduz sua vida. Estas e outras semelhantes propriedades pertencem a alimento; e de todas podem se colher seus argumentos. Razão por que: “Alexandre devia bem ser sábio, porque Aristóteles foi seu mestre”; ou “Este padre não deve ser bispo, pois leva sua vida em luxúria”. 7. Fortuna compreende o que advém de bom e de mal ao homem, isto é, se este homem é franco ou servo, rico ou pobre, preboste ou não prebostado, e se é bem-afortunado e de bom renome ou não, e que filho e que mulher tem. Mas se falas de homem morto, considere suas propriedades, isto é, que homem foi, e como morreu, pois de todas estas coisas podes tirar teus argumentos para o lugar de fortuna, assim como diz Juvenal: “Não há”, disse, “no mundo tão grave coisa quanto rica mulher”. 8. Hábito é um complemento que se tem de uma eterna coisa em seu coração e em seu corpo. No coração está o complemento das virtudes que estão divisadas no outro livro, e o complemento das artes e das ciências que se sabe e aprende em seu coração. No corpo estão os complementos que se adquirem não por natureza, mas por seu estudo, ou por ensinamento, assim como ora é bem combater, bem lutar, e bem cavalgar. 9. Vontade é um ligeiro movimento que algumas vezes advém ao corpo e à coragem por alguma ocasião, assim como é ora alegria, cobiça, pavor, ira, doença, fraqueza e outras semelhantes coisas. 10. Estudo é uma contínua empresa que a coragem faz com grande vontade, assim como é estudar em filosofia e em clericato.²⁶⁸ Disto pode o orador firmar seus argumentos desta maneira: “Este homem será bom advogado, pois ele estuda lei com muito empenho”. 11. Conselho é uma sentença longamente pensada sobre fazer uma coisa ou não fazer. Mas há diferença entre conselho e pensamento: pois pensamento é considerar uma parte e outra, mas conselho é a sentença quando se toma um dos dois partidos. E por isso convém a todos os conselhos que a matéria e o conselheiro sejam semelhantes; pois se eu dissesse: “Este homem barganhou bem o seu cavalo, porque se aconselhou com seu padre”, por certo o conselheiro não é adequado. Mas se eu digo: “Este homem está bem arrependido, porque se aconselhou longamente com seu padre”, é por certo bom argumento e crível. 12. Obra²⁶⁹ neste tratado não é a própria causa sobre a qual se fala, antes, é o uso que um homem sói ter de fazer alguma coisa ou não fazer. E disto pode o orador tirar seu argumento, e mostrar desse homem se ele fez essa coisa, ou se a fez agora, ou se a fará, assim como um dos cavaleiros de Catilina disse: “Eu creio bem”, disse, “que Catilina fará a conjuração contra nós; pois ele está acostumado a isso”. 13. Dito é o uso que se sói ter de dizer uma coisa ou não dizer, e segue em tudo a natureza da obra que está divisada acima. O argumento se faz desta maneira: “Eu não creio que este homem me maldiga, porque não sói dizer

²⁶⁸ *Si come est estudier soi en philosophie et en clergie*. Vatteroni: *come è studiare la filosofia e le scienze* (p. 727). Em East: *like the study of being in philosophy ou theology* (p. 150).

²⁶⁹ *Huevre*. Em Vatteroni, *la condotta* (p. 727). Em East, *effectuation* (p. 151). Em Cícero, *facta autem*, que é traduzido por *achievements* (*De inv.*, I, 25, 36).

vilania de ninguém”. 14. Caso diz respeito às coisas que são por acaso, não pensadamente, e segue a natureza da obra e do dito; pois pode tirar-se seu argumento do que adveio, do que advém, e do que está por vir, desta maneira: “Deveis bem crer que este homem matou esse outro, porque ele tinha um punhal ensanguentado em suas mãos”; ou desta outra maneira: “Não é nenhuma maravilha se este homem ri; porque achou um monte de ouro”. Mas aqui se cala o discurso sobre as propriedades do corpo, para divisar as propriedades da coisa.

53. *Aqui divisa as propriedades da coisa*

1. Nesta parte diz o mestre que as propriedades da coisa são tais que por elas pode o orador dizer e provar sua intenção dessa coisa. Túlio diz²⁷⁰ que suas propriedades são de quatro maneiras: uma que está contida em toda a coisa, outras que estão no fazer da coisa, outras que estão juntas à coisa, e outras que estão em torno da coisa. 2. As propriedades que estão contidas em toda a coisa são de três maneiras: a suma do fato, a ocasião, e o aparelho. A suma do fato é quando o orador diz o nome do fato e da coisa que foi, ou que é agora, ou que está por vir, em uma suma, abreviadamente, desta maneira: “Este homem aqui matou”; “Este outro furtou”; “O outro trairá”. 3. A ocasião da coisa é dupla, uma pensada e outra não pensada. E ocasião pensada é quando se faz uma coisa pensadamente e por conselho; a não pensada é quando se corre para fazer uma coisa por algum repentino movimento e sem conselho. 4. O aparelho é de três maneiras. Uma é antes do fato, desta maneira: “Este homem espreitou aquele outro e o perseguiu longamente com a espada nua em sua mão”. E o outro aparelho é sobre o fato, desta maneira: “Quando o alcançou, lançou-o por terra, e feriu-o tanto que ele morreu”. O terceiro aparelho é depois do fato, desta maneira: “E quando o tinha matado, enterrou-o no meio do bosque”. Estas e outras propriedades semelhantes estão contidas em todas as coisas tão firmemente que quase não se pode fazer nada sem elas; e por isso o orador pode com elas estabelecer seus argumentos, e provar a coisa bem e firmemente. 5. As propriedades que estão no fazer da coisa são cinco: o lugar, o tempo, a maneira, a estação, o poder. O lugar é esse local onde a coisa foi feita; e por certo muito serve²⁷¹ a bem provar seu dito que o orador observe bem todas as propriedades do lugar: isto é, se o lugar é grande ou pequeno, longe ou perto, ou deserto, ou habitado, e de qual natureza é o lugar e todo o país em torno, ou seja, se há montes ou vales, ou riachos, ou rios, ou sem água, ou se o lugar²⁷² é bom ou mau, e se o lugar é sagrado ou não, ou se é comum ou privado, ou se ele é ou foi daquele que fez a coisa ou não. 6.

²⁷⁰ *De inv.*, I, 26, 37.

²⁷¹ *Afiert*, do verbo *aferir*, que significa *convenir à* (Grandsaignes d'Hauterive). Vatteroni: *è necessario per provare* (p. 731); East: *in order to prove* (p. 152).

²⁷² *Se li leuc est bons ou mauvais*. Em Chabaille (p. 533): *ou se l'air est bons ou mauvais*.

Tempo é o espaço que se teve ao fazer a coisa, isto é, por anos, ou por semanas, ou por dias, ou por horas, ou recentemente, ou antigamente, ou tarde, ou cedo; pois muito se deve observar se uma grande coisa pode ser feita nesse tempo. E sabei que estas duas propriedades, que são o lugar e o tempo, são tão proveitosas para provar a coisa que mesmo aqueles que puseram por escrito as antigas histórias, e aqueles que fazem títulos e cartas escrevem o lugar e o tempo para melhor afirmar a tarefa. 7. Estação está compreendida sob o tempo; mas há tal diferença entre um e outro, que tempo diz respeito ao espaço e à quantidade do tempo passado e do presente e do que está por vir, mas a estação diz respeito à maneira do tempo, isto é, se é noite ou dia, se é tempo claro ou escuro, ou se é dia de festa, ou tempo de vindima, ou de colheitas, ou se esse homem dorme, ou se faz núpcias, ou sepulta seu pai. Vê então que uma estação pertence a todo o país, assim como é colheita; outra pertence a toda a cidade, assim como são os dias de suas festas e de seus jogos costumeiros, ou para eleger preboste ou bispo; outra pertence a um só homem, assim são núpcias e sepultura. 8. Maneira é mostrar como se fez essa coisa e com qual coragem, isto é, se se a fez com conhecimento ou não, ou de bom grado ou de mau grado. 9. Poder é de duas maneiras, uma que ajuda a fazer a coisa com mais leveza, a outra sem a qual ela não poderia ser feita. Disto pode o orador estabelecer seus argumentos desta maneira: “Não é nenhuma maravilha se este cavaleiro ganhou a justa, porque estava mais bem montado do que o outro”; ou assim: “Este homem não fará a justa, porque não tem cavalo”; e “Este não fez o punhal, porque não tinha ferro”. 10. Das propriedades que estão juntas à coisa, o orador estabelece seus argumentos desta maneira, quando os tira de outra coisa maior ou menor, ou semelhante, ou de uma contrária, ou de seu geral, ou de seu especial, ou do fim. 11. E sabei que coisa parelha, maior e menor é considerada pela força, e pelo número, e pela figura. Razão por que: força é de duas maneiras, uma é no corpo, e outra é na coisa. A força está no corpo quando o nome significa as propriedades dele; pois ser chamado Nero significa crueldade e loucura, e ser chamado Salomão significa sentido e saber. A força está na coisa quando o nome significa as propriedades dela; pois dizer parricida significa grande crueldade a Deus e aos homens. Também assim é considerar o número, quando o orador diz uma, ou duas ou três gentes,²⁷³ ou se diz uma ou duas ou diversas coisas. Assim é considerada a figura do corpo, quando se diz que é grande ou pequeno, e a figura da coisa, quando ela tem mais propriedades; pois mais vale dizer “Este homem aqui matou um padre no altar no dia de Páscoa” do que dizer “Ele matou um homem privado em lugar privado”. 12. Coisa semelhante não é parelha, pois coisa parelha significa a grandeza e a medida, mas semelhante não significa outra coisa senão a qualidade. Pois semelhança é a propriedade que faz duas coisas diversas serem semelhantes entre si, razão por que: “Este homem é rápido como um tigre, e este padre deveria pregar ao povo como São

²⁷³ Genz. Em Chabaille: *.i.*, ou *.ij.*, ou *.iij.* *Sens* (p. 535).

Pedro”. 13. Coisas contrárias são aquelas que diretamente, frente a frente, são uma contra a outra, assim como é frio contra quente, e vida contra morte, e mal contra bem, e velar contra dormir, e orgulho contra humildade. Delas o orador pode formar seus argumentos de tal maneira: “Se invejas aquele que te salvou da morte, que farás então com aqueles que te querem matar?”. 14. Coisa geral é aquela que está sobre, isto é, que compreende muitas coisas que estão sob si; pois virtude é geral, porque sob ela estão justiça, sentido, e temperança e muitas outras bondades. E animal é geral, porque sob ele estão homens e bestas. 15. Coisa especial é aquela que está sob seu geral; pois avareza é especial, porque está sob cobiça, e sentido está sob virtude. 16. O fim da coisa é o que dela adveio, e que advém, e que está por vir; e dessas coisas tira o orador seus argumentos, quando mostra o que está por vir, ou o que deve advir, ou o que sói advir de coisas semelhantes, desta maneira: “Por orgulho vem ultraje, e por ultraje vem ódio”. 17. A quarta maneira da propriedade da coisa está no que advém em torno da coisa, e não dentro como as outras ditas acima; nela se deve antes de tudo observar como a coisa era chamada, e com que nome, e quem foram os chefes e os inventores²⁷⁴ da coisa, e quem ajudou a fazê-la. Depois, se deve observar qual lei, qual uso e qual juízo se tem sobre essa coisa, ou qual arte, qual ciência, qual mister. Outrossim, se deve observar se tal coisa soía advir frequentemente, ou por natureza ou não, ou se soía desagradar às gentes ou não. E estas propriedades e muitas outras que soem advir depois do fato, agora ou tarde, ou se isso é honesto ou proveitoso, o orador deve sempre considerar de tal maneira que de todas as propriedades ele saiba confirmar seus ditos e tirar seus argumentos e provar sua causa: porque mal se põe a falar quem não prova suas palavras razoavelmente, de modo que seja crido em tudo o que diz ou na maior parte. E por isso quer o mestre mostrar como o orador deve fazer seus argumentos.

54. *Aqui divisa duas maneiras de todos os argumentos*

1. Todos os argumentos que o orador faz pelas propriedades acima ditas, Túlio diz²⁷⁵ que devem ser necessários ou verossímeis, pois argumento é um dito achado sobre alguma matéria que a mostra verossimilmente, ou que a prova necessariamente.

55. *Aqui divisa os necessários argumentos*

1. Necessário argumento é aquele que mostra a coisa de tal maneira que ela não pode ser

²⁷⁴ *Quels furent les chevetains et les troveors de la chose*. Em Vatteroni: *chi furono i suoi ispiratori e inventori* (p. 735). Em East: *who were the leaders and originators of the action* (p. 155). Em Cícero: *qui sint principes et inventores* (*De inv.*, I, 28, 43).

²⁷⁵ *Probabilis* ou *necessaria* (*De inv.*, I, 29, 44).

diversamente. Razão por que: “Esta mulher espera uma criança, logo, deitou-se com homem”. E sabeis que o argumento que prova a coisa por necessidade pode ser dito de três maneiras, ou por desdobramento, ou por número, ou por simples conclusão.²⁷⁶ 2. Desdobramento²⁷⁷ é quando o orador diz duas ou três ou diversas partes, das quais, se seu adversário confirma uma, qualquer que seja, por certo será refutado.²⁷⁸ Razão por que: digo que Tomás ou é bom, ou é mau. Se dizes que é bom, eu direi: “Por que o repreendes então?”. E se dizes que é mau, eu direi: “Por que conversas então com ele?”. E assim advém do desdobramento que, qualquer parte que tomes, dela retiro então meu argumento que conclui por necessidade. 3. E sabeis que este argumento é de duas maneiras: uma que é pela força de duas coisas contrárias que se dizem juntas, uma depois da outra, assim como é no exemplo dito cá acima; a outra maneira é pela força de duas coisas que são contrárias entre si pela força de uma negação, desta maneira: “Eu digo que este homem tem dinheiro, ou não tem nenhum”. Tal argumento fez Santo Agostinho contra os judeus, quando lhes disse: “O Santo dos santos, se ele veio, então vossa unção foi perdida; e se ele não veio, então a unção não foi perdida; então tendes rei; e se tendes rei, então ou é Jesus Cristo, ou outro; mas se não tendes outro rei, então ele é Jesus Cristo”. 4. Número é quando o orador conta em seu dito muitas coisas e então as retira todas, fora somente uma, a qual ele prova por necessidade. Razão por que: direi assim: “Convém forçosamente, se esse homem matou aquele outro, que o fez ou por ódio que havia entre eles, ou por medo, ou por esperança, ou por amor de algum amigo seu; e se não há nenhuma dessas ocasiões, então não o matou, pois sem ocasião não pode haver malfeito; mas digo que entre eles não havia nenhum ódio nem medo, e que não havia esperança de que devesse ser seu herdeiro, ou de ter algum outro proveito com sua morte, nem ele nem nenhum de seus amigos; então digo que não o matou”. 5. E essa maneira de argumento é proveitosa àquele que defende sua querela, assim como o exemplo mostra acima. Outrossim é proveitosa àquele que acusa, razão por que: “Eu digo que meu dinheiro ou foi queimado, ou está na arca, ou o roubaste; mas queimado não foi, na arca não está, então resta esta parte, que o roubaste”. 6. Simples conclusão é quando o orador conclui necessariamente o que quer provar pela força de uma coisa que foi dita antes. Razão por que: “Dizeis que cometi esse homicídio em agosto; mas nesse tempo eu estava além-mar, então aparece por necessidade que não o fiz”. 7. Ora haveis ouvido as três maneiras de necessários argumentos, nos quais o orador deve muito fortemente guardar que seu argumento não tenha somente a cor e a

²⁷⁶ *Complexionem, enumerationem, simplicem conclusionem* (*De inv.*, I, 29, 44).

²⁷⁷ *Reploiement*. Em *De inventione, complexio* (I, 29, 45). Tanto o tradutor de Cícero quanto Vatteroni traduziram por dilema.

²⁷⁸ *Il sera conclus*. *Conclure* também significa *convaincre, soumettre par raisonnement* (Grandsaignes d'Hauterive). Em Cícero, a palavra utilizada é *reprehenditur* (*De inv.*, I, 29, 45); a tradução diz: [...] *form of argument in which you are refuted, whichever alternative you grant* [...] (Ibid, loc. cit.). Vatteroni e East optaram por transformar o verbo *conclure* em substantivo. Neste caso, quem sofre a ação não é mais o adversário, que é refutado, mas a conclusão, que é atingida. Preferiu-se seguir a tradução do *De inventione*.

semelhança de necessidade, antes, que seja todo de tão necessária razão que o adversário não possa nada dizer contra.

56. *Aqui divisa os verossímeis argumentos*

1. O verossímil argumento é sobre coisas que costumam advir frequentemente, ou coisas que se cuida que sejam, ou coisas que têm alguma semelhança de serem verdadeiras ou verossímeis. 2. Das coisas que costumam advir, o orador tira seu argumento de tal maneira: “Se esta mulher é mãe, então ama seu filho; e se este homem é avaro,²⁷⁹ então não receia sermão”. 3. E das coisas que se cuida que sejam, o orador tira seu argumento desta maneira: “Se este homem é pecador, sua alma irá à morte eterna; e se esse é filósofo, então não crê em Deus”. 4. Das coisas que têm alguma semelhança, o orador tira seu argumento de três maneiras: ou por seus contrários, ou por seus parelhos, ou por aquelas que são de uma mesma razão. Por seus contrários, seu argumento se faz desta maneira: “Se os pecadores vão ao inferno, então os religiosos vão ao paraíso”. 5. Pelos parelhos, assim: “Assim como o lugar sem porto não é seguro para as naus, também assim a coragem sem fé não é eterna para os amigos”; pois lugar sem porto e coração sem fé são semelhantes na mutabilidade, e naus no porto e corações em fé são semelhantes na segurança. 6. Pelas coisas que são de uma mesma razão, tira o orador seus verossímeis argumentos desta maneira: “Se não é feia coisa para um cavaleiro dar suas vestes, então não é feia coisa para os menestrelis vesti-las”. Ora sabeis que este argumento e outros semelhantes são necessários desta maneira: “Se ele tem a cicatriz, então foi ferido”; mas o verossímil é assim: “Se ele tem muita poeira sobre seus sapatos, então andou longa via”. E tal argumento é provável, mas não é necessário, pois bem se poderia ter poeira sobre seus calçados sem ter andado nem pouco nem muito; mas cicatriz sem ferida ninguém poderia ter. 7. Por isso digo que todo argumento verossímil ou é signo, ou é crível, ou é estabelecido, ou é semelhante. 8. E signo é uma demonstração que dá presunção de que a coisa foi ou será, segundo a significância desse signo; mas não é prova certa, e para isso requer ainda maior confirmação. E esses signos são segundo os cinco sentidos do corpo, isto é, do ver, do ouvir, do cheirar, do degustar e do tocar, pois se eu digo: “Há carcaça aqui no entorno, porque há grande fedor”, por certo é um signo, mas não é tão certo que não convenha ainda maior prova. 9. Crível é o que sem nenhum testemunho dá fé e crença, desta maneira: “Não há homem que não deseje que seus filhos sejamãos e felizes”.²⁸⁰ 10. Estabelecido é de três maneiras: ou por lei, ou por comum

²⁷⁹ *Avers*. Vatteroni optou por *avarus*, seguindo a tradução do *De inv.* (I, 29, 46: *si avarus est, negligit iurandum*). East traduziu por *bad* (p. 156). Segundo Grandsaignes d'Hauterive, *aver* significa avaro, mas *avers* significa desviado, inimigo, contrário e malvado.

²⁸⁰ *Bieneurés*.

uso, ou por estabelecimento dos homens. Por lei, é estabelecida a pena dos ladrões e dos homicidas. Por comum uso, é estabelecido que se deve honrar o mais velho e o maior que si. Por estabelecimento dos homens, é quando eles estabelecem por eles mesmos, sobre uma coisa dúbia, como deve ser; razão por que: Graco, quando foi censor de Roma, não fez absolutamente nada sem o sentido de seu companheiro. Isso, alguns tiveram por sentido, os outros, por loucura, mas a comuna do povo estabeleceu que ele fosse cônsul no ano seguinte, e assim foi confirmado que ele tinha grandíssimo sentido. 11. Semelhante é o que demonstra alguma razão semelhante entre duas coisas diversas, e isto é de três maneiras: ou por imagem, ou por comparação, ou por exemplo. Imagem quando duas ou várias diversas coisas têm alguma semelhança entre si segundo as propriedades do corpo e da natureza, desta maneira: “Este homem é mais audaz que um leão, e este outro é covarde como um coelho”. Comparação é o que mostra que algumas coisas diversas têm entre si semelhança, segundo as propriedades da coragem; desta maneira: “Este homem aqui é engenhoso como Aristóteles, e este outro é tolo como um asno”. Exemplo é esse argumento que mostra alguma semelhança na coisa pelos ditos e pelos mandamentos que se encontram nos livros dos sábios, ou pelo que adveio aos homens ou às coisas que tinham essa semelhança. Mas sobre esses argumentos se cala ora o mestre, pois quererá voltar-se para outra coisa que pertence à confirmação.

*57. Aqui diz de todos os argumentos de duas maneiras, isto é, de longe e de perto*²⁸¹

1. Depois de o mestre ter ensinado o lugar e as propriedades e as razões das quais e como o orador pode tirar argumentos para provar sua matéria e seu dito, apareceu-lhe que, se ele divisasse seus argumentos por partes, que a razão seria tanto mais bela e mais entendível, justamente porque é uma ciência que poucos oradores sabem, pois ela é penosa de se saber e de se mostrar. Por isso ele diz nesta parte que todas as maneiras de argumento, de qualquer propriedade ou de qualquer razão que ele seja, por certo convém que seja tirado de longe ou de perto. Pois algumas vezes é tal a matéria do orador que ele não a poderia provar se não o fizesse de longe. E por isso é correto dividir os ensinamentos de um e do outro.

58. Aqui divisa o argumento que é tirado de longe

1. De longe é tirado o argumento que pelas semelhanças de determinadas coisas, de longe

²⁸¹ Os argumentos de longe e de perto correspondem à indução e à dedução em *De inv.*, I 31, 51 (*per inductionem tractanda est aut per ratiocinationem*).

leva seu adversário a consentir e a conhecer essa coisa que o orador quer mostrar. 2. Razão por que: Eu falo a Aldobrando,²⁸² que não amava sua mulher, nem ela a ele, desta maneira: “Dizei-me, Aldobrando, se vosso vizinho tivesse melhor cavalo que vós, qual gostaríeis mais de ter, o seu ou o vosso?”. “O seu”, disse. “E se ele tivesse mais bela casa que vós, qual quereríeis ter, a sua ou a vossa?”. “A sua”, disse. “E se tivesse melhor mulher que vós, qual quereríeis ter, a sua ou a vossa?”. A essa palavra ele não disse nada. 3. Então, fui à sua mulher, e lhe indaguei de tal maneira: “Se vossa vizinha tivesse melhor tesouro que vós, qual quereríeis, o seu ou o vosso?”. “O seu”, disse. “E se tivesse melhores tecidos e mais rico adorno que vós, quais quereríeis, os seus ou os vossos?”. “Os seus”, disse. “E se tivesse melhor marido²⁸³ que vós, qual quereríeis, o seu ou o vosso?”. A essa palavra a mulher teve vergonha, e não disse nada. 4. E quando havia chegado a isto, então lhes disse: “Porque nenhum de vós responde ao que eu queria ouvir, eu direi o que cada um pensa. Vós quereríeis ter muito boa mulher, e vós muito bom marido; por isso digo que se não fazeis tanto que cada um seja o melhor, não findareis jamais de buscar o que muito bom parece. Então vos convém pensar que sejais muito bom marido, e tu, muito boa mulher”. 5. Observai então que pela semelhança de certas coisas de longe eu os conduzo a consentir no que queria, pois se eu perguntasse muito simplesmente se este queria ter melhor mulher, e aquela melhor marido, por certo não teriam consentido em minha pergunta. Tais argumentos Sócrates muito usou em seus ditos, e todas as vezes que ele queria provar algo, avançava tais razões que não se podiam negar, e então fazia sua conclusão do que estava em sua proposição. 6. Mas nesse argumento o orador deve guardar três coisas. Primeiramente, que essa coisa que se compreende de longe por semelhança à sua causa seja certa sem dúvida, pois coisa dúbia deve ser provada por razões certas. 7. Depois, ele deve guardar que ela seja em tudo semelhante ao que quer provar, pois se ela fosse estranha ou dessemelhante, ele não poderia firmar sua prova. 8. Depois, ele deve guardar que o ouvinte não saiba para que ele faz tais perguntas, pois se percebesse, ou se calaria, ou negaria, ou responderia o contrário. 9. E quando tiverdes conduzido vosso adversário a isto, convém forçosamente que ele faça uma destas três coisas: ou que se cale, ou que negue, ou que confirme tua prova. E se ele nega, ou tu provas novamente por semelhança do que havias antes dito, ou por outras coisas semelhantes que redizes agora; mas se ele a confirma, ou se ele se cala, então debes concluir a querela e pôr fim a teu dito, pois Túlio diz que aquele que se cala é semelhante àquele que confirma.²⁸⁴ 10. Por esses ensinamentos podeis entender que nesse argumento de longe convém haver três coisas: a primeira é a semelhança que o orador diz antes de tudo; a segunda é essa própria coisa que quer provar; a terceira é a conclusão, que mostra o que resulta de seus argumentos e confirma a prova. 11. Mas

²⁸² Em Cícero, a pergunta é feita a Xenofonte e à sua mulher (*De inv.*, I, 31, 51 e 52).

²⁸³ *Mari*. Em Chabaille, *baron* (p. 543).

²⁸⁴ *De inv.*, I, 32, 54.

porque há muita gente de tão dura cabeça que pelos ensinamentos que são dados sobre alguma ciência não a poderia entender se não a visse em exemplo, ainda quer o mestre escrever o exemplo de um pleito que durou longamente entre os gregos, em que havia outrora uma lei que dizia que se o velho condestável não reenviasse todos os cavaleiros ao novo condestável, ele deveria perder a cabeça. Ora, adveio que Epaminondas não enviou seus cavaleiros ao novo condestável quando devia, antes, foi-se com toda a sua hoste contra os lacedemônios, e os venceu por força de armas. E quando foi acusado por isto, disse que aquele que fez a lei entendeu que se o velho condestável detivesse os cavaleiros pelo proveito do comum, que não fosse condenado. Mas seu adversário fez seus argumentos contra ele desta maneira: 12. “Senhores juízes, o que Epaminondas diz, e que quer acrescentar à lei além do que nela encontramos escrito, o suportais? Não. E se vós o suportásseis pela autoridade²⁸⁵ que ele adquiriu, isto seria muito contra vossa dignidade, e contra a honradez. Mas cuidais que o povo o suporte? Não, por certo. E se é errado acrescentar à lei, cuidais que ele esteja certo a fazê-lo? Por certo, eu conheço tanto o sentido e o saber que estão em vós que isso jamais vos pareceria bom,²⁸⁶ por isso vos digo que se a lei não pode ser emendada, nem por vós nem por outro, então não podeis mudar na sentença aquilo que não podeis mudar em uma só palavra”. Mas aqui se cala o mestre sobre os argumentos de longe, de que disse bastante, e voltará seu discurso para os argumentos de perto.

59. *Aqui diz do argumento que é tirado de perto*

1. De perto é tirado o argumento que por alguma das propriedades do corpo ou da coisa mostra que seu dito é verossímil, e o confirma por força e por sua razão sem nenhum argumento de longe. Desse argumento Aristóteles e Teofrasto dizem que tem cinco partes. Cujas primeiras são a proposição, isto é, quando propões abreviadamente a suma de teu argumento. Razão por que: dizes que todas as coisas são mais bem governadas por conselho do que sem conselho; é tua proposição, e é a primeira parte de teu argumento. 2. Ora te convém ir à segunda, isto é, confirmá-la por muitas razões, desta maneira: “A casa que é estabelecida por razão é mais bem abastecida de todas as coisas do que aquela que é levianamente governada; a hoste que tem bom governante e bom senhor é mais sabiamente conduzida do que aquela que tem louco senhor e néscio; mesmo a nau segue bem seu curso quando tem sábio governante”. 3. Ora está completada a segunda parte dos argumentos, isto é, a confirmação da primeira proposição; assim te convém ir à terceira parte, isto é, tomar o que

²⁸⁵ Em Chabaille, *victoire* (p. 545).

²⁸⁶ *Je certes conois tant le sens et le savoir en vos qui i est, que ja ne vos sembleroit bon.* [...]. Em Vatteroni: *Conosco tanto bene il vostro senno e la vostra sapienza che mai potrebbe sembrarvi giusto*, [...] (p. 747) Em East: *I know that you have such sense and wisdom that it cannot appear right to you* (p. 159). O exemplo está em *De inv.*, I, 33, 55 e 56.

queres provar pela primeira proposição, desta maneira: “Mas nada é tão bem governado por conselho quanto o mundo todo”, esta é a assunção²⁸⁷ que queres provar. 4. E agora te convém passar à quarta parte do argumento, isto é, confirmar a assunção por muitas razões, desta maneira: “Vemos que o curso dos signos e dos planetas e de todas as estrelas é estabelecido em sua ordem; os movimentos do tempo são cada ano por necessidade ou por proveito de todas as terrenas coisas; e a ordem dos dias e das noites não é para o dano de ninguém. Todas estas coisas são signos de que o mundo não é governado sem grandíssimo conselho”. 5. Ora está completada a quarta parte do argumento, isto é, a confirmação da assunção; assim te convém agora ir à quinta parte do argumento, isto é, à conclusão, que pode ser dita de duas maneiras. Ou sem redizer nada da primeira proposição nem da assunção, desta maneira: “Então digo que o mundo é governado por conselho”. Ou redizendo a primeira proposição e a assunção: “Pois se todas as coisas são mais bem governadas por conselho do que sem conselho, e nada é tão bem governado por conselho quanto o mundo todo, então digo que o mundo é governado por conselho”. E estas são as cinco partes do argumento de perto, isto é, a proposição e sua confirmação, a assunção e sua confirmação, e a conclusão. 6. Mas há muita gente que diz que esse argumento tem apenas três partes sem mais; pois cuida que a proposição e sua confirmação são uma mesma coisa, e a assunção e sua confirmação uma coisa, e a conclusão é outra coisa. Mas eles estão demasiado enganados, e ouvireis a razão por quê. 7. Isso sem o que uma coisa pode ser não pertence a esta coisa, antes, pertence a outra por si, e assim são duas coisas e não uma. Razão por que: se eu posso ser homem sem saber ler, então sou uma coisa e a letra, outra. Outrossim é a proposição, que pode ser firme e estável sem nenhuma confirmação, desta maneira: “Se no dia em que esse homicídio foi feito em Roma eu estava em Paris, então não estive nesse homicídio”. Aqui não é mister nenhuma confirmação; 8. mas agora farás tua assunção, e dirás desta maneira: “Mas eu estava em Paris sem falha”. E quando tiveres dito isto, o debes confirmar, e fazer depois tua conclusão, e dizer: “Então não estive nesse homicídio”. Também assim é a assunção, que pode ser firme e estável sem nenhuma confirmação, desta maneira: “Se o homem quer ser sábio, ele deve estudar em filosofia”. Esta é a primeira proposição, que requer ser confirmada, porque muita gente cuida que o estudo de filosofia é mau. E quando o tiveres confirmado por boas razões, farás tua assunção desta maneira: “Mas todos os homens desejam ser sábios”. Esta assunção é tão certa que não convém confirmá-la; mas logo então faz tua conclusão desta maneira: “Então deve cada um estudar em filosofia”. Por estas razões e por estes exemplos

²⁸⁷ *Prise*. Brunetto segue as partes deste gênero de argumento conforme apresentadas por Cícero (*De inv.*, I, 34, 58 a I, 41, 76). Como ressalta H. M. Hubbel, tradutor do *De inventione*, o que está sendo descrito não é o silogismo aristotélico, mas uma adaptação retórica do silogismo, chamada entimema (*De inv.*, p. 92). Vatteroni utiliza os termos latinos *proposito* e *assumptio* para traduzir *proposament* e *prise* (Vatteroni, p. 749 n.). East traduz por *resolution* e *undertaking* (p. 159 e 160). Seguiu-se a tradução de Vatteroni, que adota a terminologia apresentada por Cícero: *propositio*, *approbatio*, *assumptio*, *approbatio*, *complexio* (*De inv.*, I, 67, 37).

podes bem conhecer que há tais proposições e tais assunções que requerem ser confirmadas, e tais que não. 9. Por isso concorda bem Túlio²⁸⁸ com a sentença de Aristóteles, e diz que nesse argumento há cinco partes, e que estão errados aqueles que cuidam que haja apenas três delas. E, não obstante, pode bem ser alguma vez que o argumento seja de tal natureza que haja apenas as quatro ou as três partes sem mais. E, para dizer a verdade, o argumento tem todas as cinco partes quando diz a proposição e sua confirmação e a assunção e sua confirmação e a conclusão. Mas quando a proposição ou a assunção é tão estabelecida que uma delas não necessita de confirmação, então o argumento tem apenas quatro partes. E se a proposição e a assunção são tais que nem uma nem outra requerem confirmação, então o argumento tem apenas três partes: a proposição e a assunção e a conclusão. 10. Mas há muita gente que diz que esse argumento pode ser de duas partes ou de uma somente. Pois se a proposição e a assunção são tão estabelecidas que a conclusão nasce com clareza, tanto que não convém dizê-la, então há apenas duas partes. E se a proposição é tão forte que o orador pode então firmar sua conclusão sem assunção, então há apenas duas partes. Assim desta maneira: esta mulher espera uma criança, então conheceu homem carnalmente. E se a proposição é tão forte e tão estabelecida que se entende bem a conclusão sem dizê-la, então há apenas uma parte, pois se dizes: esta mulher está grávida, cada um sabe bem que ela conheceu macho, tanto que não é preciso dizê-lo. 11. Sobre essas partes diz Túlio²⁸⁹ que não cuida que reto argumento possa ser feito segundo essa arte com menos de três partes; pois embora diversas ciências tenham diversos ensinamentos, não obstante, a ciência de retórica requer argumentos claros e certos, que sejam cridos pelos ouvintes. Por isso o mestre divisou diligentemente todas as maneiras de provar o que se quer dizer, e de confirmar seus ditos segundo o que pertence ao quarto ramo do discurso, isto é, à confirmação. Assim voltará à sua matéria, para dizer o quinto ramo, isto é, a refutação.

60. Aqui diz do quinto ramo do discurso, isto é, refutação

1. Depois da doutrina da confirmação vem o quinto ramo do discurso, isto é a refutação. Dela, Túlio diz que é chamada refutação quando o orador apequena e destrói os argumentos de seu adversário, em tudo ou na maior parte. E sabeis que refutação sai dessa mesma fonte que confirmação, pois assim como uma coisa pode ser confirmada pelas propriedades do corpo e da coisa, também assim pode ser refutada. E por isso deves pegar o ensinamento que o mestre divisou cá atrás, no capítulo da confirmação. E, não obstante, ele dirá disto alguma coisa para melhor

²⁸⁸ *De inv.*, I, 35, 61.

²⁸⁹ *De inv.*, I, 37, 66 et seq.

mostrar a força e a natureza da refutação,²⁹⁰ e cada um poderá entendê-lo com mais leveza, quando um contrário é posto depois do outro. 2. Todos os argumentos são refutados de quatro maneiras. Primeiramente, se negas a assunção de teu adversário, isso mesmo que ele quer provar. Depois, se confirmas a assunção, mas negas a conclusão. Depois, se dizes que seu argumento é vicioso. Depois, se contra seu argumento redizes um tão firme quanto, ou mais. Por isso quer o mestre dar os ensinamentos que convêm a cada uma dessas quatro maneiras.

61. Aqui diz da refutação que nega os verossímeis argumentos

1. A primeira refutação é negar o que teu adversário toma para provar por argumento necessário, ou por argumento verossímil. E se o que ele diz é argumento verossímil, poderás negá-lo de quatro maneiras. 2. Cujas primeiras são quando ele tiver dito uma coisa que é verossímil, e tu dizes que não é, porque seu dito é muito claramente falso, desta maneira. Teu adversário diz que não há homem que não seja mais cobiçoso de dinheiro do que de sentido: por certo sobre isto ele não diz nenhuma verdade, pois há muitos que mais amam sentido do que cabedal. 3. Ou se seu dito é tal que seu contrário é tão crível quanto seu dito, desta maneira. Teu adversário diz que não há homem que não seja mais cobiçoso de senhoria do que de dinheiro: por certo tão firmemente podes dizer o contrário, que não há quem não cobice mais dinheiro do que senhoria. 4. Ou se seu dito não é crível, desta maneira: um homem que é fortemente avaro diz que, por um pequeno serviço de seu amigo, lhe deixou grandíssimo proveito. 5. Ou se o que só advir uma vez, teu adversário diz que advém sempre usualmente, desta maneira: ele diz que todos os pobres cobizam mais dinheiro do que senhoria. Por certo, advém bem alguma vez que um pobre cobice mais dinheiro do que senhoria, mas restam outros que mais amam senhoria,²⁹¹ assim como em um lugar deserto se só cometer homicídio, mas não em todos. 6. Ou se o que advém alguma vez teu adversário diz que não advém de nenhuma maneira no mundo, desta maneira: diz que ninguém pode ser tomado de amor por uma mulher com um só olhar; pois é uma coisa que pode advir, que com uma só visão se ame por amor. 7. A segunda maneira de negar o dito de teu adversário é quando ele diz o signo de alguma coisa, e tu o refutas por essa mesma via pela qual ele o confirmou. Pois em todos os signos convém mostrar duas coisas: uma é que esse signo é verdadeiro, a outra é que ele é signo próprio da coisa que se quer provar, assim como sangue é signo de combate, e carvão é signo de fogo; e depois convém mostrar que foi feito o que não convém, ou que não era o que convinha, e que o homem de quem os oradores dizem sabia a lei e o costume dessa coisa; pois todas essas coisas pertencem ao

²⁹⁰ Em Chabaille, *confermement* (p. 549).

²⁹¹ Em Chabaille, ao contrário: [...] *certes, il avient bien aucune foiz que uns pources convoite plus seignorie que deniers, mais il en resont assés des autres qui miex aiment les deniers* [...] (Chabaille, p. 550).

signo e ao semelhante. 8. E porque queres refutar o signo de teu adversário, debes observar como ele o diz, pois se ele diz que é signo dessa coisa, dizes que não é, desta maneira. Ele diz que a cota ensanguentada que vestes é signo de que estiveste no combate; e dizes que não é, ou dizes que é signo leve, pois a cota ensanguentada pode ser signo de que foste sangrado. 9. Ou dizes que esse signo pertence mais a ti do que a ele; pois se ele diz que foi feito o que não convém, desta maneira: “Tu ruborizas no rosto porque tinhas culpa nesse malfeito”, dizes que não foi por mal, mas por honestidade e por direito. Ou dizes que esse signo é de todo falso; pois se ele diz que tinhas o punhal ensanguentado, dizes que ensanguentado não estava, mas enferrujado. 10. Ou dizes que é pertencente à outra suspeição que teu adversário não diz. Pois se ele diz que não foi feito o que convém, desta maneira: “Tu foste embora sem te despedires, isto é semelhança de ladroagem”; e dizes que não foi por mal, mas porque não querias despertar o senhor de lá. 11. A terceira maneira de negar o dito de teu adversário é quando ele faz em seu dito uma comparação entre duas coisas, e dizes que esta coisa não é semelhante a essa outra, porque elas são de maneiras diversas. Pois se ele diz: “Quererias ter melhor cavalo do que teu vizinho, então, quererias ter melhor mulher”; e negas seu dito, porque mulher é de outra maneira que cavalo. Ou porque elas são de naturezas diversas: pois se ele diz que se deve temê-lo como um leão, e negas seu dito, porque homem é de outra natureza que leão. 12. Ou porque são de diversas forças; pois se ele diz: “Pirro deve ser condenado à morte pela mulher de Orestes²⁹² que ele raptou assim como Páris, que raptou Helena”, e negas seu dito, porque o malefício de Páris foi mais forte do que o de Pirro. 13. Ou porque não são de uma mesma grandeza; pois se ele diz: “Este homem matou um homem, ele deve ser julgado à morte como esse outro que matou dois”, e negas seu dito, porque não fez tão grande mal quanto o outro. Outrossim, digo em suma sobre a diversidade do tempo, do lugar, do corpo, e da opinião, e de todas as diversidades que estão nos homens e nas coisas; pois de cada uma pode o bom orador retomar seu adversário e refutar sua confirmação. 14. A quarta maneira de negar o dito de seu adversário é quando ele rememora algum juízo de sábios homens, pois tais argumentos podem se confirmar de quatro maneiras. 15. Ou pelo louvor daqueles que dão o juízo, assim como Júlio César disse que os antigos sábios de Roma por seu grande sentido haviam perdoado àqueles de Cartago. 16. Ou pode-se confirmá-lo pela semelhança que esse juízo tem com a coisa de que se fala, assim como fez um pretor de Roma, quando disse: “Assim como nossos ancestrais perdoaram os de Cartago, também assim devemos perdoar os da Grécia”. 17. Outrossim pode-se confirmá-lo porque ele diz que o juízo que ele rememorou foi confirmado por todos os homens, ou por todos aqueles que o ouviram, ou que deviam confirmá-lo. Outrossim, pode-se confirmá-lo porque o juízo foi maior e mais grave do que a coisa de que se fala; assim como fez Catão quando disse que Mânlio Torquato condenou

²⁹² *Lirestis*. Trata-se de Orestes (Vatteroni, p. 757 n.)

seu filho somente porque, contra sua ordem, atacou os franceses. 18. Estas são as quatro maneiras de confirmar o juízo, e esteja agora aparelhado para refutar o que ele disse pelo contrário de suas confirmações, se puderes; quer dizer que, se ele louva, tu vituperas; se ele diz que o juízo foi confirmado, e tu dizes que não foi; outrossim faze com todas as razões que ele diz sobre o juízo, dize as razões contrárias. 19. Mas porque os ensinamentos do orador devem ser comuns entre um orador e outro, o mestre diz que o orador que rememora o juízo deve muito guardar que o juízo não seja dessemelhante dessa coisa da qual fala, porque seu adversário poderia facilmente²⁹³ repreendê-lo. 20. Depois disso, deve-se guardar que não se rememore tal juízo que tenha sido contra os ouvintes; porque eles gritarão então e dirão que é contra direito, e que os juízes por isso deveriam ter sido condenados. 21. Depois, deve-se guardar que, quando se podem rememorar muitos bons juízos louvados e sabidos, não se diga um estranho e desconhecido, pois é uma coisa pela qual seu adversário pode facilmente²⁹⁴ repreendê-lo, e refutar seu dito. Ora haveis ouvido como se podem refutar todos os verossímeis argumentos; doravante é bom dizer da refutação dos necessários.

62. Aqui diz da refutação que nega os necessários argumentos

1. E se teu adversário faz em seu dito argumentos necessários, debes então considerar se o argumento é necessário, pois se é retamente necessário, não tens poder de contradizer. Mas se traz a semelhança, e não é necessário, então poderás refutá-lo por essas mesmas vias que foram divisadas cá atrás, ao capítulo de necessários argumentos, isto é, por desdobramento e por número, ou por simples conclusão. 2. Desdobramento é quando o orador divisa duas ou três ou várias partes, das quais, se confirmas uma, qualquer que seja, por certo ele te refuta, se ela for verdadeira; mas se é falsa, podes refutá-la de duas maneiras: ou refutando todas as suas partes, ou refutando uma sem mais. 3. Razão por que: Teu adversário quer concluir que não debes castigar teu amigo e, sobre isso, divisa duas partes desta maneira: “Ou ele teme a desonra, ou não a teme; se a teme, não o castigue, pois é bom; se não a teme, não o castigue, pois para ele teu ensinamento não é nada”. Este argumento não é necessário, mas se lhe assemelha. E debes então refutar ambas as partes, desta maneira: “Mas devo castigá-lo, pois se ele teme desonra, não desprezará meus ditos, e se não teme desonra, tanto mais devo castigá-lo, porque ele não é muito sábio”. E se queres refutar uma destas partes sem mais, dirás assim: “Mas se ele teme, verdadeiramente devo castigá-lo, pois ele será emendado pelos meus ditos e abandonará seu erro”. 4. Número é quando o orador conta em seu dito muitas coisas para provar uma, segundo o que o discurso divisa no capítulo de necessários

²⁹³ *Legierement.*

²⁹⁴ *Idem.*

argumentos. Então agora te convém refutar seu número, pois ele pode ter três vícios. 5. Cujo primeiro é se ele não enumera essa parte que queres afirmar. Razão por que: teu adversário diz assim: “Ou compraste esse cavalo, ou ele te foi dado, ou foi alimentado em tua casa, ou te coube como herança, ou, se não é, então o roubaste; mas eu sei bem que não o compraste, nem te foi dado, nem te coube como herança, nem nasceu em tua casa: então o roubaste sem falha”. E quando ele assim concluir, deves então dizer a parte que ele abandonou em sua enumeração, e dizer que o ganhaste no torneio; pois seu argumento é todo refutado se a verdade é o que ele não havia contado. 6. O segundo vício é quando ele enumera uma coisa que podes contradizer: pois se diz que esse cavalo não te coube como herança, e podes dizer que coube sim, por certo seu argumento é todo despedaçado. 7. O terceiro vício é quando podes reconhecer bem e afirmar sem feiúra uma das coisas que ele enumera. Razão por que: Teu adversário diz assim: “Ou demoras aqui por luxúria, ou à espreita, ou em proveito de teu amigo”. Por certo podes afirmar que ali estás em proveito de teu amigo. 8. Simples conclusão é quando o orador conclui o que ele quer pela força de uma coisa que foi dita antes; mas isto é de duas maneiras: ou ele o prova por necessidade, ou por semelhança de necessidade. E se é por necessidade, não o podes contradizer; pois se ele diz: “Esta mulher está grávida, então ela conheceu homem”; ou: “Se este homem respira, então vive”, por certo nada podes dizer contra. Mas se é por semelhança de necessidade, desta maneira: “Se é mãe, então ama seu filho”; por certo poderás repreendê-lo, e mostrar que isto não é necessidade, antes, pode ser totalmente diferente.

63. Aqui diz da refutação que nega a conclusão

1. A segunda refutação é quando reconheces que a proposição ou a assunção de teu adversário é verdadeira, mas negas sua conclusão, porque ela não nasce do que havias reconhecido, antes, conclui outra coisa que não deve e não pode. Razão por que: as gentes de cidade juntaram-se às hostes, e adveio que, quando tu ias, uma moléstia te surpreendeu no meio do caminho que não te deixou ir até as hostes, e disto teu adversário te acusa, e conclui desta maneira: “Se houvésseis vindo à hoste, vosso condestável vos haveria visto; mas não vos viu; então não quisestes vir”. 2. Ora observa que neste argumento afirmas bem a proposição de teu adversário, isto é, que se houveste estado na hoste o condestável te haveria visto, e afirma sua assunção, isto é, que ele não te viu; mas sua conclusão não nasce disto, pois onde ele diz que não querias ir, ele não diz verdade, porque bem querias ir, mas não podias. 3. Este exemplo é tão claro e tão aberto, que é leve coisa conhecer seu vício, e por isso quer o mestre mostrar outro exemplo mais obscuro de entender, para melhor ensinar o que pertence a bom orador, pois quando o vício é obscuro de entender, ele bem pode ser

provado como se fosse verdadeiro. E isto pode ser de duas maneiras: ou porque se cuida que afirmas como certa uma coisa dúbia, ou porque se cuida que não rememoras o que afirmaste e reconheceste. 4. E se se cuida que hajias afirmado como certa uma coisa dúbia, pelo que teu adversário te refuta, então agora te convém mostrar o entendimento que tinhas quando afirmaste essa coisa, e dizer que ele desdobrou seu argumento em outra coisa. Razão por que: teu adversário diz assim: “Tendes carência de dinheiro”; e tu afirmas bem seu dito segundo tua intenção, isto é, que quererias ter maior soma do que tens. Mas teu adversário pensa coisa totalmente diferente, e diz assim: “Mas tendes carência de dinheiro, pois se não fosse assim, não faríeis comércio; então sois pobre”. Evita que ele conclua com outra intenção, e por isso debes refutar seu argumento, pois ele desdobrou e mudou o que entendeste. 5. Mas se ele cuida que tenhas esquecido o que reconheceste e como, ele fará uma má conclusão contra ti, desta maneira: “Se a herança do morto pertence a ti, cada um deve crer que o mataste”; 6. e sobre esta fala²⁹⁵ diz teu adversário muitas palavras, e atribui diversas razões para provar sua causa. E quando tiver feito isso, ele toma seu argumento, e diz: “Mas sem falha a herança pertence a ti; então o mataste”. Evita que esta conclusão decorra do fato de que a herança te pertence, e por isso te convém diligentemente observar a força de seu argumento, de onde o tira, e como.

64. *Aqui diz como se deve refutar o argumento que é vicioso*

1. A terceira refutação é quando dizes que o argumento de teu adversário é vicioso; e isto pode ser de duas maneiras: ou porque há vício no argumento mesmo, ou porque ele não pertence ao que o orador propõe. E sabeis que vício está no argumento quando ele é totalmente falso, ou se é comum, universal, ou leviano, ou longínquo, ou mal apropriado, ou dúbio, ou certo, ou não-afirmado, ou feio, ou ofensivo, ou contrário, ou mudável, ou adverso.²⁹⁶ 2. Falso é aquele que é pertencente à mentira. Razão por que: “Ninguém pode ser sábio se despreza dinheiro; mas Sócrates desprezava dinheiro, então não foi sábio”. 3. Comum é aquele que não te pertence mais do que a teu adversário. Pois se dizes assim: “Direi brevemente, porque tenho direito”, assim também o pode dizer teu adversário como tu. 4. Universal é aquele que pode servir para outra coisa que não seja verdadeira, desta maneira: “Senhor juiz, eu não me teria colocado diante de vós se eu não cuidasse que o direito estivesse sempre comigo”. 5. Leviano é de duas maneiras: uma que é dita tarde,²⁹⁷

²⁹⁵ *Et sur cest mot dit ton aversaire maintes paroles.*

²⁹⁶ [...] *dou tout faus, ou se il est comun, ou universel, ou legiers, ou lointains, ou malapropriés, ou douteus, ou certains, ou non affermez, ou laides, ou enuies, ou contraires, ou muables, ou aversaires.* Em *De inv.*: [...] *si omnino totum falsum erit, si commune, si vulgare, si leve, si remotum, si mala definitione, si controversum, si perspicuum, si non concessum, si turpe, si offensum, si contrarium, si inconstans, si adversariu* (*De inv.*, I, 48, 89).

²⁹⁷ *A tart.* Em Chabaille, *à tort* (p. 558).

assim como o camponês diz: “Se eu cuidasse que roubariam meus bois, teria fechado meu estábulo”. A outra maneira é cobrir uma feia coisa com leve cobertura, assim como fez o cavaleiro que abandonou seu rei quando ele estava em alta senhoria, e depois que seu rei foi exilado, seu cavaleiro encontrou-o um dia, e disse: “Senhor”, disse, “deveis perdoar-me por vos ter abandonado, porque me aparelhava para ir sozinho em vosso socorro”. 6. Longínquo é aquele argumento que é tirado de demasiado longe, segundo o que fez a camareira de Medeia: “Deus quisera”, disse ela, “que não se tivesse talhado a madeira de que foram feitas as naus”. 7. Mal apropriado é de três maneiras. Uma que diz as propriedades que também são comuns a outra coisa: pois se me perguntasses sobre as propriedades do homem que é altercador,²⁹⁸ e se eu dissesse que altercador é aquele que é mau e invejoso entre os homens, por certo essas propriedades não seriam mais do altercador do que do orgulhoso, nem do traidor, nem de outro mau homem. A segunda maneira diz as propriedades que não são verdadeiras, mas falsas. Pois se perguntasses as propriedades de sapiência, e eu dissesse que sapiência não é outra coisa senão ganhar dinheiro, por certo eu diria falsas propriedades. A terceira maneira diz algumas propriedades, mas não todas. Pois se me perguntasses as propriedades da loucura e eu dissesse que loucura é cobiçar alto renome, por certo, embora isto seja loucura em parte, eu não digo todas as propriedades de loucura. 8. Dúbio é o argumento que por dúbias causas quer provar uma dúbia coisa, desta maneira: “Senhores príncipes da terra, não deveis ter guerra um contra o outro, porque os deuses que governam os movimentos do céu não se combatem”. 9. Certo é quando o orador conclui o mesmo que seu adversário confirma, e deixa o que deveria provar, assim como fez o adversário de Orestes quando devia mostrar que Orestes havia matado sua mãe: ele mostrou que a havia matado, e isto não precisava, porque ele não o negava, antes, dizia que a tinha matado com direito. 10. Não-afirmado é quando o orador diz muitas palavras e confirmações sobre uma coisa que seu adversário simplesmente nega. Razão por que: Ulisses foi acusado de ter matado Ajax, mas dizia que não o tinha feito; e todavia seu adversário dizia grandes palavras e grandes falas, e era muito feia coisa que um vilão matasse tão nobre cavaleiro. 11. Feio argumento é aquele que é desonesto em razão do lugar, isto é, dizer feia palavra diante do altar; ou em razão daquele que o diz, isto é, se um bispo fala de mulher e de luxúria; ou em razão do tempo, isto é, se no dia de Páscoa se dissesse que Deus não ressuscitou; ou em razão dos ouvintes, isto é, se diante dos religiosos se fala de vaidade e dos deleites do século; ou em razão da coisa, isto é, que aquele que fala da santa cruz não deve dizer que seja forquilha.²⁹⁹ 12. Ofensivo³⁰⁰ é aquele que aborrece a vontade dos ouvintes; pois se diante daqueles que dão empréstimos eu louvasse a lei que condena a usura, por certo meu argumento aborreceria os

²⁹⁸ *Descordable*. Grandsaignes d'Hauterive define como *querelleur*. Vatteroni traduz por *litigioso* (p. 767).

²⁹⁹ *Forces*. Em Chabaille: *forches* (p. 559); East: *fork* (p. 168); e Vatteroni: *patibolo* (p. 769).

³⁰⁰ *Enuios*. Em Vatteroni e East, segue-se Cícero, que denomina este tipo de argumento *offensum* (*De inv.* I, 49, 92).

ouvintes. 13. Contrário argumento é quando o orador diz contra aquilo mesmo que os ouvintes fizeram. Razão por que: Eu vejo diante de mim Alexandre, e acusarei algum homem probo que tenha vencido uma cidade por força de armas, e direi que não há no mundo tão cruel coisa como tomar e gastar cidades: por certo, tal argumento é bem contrário, porque o ouvinte, isto é, Alexandre, destruiu diversas vilas e cidades. 14. Mudável é quando um orador diz de uma mesma coisa duas diversidades que são uma contra a outra, segundo o que um homem diz: Quem tiver as virtudes não tem outras carências para bem viver, e depois ele mesmo diz que ninguém pode bem viver sem saúde. E outro, quando disse que servia seu amigo por amor, e logo depois então disse que esperava dele grande serviço. 15. Adverso é aquele argumento que mais faz contra o orador do que a seu favor. Pois se eu quisesse exortar o cavaleiro à batalha, e dissesse que nossos inimigos são grandes e fortes e bem afortunados, por certo isto seria mais contra mim do que a favor. 16. Ora convém dizer sobre a outra maneira de argumento que é vicioso, isto é, quando não pertence ao que o orador propõe; e isto pode ser de muitas maneiras: se o orador promete que dirá sobre muitas coisas, e depois diz apenas sobre uma; ou se deve mostrar tudo, e mostra apenas uma parte, isto é, se o orador quer mostrar que todas as mulheres são avaras, e o mostra apenas sobre uma ou duas; ou se ele não se defende daquilo por que é vituperado, segundo o que fez Pacúvio quando quis defender a música, que era vituperada por muitos: não a defendeu, mas louvou muito a sapiência; outrossim fez aquele que era vituperado por vanglória, pois não se defendeu, antes disse que era muito feroz e audacioso nas armas; ou se a coisa é vituperada pelo vício do homem, assim como fazem aqueles que dizem mal da santa Igreja pela malignidade dos prelados; ou se eu quisesse louvar um homem, e dissesse que ele é muito rico e bem afortunado, mas não dissesse que tem alguma virtude; ou se eu faço comparação entre dois homens, ou entre duas coisas, de tal maneira que não se cuide que eu possa louvar uma sem vituperar a outra, 17. ou se se louva uma somente, e não se faz da outra nenhuma menção, como se estivéssemos em conselho para estabelecer qual vale melhor, a paz ou a guerra, e eu não terminasse nunca de louvar a paz, mas da guerra não dissesse coisa nenhuma; ou se eu perguntasse sobre determinada coisa, e tu me respondesses sobre uma geral, como se eu te perguntasse sobre o urso se ele corre, e tu me dissesse que alguns animais correm; 18. ou se a razão que o orador dá é falsa, pois se diz que dinheiro é bom, porque dá mais feliz vida do que qualquer coisa ao mundo, por certo a razão é falsa, porque dinheiro dá ao homem grandíssimo trabalho e infortúnio;³⁰¹ 19. ou se o orador dá fraca razão para seu dito, segundo o que Plauto diz: “Não é bom”, disse, “que se castigue seu amigo pelos malfeitos antes do tempo, por isso não quero hoje castigar meu amigo pelos males que fez”; 20. ou se o orador dá tal razão para seu dito que é o mesmo que seu dito, pois se diz que avareza é demasiado má coisa, porque cobiça por

³⁰¹ Em Chabaille, há aqui uma interpolação de: [...] *selonc Dieu et selonc le siecle* [...] (Chabaille, p. 561).

dinheiro já fez muitos grandes danos a muita gente, por certo avareza e cobiça são uma coisa; 21. ou se o orador dá uma pequena razão quando a poderia dar grande, pois, se diz: “Boa coisa é amizade, porque com ela se tem muitos deleites”, por certo poderia dizer melhor razão, e dizer que nela há muitos proveitos e honestidade e virtude.

65. Aqui diz da refutação que diz tão firme razão quanto seu adversário

1. A quarta refutação é quando teu adversário disse seu argumento, e tu redizes contra ele outro tão forte ou mais; e tais argumentos pertencem mais às contendas que são para tomar conselho do que a outra coisa. 2. E sabeis que essa refutação pode ser feita de duas maneiras. A primeira é quando meu adversário diz uma coisa com a qual consinto, e assim é firmada; mas então eu redigo contra ele uma mais estável razão, que é firmada por necessários argumentos. Pois quando César disse: “Devemos”, disse, “perdoar os conjurados, porque são nossos cidadãos”, “É verdade”, disse Catão, “que são nossos cidadãos, mas se não forem condenados, convém forçosamente que Roma seja destruída por eles”. 3. A segunda maneira é quando meu adversário diz que uma coisa é proveitosa, e eu digo que é verdade, mas mostro então que o que eu digo é coisa honesta; pois sem falha honestidade é coisa mais firme do que proveito, ou tanto quanto. Mas aqui se cala o mestre sobre o quinto ramo do discurso, isto é, da refutação, sobre a qual ele disse o que sabia dizer; doravante dirá sobre o sexto ramo, isto é, a conclusão.

66. Aqui diz da sexta parte do discurso, isto é, da conclusão, que é a derradeira

1. Depois da doutrina da refutação, e de todos os cinco primeiros ramos do discurso, vem o derradeiro ramo, isto é, a conclusão, onde o orador conclui suas razões e põe fim a seu discurso. E, não obstante, vemos que Hermágoras diz em seus livros que antes da conclusão deve ser posta a passagem; e assim fazia sete ramos do discurso. Mas o muito sábio Túlio Cícero, que quanto à boa fala ultrapassou todos os homens, vitupera demais a sentença de Hermágoras.³⁰² 2. E haveis bem ouvido cá atrás que passagem é quando o orador deixa um pouquinho sua própria matéria, e passa a outra, por ocasião de louvar a si e à sua parte, ou de vituperar seu adversário e sua parte, ou por ocasião de confirmar, não por argumento, mas para aumentar sua causa, segundo o que o mestre divisa cá atrás, no capítulo “Como se pode aumentar sua matéria”, e em muitos outros lugares. Sobre a passagem, Túlio diz³⁰³ que não é nem deve ser por si só um ramo do discurso, antes está

³⁰² *De inv.*, I, 51, 97.

³⁰³ *Ibid.*, loc. cit.

submetida aos argumentos dos ramos do discurso; 3. e por isso agora se cala o mestre a respeito, e diz que conclusão é a saída e o fim do discurso. E sabeis que a conclusão tem três partes: são recapitulação, desdém e piedade.³⁰⁴ E ouvireis sobre cada uma por si diligentemente, e primeiramente sobre a recapitulação.

67. *Aqui diz da recapitulação*

1. Recapitulação é o fim do discurso, onde o orador abreviadamente e em suma rediz todos os seus argumentos e as razões que havia contado no meio do seu dito, uns cá e os outros lá, e os rememora em breves palavras, para retorná-los à memória dos ouvintes mais firmemente. Mas porque, se o orador fizesse sempre sua recapitulação de uma maneira somente, os ouvintes ficariam suspeitosos, e cuidariam que fosse coisa pensada, convém-te variar frequentemente e contar ora de uma maneira ora de outra, segundo o que poderás ver cá abaixo. 2. E podes bem alguma vez rememorar a suma de cada um de teus argumentos por si, pois é bem leve coisa a se dizer e entender. Alguma vez podes bem recapitular todas as partes que disseste em tua divisão e que prometeste provar, e rememorar todas as razões, como as provaste e confirmaste. 3. Alguma vez podes perguntar aos ouvintes desta maneira: “Senhores, que quereis? Quereis outra coisa? Por que mais? Eu disse isso e provei isso e aquilo”. De tal maneira rememoras teus ditos e teus argumentos, pois os ouvintes se lembrarão melhor, e cuidarão que não haja mais a se provar. 4. Alguma vez podes rememorar tuas razões e provas, sem nada dizer das razões de teu adversário, e alguma vez dizer sobre seus argumentos junto com os teus, de tal maneira: quando dizes um dos argumentos de teu adversário, dizes então como o refutaste e o desfizeste; pois é uma maneira de recapitular para que os ouvintes se lembrem de tudo o que confirmaste e refutaste. 5. Alguma vez podes admoestar os ouvintes por boca, para que se lembrem do que disseste, e em que lugar e como. Alguma vez podes nomear outro homem, assim como se ele falasse, e atribuir a ele tua recapitulação, desta maneira: “Eu vos ensinei e mostrei isso e aquilo; mas se estivesse aqui Túlio, o que lhe perguntaríeis mais?”. 6. Alguma vez podes nomear outra coisa que não seja homem, como uma lei, ou um livro, ou uma cidade, e tais outras coisas semelhantes, e atribuir a elas tua recapitulação, desta maneira: se a lei pudesse falar, não se queixaria diante de vós, e diria: “Que quereis, ou que pedis mais, quando se prova isso e aquilo, e se mostra tão claramente quanto haveis ouvido contar?”. 7. E sabeis que nessas duas maneiras, isto é, por outro corpo de homem, e por outra coisa, podes seguir todas as variedades que são propostas cá acima. Mas o geral ensinamento de todas as

³⁰⁴ *Reconte, desdaing et pitié*. Em *De inventionem, enumerationem, indignationem, conquestionem* (I, LI, 98). Vatteroni traduz por *riepilogo, indignazione e pietà* (p. 775).

maneiras de recapitular é: de cada um de teus argumentos saiba escolher e tirar o que mais vale, e recapitular isso o mais abreviadamente que puderes, de tal maneira que pareça que a memória seja renovada, não a fala.

68. *Aqui diz do desdém*

1. Desdém é o fim do discurso em que o orador põe um corpo de homem ou de outra coisa em grande ódio e grande malevolência. E sabeis que esse desdém nasce desses mesmos lugares em que nascem confirmação e refutação, e das propriedades do corpo e da coisa, segundo o que o livro divisa cá atrás em seus capítulos, pois são os lugares pelos quais se podem aumentar os crimes e os malfeitos e todos os desdéns. E, não obstante, o mestre divisará aqui os ensinamentos que pertencem diretamente ao desdém. 2. O primeiro lugar do desdém é tomado por autoridade, isto é, quando digo que essa coisa foi grandemente estudada por Deus, ou pelos homens de grande autoridade: e isto pode ser mostrado por razão de sorte, ou divino mandamento, ou profecias, ou maravilhas, ou de tais coisas semelhantes. Outrossim, pode ser mostrado pela razão de seus anciãos, ou de nossos senhores, ou de cidades, ou de gentes, ou de muito sábios homens, ou do senado, ou do povo, ou dos que fizeram a lei. 3. Razão por que: Foi verdade que Judas abandonou os discípulos por sua traição. Os outros apóstolos tiraram a sorte para ver quem deveria ser posto em seu lugar. A sorte veio sobre Mateus, que foi apóstolo no lugar de Judas; mas se ele tivesse se escondido, e não o quisesse ser, poder-se-ia ter posto sobre ele desdém, desta maneira: “Ninguém deve te amar, quando recusas o que Deus nos mostrou por sorte”. Deste exemplo passa o mestre adiante, pois basta para bem entender todos os outros lugares ditos antes. 4. O segundo lugar do desdém é quando o orador aumenta o malfeito por cólera, e mostra a quem pertence; pois se é contra todos os homens ou contra muitos, é grande crueldade; e se é contra os grandes e que são mais dignos que nós, é grande desdém; e se é contra nossos pares, é grande malignidade; e se é contra os fracos, é grande soberba. 5. O terceiro lugar do desdém é quando o orador diz, como que perguntando, o mal que poderia advir se os outros fizessem o que seu adversário fez, e que se lhe perdoassem esse malfeito, muita gente ousaria fazer tais e piores obras,³⁰⁵ de onde pode advir grandes perigos. 6. O quarto lugar é quando o orador diz aos juízes que muita gente observa o que eles estabelecerão quanto a esse malfeito, para saber o que lhes é lícito fazer, se eles o perdoarem. 7. O quinto lugar é quando o orador diz que todos os outros juízos, se fossem contra direito, poderiam ser emendados, mas esse crime é de tal natureza que o que dele será julgado uma vez será tão estável que não poderá ser mudado por outras sentenças nem por juízo de outrem. 8. O sexto lugar é quando o orador diz que

³⁰⁵ Em Chabaille, *viltéz* (p. 566).

seu adversário fez isso pensadamente e por conselho, e que ninguém deve perdoar o malfeito que se faz de bom grado, embora se possa alguma vez perdoar aqueles que advêm de mau grado e não sabendo. 9. O sétimo lugar é quando o orador diz que seu adversário, por seu poder e por suas riquezas, fez coisa tão cruel e tão desesperada³⁰⁶ quanto se pode ouvir. 10. O oitavo lugar é quando o orador diz que uma coisa péssima assim nunca foi ouvida, nem pequena nem grande, e que nenhum tirano, nenhuma besta, nem sarraceno, nem judeu ousou ainda fazê-la; e nomeia aqueles contra quem ele o fez, seu pai, ou contra seus filhos, ou contra sua mulher, ou contra seus parentes, ou contra seus sujeitos, ou contra seus amigos, ou contra seu anfitrião, seu vizinho, seu amigo, seu companheiro, seu mestre, ou contra os mortos, ou contra os cativos e os fracos, ou contra aqueles que não podem se ajudar, assim como são crianças, velhos e mulheres e doentes: pois de todas essas coisas nasce um cruel desdém pelo qual os ouvintes são feramente comovidos contra aqueles que fazem tais coisas e semelhantes obras. 11. O nono lugar é quando o orador rememora outra grande malignidade provada, e diz que o que seu adversário fez é bastante mais grave e de maior perigo que essa outra. 12. O décimo lugar é quando o orador rememora toda a coisa em ordem, como foi ao fazer a coisa, e o que foi depois até o fim, e acresce o desdém e a crueldade de cada coisa por si, tanto quanto pode, e a demonstra aos ouvintes como se eles a houvessem visto em sua presença. 13. O décimo primeiro lugar é quando o orador diz daquele que fez isso: “Não deveria fazê-lo, antes, deveria pôr coração e corpo para evitar que isso fosse feito”. 14. O décimo segundo é quando o orador diz assim como por cólera que o que foi feito a ele primeiro jamais foi feito a ninguém. 15. O décimo terceiro lugar é quando o orador diz que, além desse mal que seu adversário lhe fez, ele lhe disse muitas cruéis palavras e reprimendas e ameaças. 16. O décimo quarto lugar é quando o orador roga aos ouvintes que voltem para si o malfeito que lhe foi feito, quer dizer, que se o mal é das crianças, que o voltem para seus filhos, e se é das mulheres, que o voltem para suas mulheres. 17. O décimo quinto lugar é quando o orador diz que o que lhe adveio deveria parecer grave e cruel para seu adversário. Em suma, o que o orador diz por desdém, ele deve dizê-lo o mais gravemente que puder, para que mova a coragem dos ouvintes contra seu adversário, pois é uma coisa que muito aproveita à sua causa, quando os ouvintes estão comovidos por cólera contra seu adversário.

69. *Aqui diz de piedade*

1. Piedade é um dito que no fim adquire a misericórdia dos ouvintes; e por isso o orador que quer findar e concluir seu dito por piedade deve fazer duas coisas: uma, que adoce a coragem dos

³⁰⁶ *Desperée*. Em Vatteroni, *sconfortante* (p. 779); em East, *devious* (p. 173). *Desperer* significa desesperar; *despers* ou *despert* significa cruel (Grandsaignes d'Hauterive).

ouvintes, de tal maneira que não tenham nenhuma perturbação contra ele, e se tiverem, que a tornem em bondade; a outra é que faça tanto que os ouvintes tenham misericórdia por ele, isto é, que lhes pese seu dano, porque quando os ouvintes chegarem a isto serão bondosos, e não terão nenhuma perturbação, e se lhes pesa teu mal, por certo serão facilmente³⁰⁷ movidos à piedade. 2. E para fazer isto o orador deve voltar-se para os comuns lugares, isto é, para a força de fortuna e fraqueza dos homens, pois onde dizes bem essas coisas, eles³⁰⁸ já não serão de tão duro coração que não corram à misericórdia, justamente quando considerarem que o mal do outro pode advir a eles e às suas coisas. 3. E sabei que os lugares que pertencem à aquisição de piedade são dezesseis. Cujo primeiro é quando o orador conta o bem que ele soía ter outrora, e mostra o mal de que sofre agora. 4. O segundo lugar é quando o orador mostra o mal que teve outrora, e aqueles que terá adiante. 5. O terceiro lugar é quando o orador se queixa, e nomeia todos os seus males, como se o pai se queixasse da morte de seu filho, e nomeasse o deleite que teve em sua juventude, e a esperança que tinha nele, e o muito grande amor que lhe tinha, e o solaz, o alimento, e as outras coisas semelhantes. 6. O quarto lugar é quando o orador se queixa que sofreu, ou que lhe cabe³⁰⁹ sofrer feias coisas, ou vis, ou de servidão, as quais não deveria sofrer em razão de sua idade, ou de sua linhagem, ou de fortuna, ou de sua senhoria, ou pelo bem que já fez. 7. O quinto lugar é quando o orador divisa diante dos olhos dos ouvintes um por um os males que advieram, como se os vissem; pois é uma maneira pela qual os ouvintes são comovidos tanto pela força do fato como pela força dos ditos. 8. O sexto lugar é quando o orador mostra que contra sua esperança veio infortúnio, e que embora esperasse que desse homem, ou dessa coisa lhe adviesse grandíssimo proveito, não teve nada, antes, caiu em grande desventura. 9. O sétimo lugar é quando o orador volta seus males para os ouvintes, e lhes roga que quando eles o olharem que se lembrem de seus filhos, e de seus parentes, e de seus amigos. 10. O oitavo lugar é quando o orador mostra que foi feito algo inadequado, ou que o que era adequado não foi feito, segundo o que disse Cornélia, a mulher de Pompeu: “Ai”, disse, “não estive em seu finamento, não o vi, nem ouvi sua última palavra, nem recebi seu espírito”. Desta maneira se queixava sua mulher, e mostrava que o que era adequado não fora feito, e então mostrou como foi feito o inadequado, quando disse: “Ele morreu”, disse, “nas mãos de seus inimigos; jaz vilmente na terra de seus adversários; não teve jamais sepultura, nem honradez na sua morte, e sua carcaça foi longamente arrastada por bestas selvagens”. 11. O nono lugar é quando o orador atribui seu dito a alguma besta, ou a alguma outra coisa sem sentido e sem fala, pois é uma maneira de falar que entra muito no coração dos ouvintes, segundo o que disse a

³⁰⁷ *Legierement.*

³⁰⁸ No singular em francês. Entendeu-se que aqui o autor continua falando dos ouvintes e, por isso, o sujeito foi posto no plural.

³⁰⁹ *Ou que il li convient souffrir [...].* Em Vatteroni, *o che è necessario che sopporti [...]* (p. 783).

mulher de Pompeu: “Vejam”, diz, “como sua casa chora, sua veste e seus equipamentos³¹⁰ se lamentam, seu cavalo e suas armas contam os erros feitos contra ele”. 12. O décimo lugar é quando o orador se queixa de sua pobreza e de sua doença, e de sua fraqueza, e de sua solidão, segundo o que fez a mulher de Pompeu: “Ai, como estou doravante pobre e nua, sem nenhum poder: eu serei totalmente só sem senhor e sem nenhum conselho”. 13. O décimo primeiro lugar é quando se fala de suas crianças, ou de seu pai, e de enterrar seu corpo, segundo o que disse Eneias quando foi rechaçado de Troia. “Eu não sei”, disse, “como será minha vida ou minha morte em meio a tantos perigos, mas deixo meu filho em vossas mãos; eu vos rogo por ele e por meu pai, e para que meu corpo seja enterrado honradamente se eu morrer”. 14. O décimo segundo lugar é quando se separa daqueles que se ama tenramente, e mostra-se que dor e que dano advêm a si e a eles pela separação. 15. O décimo terceiro lugar é quando o orador se queixa de tais gentes que lhe causam mal e aborrecimento, que deveriam lhe fazer bem e honra. 16. O décimo quarto lugar é quando o orador roga humildemente aos ouvintes, como se chorando, que tenham piedade dele e de seus males. 17. O décimo quinto lugar é quando o orador não se dói do seu mal, mas se queixa da desventura de seu amigo ou de seu parente, segundo o que Catão dizia contra os conjurados de Roma: “Não me importo comigo”, disse, “mas me pesa a destruição do nosso comum, de nossos filhos e de nossas gentes”. 18. O décimo sexto lugar é quando o orador diz que lhe pesa muito fortemente o mal dos outros, e não obstante mostra que tem grande coração e franco para sofrer todos os perigos. Pois advêm frequentemente aos príncipes da terra e aos outros que têm autoridade de senhoria ou de virtudes, que, se dizem altas palavras e mostram franca coragem, os ouvintes são comovidos à misericórdia mais cedo e melhor do que por preces e por humildade. E sabeis que é uma maneira de falar para a qual se voltam todos os condestáveis e os senhores de hostes quando querem exortar os seus à batalha. 19. Ora haveis ouvido todos os lugares para adquirir a misericórdia dos ouvintes; mas o orador deve muito guardar que quando percebe que as coragens estão comovidas por piedade, não demore mais em sua queixa, mas logo então finde seu dito antes que os ouvintes saiam da piedade, pois Apolônio diz: “Nada seca tão cedo quanto as lágrimas”.

70. Aqui diz da diversidade que há entre o orador e o ditador da conclusão

1. Estas são as três partes da reta conclusão, que pertence ao bem falar, segundo os ensinamentos de Túlio.³¹¹ Mas os ditadores discordam um pouco, pois na conclusão que é falada compreende o orador sua demanda e a suma de suas razões, e finda seu discurso; mas nas cartas que

³¹⁰ *Hernois.*

³¹¹ *De inv.*, I, 52, 98 a I, 56, 109.

se enviam aos outros, quando o ditador escreveu seus primeiros ramos, isto é, a saudação e o prólogo, o fato e a demanda, e que ele demandou ou rogou o que quer, escreve então o bem que disso pode advir se se atende à sua requesta, ou o mal se não se lhe atende,³¹² e põe fim à sua carta, e é sua conclusão. Mas aqui se cala o mestre sobre a conclusão para mostrar as outras doutrinas.

71. Aqui diz como o discurso pode ter menos de seis ramos

1. Até aqui o mestre divisou os ramos do discurso, e mostrou diligentemente todos os ensinamentos que a isto convêm, segundo a autoridade de Túlio e dos outros mestres de retórica. E embora ele diga que um discurso por boca tem seis ramos, que uma carta tem cinco, segundo o que vós ouvistes cá atrás, a matéria bem poderia ser de tal maneira que ela não requeira todos os ramos e as partes acima ditas, antes, seria o bastante uma parte sem mais, ou duas, ou três, ou quatro ou cinco, segundo a natureza do fato. E para melhor conhecer, convém saber que uns ramos são tão substanciais que não se pode dizer nada senão por eles, assim como é o fato e a demanda, pois sem um destes dois não pode haver nenhum discurso nem por boca nem por escritura. 2. Mas os outros ramos, isto é, a saudação, e o prólogo, e a divisão, e confirmação, e refutação, e conclusão, não são nem um pouco da substância do discurso. Pois cartas e mensagens bem podem alguma vez ser sem saudação, ou para quando outro abrir as cartas, de quem não se saiba o nome, ou porque a mensagem é de tal maneira que o mensageiro nomeará uns e outros diversas vezes em seu discurso; e então há nessa carta ou nessa mensagem apenas os quatro ramos derradeiros. 3. Mas quando a matéria é tão honesta que ela por sua dignidade agrada aos ouvintes sem nenhuma douradura de prólogo, então se pode bem calar o prólogo e dizer sua matéria,³¹³ segundo o que haveis ouvido cá atrás no capítulo de prólogo. Outrossim, bem se pode deixar a divisão e a confirmação e a refutação e a conclusão, e dizer simplesmente o fato ou sua demanda. Disto podeis entender que alguma vez é o bastante dizer o fato somente, desta maneira: “Sabei que estamos em França”; e alguma vez basta dizer a demanda sem mais, desta maneira: “Eu te rogo que sejas probo nesta guerra”; alguma vez é bastante dizer um e o outro, desta maneira: “Vede bem que chegamos à batalha (é o fato), donde vos rogo que sejais probos e intrépidos contra nossos inimigos” (é a demanda). 4. E assim como um discurso pode ser de dois ramos, ou de um sem mais, também outrossim pode ser que um dos dois ou ambos sejam acompanhados de um ou dois ou mais dos outros ramos acima ditos, segundo o que o sábio orador vê que lhe convém em sua matéria.

³¹² *Si en fait sa requeste, ou le mau se l'en ne le fait.*

³¹³ *Beseigne.*

72. Dos ramos que estabeleceram um lugar determinado

1. E assim como há no discurso um ramo sem o qual ele não pode ser, e outro sem o qual ele pode bem ser, outrossim uns têm lugar tão próprio e sede tão certa que alhures não poderiam estar, e outros são tão mudáveis que o orador os pode mudar de lugar em lugar como queira. Pois a saudação não pode ser posta senão no começo, e a conclusão, no fim; mas todas as outras partes o orador pode pôr fora de seu lugar segundo sua providência. Mas sobre isto ora se cala o mestre e se volta para outras coisas.

73. Aqui termina retórica. Ora começa o governo das cidades

1. Nos primeiros livros acima são divisados as naturezas e o começo das coisas do século, e os ensinamentos de vícios e de virtudes, e a doutrina de boa fala; mas nesta última parte quer o mestre Brunetto Latini completar para seu amigo o que lhe havia prometido em torno do começo do primeiro livro, onde disse que seu livro findaria em política, isto é, o governo das cidades, que é a mais nobre e alta ciência, e o mais nobre ofício que há na terra, segundo o que Aristóteles prova em seu livro. 2. E embora política compreenda geralmente todas as artes que são necessárias à comunidade dos homens, não obstante, o mestre não trata senão do que pertence ao corpo do senhor e a seu reto ofício. Pois desde que as gentes começaram primeiramente a crescer e a se multiplicar, e que o pecado do primeiro homem se enraizou em sua linhagem, e que o século piorou duramente, até que uns cobiçavam as coisas de seus vizinhos, os outros por seu orgulho submetiam os mais fracos sob o jugo da servidão, conveio forçosamente que aqueles que queriam viver em seu direito, e esquivar a força dos malfeitores, se tornassem juntos em um lugar e em uma ordem. Então começaram a fundar casas, e firmar vilas e fortalezas e fechá-las com muros e fossos; 3. e então começaram a estabelecer seus costumes e sua lei e os direitos que eram comuns a todos os burgueses da cidade. Por isso diz Túlio³¹⁴ que cidade é uma assembleia de gentes que habitam em um lugar e vivem segundo uma lei. Assim como as gentes e as habitações são diversas, e os usos e os direitos são diversos no mundo, outrossim há diversas maneiras de senhorias. Pois desde que Nimrod, o gigante, primeiramente se apoderou do reino do país, e que a cobiça semeou as guerras e os mortais ódios entre as gentes do século, conveio aos homens que houvesse senhores de diversas maneiras, segundo que uns fossem eleitos por direito, e os outros, por seu poder; e assim adveio que um foi senhor e rei do país, o outro foi castelão e guardião dos castelos, e o outro foi duque e chefe das hostes, o outro foi conde e companheiro do rei, os outros tinham outros ofícios: donde cada um

³¹⁴ *De inv.*, I, 2, 2 e 3.

tinha sua terra e seus homens para governar. 4. Mas todos os senhores e todos os oficiais ou são perpétuos para sempre por eles e por seus herdeiros, como são rei e condes e castelões e os outros semelhantes; ou são por todos os dias de sua vida, como é meu senhor o apóstolo ou o imperador de Roma e os outros eleitos por toda a vida; ou são por anos, como são os prefeitos, os prebostes e o podestade e os escrivães³¹⁵ das cidades e das vilas; ou são para alguma coisa especial, assim como são os legados e os delegados e os vigários e os oficiais a quem o maior senhor dá algumas coisas a fazer, ou a quem se submetem suas questões. Mas sobre tudo isso se cala o mestre neste livro, que não diz nada da senhoria dos outros, senão daqueles que governam cidades por anos. 5. E estes são de duas maneiras: uma que é em França e em outros países, que são submetidos à senhoria dos reis e dos outros príncipes perpétuos, que vendem as prebendas e as entregam àqueles que as compram por mais, pouco resguardando a bondade nem o proveito dos burgueses; 6. a outra é em Itália, onde os cidadãos e os burgueses e as comunidades das cidades elegem seu podestade e seu senhor como cuidam que seja mais proveitoso ao comum proveito da cidade e de todos os seus sujeitos. E sobre esta maneira fala o mestre, pois a outra não pertence nem a ele nem a seu amigo. E não obstante todos os senhores, qualquer senhoria que tenham, com isso poderão aprender muitos bons ensinamentos.

(Segue-se a segunda parte do terceiro livro)

³¹⁵ *Li maires, les prevos et la poesté et lie eschevins*. Em Vatteroni: *i sindaci, i sovrintendenti, i podetà, gli scabini* (p. 791). East não traduz este capítulo.

Referências bibliográficas

TESOURO: edições

LATINI, Brunetto. *Li livres dou Tresor*. Publié par Polycarpe Chabaille. Paris: Imprimerie Impériale, 1863.

_____. *Li livres dou Tresor*. Edition critique par Francis J. Carmody. [1ª ed. 1948] Genève: Slatkin Reprints, 1998.

_____. *Tresor*. A cura di Pietro Beltrami, Paolo Squillacioti, Plinio Torri e Sergio Vatteroni. Torino: Giulio Einaudi, 2007.

TESOURO: traduções modernas

EAST, James Robert. *Book three of Brunetto Latini's Tresor: an english translation and assessment of its contribution to rhetorical theory*. Stanford University, Ph. D., 1960.

LATINI, Brunetto. *Tresor*. A cura di Pietro Beltrami, Paolo Squillacioti, Plinio Torri e Sergio Vatteroni. Torino: Giulio Einaudi, 2007.

Referências bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*. Tradução e notas de Italo Eugênio Mauro. [1ª ed. 1998] São Paulo: Ed. 34, 2000.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim Jaime Bruna. [1ª ed. 1910] São Paulo: Cultrix, 1988.

CARMODY, Francis J. Brunetto Latini's Tresor: Latin Sources on Natural Science. *Speculum*, Vol. 12, No. 3. (Jul., 1937), pp. 359-366. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0038-7134%28193707%2912%3A3%3C359%3ABLTLSO%3E2.0.CO%3B2-0>> Acesso em nov. 2009.

_____. De Bestiis et Aliis Rebus and the Latin Physiologus. *Speculum*, Vol. 13, No. 2. (Apr., 1938), pp. 153-159. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0038-7134%28193804%2913%3A2%3C153%3ADBEARA%3E2.0.CO%3B2-M>> Acesso em: nov. 2009.

CASTELNUOVO, Enrico (org.). *Ambrogio Lorenzetti: il buon governo*. Contribuiti di Maria Monica Donato e Furio Brugnolo. Milano: Electa, 1995.

CASTRO, José Acácio Aguiar de. Aspectos do enciclopedismo medieval. In: *O sentido do belo no século XII e outros estudos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

CICERAM, Marco Tullio. *Livro dos Ofícios*, traduzido por Infante D. Pedro. Edição crítica, prefaciada, anotada e acompanhada por Joseph M. Piel. Coimbra: Cia Universitatis Conimbrigenensis, 1948.

CICERO. *On invention, Best kind of orator, Topics*. Translated by H. M. Hubbell. Cambridge, Massachusetts: London, England: Harvard University Press, 2000.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CICCUTO, Marcello. Introduzione. In: Latini, Brunetto. *Il Tesoretto*. Milano: Rizzoli Editore, 1985.

COSTA, Ricardo da. Um espelho de príncipe artístico e profano: a representação das virtudes do bom governo e os vícios do mau governo nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti. In: *Utopía y Praxis Latinoamericana*. Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social. Maracaíbo (Venezuela): Universidad del Zulia, vol. 8, n. 23, octubre de 2003, p. 55-71. Também disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/lorenzetti.htm>>. Acesso em 23 set. 2010.

CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. Tradução Willard R. Trask. [1ª ed. 1948] New York: Harper Torchbook, 1963.

DAUZAT, Pierre-Emmanuel. Introduction. In: Plin l'Ancien. *Histoire Naturelle*, livre XXXIII, natures des métaux. Texte établi et traduit par Hubert Zehnacker. [1ª ed. 1999] Paris: Les Belles Lettres, 2002.

DÍAZ Y DIÁZ, Manuel C. *Enciclopedimo e sapere cristiano tra tardo-antico e alto medioevo*. Milano: Editoriale Jaca Book, 1999.

FARAL, Edmond. *Les arts poétiques du XIIe et du XIIIe siècle: recherches et documents sur la technique littéraire du moyen âge*. [1ª ed. 1924] Genève; Paris: Slatkine, 1982.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. Tradução Eduardo Brandão. [1ª ed. 1986] São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. Humanisme médiéval et Renaissance. In: *Les idées et les lettres*. Paris: Vrin,

1932, p. 171-196.

HANSEN, João Adolfo. Fênix renascida & Postilhão de Apolo: uma introdução. In: *Fênix renascida & Postilhão de Apolo*. Organização Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2002.

KOSSOVITCH, Leon. Preceptivas e estilos. *Boletim do Instituto de História da Arte do MASP*, São Paulo, 1997, ano 1, n. 1, jan-abr, seção 2, p. 26-31.

KRISTELLER, Paul Oskar. *Renaissance thought and its sources*. New York: Columbia University Press, 1979.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução, prefácio e aditamentos R. M. Rosado Fernandes. [1ª ed. 1967] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. *Manual de retórica literaria*, t. 1. Versión española de José Pérez Riesco. [1ª ed. 1960] Madrid: Gredos, 1999.

_____. *Manual de retórica literaria*, t. 2. Versión española de José Pérez Riesco. [1ª ed. 1960] Madrid: Gredos, 1991.

LE LIVRE des propriétés des choses: une encyclopédie au XIV siècle. Introduction, mise en français moderne et notes par Bernard Ribémont. Paris: Stock, 1999.

MARITAIN, Jacques. *Art et scolastique*. [1ª ed. 1920] Paris: Art catholique, 1947.

MUHANA, Adma. *A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. *Discurso* (31), 2000, p. 329-345.

MURPHY, James J. *La retorica nel Medioevo: una storia delle teorie retoriche da S. Agostino al Rinascimento*. [1ª ed. 1974] Napoli: Liguori Editore, 1988.

PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*. [1ª ed. 1951] Tradução Wolf Hörnke; posfácio Thomas Frangenberg. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

REDON, Odile, et al. *Les langues de l'Italie médiévale*. Turnhout, Belgium: Brepols Publishers, 2002. (L'atelier du médiéviste, 8, Collection dirigée par Jacques Berlioz et Olivier Guyotjeannin)

RUBINSTEIN, Nicolai. Le allegorie di Ambrogio Lorenzetti nella sala della pace e il pensiero politico del suo tempo. *Rivista Storica Italiana*, Torino, 1998, anno CIX, fascicolo III, p. 781-798.

SALLUSTE. *La conjuration de Catilina*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Introduction et

notes par Martine Chassignet. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

SALLUSTIO. História da conjuração de Catilina. Tradução de Manuel Matthias Vieira Fialho de Mendonça. *Jornal Scientifico e Litterario*. Vol. 5. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1858. p. 189-191.

SÉNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

SERGE, Lusignan. Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: réfraction et deffraction. *Cahiers d'études médiévales* 5. Paris: Vrin, 1979.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. [1ª ed. 1978] Tradução Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

STARN, Randolph. *Ambrogio Lorenzetti*: Palazzo Pubblico a Siena. [1ª ed. 1994] Torino: Società Editrice Internazionale, 1998.

STORCK, Alfredo Carlos. O indivíduo e a ordem política na dimensão da civitas. In: De Boni, Luis Alberto (org.). *Idade Média: ética e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 323-330.

TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

VÍTOR, Hugo de São. *Didascálicon da arte de ler*. Introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

Dicionários

AZEVEDO, Sebastião Laércio de. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1993.

Dicionários Editora da Língua Francesa. CD-Rom. Porto Editora Multimídia, 2001.

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0. CD-Rom. Objetiva, 2001.

GRANDSAIGNES D'HAUTERIVE, R. *Dictionnaire d'ancien français*: Moyen Âge et Renaissance. Paris: Librairie Larousse, 1947.

GREIMAS, A. J. *Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XIV siècle*. 2. ed. [1ª ed. 1968] Paris: Librairie Larousse, 1982.

Il dizionario medio garzanti della lingua italiana. Itália: Garzanti Linguistica, 2007.

LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. [1^a ed. 1926] Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

Le CD-Rom du Nouveau Petit Robert, version electronique du Nouveau Petit Robert, version 2.1. Dictionnaires Le Robert, 2001.

PARLAGRECO, Carlo. *Dizionario portoghese italiano portoghese*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Apêndice 1

I.

1. Ci comence le livre dou Tresor le quels translata maistre Brunet Latin de Florence en francés et parole de la naissance de toutes choses briefment

1. Cest livre est apelez Tresor. Car si come li sires qui viaut en petit leu amasser choses de grandisme vaillance, non pas por son delit solement, mes por acroistre son pover et por asseurer son estat en guerre et en pes, i met les plus chieres choses et les plus precieuses joiaus qu'il puet selonc sa bone entencion, tout autresi est li cors de cest livre conpilez de sapience, si come celui qui est estrait de toz les membres de philosophie en une some briefment. Et la premiere partie de cest tresor est autresi come deniers contans, por despendre touzjor en choses besoignables; c'est a dire que ele trate dou commencement dou siecle, et de l'ancieneté des vieilles estoires et de l'establisement dou monde et de la nature de toutes choses en soume. 2. Et ce appartient a la premiere science de philosophie, c'est a theorique, selonc ce que li livres parole ci après. Et si come sens deniers n'auroit nulle moieneté entre les heuvres des genz, qui adreçast les uns contre les autres, autresi ne puet nus hom savoir des autres choses pleinement se il ne set ceste premiere partie dou livre. 3. La seconde partie qui tracte de vices et de vertus est de precieuses pieres, qui donent a home delit et vertu, c'est a dire quels choses hom doit fere et quels non, et moistre la raison por quoi; et ce appartient a la seconde et a la tierce partie de philosophye, c'est a pratique et a logique. 4. La tierce partie dou tresor est de fin or, c'est a dire que ele enseigne a home parler selonc la doctrine de rethorique, et coment li sires doit gouverner les genz qui souz lui sont, meesmement selonc les usaiges as ytalien; et tout ce appartient a la seconde science de philosophye, c'est pratique. Car si come l'or sermonte toutes manieres de metals, autresi est la science de bien parler et de gouverner genz plus noble de nulle art dou monde. Et por ce que li tresor qui ci est ne doit pas estre donés se a home non qui soit soufisable a si haute richesce, la baillera i je a toi biau douz amis, car tu en es bien dignes selonc mon jugement. 5. Et si ne di je pas que li livres soit estraiz de mon pover sens ne de ma menue science; mes il iert ausi come une bresche de mel coillie de diverses flors, car cest livres iert conpilez soulement des merveillous diz des actors qui devant nostre tens ont traité de philosophye, chascun selonc ce que il en savoit partie; car tote ne la puet savoir home terrien, por ce que philosophie est la racine de cui croissent toutes les sciences que l'en puet savoir, tout autresi come une fontaine dont mainz roissiaus issent et decorrent ça et la, si que les uns boivent de l'un et les autres de l'autre; mes ce est diversement, car li un en boivent plus et li autre moins sens

estanchier la fontaine. 6. Por ce dit Boeces ou livre de sa Consolacion que il la vit en semblance de dame, en tel habit et en si tres merveillouse puissance que ele croissoit quant il li plaisoit, tant que son chief montoit sor les estoilles et sor le ciel, et porveoit amont et aval selonc droit et selonc verité. A ce comence mon conte, car après bon commencement ensit bone fino Et nostre enpereres dit ou Livre de Loi que commencement est greignor partie de la chose. 7. Et se aucun demandoit por quoi ceste livre est escrit en roman selonc le patois de France, puis que nos somes ytaliens, je diroie que ce est par .ii. raisons: l'une que nos somes en France, l'autre por ce que la parleure est plus delitable et plus comune a touz languagees.

2. De philosophie et de ses parties

1. Phylosophie est veraiz encerchement des choses naturels et des divines et des humaines, tant come a home est possible de entendre; dont il avint que aucuns qui s'estudierent a enquire et a savoir la verité de ces .iii. choses qui sont dites en philosophie, ce est a dire de la divinité et des choses de nature et des humaines choses, furent droit filz de philosophie, et por ce furent eaus apelez philosophes. 2. Et il fu voir que au commencement dou siecle, quant les genz qui soloient vivre a loi de bestes conurent premierement la digneté de la raison et de la conoissance que Dieu lor avoit donee, et il vorrent savoir la verité des choses qui sont en phylosophie, il cheirent en .iii. questions; une estoit de savoir la nature de totes choses celestiaus et terrienes, la seconde et la tierce sont des humaines choses. Dont la seconde est de savoir quels choses l'en doit faire et quels non, la tierce est de savoir raison et preuve por quoi l'en doit les unes fere et les autres non. 3. Et puis que ces trois questions furent traitees et ventilees longuement entre les autres saiges clers et entre les philosophes, il troverent en philosophie lor mere .iii. principaus menbres, ce est a dire .iii. manieres de science por enseigner et prover la veraie raison des .iii. questions que je ai devisé ci devant.

3. Coment la nature de totes choses est devisee en .iii. manieres selonc theorique

1. Dont la premiere, c'est theorique, est cele propre science qui nos enseigne la premiere question, de savoir et de conostre les natures de toutes choses celestiaus et terrienes. Mes por ce que ces natures sont vaires et diverses, a ce que autre nature est de choses qui n'ont point de cors ne ne conversent entre les corporels choses, autre nature est des choses qui ont cors et conversent entre les corporales choses, et une autre nature est des choses qui n'ont point de cors et sont entor les corporales choses, por ce fu il bien resnable chose que ceste science de theorique feist de son cors .iii. autres sciences, por demonstrer les tres diverses natures que je ai devisees. Et ces sciences sont

apelees en lor nom theologie, fisque et matematique. 2. La premiere et la plus haute des .iii. sciences qui sont estraites de theorique si est theologie, qui trespasse le ciel et nos mostre les natures des choses qui n'ont point de cors ne ne conversent entre les corporaus choses, en tel maniere que par lui conoissons nos Dieu le tout puissant; par lui creons nos la sainte Trinite dou Pere, dou Fis et dou Saint Esperit en une seule substance, non mie en une seule persone; per lui avons nos la foi catholique et la loi de sainte Yglise, et briefment ele nos enseigne tot ce que a divinite appartient. 3. La seconde est fisque, par cui nos savons la nature des choses qui ont cors et conversent entre les corporaus choses, c'est a dire des homes et de bestes, des oiseaux, des poissons, des plantes et des pierres et des autres corporels choses qui sont entre nos. 4. La tierce est mathematique, par cui nos savons les natures des choses qui n'ont point de cors et sont entor les corporaus choses et ceste choses sont de .iiii. diverses manieres, et por ce sont .iiii. sciences au cors de mathematique, et sont apelees par droit nom arismetique, musique, geometrie et astronomie. 5. La premiere de ces .iiii. sciences si est arismetique, qui nos enseigne conter et nombrer et joindre l'un conte sor l'autre, et multeplier l'un permi l'autre, et les uns oster des autres et partir et deviser en plusors parties; et de ce sont les enseignementz de l'abaque et de l'algorisme. 6. La seconde est musique, qui nos enseigne fere voiz et sons en chant et en citholes et en orgues, et en autres estrumentz acordables uns contre les autres, por delit des genz, ou en yglise por le servise Nostre Seignor. 7. La tierce si est geometrie, par qui nos savons les mesures et les proporcions des choses par lonc et par le et par hautesce, c'est la science par cui les anciens saiges s'esforcerent par soutilite de geometrie de trover la grandor dou ciel et de la terre, et l'hautesce entre l'un et l'autre, et maintes autres proporcions qui a merveillier font. 8. La quarte science est astronomie, qui nos enseigne trestot l'ordenement dou ciel et dou firmament et des estoilles, et le cors des .vii. planetes par son zodiaque, c'est parmi les .xii. signaus, et coment se muent les tens a chaut ou a froidure ou a pluie ou a sec ou a vent, par raison qui est establee en les estoilles.

4. Des choses que l'en doit faire et quels non, selonc pratique

1. Pratique est la seconde science de philosophie, qui nos enseigne que l'en doit fere et que non. Et a la verite dire ce puet estre en .iii. manieres; car une maniere est de fere aucunes choses et eschiver autres por gouverner lui meesmes, une autre maniere est por gouverner sa mesnee et sa maison et son avoir et son herietage, et une autre maniere c'est por gouverner genz ou .i. regne ou .i. pueple ou une cite, en pes et en guerre. 2. Mes puis que les anciens saiges conurent ces .iii. diversitez, il convint que il trovassent en pratique .iii. manieres de sciences per adrescier les .iii. manieres de gouverner soi et autrui, ce sont etique, yconomique, polytique. 3. La premiere de ces .iii.

sciences c'est hetique, qui nos enseigne gouverner nos premierement, a ensuirre vie honeste, et fere les vertuouses heuvres, et garder soi des vices; car nus ne poroit vivre au monde ne bien ne honestement, ne profiter a soi ne as autres, se il ne governoit sa vie et adreçoit ses meurs selonc les vertus. 4. La seconde est yconomique, qui nos enseigne nos genz et nos filz meesmes gouverner, et si nos enseigne a garder et acroistre nos possessions et nos herietages, et avoir mueble et chatel per despendre et por retenir, selonc que leus et tens muent. 5. La tierce est polytique, et sens faille c'est la plus haute science et dou plus noble mestier qui soit entre les homes, car ele nos enseigne gouverner les estranges genz d'un reingne et d'une vile, .i. pueple et une comune en tens de pes et de guerre, selonc raison et selonc justise. 6. Et si nos enseigne totes les ars et toz les mestiers que a vie d'ome sont beseignables; c'est en .ii. manieres, car l'une est en huevre et l'autre en parole: cele qui est en huevre sont les mestiers que l'en huevre touzjors de mains et de piez, ce sont fevres, drapiers, corduaniers, et ces autres mestiers qui sont beseignables a la vie des homes, et sont apelés mecanique. Cele .qui est en parole sont celes que l'en huevre de sa boche et de sa langue, et sont en .iii. manieres, sor quoi sont establies .iii. sciences: gramatique, dialetique et rethorique. 7. Dont la premiere est gramatique, qui est fondement et porte et entree des autres sciences; qui nos enseigne a parler et escrire et lire a droit sens vice de barbarisme et de solocisme. 8. La seconde est dialetique, qui nos enseigne prover nos diz et nos paroles par raison, et par tels argumenz qui donent foi as paroles que nos avons dites, si que eles semblent voires et provables a estre voires. 9. La tierce science est rethorique, cele noble science qui nos enseigne trover et ordener et dire paroles bones et belles et pleines de sentences, selonc ce que la matere requiert. C'est la mere des parliers, c'est l'enseignement des diteors, c'est la science qui adreça le monde premierement a bien fere, et qui encor l'adresce par la predicacion des sainz homes, per les divines Escritures et per la loy qui les genz gouverne a droit et a justise. C'est la science de cui Tullies dit en son livre que cil a hautisme chose conquise qui de ce trepasse les homes, dont li home trespasent totes les autres animaüs, c'est de la parleure. 10. Por ce devroit chascuns pener de savoir le, se sa nature li souffre et l'aide, car sens nature et sens enseignement ne la puet nul conquerre. Et au voir dire de lui avons nos mestier en toutes beseignes tozjors, et maintes choses granz et petites povons nos fere par soulement bien dire ce que covient, que nos ne le porons fere par force d'armes ne par autre engin.

5. Ci dit por quoi l'en doit les unes choses faire et les autres non, selonc logique

1. Logique est la tierce science de philosophie, cele proprement qui enseigne prover et mostrer raison por quoi l'en doit les unes choses fere et les autres non. Et ceste raison ne puet nul home bien mostrer se par parole non, donc est logique science par laquel l'en puet prover et dire

raison por quoi et coment ce que nos disons est ausi voir come nos metons avant; et c'est en .iii. manieres, et ensi sont .iii. sciences: dialetique, fidique et sofisque. 2. Dont la premiere est dialetique, et enseigne tancier et contendre et desputer les uns contre les autres, et fere questions et defenses. 3. La seconde est fidique, qui enseigne prover que ses paroles que il a dites sont veritables, et que la chose est ensi come il dit per droite raison et par veraz argumenz. 4. La tierce science de logyque est sofistique, qui enseigne prover que les paroles que l'en dit soient veraies; mes ce prove il per mal engin et par fauses raisons et per sofismes, c'est par argumenz qui ont semblance et coverte de verité, mes il n'i a chose se fause non. 5. Jusques ci a devisé li contes assez briefment et apertement ce que est philosophie, et toutes les sciences que l'en puet savoir, dont philosophie est mere et fonteine. Des ores mes s'en veut torner a sa matire, c'est a theorique, qui est la premiere partie de philosophie, por demostrer un poi de la nature des choses dou ciel; mes ce sera au plus briefment que li maistres porra.

III.

1. Ci comence rethorique, ce est le livre de bone parleure qui enseingne bien parler

1. Après ce que maistres Brunet Latin ot complie la seconde partie de son livre, en quoi il demostre assez bonement coment home doit estre en moralité, et coment il doit vivre honestement et gouverner soi et sa mesnee et ses choses selonc la science de etique et de yconomique, dont il fist mencion la ou il devisa les membres de philosophye, et que il ot dit quele chose derompe la loi et guaste la cité, il li fu avis que tout ce estoit une euvre coupee se il ne deist de la tierce science, ce est politique, qui enseingne coment hom doit gouverner la cité, car citez n'est autre chose que unes genz assemblees por vivre a une loi et a un gouverneur. 2. Tulles dit que la plus haute science de cité gouverner si est rethorique, ce est a dire la science dou parler; car se parleure ne fust, citez ne seroit, ne nul establissement de justise ne de humane compaignie. Et ja soit ce que parleure soit donee a toz homes, Caton dit que sapience est donee a poi. Et por ce di je que parleres sont de .iiii. manieres: car les uns sont garnis de grant sens et de bone parleure, et ce est la flor dou monde; les autres sont vuedes de sens et de bone parleure, et ce est la tres grant mescheance; les autres sont voides de sens, mes il sont trop bien parlanz, et ce est grandisme perilz; les autres sont plains de sens, mes il se taissent por la povreté de lor parleure, et ce requiert aide. Et por cestes diversités furent les saiges en contens de ceste science se ele est par nature ou se ele est par art. 3. Et a la verité dire, devant ce que la tor de Babel fust faite toz homes avoient une meisme parleure naturellement, ce est ebreu; mes puis que la diversité des langues vint entre les homes, sor les autres en furent .iii. sachrees: ebreu et greu et latin. Et nos veons que par nature ceaus qui habitent en orient parolent en la gorge, si come les ebreus font; les autres qui sont au mileu de la terre parolent au palet, si come li grezois; et çaus qui habitent es parties d'occident parolent es dens, si come font les ytaliens. 4. Et ja soit ce que ceste science ne soit en parler solement, mes en bien parler, neporquant Platons dit que ele est par nature, non pas par art, a ce que l'en trueve mainz bons parliers naturellement sens nul enseingnement. Aristotes dit que ele est art, mais mauvaise, por ce que por parleure estoient venu as homes plus de mau que de bien. 5. Tulles s'acorde bien que la sole parleure est par nature, mes en la bone parleure covient .iii. choses: nature, us et art, car us et ars sont plains de granz enseingnemenz, et enseingnement n'est autre chose que sapience, 6. et sapience est a comprendre les choses selonc ce que eles sont: por ce est ele apelee amoieneresse des choses, car ele les porvoit toutes devant, et lor met certaine fin et certeine mesure. Et la ou sapience est jointe a parleure, qui dira que il en puisse naistre se bien non? 7. Tulles dit que au commencement que les homes vivoient a loi de bestes sans propre maison et sans conoissance de Dieu parmi les bois et

parmi les repostailles champestres, si que nus n'esgardeit mariaige, nus ne conoissoit pere ne filz, si fu un saige home bien parlant, qui tant conseilla les autres et tant lor mostra la grandor de l'ome et la digneté de la raison et de la discrecion, que il les retraist de ces sauvagines et les combra a habiter en un leuc, et a garder raison et justise. Et ensi par la bone parleure qui en lui estoit o sens fu cest home ausi come un secont Dieu, qui estora le monde par l'ordre de humane compaignie. 8. Et si nos raconte l'estoire que Anfion, qui fist la cité de Athenes, i fasoit venir les pierres et le marien a la douçor de son chant, ce est a dire que par ses bones paroles il retraist les homes des sauvaiges roches ou il habitoient et les amena a la comune habitacion de cele cité. 9. Et d'autre part s'acorde bien Tulles a ce que Aristotes dit de parleure, que ele est mauvaise art; mes se parleure est sans sapience, quant un home a bone langue dehors, et il n'a point de consoil dedenz, sa parleure est fierement perillouse a la cité et as amis. 10. Ore est il donc prové que la science de rethorique n'est pas dou tout aqise par nature ou par us, mes par enseingnement et par art; por quoi je di que chascuns doit estudier son engin a savoir le, 11. car Tulles dit que li hom, qui en molt de choses est maindres et plus foibles des autres animaues, les devance de ceste une chose, que il puet parler: donc pert il manifestement que celui aquiert tres nobles choses qui devance les homes de quoi l'ome sormonte as bestes. 12. Nepornient dit li proverbes que norreture passe nature: car selonc ce que nos trovons en la premiere et en la seconde partie de ces livres, l'arme de touz homes est bone natureement, mes ele mue sa nature par la mauvestié dou cors en quoi ele maint enclose, autresi come le vin qui empire por la mauvestié dou vaisel. Et quant le cors est de bone nature, il conorte sa arme, et aide sa bonté; lors li vallent et art et us. Car art li enseingne les comandemenz qui a ce covienent, et us le fait prest et apert et esmolu a l'uevre. 13. Et por ce viaut li maistres ramentevoir a son ami le ruelle et l'enseingnement de l'art de rethorique, qui molt l'aideront a la soutilété qui est en lui par sa bone nature. Mais tout avant dira il que est rethorique, et desous cui ele est, et puis de son office et de sa fin et de sa nature, et de ses pars. Car qui bien set ce, il entent miauz le complement de ceste art.

2. Ci dit de rethorique que ele est, de son office et de sa fin

1. Rethorique est une science qui nos enseingne bien pleinement et parfaitement dire es choses comunes et es privees; et toute sa entencion est a dire paroles en tel maniere que l'en face croire ses diz a çaus qui les oient. 2. Et sachés que rethorique est desouz la science de cité gouverner, selonc ce que Aristotes dit en son livre qui est translaté ça en errieres en romains, autresi come art de faire frains et seles est souz l'art de chevalerie. 3. L'office de ceste art, selonc ce que Tulles dit, est de parler penseement por faire croire ce que il a dit. Entre l'office et la fin a tel differance, que

en l'office consirre li parleor ce qui covient a sa fin, ce est a dire que il parole en tel maniere que il soit creüs, et en la fin consirre il ce qu'il covient a son office, ce est a dire faire croire par sa parleure. 4. Raison coment: l'office dou fisicien est a faire cures et medicines penseement por saner, et sa fin est saner por ses medicines; et briefment l'office de rethorique est a parler penseement selonc les enseingnemenz de l'art, et la fin est cele chose por quoi il parole. 5. La matire de rethorique est ce de quoi li parlieres dit, autresi come les malades sont matire dou fisicien. Dont Gorgias dit que toutes choses de quoi covient dire sont matire de ceste art. 6. Ermagoras dit que ceste matire est es causes et es questions, et disoit que causes sont ce de quoi li parleors sont en contens de aucunes certaines genz ou d'autres choses certaines; et de ce ne disoit il mie mal. Mes il disoit que question estoit ce sor quoi li parleor sont en contens sens nommer certaines genz ou autres choses qui apertieingnent as beseingnes certaines, si come est ore de la grandor dou soloil ou de la forme dou fermement: de ce disoit il trop mal, car tel chose ne covient pas a gouverner cité, ainz sont de philosophes qui s'estudent en parfonde clergie. 7. Por ce sont il deceus cil qui cuident que raconter fables ou ancienes estoires ou quant que l'en puet dire soient matire de rethorique: mes ce que l'en dit de boche, ou que il mande penseement par ses letres por faire croire ou por contencion de loer ou de blasmer, ou de consoil avoir sur aucune beseingne, ou de chose qui requiert jugement, tot ce est de la matire de rethorique. 8. Mes tout ce que l'en ne dit artefielment, ce est a dire par nobles paroles griés et replaines de bones sentences, ou par aucunes des choses devant dites, est hors de ceste science et loins de ces riulles. Por ce dit Aristotes que la matire de ceste art est sor .iii. choses solement, ce est monstrement, consoil et jugement. 9. A ce meismes s'acorde bien Tulles, et dit que demostrement est quant li parleor loent ou blasment home ou autre chose generaument ou particulierment. Raison coment: «Je loe molt biauté de femes», dit li uns; «Et je la blasma», dit l'autre; et ce dit generaument. Mes partiement dit li uns: «Jule Cesar fu molt pros et molt vaillans»; fait l'autre: «Non fu, mes traitres et desloiaus». Et ceste question n'a pas leuc se es choses passees et presentes non, car de ce qui est a venir ne puet nus estre blasmés ne prisiees. 10. Consoil est quant li parleor consoillent sur une chose qui est proposee devant els, ou generaument ou partiement, por mostrer le quel soit profitable et quel non. Raison coment: dit uns de chardenaus de Rome generaument: «Profitable chose est garder pes entre crestiens»; «Non est», fait l'autre. Mes partiement dit li uns: «Profitable chose est la pes entre le roi de France et celui d'Angletere»; «Non est», fait l'autre. Et ceste question n'a pas leuc se es choses futures non. Et quant chascuns a doné son consoil, l'en se tient a celui qui mostre plus ferme raison et plus creable. 11. Jugement est en acuser et en deffendre, ou en demander, ou en refuser, por mostrer de l'ome ou d'autre chose generaument ou partiement que ele soit juste ou non. Raison coment: «Je di generaument», fait li uns, «que touz lairons doivent estre pendus»; fait li autres: «Non doivent pas». Ou dit li uns: «Cil

qui bien gouverne la cité doit avoir grant guerredon»; fait li autres: «Non doit». Mes partiement dit li uns: «Je di que l'en doit pendre Goliam por ce que il est lierres ataint»; «Non est», fait li autres. Ou: «Je demant guerredon por ce que je ai fait le profit dou comun»; «Non as fait», dit li autre, ou respont par aventure: «Tu as deservi peine». Et ceste question n'a pas leuc se des choses passees non, car nus doit estre dampnés ne guerredonés se des choses passees non que il ait faites. Mes de ce se taist ores li contes, por deviser les pars de rethorique.

3. Ci devise les parties de rethorique

1. En ceste science dit Tulles qu'il i a .v. parties, ce sont trovemenz, ordre, paroles, memoires et parleures. Boeces dit que ces .v. choses sont si de la sustance dou parler que se aucune i faut il n'est complis, tout autresi come li fondement et la parois et la couverture sont parties d'une maison, sens quoi ele ne est pas enterine maison. 2. Trovement est un apensement de trover choses voires ou voires semblables, et a prover sa matire. C'est le fondement et la fermeté de tote ceste science, que tout avant que l'en die ou que il escrive mot, doit il trover ses raisons et ses argumenz, et prover ses diz por faire les croire a çaus cui il parole. 3. Ordres est a establir ses dis et ses argumenz qu'il a trovez chascun en son leuc, selonc que il puisse miaus valoir; ce est a dire que tot avant doit il metre les bones raison, et au mileu les foibles, mes a la fin doit il metre les tres fors argumenz en quoi il plus se fie, et que son avversaire ne puisse contrestre. 4. Parables est li atornemenz de paroles et de sentences avenables a ce qu'il a trouvé; car trover et penser poi vaudroit sans les parables acordans a sa matire: car les paroles doivent servir a la matire, non pas la matire as paroles. Car uns biaux mot et une similitude, ou un exemple qui soit semblable a la matire conferme trestouz les dis, et les fais biaux et creables. Por ce doit li parleor quant il traite de estrif ou de guerre dire parole de guerre et de victoire, et en dolor paroles de corrous, et en joie paroles de liesce. 5. Memoire est a sovenir soi fermement de ce qu'il a pensé et mis en ordre; car tot seroit ausi come nient se il ne s'en sovenist quant il est au parler venus. Et si ne cuide nul que ce soit la naturel memoire, qui est une vertu de l'arme qui se sovient de ce que nos aprenons par aucun sens dou cors; ainz est memoire artefiel, que l'en aquiert par enseingnemenz de saiges a retenir ce que il pense et que il aprent. 6. Parleure est a dire ce que il a trouvé et établi en sa pensee, ou avenableté dou cors et de la vois et des mours selonc la digneté des choses et des parables. Et a la verité dire quant li parlieres vient a dire son conte, il doit consirrer sa matire et son estre, car autrement doit porter ses membres et sa chiere et son esgart en dolor que en liesce, et autrement en guerre que en pes, et autrement en un leuc que en .i. autre. Por ce doit chascuns garder que il ne lieve ses mains, ne ses iauz, ne son front en maniere qui soit blasmable. Et sor ceste matire vaut la doctrine qui est ça en errieres ou livre de vices et de vertus, ou

chapistre de garde.

4. Ci devise de .ii. manieres de parler; ou de boche ou par letres

1. Or dit li maistres que la science de rethorique est en .ii. manieres, une qui est en disant de boche, et une autre que l'en mande par letres; mes li enseingnement sant comun, car n'en puet chaloir que l'en die un conte, ou que il le mande par letres. Mes l'une et l'autre maniere puet estre diversement, ce est par contens et sens contens. Et ce qui est dit ou escrit sens contens n'apartient pas a rethorique, selonc ce que Aristotes et Tullies dient apertement. Mes Gorgias dit que tot ce que li parleor dient appartient a rethorique. Boeces meismes s'acorde bien a ce que quant que a dire covient puet estre matire dou diteor. 2. Et qui bien viaut consirrer la soutilété de ceste art, il convenra que la premiere sentence soit de greingnor pesantor. Car quiconques dit de boche ou envoie letres a aucun home, ou il le fait por mover le corage de celui a croire et a voloir ce que il dit, ou non; et se il ne le fait mie par ce, je di sans faille que ses dis n'apartiennent as enseingnemenz de rethorique, ainz est la comune parleure des homes, qui est sans art et sans maistrie, et ce soit loins de nos, et remaingne a la niceté des femes et dou menu pueple, car il n'ont que faire de citienes choses. 3. Mes se il le fait artifiellement por mover le cuer a celui cui il parole ou mande per ses letres, il covient que il soit em proiement, ou en demandant aucune chose, ou par conseil, ou par menaces, ou par conort, ou par amonester, ou par autres choses semblables. Et il set bien que celui a cui il envoie ses letres a ses defenses contre quoi il li mande; et por ce li saiges diteor conferme ses letres par belles et bones raisons et par fors argumenz, qui aident a ce que il viaut autresi come s'il fust a la contençon devant lui. Et tels letres appartient a rethorique, autresi come la chançon, dont li uns amans parole a l'autre come se il fust devant lui a la contençon. 4. Et por ce povons nos entendre que contençon puet estre en .ii. manieres, ou en apert, quant l'en se defent de autre de boche, ou non en apert quant li uns mande letres garnies de bons argumenz contre la deffense que il cuide que l'autre i ait. Et toz contens sont appartenant a rethorique, meesmement se c'est des choses citienes et des beseingnes au prince de la terre et des autres genz, non mie de fables, ne des movemenz de la mer, ne dou compas de la terre, ne dou cours des estoilles, car de tels contenz ne s'entremet pas ceste science.

5. Ci devise de contens qui naist par paroles escrites

1. Por ce pert il tot clerement que toz contens ou il est par paroles escrites, ou par paroles que l'en dit sans escripture nulle, selonc ce que Tullies dit en son livre. Et ce qui est par paroles escrites

puet estre en .v. manieres: car aucune fois la parole ne s'acorde pas a la sentence de celui qui l'escrit; et aucune fois est que .ii. paroles ou .ii. loys ou plusors se descordent entre eles meismes; et aucune fois semble que ce qui est escrit senefie .ii. choses ou plusors; et aucune fois avient que de ce qui est escrit retrait l'en sens et exemples que il doit faire en une autre chose qui n'estoit pas escrite; et aucune fois est li contens sor la force d'une parole escrite por savoir que ele doit senefier.

6. devise coment tos contens naissent par .iiii. choses

1. D'autre part nos enseingne Tulles que toz contens, soit de boche ou soit d'escripture, naist dou fait, ou dou nom de celui fait, ou de sa qualité, ou de sa remuance; car se l'une de ces .iiii. ne fust, ne porroit donc naistre li contens. Raison coment: je di que tu as aucune chose faite, et si metrai sus aucune enseingne por demonstrer que tu l'as faite en ceste maniere: «Tu occeis Jahan, car je te vis oster le coutiau sanglant de son cors». Mes tu nees, et dis que tu ne l'as pas occis; et ensi naist le contens dou fait entre moi et toi, qui molt est fort et grief a prover, por ce que chascuns a autresi fort argumenz li uns come li autres. 2. Li contens qui naist dou non est quant andous les parties reconoissent le fait, mes il sont en descorde de son nom, en ceste maniere: «Je di que cist home si a fait sacrilege, por ce qu'il embla un cheval dedenz le mostier». «Ce n'est pas sacrilege», fait l'autre, «mes larrecin». Et ensi naist li contens por le nom dou fait; et sor ce covient il consirrer quoi monte l'un nom et quoi l'autre: car sacrilege est a embler choses sacrees d'un leu sacré, mes toute autre maniere de embler est larrecin. En ce contens reconoist home le fait, mes sont en descorde dou nom de celui fait solement. 3. Li contens qui naist de la qualité est quant home reconoist le fait et le nom, mes il se descorde de la maniere de celui fait, ce est de la force, ou de quantité, ou de la comparoison. Raison coment: je dis que ce est un cruel meffait, ou que ce est plus cruel que cel autre, ou que ce est bien fait selonc droit et selonc raison; et li autres dit que non est. Et quant Cateline disoit que Tulles n'avoit mie tant valu au comun de Rome come il avoit; et quant un senator disoit: «Miaus vaut a destruire Cartage que laissier la»; et quant Jule Cesar disoit: «Je chace Ponpeum justement»; je di que ces contens naissent de la qualité dou fait, non pas dou fait ne de son nom. 4. Li contens qui naist de la remuance est quant li uns comence une question, et li autres dit que ele doit estre remué, ou por ce que ele n'apartieingne pas a celui que la esmuet, ou porce que il ne la esmuet contre celui que il doit, ou non devant ciaux qui y doivent estre, ou non en celui tens qui covient, ou non de icele loi, ou de celui peché, ou de icele peine.

7. Ci dit dou contens qui naist de la qualité dou fait

1. Li contens qui naist de la qualité dou fait, coment que il soit, Tulles dit que il est devise en .ii. parties. L'une partie est de droit, qui consirre des choses presentes et des futures selonc les us et les drois dou païs; et a prover se travaillent molt li parleor, por la comparoison qui lor estuet a faire des semblables choses ou des contraires. 2. L'autre est de loi, qui consirre solement des choses alees selonc loi escriptes: et en ce soufist assez a dire ce qui est escript en la loi, et selonc ce sont les choses jugees, se eles sont justement faites ou contre justise, et d'un home se il est dignes de peine ou de merite. 3. Et ceste meismes qui est de loi est doubles: une clere qui por clarté mostre maintenant se cele chose est bone ou male, ou de raison ou de tort; une autre emprunteresce, qui par soi n'a nulle ferme deffense se ele ne l'emprunte de hors. Et ces empruns sont en .iiii. manieres: ou par recognoissance, ou par removance, ou par venjance, ou par comparoison. 4. Reconoissance est quant home ne nee ne ne defent pas le fait, mes il demande que l'en li pardoint. Et ce puet estre en .ii. manieres, une sans colpe et autre par priere. 5. Sans colpe est quant il dit que il ne le fist pas a esciant, mes ce fu par non savoir, ou par necessité, ou par autre empeechement. Par priere est quant il prie que l'en li pardoint ces meffais, et ce n'avient pas sovent. 6. Removance est quant l'ome se viaut oster dou meffait que il ne le fist pas, et que il n'y ot nulle colpe, ainz le met sor un autre, et ensi s'eforce de remouvoir le fait et la colpe de soi a un autre. Et ce puet il faire en .ii. manieres: ou metant sor l'autre l'achoisson et la colpe, ou metant le fait. 7. Et certes l'achoisson et la colpe met il sor l' autre quant dit que ce qui est avenü vint par la force et par la seingnorie que cil autre avoit sor lui qui se defent. Le fait puet il metre sor un autre quant il dit de soi qu'il ne le fist pas, ni ne fu fait par colpe ne por achoisson de lui, mes il mostre que cil autre le fist por ce que il le povoit et le devoit faire. 8. Venjance est quant l'ome reconoist bien que il fist ce que l'en dit de lui, mes mostre que ce est fait raisonablement et par venjance, por ce que devant ce avoit receu le por quoi. 9. Comparoison est quant l'en reconoist que il fist ce que li met l'en desus, mes il mostre que ce fist il por acomplir une autre chose honeste et profitable que autrement ne povoit estre menee abone fin.

8. Des choses que l'en doit consirrer en sa matire

1. Encores nos Tulles enseingne que nos resgardons nostre matire sor quoi nos devons parler et escrire letres, se ele est toute simple d'une chose solement, ou se ele est de plusors. Et après ce que nos aurons bien consirré diligemment la naissance dou contens et tout son estre et ses manieres, encore nos covient savoir quoi et coment est la question, et la tençon, et le jugement, et le confermement dou contens.

9. Ci dit dou contens qui est, et com doit estre establi par parties

1. Par ces enseingnemenz que li maistres devisa ça en errieres povons conoistre que contens ne est autre chose que la descorde qui est entre .ii. parties, ou entre diteors, tant come li uns dit qu'il a droit, e l'autre dit que non a: et quant il sont a ce venus, des lors covient il veoir se il a droit ou non, et c'est la question sor le contens. Mes por ce que poi vaut a dire que il a droit se il ne mostre raison por quoi, li covient que il die maintenant cele propre raison par quoi il cuide avoir droit en sa question; car se il ne le deist, sa deffense seroit frivole. 2. Et quant il a dit la raison por quoi il fist ce, et ses avversaires dit ces et autres argumenz por afoibler la raison que li autres mostre por apetisier sa deffense. Et lors naist li jugemens sor les dis de l'un et de l'autre, por jugier se cil a droit por la raison qu'il mostre. Et quant il sont jusques la venus, maintenant met il son confermement, ce est a dire les tres bones raisons et les tres fors argumenz qui plus valent au jugement. En ceste maniere establisent les saiges ses letres et ses parleures por mostrer son droit et por affermer sa raison. 3. Et sachés que toutes manieres de contens, tant come il i a de discordes et de chapistres tençonables, autretant i covient avoir de questions et de raisons et de jugemens et de confermement, sauve ce que quant li contens naist dou fait que l'en ne reconoist pas, certes li jugement sor la raison ne puet pas naistre, por ce que cil qui nie n'enseigne pas nulle raison de sa negacion, 4. et lors est le jugement sor la question seulement, ce est a dire se il fist ce ou non. Et si ne doit nus follement cuidier que ces enseingnemenz soient bailliés seulement par les contens qui sont en plais et en cort; ainz sont en toz les dis que l'en dit en consoillant, ou priant, ou en mesaje, ou en autre maniere. 5. Neis es letres que l'en envoie as autres oserve il ceste ordre meismes. Car tout avant demande il ce qu'il viaut; et ce est autresi come question, car il est en doute que li autres se deffende par aucune raison contre sa requeste. Et por ce joint il maintenant la raison por quoi li autres doit faire ce qu'el li requiert, et por quoi li autres ne puisse affoibloier cele raison, met cil encores li tres fors argumenz de quoi il se fie miaus. 6. Et a la fin de sa letre fait il la conclusion, la ou il li mande que, se il fait ce que il le requiert, que ce et ce en sera; et c'est en leuc de jugement et de confermement. 7. Mes de ces devisemenz de contens se taist ores li contes, por dire des autres parties de bones parleures qui sont beseingnables en conte. Car a la verité dire l'en ne doit consirrer devant seulement ce que il doit au devant conter, mes il li estuet a establiir des premieres paroles les derreenes, se il viaut que ses diz soient bien acordans a sa matire.

10. Ci dit de .ii. manieres de parler, en prose ou en rime

1. La grant partison de toutes parleures est en .ii. manieres, une qui est en prose et une autre qui est en rime; mes li enseingnement de rethorique sont comun d'andous, sauve ce que la voie de

prose est large et pleniére, si com est ore la comune parleure des genz, mes le sentier de rime est plus estrois et plus fors, si come celui qui est fermés et clos de murs et de palis, ce est a dire de poins et de nombre et de mesure certaine, de quoi l'en ne puet ne ne doit trespasser. 2. Car qui bien voudra rimer, il li covient a conter toutes les sillabes de ses dis en tel maniere que li vers soient acordables en nombre, et que li uns n'ait plus que l'autre. Après ce li covient il amesurer le .ii. derreines sillabes dou vers, en tel maniere que toutes les letres de la derreene sillabe soient semblables, et au moins la vocal de sillabe qui vait devant la derreniere. Après ce li covient il contrepesser l'asent et la vois, si que ses rimes s'entrecordent en ses assens. Car ja soit ce que tu acordes les letres et les sillabes, certes la rime n'i ert ja droite se l'asent se descorde. 3. Mes coment que ta parleure soit, ou par rime ou par prose, garde que tes dis ne soient maigre ne sec, mes soient replains de jus et de sanc ce est a dire de sens et de sentences. Garde que tes mos ne soient nices, ainz soient grief et de grant pesantor, mes non mie de trop grant, qui les feist trabucher. Garde que il n'aportent laidure nulle, mes la belle color soit dedenz et de hors; et la science de rethorique soit en toi penteiriére, qui mete le color en rime et en prose. Mes garde toi dou trop poindre, car aucune fois est color a eschiver la color.

11. Ci finist dou trovement, or comence a parler de l'ordre

1. En ceste partie qui est pasee a devisé li maistres le fondement et la nature de ceste art, e coment home doit establir sa matire par ordres et par parties. Mes por miauz esclarir ce que il en a dit, dira il en ceste partie les riulles qui apartienent a l'ordre de ceste art; car il ne viaut pas faire come Cyclicus fist, de cui parole Oraces: il ne viaut torner la lumiere en fumeé, mes de la fumeé fera il lumiere, car tout ce que il dit par riulles mostrera il après par exemples. 2. Et vos avez bien oï ça en erriers entor le commencement de cest livre que après ce que l'en a trouvé et pensé en son cuer ce que l'en doit dire, lors maintenant doit il establir ses dis par ordre; et ce est a dire que il die chascune chose en son leuc. Mes cest ordre est en .ii. manieres, une qui est naturel et autre qui est artefiel. 3. Li ordre qui est apellé naturel s'en vait droite voie per le grant chemin, que il n'en ist ne d'une part ne d'autre, ce est a raconter et a dire les choses selonc ce que eles furent des le commencement jusques a la fin, ce devant devant, et ce dou mileu ou mileu de son conte, et a la fin ce qui fu derrieres. Et ceste maniere de parler est sens grant maistrie de l'art; por ce ne s'en entremete riens cest livres.

11.4. Ci dit de l'ordre dou parler artefielment

Li ordres artefiels ne se tient pas au grant chemin, ainz s'en vait per sentier et par

adrescement qui l'amoine plus delivreement la ou il viaut aler. Il ne dit pas chascune chose selonc ce que ele fu, mes il remue ce qui est devant errieres, ou au mileu de son dit, non pas desavenablement, mes tout saignement, por affermer sa entencion; et por ce remue li parlieres sovent son prologue et sa conclusion et les autres parties de son conte, et les met non pas en son naturel leuc, mes en autre qui plus vaut, por ce que les plus fermes choses doivent touzjors estre mises au comencement et a la fin, et les plus foibles au mileu. 5. Et quant tu viaus respondre a ton aversaire, tu dois comencier a sa derreene raison en quoi il se fie plus par aventure. Neis cil qui viaut raconter une estoire vieille et usee, il est bon de reborser son droit ordre en tel maniere que ele semble tote nouvelle. Ce meismes vaut molt en sermoner et en toutes causes, car l'en doit touzjors garder a la fin ce qui plus plaise et qui plus esmueve le coraige as oians. 6. Et ceste ordre artefiel est devisee en .viii. manieres. La premiere est a dire au comencement ce qui avoit esté a la fin. La seconde si est a comencier a ce qui fu au mileu. La tierce est a fonder ton conte sor un proverbe, selonc ce que senefie le comencement de celui proverbe. La quarte est a fonder le selonc ce que senefie le mi dou proverbe. La quinte est a fonder le selonc la fin dou proverbe. La sesime est a fonder ton conte sor un exemple, selonc ce qui est senefié par le comencement de l'exemple. La septieme est a comencier le selonc la senefiance dou mi de l'exemple. La huitisme est a fonder son conte sor la senefiance de la fin de l'exemple. 7. Raison coment: a la fin de la chose comence cil qui dit: «Ja soit ce que li soleil couchant nos laisse la noire nuit, toute fois revient il au matinet plus luissant». Et cil qui dit: «Abraam, quant il voloit occire son fis por rendre a Dieu son sacrefice, li anges li mostra un mouton a sacrefier». Ce meismes fist Vergiles quant il vost raconter l'estoire de Troie, car il comença son livre a Eneas quant il s'en foï de la destruction de Troie. 8. Ou mileu de la chose comence cil qui dit: «Abraam laissa son serf avec l'asne au pié dou tertre, car il ne voloit pas que il seust son covine». 9. A la senefiance dou comencement dou proverbe comence cil qui dit ensi: «Molt desert grant merite cil qui de bone foi sert volentiers et hastivenient, si come fist Abraam, que lors que Dieu li comanda a occire son fis, maintenant ala por acomplir son comandement». 10. En la senefiance dou mi dou proverbe comence cil qui dit ensi: «Serf ne doit pas savoir le secré son seingnor; por ce laissa Abraam son serf quant il monta a son sacrefice». 11. Selonc la fin dou proverbe comence cil qui dit ensi: «Il n'est pas digne chose que enterine foi perde son merite; por ce guaranti Nostre Seingnor a Abraam son fis qui ja estoit mis sor l'autel dou sacrefice». 12. Selonc ce qui est senefié par le comencement d'un exemple comence cil qui dit ensi: «Bons arbres engendre bon fruit; por ce vost Dieu que li fis Abraam fust mis sor son autier et que il ne morist». 13. A la senefiance dou mi de l'exemple comence cil qui dit ensi: «L'en doit oster d'entre le froment toutes males semences, en tel maniere que le pain ne soit amer; por ce laissa Abraam son serf, que il ne enpeecest son sacrefice». 14. A la senefiance de la fin de l'exemple comence cil qui dit ensi: «Si come le soleil ne pert sa clarté par la

nuît, tout autresi li filz Abraam ne perdi la vie au sacrefice son pere, ainz, revint biaux et clers come le soloil levant». 15. Ore avez oï diligemment coment li parlieres puet dire son conte selonc l'ordre naturel, et coment il puet dire en .viii. manieres selonc l'ordre artefiel. Et sachiez que proverbes et exemples qui soient avenables et acordanz a la matire sont trop bons, mes que ne soient trop sovent, car lors seroient il grevables et souspecenous.

12. Ci devise de .iiii. choses que li parleor doit consirrer en sa matire devant ce que il dit ou que il escrive son conte

1. Après ce covient que tu resgardes en ta matire .iiii. choses, se tu viaus estre bon parleor ou dïter saïgement unes letres. La premiere est que, se la matire est longue et obscure, tu la dois apetisier a mos briés et entendables. La seconde est que se la matire est breve et obscure tu la dois auques croistre et ovrir tout bellement. La tierce est que la ou la matire est longue et overte tu la dois abrevier et enforcier et covrir de bons diz. La quarte est que quant la matire est brieve et legiere tu la dois esloingnier briefment et aorner avenablement. 2. En ceste maniere dois tu consirrer en toi meismes et conoistre se la matire est longue ou brieve, ou se ele est legiere ou obscure a entendre, si que tu puises gouverner chascune selonc sa loi. Car matire est semblable a la cire, que se laisse mener et apetisier et croistre a la volenté dou maistre.

13. Coment l'en puet croistre son conte en .viii. manieres

1. Et se ta matire doit estre escreue par paroles, je di que tu la porras acroistre en .viii. manieres, qui sont apellés colors de rethorique. Dont la premiere est apellee aornemenz: que tot ce que l'en porroit en .iii. mos ou en .iiii. ou en molt poi de paroles dire, il les acroist par autres paroles plus longues et plus avenanz que dient ce meismes. Raison coment: Jesu Crist nasqui de la Virge Marie. Mes li parlieres qui ce viaut adorer dira ensi: «Li beneoit fiz Dieu prist char de la Virge Marie gloriouse», qui autant vaut a dire come ce poi devant. Ou se je disoie que Jule Cesar fu empereres de tot le monde, li parleor qui ce dit voudra acroistre dira ensi: «Le sens et la vaillance dou bom Jule Cesar sousmist tout le monde en sa subiection, et fu empereres et sires de la terre». 2. La seconde est apellee torn: car la ou ta matire est toute briés, tu changeras les propres mos, et remueras le nom des choses et des persones en plusors paroles tout bellement environ le fait, et feras point a tes diz, et reposeras ton esprit tant que tu esloingnes ton conte et de tens et de paroles. 3. Et cest torn puet estre en .ii. manieres. Ou que il dit la verité tout clerement, raison coment: tu viaus dire: il ajorne; di donc: «Ja comence le soleil a espandre ses rais parmi la terre». Ou que il

eschive la verité por son torn que autant vaut, selonc ce que li Apostres dit: «Il ont remué», fist il, «les us de nature en tel usage qui est contre nature». Par ce torn eschive li Apostres un laide mot que il voloit dire, et dit ce qui autant valut. 4. La tierce color por acroistre ses dis, est apellee comparoison, et ce est la plus belle croissance et la plus avenable que parleor facent; mes ele est devisee en .ii. manieres: car ele est coverte, ou decouverte. 5. Et cele qui est decouverte se fait conoistre par .iii. mos qui senefient comparoison, ce sont plus et moins et autant. Raison coment: par ce mot plus dit l'en: ce est plus fort de lion. Moins dit l'en ensi: cist home est moins corrouçables que colomp. Par ce mot autant entent l'en ensinc: cist est autant coart come lievres. 6. La seconde maniere, qui est coverte, ne se fait pas conoistre a ces signes; ele ne vient pas en son habit, ainz mostre une autre semblance de hors, qui est si conjonte a la verité dedenz come se ele fust de la matire meesmes. Raison coment: d'un home pereceus je dirai: «C'est une tortue»; et de un isnel je dirai: «C'est un vent». Et sachiez que ceste maniere de parleure est molt bone et mout cortoise et de bone sentence, et molt la puet l'en trover es dis des saiges homes. 7. La quarte color est apellee clamor, por ce que l'en parole ausi come criant, ou plaignant de corrous, ou par desdaing, ou par autres choses semblables. Raison coment: «Ha, nature, por quoi fasoies tu le juene roi si replain de touz bons habis, quant tu le devoies oster si tost? Ha, male mort, car fuses tu morte, quant vos en avez porté la flor dou monde». 8. La quinte color est apellee fainture, por ce que l'en faint une chose qui n'a pover ne nature de parler autresi come se ele parlast, si come nos povons oïr touzjors des genz qui dient ou de bestes ou d'autres choses en semblance que ele eust parlé et dit aucune chose; et ce est si entendable que li maistres ne s'entremet de mostrer aucun exemple de ce. 9. La siste color est apellee trespas, por ce que quant li parleor a encomencié son conte, il se desoivre un pichot, et trespasse a une autre chose qui est ressemblable a sa matire; et lors est il bons et profitables. Mes se li trespas n'est bien dou tout acordant a la matire, certes il sera mauvais et desplesable. Por ce fist bien Jule Cesar, quant il vost defendre les conjurés: il fist son trespas au pardon que li ancien avoient fait a çaus de Rodes et de Cartage. Autresi fist Catons quant il le vost jugier a la mort: il ramentut Malius Torquatus, coment il juga son fis a occire. Autresi trespasse l'en sovent a la fin ou a mileu de sa matire por renover ce qui sembloit estre veill, ou par autre bone raison. 10. La septieme color est apellee demostrance, por ce que li parleor demostre et dit ses proprieté et les enseigne d'une chose ou d'un home, par achoison de prover aucune chose qui appartient a sa matire, si come l'Escripture dit: «Il avoit», fist ele, «en la terre Us un home qui avoit a nom Job, simple, droit, juste, et qui cremoit Dieu». 11. Autresi fist Tristans, quant il devisa la biauté ma dame Isseut: «Ses cheviaus», fist il, resplandissent come fil d'or; son front sormonte la flor de lis; ses noirs sorcils sont ploié come petis arconciaus; une petite voie de leit le deseivre par mi la ligne dou nes, et est si par mesure qu'il n'i a ne plus ne moins; ses iauz qui sormontent toutes

esmeraudes reluisent en son front come .ii. estoilles; sa face ensit la biauté dou matinet, car il est de vermeil et de blanc ensemble, en tel maniere que ne l'une ne l'autre ne resplendissent malement; la boche petite et les lievres auques espoisses et ardans et de belle collor; et les dens plus blans que perles, et sont establis par ordre et par mesure; mes ne pantere ne espices nulles ne se puent comparer a la tres douce alaine de sa boche; li mentons est assez plus polis que n'est marbre nul; l'or done color a son col, et cristal resplendist a sa gorge; de ses droites espalles descendent .ii. grailles et longues et blanches braches, mes la char est tendre et molle, los dois grans, carnés et raons, sor quoi est la biauté des ongles; son tres biaux pis est aornés de .ii. pomes de paradis, qui sont autresi come masse de noif; et si est si grasle en sa ceinture que l'en la porroit porprendre de ses mains; mes je me tairai des autres parties dedens, des quels li corraiges parole miaus que la langue». 12. La huitisme color est apellee adoblement, por ce que li parleor adoble son conte et le dit .ii. fois ensemble, et ce est en .ii. manieres. Une qui dit sa matire, et maintenant la reit par le contraire de son dit. Raison coment: je viaus dire d'un home que il est juenes; mes je adoblerai mes dis en tel maniere: «Cist home est juenes et non pas viel»; ou: «Ceste chose est douce et non pas amere». L'autre maniere dit sa matire, et maintenant reit autres paroles qui ostent le contraire de ce qu'il avoit dit, en ceste maniere: «Vours est que cist home ci est juene, mes il n'est pas fol; et ja soit ce qu'il soit nobles, il n'est pas orgoillous; et il est larges, mes non pas guastieres». 13. Or avez oï coment l'en puet croistre sa matire et alongier ses dis, car a poi de semence croist grant blés, et de petites fontaines naist grant flumere. Por ce est il droit et raisons que li maistres enseigne abrevier son conte quant il est trop grant et trop lonc, et de ce mostrera il ça avant, la ou il dira dou fait dire. Mes ci se taist li maistres des enseingnemenz de la grant parleure, por deviser çaus de la petite parleure, ce est a dire de un conte ou d'une apistre que tu viaus faire sor aucune matire qui vient. Car li maistres appelle parleure le general nom de toz diz; mes conte est un sol dit, ou une sole letre ou autre chose que l'en conte sor sa matire.

14. Ci devise les branches dou conte, et coment li parleor doit establir ses diz par ordre

1. Les parties dou conte, selonc ce que Tulles dit et nos enseigne, sont .vi.: le prologue, le fait, le devisement, le confermement, le defermement et la conclusion. Mes li diteor qui dient letres et epistres par maistrie de rethorique dient que une letre n'a que .v. parties, ce sont la saluance, le prologue, le fait, la demande et la conclusion. 2. Et se aucuns demande por quoi il a descorde entre Tulle et les diteors, puis que chascuns ensit l'enseingnement de rethorique, je li diroie que la discorde est par semblance, non pas sor la verité: car la ou les diteors dient que la saluance est la premiere branche de la letre et dou mesage, Tulles entendi et vost que la saluance soit sous le

prologue, car tot ce que l'en dit devant le fait autresi come por apareillier sa matire est apellé prologue. Mes li diteor dient que la saluance est le uis et l'entree dou conte, et iauz et lumiere de lui; et por ce li donent l'onor de la premiere partie des epistres et des messages, car envoyer letres et envoyer messages tout cort par une voie. 3. D'autre part, celle partie que Tulle appelle devisement li diteor la comprend sous le fait, et ce que Tulle appelle confermement et defermement li diteor la comprend sous demande. Et por miauz entendre les noms des uns et des autres, et por conoistre l'entencion de Tulle et des autres diteors, viaut li maistres esclarcir maintenant la senefiance de chascune partie et de son nom.

15. Ci devise les .vi. branches dou conte en parlant de boche

1. Prologue est le comencement et la premiere partie dou conte, qui adresce et apareille l'oïe et le coraige de çaus a cui tu paroles a entendre ce que tu diras. 2. Le fait est a conter les choses qui furent, ou qui ne furent autresi come se elles fussent; et por ce est quant l'ome dit ce sor quoi il a formé son conte. 3. Devisement est lors quant l'en conte le fait, et maintenant comence a deviser le par parties, et dit: ce fu en tel maniere, et ce en tel autre, et acuellit cele partie qui soit plus contraire a son aversaire, et l'affiche au plus que il puet au cuer de celui a cui il parole, et lors semble que il si ait conté le fait. Et ce est l'achoisson por quoi li diteor content le devisement sur le fait. 4. Confermement est la ou li parleor mostre les raisons et assigne toz les argumenz que il puet a prover sa entencion, et a croistre foi et creance a ses dis. 5. Defermement est quant li parleor mostre les fors argumenz et les bones raisons qui affoibloient et apetissent et destruiient le confermement son aversaire. 6. Conclusion est la derraeine partie, et la conclusion dou conte selonc la science de Tulle. Or fait il bien a dire des parties que les diteors dient, et premierement de salus.

16. Ci devise les .v. parties des letres escrites que l'en envoie as autres genz

1. Salus est le comencement de la letre, qui nomme ciaux qui mandent et çaus qui reçoivent, et l'estre et la digneté de chascun, et la volenté dou cuer que cil qui envoie a contre celui qui reçoit. Ce est a dire que se il est son ami, il li mande salus et autres douz moz, qui autant vaut ou plus; et se ce est ennemi il se taist, ou il li mande aucun autre mot covert ou descovert de mal; et s'il est graindres, il li mande paroles de reverance; autresi doit l'en mander au per et au menor ce qui avenable est a chascun, en tel maniere qu'il n'i ait vices de plus ne defaute dou moins. Et sachiez que le non de celui qui est graindres en plus hautes dignetés doit touzjors estre devant, se ce n'est ou per cortoisie, ou par humilité, ou par autres choses semblables. 2. Dou prologue et dou fait, de la lor

force a dit li maistres ci devant la senefiance, et por ce n'en dira il ores plus que il en a dit, car les diteors s'en acordent bien a la scentence de Tulle. 3. Mes de la demande dit li maistres que ele est cele partie en quoi la letre ou li messagier demande le fait de ce qu'il viaut en proiant, ou en comandant, ou en menassant, ou en consoillant, ou en autre maniere de chose a cui bee a atraire le cuer de celui a cui il envoie. Et quant li diteor a finé sa demande, et mostré ses confermementz et ses deffermementz, il fait la conclusion, ce est la fin de ses dis, en quoi il conclut la some de son conte, coment il est et coment il en puet avenir.

17. Ci devise les enseingnementz dou prologue selonc la diversités des matieres

1. Et por ce que prologue est sires et prince dou conte, selonc ce que Tulles dit et prove en son livre, est il bien covenable que sur ce doint li maistres son enseingnement. De quoi Tulles dit que prologue est un dit qui aquiert avenablement le corraige de celui a cui tu paroles a oïr ce que tu diras. Et ce puet estre en .iii. manieres: ou en querant sa bienvoillance, ou par doner li volenté d'oïr, ou volenté de savoir tes dis. 2. Por quoi je di que quant tu viaus bien faire ton prologue il toi covient tout avant consirrer ta matire, et conoistre la nature dou fait et sa maniere. Fai donc a l'exemple de celui qui viaut maisoner; car il ne cort pas hastivement a l'uevre, ainz la mesure devant tot a la ligne de son cuer, et comprend en sa memoire trestout l'ordre et la figure de la maison. 3. Et tu garde que ta langue ne soit corant a parler, ne la main a l'escire; ne comence pas l'une et l'autre a cors de fortune, mes ton sens tieingne en sa main l'office de chascune, en tel maniere que la matire soit longuement a la balance de ton cuer, dedenz lui preingne l'ordre de sa voie et sa fin. Car a ce que les besoingnes sont diverses, toi covient parler diversement, et a chascune selonc sa matire. 4. Tulles dit que touz diz sont de .v. manieres: ou il est honestes, ou contraires, ou vil, ou doutous, ou il est obscur; et por ce pense que tu dois autrement comencier et ensivre ton conte en l'un que en l'autre, et autrement aquerre la bone voillance en l'un que en l'autre. 5. Et sachiez que honest est ce que maintenant plaist a çaus que l'entendent, sans ton prologue et sans nul aornement de paroles. 6. Contraires est ce que maintenant desplaist par sa malice. 7. Vil est ce a quoi cil qui doit oïr n'entend guaires por la riote et por la petitece de la chose. 8. Doutous est en .ii. manieres: ou por ce que l'en doute de sa sentence, ou por ce qu'il est d'une part honest et d'autre part deshonest, en tel maniere que il engendre bienvoillance et haine. 9. Obscur est ce que cil qui le doit oïr ne puet entendre legierement, ou por ce que il n'est bien saiges, ou que il est travailliés, ou por ce que ton dit soit si obscurs et covers ou envelopés que il ne le puet bien conoistre.

18. Ci devise de .ii. manieres de prologue, une coverte et autre descoverte

1. Por la diversité des dis et des choses sont li prologue autresi diverses; et sor ce dit Tulles que tous prologues sont en .ii. manieres: uns qui est apellés comencement, et uns autres qui est apellés couverture. 2. Et comencement est ce qui apertement a poi de paroles aquierte la bienveillance de ceaus qui oïr doivent. 3. Couverture est quant li parleor met en son prologue molt de paroles entor le fait, et fait semblant que il ne voille ce que il viaut, por aquerre covertement la bienveillance de çaus a cui il parole. Et por ce nos covient savoir le quel des .ii. prologues doit estre mis sor chascune matire de nostre conte.

19. Quel prologue covient sor honeste matire

1. La ou nostre matire est de honeste chose, il ne nos covient couverture nulle, mes tot maintenant comencier nostre conte et deviser nostre afaire, por ce que la honesté de la chose a ja aquisse la volenté des oïanz, en tel maniere que poi nos covient travailler. Et neporquant aucune fois est bons uns biaux prologues, non mie por aquerre bienveillance, mes por accroistre le. Et se nos volons deguerpir le prologue, il est bon a comencier premierement as bons diz et as seurs argumenz.

20. Quel prologue covient sor contraire matire

1. Et quant la matire est contraire, ou cruel, ou contre droit, ou que tu viaus demander une grant chose, ou chiere, ou estrange, lors dois tu consirrer se li oïeres est esmeüs contre toi, ou se il a propensé en son cuer que il ne face riens de ta requeste; car se ce fust, lors te covient il foïr a la couverture, et colorer paroles en ton prologue por abaissier son corrou et adoucir sa duresce, en tel maniere que son cuer soit apaisiés, et tu en aquieres sa bienveillance. Mes quant son cuer n'est guaires troblés contre toi, lors porras tu passer legierement par un poi de biau comencement.

21. Quel prologue doit estre sor vile matire

1. Quant la matire est vil et petite, et que li oïeres ne bee pas a ce se poi non, lors covient il que ton prologue soit aornez de tels paroles que li donent talent d'oïr, et qui enhaucent ta matire et l'ostent de sa viltance.

22. Ci devise quel prologue il covient sor douteuse matire

1. Et quant la matire est douteuse por ce que tu demandes .ii. choses, et l'en dote de la sentence la quele des .ii. doit estre fermee, lors dois tu comencier ton prologue a la sentence meismes de la chose que tu viaus, et de la raison en quoi tu te confies plus. Mes se ele est douteuse por ce que la chose est d'une part honeste et d'autre deshoneste, lors dois tu aorner ton prologue por aquerre l'amor et la bienvoillance des oians, en tel maniere que il lor semble que toute la chose soit tornee a honesté.

23. Quel prologue covient sor obscure matire

1. La ou la matire est obscure a entendre, lors dois tu comencier ton conte par teles paroles qui donent as oians talent de savoir ce que tu viaus dire, et puis deviser ton conte selonc ce que tu cuideras que miaus soit.

24. Ci devise .iii. choses qui sont beseingnables a chascun prologue, qu'il ne puet estre bon sans l'un ou sans les autres

1. Par ces enseingnemenz povons nos savoir que en toutes manieres de prologues, sor quelque matire il soit, nos covient il faire une de ces .iii. choses: ou aquerre la bienvoillance de celui a cui nos parlons; ou doner talent de oïr nos dis, ou de savoir les. Car quant nostre matire est deshoneste, ou merveillouse, ou douteuse, nostre prologues doit estre por aquerre la bienvoillance; et quant la matire est vil, lors doit il estre por doner talent de oïr; et quant la matire est obscure, lors doit li prologues estre por doner talent de savoir ce que nos dirons. Et por ce est il bien raison que li maistres nos die coment ce puet estre, fait, et en quel maniere.

25. Ci devise les enseingnemenz por aquerre la bienvoillance

1. Bienvoillance est aqoise de quatre leus, ce est par nostre cors, et de nostre aversaire, et des oiors, et par la matire meismes. 2. Dou cors de nos est ele aqoise se nos ramentevons nos euvres et nos dignetés cortoisement, sens nul orgoil et sans nul outrage qui soit; et quant home met sor nos aucun blasme ou colpe ou autre meffait, se nos dions que nos ne le feimes pas, et que ce ne fu mie de par nos; et se nos mostrons les maus et les dolors et les mescheances qui ont esté et qui puent avenir a nos et as nostres; et se nostre priere est douce et debonaire, ou de pitié, ou de misericorde. Et se nos nos offrons debonairement as oians par cestes et par autres semblables propriétés, de nos et des nostres, est aqoise bienvoillance, selonc ce que a rethorique appartient. 3. Et sachiez que

chascuns cors d'ome et chascune chose a sa propriété, par les quels l'en puet aquerre bienvoillance; et de ce dira li maistres ça avant la ou il sera leuc et tens. 4. Par le cors de ton aversaire aquerras tu bienvoillance se tu racontes les proprieté de lui qui le metent en haine ou envie, ou en despit des oïors. Car sens faille tes aversaires est en haine se tu dis que ce que il a fait est encontre droit de nature, ou par son grant orgoil, ou par sa fiere cruauté, ou par trop grant malice. 5. Autresi chiet il en envie se tu ramentois la force et le hardement ton aversaire, et son pooir, et sa seingnorie, et sa richesce, et ses homes, et son parenté, et son lignaige, et ses amis, et son tresor, et ses deniers, et sa fiere maniere qui n'est pas sostenible; et que il use touzjors son pooir et son sens en malice, et que il se fie plus de ce que de son droit. 6. Autresi chiet il en despit se tu mostres que ton aversaire soit nices et sens art, home pereceus et lasches, et qui n'estude se en choses foibles non, et que il met tot son cuer en lescherie et en luxure, et en jeu, et en tavernes. 7. Par les cors des oïors est aqise bienvoillance se tu dis lor bones teches, et la propriété de lor bontés, et loes aus et lor euvres, et di qu'il ont tozjors costume de faire toutes choses bien et saigement et hardiement, selonc Dieu et selonc justise, et que tu te fies d'iaus, et que tot le monde en a bone creance, et ce que il feront ores de ceste beseingne sera tozjors en remembrance et en exemple des autres. 8. Par la matire aquerras tu la bienvoillance se tu diz les proprieté et les pertences de la chose dont tu parles, qui enhaucent et esforcent ta partie et qui confondent la partie ton aversaire et la metent en despit. Mes ci se taist li contes a parler de la bienvoillance, por mostrer coment l'en done talent as oïors de oïr nos dis.

26. Ci devise les enseingnemens por doner as oïans talent de oïr nos dis

1. Quant tu parles devant aucune gent, ou home ou feme quele que ele soit, ou tu li envoies ta letre, se tu li viaus doner talent que il entende tes dis, por ce que ta matire est auques petite ou desprisable, tu dois dire au commencement de ton prologue que tu conteras grantz nouvelles, ou grantz choses, ou qui ne semblent pas creables, ou qui touchent a touz homes, ou a ciaux qui sont dedevant toi, ou des homes de grant renomee, ou de devines choses, ou dou comun profit; ou se tu promés que tu diras briefment et en poi de paroles ce que tu voudras dire; ou se tu touches au commencement un petitet de la raison en quoi tu plus te confies.

27. Ci devise les enseingnemens por doner talent de savoir

1. Et quant tu voudras que li oïeres ait talent de savoir ce que tu viaus dire, por ce que la matire est obscure, ou por une achoison ou por autre, lors dois tu au commencement de ton conte dire

la some de ta entencion briefment et apertement, ce est a dire celui point en quoi est la tres grant force de toute la beseingne. Et sachiez que toz homes qui ont talent de savoir, certes il ont talent d'oïr, mes touz homes qui ont talent de oïr n'ont pas talent de savoir; et ce est la differance entre l'un talent et l'autre.

28. Ci dit des prologues qui sont par couverture

1. Jusques ci a devisé li maistres coment home doit comencier son conte sans prologue, ou par tel prologue qui n'ait point de couverture. Des ores mes viaut il deviser coment l'en doit faire son prologue par maistrie et par couverture; car a la verité dire quant la matire dou parler est honeste, ou vil, ou douteuse, ou obscure, il s'en puet passer legierement outre, et comencier son conte a poi de couverture, ou sens nulle couverture, selonc ce que les enseingnemenz deviserent ci desus; 2. mes quant la matire est contraire et laide, et que le coraige de l'oïor est commeu contre lui, lors li estuet torner a la maistrel couverture. Et ce puet estre par .iii. achoisons: ou por ce que sa matire, ou ce de quoi il viaut parler, ne siet pas a celui qui le doit oïr, ainz li desplaist; ou por ce que ton aversaire, ou un autre quel que il soit, li fait entendant autre chose, si que il la croit dou tout ou de la greingnor partie; ou por ce que li oïeres est abeseingniés, ou travailliés de mainz autres qui ont parlé a lui devant.

29. Coment l'en doit comencier son prologue quant sa matire desplaist as oïans

1. Et se ce est que ta matire desplaie, il te covient covrir ton prologue en tel maniere que, se ce est cors d'ome ou autre chose qui li desplaist ou que il n'aime pas, tu t'en tairas, et nomeras un home ou autre chose qui soit agreable et amable a lui, si come Chateline fist quant il nommoit ses ancestres et lor bones euvres devant le senator, quant il se voloit covrir de la conjuroison de Rome, et quant il lor disoit que ce n'estoit mie por mal, mes por aidier les foibles et les non puissanz, si com il avoit acostumé tozjors, ce disoit. 2. Et ensi dois tu faindre ta volenté, et en leuc d'ome qui desplaist remantevoir un autre home ou autre chose qui soit aimee, et en leuc de la chose qui est laide nomeras bon home, ou une bone chose paissible, en tel maniere que tu retraies son corrage de ce que ne li siet mie a ce qui li doit plaire. Et quant ce sera fait, tu dois faindre que tu ne viaus pas ce que l'en cuide que tu voilles, ou que tu ne defendes mie ce que tu viaus deffendre, selonc ce que Jule Cesar fist quant il vost deffendre les conjurés. 3. Lors comence auques a endoucir les cuers des oïors; et tu si dois maintenant entrer poi a poi a touchier ta entencion, et mostrer que tout ce qui plaist as oïans plaist a toi, et ce qui lor desplaist ne te soit pas a gré. Et quant tu auras apaisié celui a

cui tu paroles, tu diras que de cele beseingne a toi n'atient ne ce ne quoi, c'est a dire que tu ne li fais mie le mal que un autre li fist. 4. Ce dist la premiere amie Paris en ses lettres que elle li envia puis que il l'avoit deguerpie por amor Eleine: «Je ne demande», fist ele, «ton argent, ne tes joiaus por loier de mon cors»; et ce vaut autant come se ele deist: «Tout ce requist Eleine». 5. Après ce dois tu nier que tu ne dies de lui ce meismes que tu en dis, selonc ce que Tulles en dist contre Verres: «Je ne dirai», fist il, «que ravisses le chatel ton compaignon, ne que tu desrobasses maisons et villes»; et ce vaut autant a dire come se il li deist: «Tout ce as tu fait». 6. Mes tu te dois molt garder que tu ne dies ne l'un ne l'autre en tel maniere que il soit descovertement contre la volenté des oians, ne contre çaus que il aiment, ainz soit si covertement que il meismes ne s'en aperçoive, et que tu esloingnes son cuer de ce qu'il avoit porpense, et le conjoingnes a ton desirrier. Et quant la chose ert a ce venue, tu dois ramentevoir un semblable exemple, ou proverbe, ou sentences, ou auctorités de saiges homes, et mostrer que ta beseingne soit dou tout ressemblable a celui, 7. selonc ce que Catons dit contre les conjurés: «Je di», fist il, «que ancienement Malius Torquatus dampna son fis a mort por ce que il avoit combatu contre le comandement de l'empire; autresi doivent estre dampnés çaus conjurés qui voloient Rome destruire, car il ont pis fait que celui».

30. Coment l'en doit son prologue comencier quant les oians croient a son aversaire

1. Et quant celui a cui tu paroles croit ce que ton aversaire ou autre home li avoit fait entendant, lors dois tu au comencement de ton conte prometre que tu viaus dire de ce meismes en quoi ton aversaire se fie plus, meesmement de ce que les oiors avoient creü; ou tu comence ton conte a une des raisons ton aversaire, meesmement a celui que il dit en la fin de son conte; ou tu dis que tu es en doute coment tu dois comencier ne a quoi, et coment tu dois respondre et a quoi, et faire semblant autresi come de une mervoille. Car quant li oieres voit que tu es fermement apareilliés de contredire, la ou tes aversaires te cuidaient avoir troblé, certes il cuidera que il avoit folement creü, et que le droit en soit devers toi.

31. Coment l'en doit comencier son prologue quant les oians sont travailliez ou enbeseingnés

1. Mes se li oieres est travailliez ou enbeseingniés de mains autres parleors devant, lors dois tu avant prometre que tu ne diras se poi non, et que ton conte sera plus briés que tu n'avoies pensé, et que tu ne viaus ensivre la maniere des autres qui parolent longuement. Et aucune fois dois tu comencier a une nouvelle chose, ou qui le face rire, mes que ele soit appartenant a ton conte; ou a une fable, ou a un exemple, ou a autre parole pensee qui soit de maniere de ris et de solas. 2. Mais se la

chose est par corrous, lors est il bon comencier a une dolorouse novelle, ou autre terrible parole; car si come li estomac chargiés de viandes est relevés par une amere chose, ou assoagiés per une douce, tout autresi li corraiges qui est travailliés de trop oïr est renovellés ou par mervoilles ou par ris. 3. Mes ci se taist li maistres a parler de prologues qui sont par couverture ou sens couverture, car il en a dit partiement touz les enseingnemenz de l'un et de l'autre; mes or viaut il mostrer les comuns enseingnemenz de chascun ansamble.

32. Ci devise les enseingnemenz de toz prologues ensemble

1. En tos prologues, de quel matire que il soit, dois tu metre, ce dit Tulles, assez de bons moz et de bones sentences; et par tot doit il estre guarnis de avenableté, por ce que sor toutes choses te covient a dire ce qui te mete a la grace des oians. Mes il i doit avoir petit de doreure et de jeu et de consonance, por ce que de tels choses naist souvent une souspeçon come de chose pensee par grant maistrie, en tel maniere que li oieres se doute de toi, ne ne croi pas a tes paroles. 2. Et certes qui bien consirre la matire dou prologue, il trovera que il n'est pas por autre chose que por apareillier le corage a celui a cui tu paroles a oïr diligemment tes dis et croire les, et que il face a la fin ce que tu li fais entendant. Por quoi je di que il doit estre garnis de moz creables et de sentences, ce est a dire des enseingnemenz as saiges homes, ou de proverbes, ou de bons exemples; mes que trop n'en i ait, car ne doit estre dorés de losenges ou de moz covers, si qu'il semble une chose pensee fellonnesment et par malice. Et si ne dois tu dire trop de paroles de jeu et vanité, mes fermes et de bone savor; et garder que il n'ait consonances, ce est a dire plusors mous ensemble l'un après l'autre que toz comencene ou fenissent en une meisme letre et une meisme sillabe, car ce est une laide maniere de conter.

33. Ci dit de .vii. vices dou prologue, et premierement dou general

1. Après les vertus dou prologue, est il bien resnable chose de traitier de ses vices, qui sont .vii., ce dit Tulles: generaus, comuns, muables, lonc, estranges, diverses et sans enseingnemenz. 2. Generaus prologues est cil que l'en puet metre en mainz contes avenablement. Comuns est cil que ton aversaire puet ausi bien metre come toi. Muables est cil qui por poi de remuance sera bons a ton aversaire. Lonc est celui ou il a trop de paroles ou de sentences outre ce qui est avenable. Estrange est cil qui en nulle maniere dou monde n'appartient pas a ta matire. Divers est celui qui fait autre chose que ta matire requiert, ce est la ou tu dois aquerre la bienvoillance tu ne le fais pas, ainz dones talent d'oïr ou de savoir, ou quant tu dois parler par couverture tu paroles tout desouvert. Sans

enseingnement est celui qui ne fait nient de ce que li maistres enseingne, ne ne aqiert bienvoillance ne talent d'oïr ne de savoir, ainz aqiert tout le contraire qui vaut pis. 3. De toz ces vices nos covient il garder fermement, et ensivre les enseingnement, en tel maniere que nulle salus ne nulle partie dou prologue soit blasmable, mes toute soit agreable et de bone maniere.

34. Ci met exemple por mostrer ce qui est devant

1. Or avez oï les enseingnemenz qui apertienent a prologues, et coment li parleor doit comencier son conte selonc les diversités des matires qui avienent touzjors a beseingnes dou siecle. Mes por ce que li maistres viaut plus apertement demonstrer ce que il a dit, metra il uns viels exemples de grant auctorité, sor quoi fu dit per plusors saiges. 2. Et il fu voirs que lors que Chateline fist en Rome la grant conjuroison, selonc ce que les estoires dient, Marcus Tullius Cycero, celui meismes qui enseingne la science de rethorique, estoit adonques consoilliers de Rome, que per son grant sens enquist et trova la conjuroison, et prist plusors des conjurés, meismement des plus puissanz homes de Rome. 3. Et quant il les ot mis en chartre, et que la conjuroison fu descoverte et seüe certainement, Marcus Tullius apella tot le senat et le consoil de Rome por jugier que l'en feroit des prisons. Salustes dit que Decius Sillanus, un noble senator qui estoit esleus a estre consules l'an après, dist premier sa sentence, que li prisonier devoient estre livré a mort, et il et li autre que l'en peust prendre. Et quant il at son conte finé, et que touz les autres par poi s'acordoient a sa sentence, Julle Cesar, qui voloit les prisons deffendre, parla per couverture maistriement en ceste maniere.

35. Ci dit de Jule Cesar, coment il fist son jugement

1. Seingnor peres escrit, toz ciaux qui volent droit consoil doner des choses douteuses ne doivent garder a ire ne a haine, ne a amor, ne a pitié, car ces .iiii. choses puent faire laisser a home la voie de droiture et desvoier de droit jugement. Sens ne vaut riens la ou l'en viaut dou tout siure sa volenté. 2. Je porroie nommer assez princes qui droite voie laisserent a tenir, por ce que ire les avoit surpris, ou pitié sans raison. Mes je veul miaus parler de ce que li saige home de ceste cité ont fait aucune fois, quant il laissoient la volenté de lor cuers, et tenoient ce que bons ordres enseingnoit et qui tornoit au comun profit. 3. La citez de Rodes se tint contre nos en bataillies que nos eumes contre Perse, le roi de Macedoine. Quant la bataille fu finée, li senat et li consules jugerent que cil de Rodes ne fussent pas destruit, por ce que nus ne deist que covoitise de lor richesse les feist destruire plus que l'achoisson de lor tort. 4. Cil de Cartaige nos forfirent jadis en guerre que nos eumes contre çaus d'Aufrique, et briserent trives et pais; neporquant nostre maistres ne garderent pas ce que il

devoient faire d'iaus, car çaus les peussent bien destruire, ainz les tint douçors et debonairetés. Ce meismes devons porveoir, seingnors peres, que la fellonie et le forfait de çaus qui sont pris ne sormontent nostre digneté et nostre douçor. Plus i devons garder nostre bone renomee que nostre corrous. 5. Cil qui ont avant moi sentence donee ont assez bellement mostré ce que il puet de mal avenir por lor conjuroison: cruauté de batailles, prendre pucelles a force, esrachier les enfans des bras as peres et as meres, faire force et honte as dames, despoillier temples et maisons, occire, ardoir, emplir la cité de charoingne et de sanc et de plor; et de ce ne covient il ja parler, car plus puet movoir le cuer la cruauté de tel meffait que li recort de l'uevre. Nul n'est que il ne griet de son damage, et tels i a qui le portent plus grief que mestier ne est; mes il leust a un ce qu'il ne loist pas a un autre. Se je sui un bas home, et je mespreingne aucune chose par mon coros, poi le sauront; mes toz sevent ce que un grant home mesprent, en justise ou en autre chose. Que quant un bas home mespreingne, l'en le torne a ire; le forfait au grant home, l'en le torne a orgoill. Por ce devons nos garder nostre renomee. 6. Et si di je bien endroit de moi que li forfais as conjurés sormonte toute peine; mes quant l'en tormente aucun home, se li tormenz est auques aspres, tels i a qui bien sevent blasmer le torment, dou meffait ne tiennent nulle parole. Je croi bien que Silanus a dit ce qu'il a dit por bien dou comun, et que il ne garde ne amor ne haine, tant conui je bien de ses mours, et sa atemprance; ne sa sentence ne m'est pas cruels, car l'en ne porroit nulle cruauté faire en tel gent. Mes tote fois di je que sa sentence n'est pas covenable au comun. Por quoi Sillanus est fort home et nobles et esleus a consule: a les il jugiez a mort por paor de mal qui en peust avenir, qui les lairoit vivre? Paor n'a ci point de leuc, car Ciceron, nostre consules, est si decrés et si garnis d'armes et de chevaliers que nos ne devons riens douter. 7. De la peine dirai ensi come il est. Se l'en les ocist, mort n'est pas torment, ainz est fins et repos de cheitiveté; mort consume toutes peines terrienes; après la mort ne cures ne joies. Por quoy ne dist Sillanus seviaus que l'en le batist et tormentast tout avant? Se aucune loi deffent que l'en ne frustast home jugé a mort, aucunes lois redient que l'en n'occie pas citien dampné, ainz l'en envoit l'en en exil a touzjors. 8. Seingnors peres escriis, gardez que vos faites, car l'en fait sovent tels choses por bien dont mau vient puis. Quant li lacedomiens orrent prise Atenes, il establirent .xxx. homes qui estoient maistres dou comun. Cil occioient au commencement les pesmes desloiaus homes toz sanz jugement. Li pueple en estoit liés, et disoit que bien faisoient. Après crut la costume et la licence petit a petit, si que occioient bons et mauvais a lor volenté, tant que les autres en estoient espaventé, et fu la citez en tel servaige que bien s'en aperçurent que lor joie revertisoit en plor. 9. Luce Sillane fu mout loés de ce que il juga et occist Damasipe et autres qui avoient esté contre le comun de Rome; mes cele chose fu commencement de grant mal, car après si come chascuns covoitait la maison, la ville, le vaissel ou la robe de autrui, il se penoit de dampner celui la cui chose il voloit avoir, et estoient maint home dampnés a tort per lor

avoir. Ensinc cil qui furent liés de la mort Demacipe en furent puis corrociez, car Silla ne fina en ceste maniere de occire, jusques la que ses chevaliers furent plains d'avoir. 10. Neporquant de tel chose n'ai je doute en cest tens, meismement tant come Marcus Tullius Cicerons est consules; mes en si grant cité a mainz divers homes et plains de engin: ou tens a autre consule porroit aucuns metre avant faus por voir, et se li consules occioit lors por le decret dou senat home encolpé a tort, dont en porroit mau venir. 11. Çaus qui furent devant nos orent sens et hardement; orgoil ne lor toli pas que il ne preissent bon exemple de raison as estranges; quant il trovoient leins en lour hennemis aucune tache, il savoient bien metre a euvre a lor ostel. Miaus amoient sivre le bien que avoir envie. Il fustoiert le citien forfait a la guise de Grece; quant les maus comencerent a monter, lors fu lois donees que les dampnés allassent en exil. Por quoi donques prendrés vos consoil novel? Ensi le firent nostre ancessor, et grant vertu et sapiencie ot plus en els que en nos, car il estoient poi, et ce aquistrent a poi de richescs que nos povons a peines tenir ne garder. 12. Que ferons nos donques? Laisserons nos ces prisons aler por acroistre l'ost Chateline? Nenil: ainz est ma sentence que lor avoir soit plubiés et mis en l'aost; lor cors soient mis en diverses prisons hors de Rome en forterescs bien garnies, ne nus ne parlast ja por els au senat ne au pueple; qui autrement le fera soit mis en prison come l'un de çaus.

36. Coment Cesar parla selonc ceste art

1. Par toutes ces paroles povez vos entendre que li premiers parleor, ce est Decius Sillanus, s'en passa briefment a poi de paroles sans prologue et sans couverture nulle, por ce que sa matire estoit de honeste chose, si come de livrer a mort les traitres dou comun de Rome. Mes Jule Cesar, qui repensoit as autres choses, se retorna as couvertures et as mos dorés, por ce que sa matire estoit contraire, car il savoit bien que li cuers des oiors estoit comueu contre sa entencion; et por ce li covient il aquerre la lor bienvoillance. Et d'autre part restoit sa matire douteusse et obscure par plusors sentences et couvertures que il voloit consoillier, et sor ce li estovoit il doner talent as oiors de savoir et d'oïr ce que il voloit dire. 2. Mes por ce que doreure de paroles est auques souspecenouse, ne se vost il au commencement descoverir de la bienvoillance aquerre, ainz tocha la some de sa entencion por doner volenté as oians de entendre et d'oïr ses diz, ou il dist de .iiii. choses que bons conseillors doivent garder. 3. Et neporquant sans bienvoillance ne fu pas son prologue, la ou il les apella seingnors peres escriis, et la ou il enhauça sa matire et la conferma par belles raisons et par exemples de vieilles estoires que il amentuit. Ensic tout bellement en leuc de la chose qui desplasoit nomma il choses qui deussent plaire, por retraire les corraiges des oiors de ce qui laide estoit a ce que fust honeste et resnable. 4. En ceste maniere se passe a dire le fait sor quoi il voloit

fonder son conte, ce est dou consoil qui doit estre pris sor le meffait des conjurés, et fist semblant que il ne vost pas deffendre lor mal, mes il voloit garder la digneté et l'onor dou senat. 5. Lors comença la tierce partie de son conte, ce est devisement, et devisa les dis des autres, et la cruauté dou forfait par parties, et acoilli cele partie qui plus aidait contre çaus qui avoient parlé, et l'afficha as cuers des oiors, tant come il onques pot. 6. Et quant il ot ensi conté le fait, il comença la quarte partie dou conte, ce est confermement, la ou il dit qu'il devoient garder lar renommee, et se fainst de loer les sentences des autres, mes molt les blasme, et sor ce conferma son conte par maintes raisons qui donoient foi a son consoil, et la tolloient a la sentence des autres. 7. Et puis, qu'il ot fermé son conte par ses bons argumenz, il ala maintenant a la quinte partie, ce est deffermement, por affoibloier et por destruire le confermement des autres qui avoient dit devant lui, et la ou il dit: gardez que vos faites. Et maintenant ramentut plusors exemples et auctoritez et sentences des saiges homes qui estoient semblables a sa matire. Et puis, quant vint vers la fin, et il conferma ses diz par les meillors argumenz et par les plus fors raisons qu'il onques pot, 8. et vint a la sesime partie, c'est a conclusion, et dist sa sentence, et mist fin a son conte. Et puis que Cesar ot ensi parlé, li un disoient un et li autre disoient autre, tant que Marcus Caton se leva et parla en ceste maniere.

37. C'est le jugement Caton

1. Seingnors peres escriis, quant je resgart la conjuroison et le peril, et contrepens en mon cuer et en moi meismes la scentence de chascun qui a parlé, je pens tout autre chose que Cesar n'a dit ne aucuns des autres. Il ont parlé tant solement de la peine as conjurés qui ont apareillié bataille a lor païs, et a lor parens, et a lor temples, et a lor maisons destruire; mais graindre mestier est savoir coment l'en se porroit garder d'iaus et de perils que prendre consoil coment soient livrés a peines et dampnés. Se l'en ne se porvoit que cest peril n'avieingne, por nient iroit l'en a consoil quant il ser a avenus. Se la citez est prise a force, les vencus n'ont riens d'atente: tot sera en la mine. Or parlerai a vos qui bien entendez raison, et qui beez a avoir maisons, villes, ensignes, et tables d'or et d'argent, plus que au prou dou comun. 2. Se vos ces choses que vos tant amez volez garder et retenir, et vos volez maintenir vos delis par ordre et par repos, esveilliez vos ci, et pensez dou comun garantir. Se li comun perist, coment eschaperez vos? Ceste beseingne n'est pas de telleu ne de paage, ne de querele de compaignons, ainces est de nostre franchise deffendre, et de nos cors qui sont en peril. 3. Seingnors, je ai maintes fois parlé, et m'ai plaint devant vos de l'avarice, et de la luxure, et de la covoitise a vos citiens, dont je ai la malvoillance de aucuns, car je ne pardone pas volentiers a autrui le meffait dont je ne sentoie nulle teche en moi. Por nul forfait pardonner, je ne queroie autrui grace avoir. Se il ne vos chaloit de ce, et vostre richesce vos fasoit maintes choses

metre a non chaloir, toutes fois estoit le comun en droit estat, et plus fors que ores. 4. Mes ci endroit ne parlons nos pas de nostre bien vivre, ne de la seingnorie des romains acroistre et esauhier; ainz nos covient veoir se ce que nos avons nos puet remanoir et estre nostre, ou se il sera a nos hennemis. Ci ne doit nus parler de debonaireté ne de misericorde: nos avons piece a perdu les drois nons de pitié et de merci, car doner autrui biens, c'est nostre debonairetez, estre osés de maufaire, ce est nostre vertu; por ice vait nostre comun ausi come a declin. 5. Or poés donques estre debonaires, et metre le pueple en aventure; or poés estre piteus en çaus qui ne vos cuident riens laisser, et cuident le comun tresor rober. Donés lor nostre sanc, si que touz les proudes homes aillent a destruction; et en ce que vos esparnés un poi de maufaitors, vos destruez une grant turbe de bones genz. 6. Cesar a parlé bel et afaiteement, oiant nos, de la vie et de la mort, quant il dist: après la mort ne cure ne joie. Mes quant il en parla ensi, je croi que il cuide a faus ce que l'en trueve de ciaux d'enfer: les mauvais sont dessevrés des bons, et entrent en noir leuc et en orible, puant et espoentable. Après juga que lor avoirs fust puploïés, et il fussent gardez en prison en diverses forterescs dehors de Rome. Doubtoit il que se l'en les gardoit a Rome, que cil de la conjuroison ou autres genz luees les getassent a force de prison? Nenil? Donc n'a males genz se en ceste cité non? Par tout puet l'en trover de mauvais homes. 7. De nient se redoute Cesar, se il crient que l'en ne les puisse garder en Rome ausi bien come dehors. Et se il sol n'a pas paor que il eschappassent de cele prison ou il dit que il soient mis, et se il ne crient pas le peril dou comun, je sui cil qui ai paor de moi et de vos et des autres. Por ce vos devez savoir que ce que nos jugerons de ces prisoniers, ce doit estre jugié de toute la compaignie Chateline. Se vos faites de ces aspre justise, touz ciaux de l'ost Chateline en seront espoentés; se vos le faites foiblement et molement, vos les verrez venir cruels et fiers contre nos. 8. Ne creiez pas que nos ancessors aient acreu la seingnorie dou comun tant solement par armes, car se il alast ensi, donques la peussiens nos ameillorer, car plus avons seingnorie et compaignons, et greingnor habondance de choses, et de chevax, et d'armes que il n'orrent. Mes il ot en els autre chose, por quoi il furent de renom et de grant pris, et ces choses ne sont guaires en nos. Il estoient en lor ostels saiges et apercevans, et donoïene droituriers comandemenz a çaus de hors; lor cuer estoient franc et espers, et delivres a doner consoil sans subiection de peché que il creinssissent, ne sens sivre mauvasse volenté. 9. En leuc de ce, que l'en puet trover en nos? Luxure, avarice, comune povreté et privee richesse: nos loons les richesses, nos ensivons les pereces, nos ne fasons nulle differance de bons ne des mauvais; tot est torné a covoitise, ce est le loier de vertu. Ce n'est pas mervoille que chascuns tient sa voie et son consoil par soi meismes. Vos servés en vos ostels voz deliz et entendez a voz volentez sivre; hors de voz hostels servez a avoir amasser ou a grace d'autrui conquere; de ce avient que l'en guerroe le comun, et que les conjurés le veulent destruire. 10. Mes de ces choses que vos en tel maniere faites ne dirai ores

plus. Nobles citienes ont ensemble juré qu'il ardront la ville, et atraient a els por movoir bataille la gent de France, qui pas n'aiment la seingnorie ne le nom de Rome. Chateline, li duc de nos ennemis, nos vient sor les testes a tot son effors. Demorés vos donc et doutez de ce que vos devez faire de vos ennemis que vos avez pris dedenz ces murs? Or soit que je juge que vos en aiez merci. Dites que juenes homes sont, fols, et par mauvaise covoitise l'ont fait, et les laissez aler touz armez. Mes certes je croi que ceste pitié et ceste douçor ne vos tort a misere et a amertume. 11. La chose est aspre et pereillouse: n'en avez vos paor? Oïl voir. Mes la peresce, la mauvestié, la moleste de vos cuers fait que li uns s'atent a l'autre. Vos metez vostre fiance en vos dieus et dites qu'il ont le comun gardé et delivré de mainz perilz. L'aide de Dieu ne vient pas a la volenté de ciaux qui veulent vivre come femes, mes toutes choses avienent bien a ciaux qui veullent veillier en bien faire et en doner bon consoil. Por nient apelle Dieu qui s'abandone a peresce et a mauvestié. Malius Torquatus, uns de nos anciens dus, comanda a occire son fis por tant solement que il envay en une bataille de France ses hennemis contre son comandement: por itel forfait morut cel noble jovencel. Vos demorés a faire justise de ces cruels paracides, qui veulent la cité destruire? 12. Laissez le vos par lor bone vie: ne moire pas Lentulus por la digneté de son lignaige; se il aima onques bone renommee, se il aima onques Dieu, se il esparnia onques home. Ne more pas Chategus: ait l'en pitié de sa joventé, se il n'esmut onques mes noisse ne bataille en cest pais. Gabinus, et Statilius, et Separius, quels sont il, que en doi je dire? Se il eussent en els raison ne mesure, il ne eussent pas tel consoil pris contre le comun. 13. Au derrenier vos di, seingnors peres, que par Dieu, se moi en peust eschaper, je vos en laissasse bien covenir, et soffrisse bien que vos en fussiez chastiez per lor outrage, quant vos consoil ne volez croire. Mes por ce le di, que nos sumes enclos en grant peril de totes pars: Chateline a tout son ost nos est as iaus la dehors, et nos cuide englotir; les autres sont en mi ceste ville par tout; nos ne poons riens apareillier ne consoillier que nos ennemis ne sachent: dont nos nos devons plus haster. 14. Por ice dirai je tel sentence: voirs est que le comun est en peril par le maudit consoil des citiens escominieez et desloiaus; çaus ont regehi, et sont coneus par le dit des messagiers de Franche, et de Tite Vultier que il voloient la ville ardoir, ocirre les meillors, le païs destruire, dames et pucelles honir, autres cruautiez faire: por ce je doin sentence et jugement que l'en doit faire d'iaus come de traitres et d'omicedes atains.

38. *Coment Caton parla selonc ceste art*

1. C'est li contes et la sentence Caton. Mes por miauz entendre son dit, et coment il parla selonc les riulle de rethorique, nos covient il garder tout avant la maniere de son dit et la nature de sa matire. Dont li plusors dient que ele est douteuse et un poi obscure, por ce que sa matire est d'une

part honeste et d'autre part deshoneste: 2. car a dire le profit dou comun, et deffendre le bon estat de Rome, et a destruire touz traitres, c'est honeste chose; et a jugier a mort une gent de noble cité, et a dire contre Cesar, qui avoit ensi fermement establi son jugement par si bones raisons que a peines les peust l'en contredire, et que les oians estoient auques commeus a croire son dit, certes il sembloit a estre cruels chose et merveillouse. Et por ce li estoit il aorner son prologue en tel maniere que il acoillist la bienvoillance des oianz, et que il lor donast talent de savoir ce qu'il voloit dire, por retraire les de la sentence Cesar, selonc ce que li maistres devise ça derriere, la ou il enseigne la diversite dou prologue. 3. Et por ce tocha Caton en son comencement briefment et apertement le point ou estoit la grant force de toute la beseingne, meesmement celui que les oiors avoient creu, quant il dit que il pensoit tout autre chose que Cesar n'avoit dit, ne aucun des autres. Ensi lor dona talent de savoir et d'oïr ce qu'il diroit, et fist semblant de consoillier solément de la garde dou comun, non pas de la mort as conjurés. 4. Et maintenant se porchaça de aquerre l'amor et la bienvoillance des oianz por apaissier lor cuers, et por torner toute la chose a honesté, et por acroistre la bienvoillance que il avoit de cele part que la matire estoit honeste, selonc ce que li bons entendieres porra savoir et conoistre, se il consirre et garde diligemment les enseingnemenz qui sont ça derrieres. Por ce se taist ores li maistres, car il voudra dire autres doctrines bones et profitables.

39. Ci devise la seconde branche dou conte, c'est le fait

1. Après les doctrines des prologues vient la seconde branche dou conte, c'est le fait. De quoi Tulles dit que le fait est quant le parleor dit les choses qui ont esté, ou celes qui n'ont pas esté autresi come s'eles eussent esté; ce est a dire, quant il laisse le prologue, et vient au fait, et dit la propre chose sor quoi est l'achoisson et la matire de tout son conte. 2. Et c'est en .iii. manieres: une citiene, qui dit tout proprement le fait et la chose de quoi est li contes et la question, et devise les raisons por quoi cele chose puet estre provee; et ceste maniere appartient a ceste art, por ce que ele enseigne tancier l'un parleor contre l'autre, selonc ce que le livre dit ça arrieres entor le comencement. Mes ci ne dit ores plus li contes, car il en dira largement ça avant; ainz viaut il ensivre de .ii. autres manieres dou fait qui n'appartiennent a ceste art.

40. Ci devise dou conte qui trespasse hors de sa matire

1. La seconde maniere dou fait dire est quant l'en se dessevre un petitet de sa propre matire, et trespasse a autre chose hors de sa principal cause, ou por blasmer le cors ou la chose, ou por acroistre le mal ou le bien qu'il dit, ou por mostrer que .ii. Choses sont ressemblables entre lor, ou

por faire deliter les oianz d'aucun guabois qui soit appartenant a sa matire. Et ceste maniere de dire usent sovent les parleors por miauz prover ce que il veulent dou cors ou de la chose.

41. Ci devise dou conte qui est par jeux et par envoiseure

1. La tierce maniere dou fait dire n'apertient pas as choses citienes, ainz est por jeux et por solas. Et neporquant il est bone chose que l'en se acostume a bien conter, car l'en en devient miauz parlanz as granz beseingnes; et por ce en dira li maistres toute la nature. 2. Tulles dit que ce que l'en dit en ceste derreene maniere, ou il devise les proprietiez et les mours dou cors, ou il devise les proprietiez d'une autre chose. Et se il devise les proprietiez d'une autre chose, il covient a fine force que son dit soit fable, ou estoire, ou argumenz; et por ce fait il bon a savoir que monte l'une et que l'autre. 3. Et certes fable est un conte que l'en dit des choses qui ne sont pas voires, ne voires semblables, si come la fable de la nef qui vola par mi l'air longuement. Estoire est de raconter les ancienes choses qui ont esté verairement, mes eles furent devant nostre tens, loins de nostre memoire. Argumens est a dire une chose fause qui ne fu pas, mes ele puet bien estre, et la dit l'en por ressemblance d'aucune chose. Et se l' parleor devise les proprietiez dou cors, il covient que por ses dis conoisse les mours et les proprietiez dou cors et dou corraige ensemble, c'est a dire se il est viel ou junes, ou se il est cortois ou vilains, ou des autres tels proprietiez. 4. A ceste chose covient avoir grant aornement qui soit formez de la diversité des choses, et de la semblance des corraiges, et de fiertés et debonairetez, de esperance, de paor, et de sospeçon, de desirrier, de fainture, de error, de misericorde, de remuement de fortune, de perilz que l'en ne cuidoit, de soudaine liesce, et de bone fin, selonc ce que cest livres devisera ça avant, la ou il enseingnera de prendre les adornemenz et la biauté des paroles. Por ce n'en dit ores il plus que dit en a, ainz tornera a la premiere maniere dou fait dire, qui est apellee citiene.

42. Ci devise dou conte qui est es choses citienes

1. Or dit li contes que la citiene maniere dou fait dire, qui devise la cause proprement, doit avoir .iii. choses: que ele soit brieve, que ele, soit clere, et que ele soit voiresemblable. De toz dira li maistres, et premierement de la briefté.

43. Ci enseingne il conter le fait briefment

1. Tulles dit que lors est li fait contés briefment, quant li parleor se comence au droit

comencement de sa matire, non pas a une longue començaille qui nient profite a son conte; si come fist Salustes quant il vost raconter l'estoire de Troie, il comença a la creation dou ciel et de la terre, mes bien li soufisoit a comencier a Paris quant il ravi Eleine. 2. Ausi est il briés se la ou il est assez a dire la some dou fait, il ne le devise par parties; car la ou il soufist bien a dire ensinc: «Cist home tua cel autre», tu ne die pas: «Il le prist, il traist le coutiau de la guaiene, il le leva, et fist ensi et ensi, une chose et autre». Car plusors fois est il assez a dire que fait est, non pas coment ou en quel maniere. 3. Autresi est il briés se l'en ne dit plus de choses que mestier soient de savoir, et se il ne trespasse a dire autres choses estranges, et qui de riens ne s'apertienent a sa matire; se il ne reddit ce que l'en puet entendre por ce que il avoit dit. Et se tu dis: «Il aloient la ou il pooient», il ne covient pas dire: «Il n'aloient mie la ou il ne pooient aler»; et si je di: «Aristotes dit tel chose», il ne covient pas que je die: «Il le dist de sa boche», car bien le puet chascuns entendre par ce qui estoit dit avant. 4. Autresi est il briés se il ne raconte ce qui puet anuier, ou ce que ne li puet ne aidier ne ennuer; et se il dit chascune chose une fois sanz plus, et se il ne recomence sovent a la parole meismes que il a dite maintenant. Si come li parleor se doit garder de la multitude des mos et des paroles, se doit il garder que il ne die trop choses, car il i a maintes genz qui sont deceues, et la ou il s'estudent de poi dire, il dient trop longuement, por ce qu'il se porchacent dire pluseurs choses a poi de paroles; mes il ne s'esforcent de dire poi de choses tant come li beseingnent, et non pas plus. 5. Raison coment: tu cuideras ja briefment dire se tu dis en tel maniere: «Je alai chiés vos et huchai vostre garson; il respondi; je quis de vos; il dist que vos n'i estiés pas en maison». Ja soit ce ke tu dies briés moz, neporquant tu recontes plus des choses ke mestiers n'est, car assés estoit a dire: «On me dist ke vous n'estiés pas en maison». Por ce se doit bien garder chascuns que sous les briés mos il ne die tant de choses que son conte en soit lonc et ennuios a escouter.

44. Ci enseingne conter le fait entendablement

1. Après se doit li parleor estudier que il die clerement ce que il dit, et que ses dis soient overs et entendables. Car Tulles dit que li fait est contés clerement quant li parleor et li diteor comence son dit a ce qui devant a esté, et se il ensit l'ordre de la chose et de la saison tout ensi coment ele fu, ou coment ele pot estre, en tel maniere que ses dis ne soient troblés et confus, et que il ne soient envelopé sous estranges paroles, et que il ne trespasse as autres choses qui soient desemblables et loins de sa matire; et que il ne comence a trop longue començaille, et que il ne prolongue la fin de son conte tant come il poroit dire, et que il ne laisse riens de ce qui a conter face. 2. Et en some il doit tout ce garder que li maistres aprent ci devant sor la briefté dou fait; car il avient maintes fois que li contes est plus confus par longuement parler que por la oscurté des

paroles. Et sor tout ce doit li parleor user mos propres, biaux et acostumés, selonc ce que li maistres devisera ça avant au conte de parleure.

45. Ci enseingne conter le fait voirsemblablement

1. Après ce doit li parleor conter le fait en tel maniere que il soit voiresemblable, ce est a dire que il die tel chose que les oianz puissent croire que il die la verité. Tulles dit que a ce faire li covient a dire les propriété dou cors, se il est vieils ou juvenes, peresos ou corosables, ou tacieres, ou des autres semblables propriétés qui tesmoignent a son dit. 2. Après li covient mostrer l'achaison dou fait, ce est a dire l'achaison por quoi et coment l'en pooit et devoit faire, et que il ot et pooir et loissir de ce faire, et que il ot avenable tens a ce faire, et que il ot assez de tens et de saison a ce faire, et que le leuc fu bons et souffissanz a faire ce que li parleor dit avant. 3. Après ce doit il mostrer que li hom ou la chose de quoi il parole soit de tel maniere et de tel nature que il peust et seust bien faire ce que la renomee et la vois dou pueple en est sor lui, et que il a tel foi et tel creance et tel opinion que il feroit bien une si faite chose.

46. Ci devise les vices dou fait dire

1. Ore avez oï coment li parleor doit le fait dire, en tel maniere que il soit briés et clers et voires semblables; car ces .iii. choses sont trop fierement beseingnables a bien dire. Et si come li parlieres doit ensivre les vertus qui apartiennent a bien dire, tot autresi se doit il garder des vices qui enpeequent et honissent son parlement, 2. et sont .iiii. Li uns est quant il est son damaige a conter le fait. Li secons est quant il ne profite de riens a dire le. Li tiers est quant li fait n'est pas conté en cele maniere que il doit. Li quars est quant il ne dit en cele partie dou conte ce que mestier est. 3. Sachiez donc que lors est il damaige dou parleor a dire le fait selonc ce qu'il a esté, quant cele chose desplaist as oianz, et que il en soient contre lui esmeus a ire et a haine, et se il ne les doucist per bons argumenz qui conferment sa cause. Et quant ce avient, tu ne dois pas conter le fait mot a mot ensemble si come il fu, ainz le toi covient deviser par parties, et dire une branche ça et une autre la; et tout maintenant jondre la raison de chascune partie en son leuc, en tel maniere que ton coup ait tantost sa mecine et la bone deffensse a adoucir la haine des oianz. 4. Autresi bien sachez que cil ne profite de riens a conter le fait quant tes aversaires ou uns autres qui a parlé devant toi a dite toute la chose en tel maniere que il ne te beseingne pas que tu la redies, ne ensi ne autrement de lui; ou quant cil a cui tu paroles sevent la chose en tel maniere que tu n'as pas mestier dou mostrer que ele soit d'autre guisse. Et quant ces choses avient, Tulles comande que tu te dois taire, et que tu ne

dies pas. Li faiz 5. n'est pas contés en cele maniere que il doit, c'est quant ce qui doit profiter a ton aversaire et tu meismes le devises et bien et bel, ou quant ce qui doit profiter toi tu le dis torblés et pereceusement. Tulles dit que por eschiver ces vices tu dois molt saigement torner toutes choses au profit de ta cause, et taire le contraire tant come tu porras; et se il te covient riens dire de ce que apertient a l'autre partie, tu t'en passeras legierement; et toutes fois di ta partie diligemment et apertement et fermement. 6. Li quars vices est quant li fait n'est pas dit en cele partie dou conte que mestier est, et ce est des choses qui apertient a ordre. Por ce se taist ores li maistres jusques la ou il traitera de l'ordre, coment l'en doit establir son conte et ses parties.

47. Ci devise la tierce branche dou conte, c'est devisement

1. Après la doctrine dou fait vient la tierce branche dou conte, ce est devisement. De quoi Tulles dit que devisement, quant li parleor le dit selonc son droit, certes trestouz li contes en est plus riches et biaux, et miauz entendables. Et ja soit ce que ces douz branches, c'est le fait et devisement, soient por dire la cause, nonporquant il i a differance entr'aus: car devisement dit tout a certes le point en quoi li parleor s'aferme, et que il viaut prover; mes le fait ne le dit pas ensi. 2. Les parties dou devisement sont .ii. Une qui devise ce que li aversaires reconoist et ce que il nee, en tel maniere que chascuns puet bien entendre le point que li parleor viaut prover. L'autre est quant li parleor devise per parties briefment toz les poins que il voudra prover, si que li oieres le set en son corraige, et entent bien que il a dite toute la force de sa sentence. Por ce est il drois de veoir les enseingnemenz de l'un et de l'autre, et coment li parleor les doit user en son conte.

48. Ci parole dou devisement

1. En le premier devisement, qui raconte ce que li aversaires reconoist et ce que il nee, doit li parleor tout avant torner cele reconnoissance au profit de sa cause, si come fist li aversaire Oreste. Il ne dit pas que Horeste reconeust qu'il eust tué Clitemestrem, ainz dit autres paroles qui plus affermoient sa cause contre Horestem: «Il est bien reconeu», fist il, «que la mere fu tuee par les mains son fis»; car a dire que filz occie sa mere est plus cruel que dire le nom de l'un et de l'autre. 2. Autresi fist Catons en sa sentence. Il ne dist pas que il eussent reconeu la conjuroison solement, car mainz de genz disoient que il ne l'avoient pas faite contre le comun de Rome, mes por bien contre aucuns qui malement governoient le comun; por ce torna Catons la lor reconnoissance au profit de sa cause et dist contre lor fieres mervoilles, que il voloient la ville ardoir, occire les meilleurs, le país destruire et honir dames et pucelles. A ce vois tu que li uns et li autres dit ce qui estoit reconeu, mes

chascuns le torna a son meillor. 3. Et quant tu auras ce meismes fait en ton conte, tu dois dire ce que ton aversaire nee, et establir la question sous jugement, por savoir en le droit. Raison coment: Horeste reconoissoit le murtre, mes il neoit que il ne le fist pas a tort, mes a droit; et c'est la question que remaint sous jugement, por savoir se il le fist a tort ou a droit.

49. C'est li segonz devisement

1. Et li segonz devisement, que nombre par parties les points que il voudra prouver, dois tu garder que il soit briés et delivres et cors. Brietés est que tu ne dies mot oiseus, se tels non qui beseingnent a ta cause; car tu ne dois lors travailler le cuer des oians par paroles et par merveillous aornemenz, quant tu devises ton fait et tes parties. 2. Delivrance est quant tu dis generaument tout ce qui comprennent toutes les choses de quoi tu viaus dire; et sor ce toi covient fierement garder que tu ne laisses a ramentevoir nulle general chose qui toi soit profitable, et que tu ne la dies a tart, c'est hors de ton devisement, car c'est mau dire et vicious. 3. Cors est le devisement la ou tu dis le general mot de la cause, tu ne redies avec l'especial mot qui est compris souz le generau que tu avoies ja dit. 4. Et saches que general mot est celui qui comprennent maintes choses souz son nom, car cist mot animaus comprennent homes, bestes et oisiaus et poissons; especial mot est celui qui est compris desouz un autre, car cist mot Pieres ou Jahanz ou Jaques est bien compris souz cest general nom, c'est home. Mes il i a mos qui sont generaus sor un et sont especiaus sor autre; car cest mot home est especial sous cest mot animal, mes il est general sor cest mot Pieres ou Jahanz. 5. Ces enseingnemenz dou general ou de l'especial dit li maistres por ce que li parleor se garde que en son general devisement il ne mete l'especial partie. Car cil qui devise son fait en ceste maniere: «Je mostrerai», fist il, «que por la covoitise et por la luxure et por l'avarice de nos ennemis touz maus sont avenu a nostre comun», il n'entendi pas bien que en son devisement il mesla l'especial mot avec son general, car sens faille covoitise est le general de touz desirriers, et luxure et avararice sont partie de lui. 6. Garde donc que quant tu auras devisé le general tu ne redies ses parties autresi come se fussent autres choses estranges. Mes en l'autre branche qui vient après, c'est au confermement, porras tu bien metre les especiaus parties dou general devant dit por miauz affermer ton fait et ton devisement. Raison coment: tu viaus prouver que Horeste fist murtre. Di donc, après le devisement: «Horestes occist Clitemestrem, donc fist il homicide». 7. Après garde en ton devisement que tu ne devises plus partie que mestier soit a ta cause; cai se tu devoies en tel maniere: «Je mostreroie que mon aversaire avoit bien le pover de ce faire, et que il le voloit faire, et que il le fist», certes itel devisement est grevable, car il i a trop de choses; il soufist assez a dire: «Je mostreroie que il le

fist». Autresi garde que la ou la chose est simple et d'une chose sens plus, il ne covient se poi deviser non, car il est assez a dire le point de la question. 8. Et neporquant il avient sovent que une chose puet estre provee par plusors raisons; et quant ce est, li deviseor doit deviser ses prueves en ceste maniere: «Je mostrerai que tu feis cele chose par itel raisons, et par chartres, et par tesmoing». Sur ceste branche dit Tulles que il trova en philosophie mainz enseingnemenz, mes il laisa çaus qui ne estoient si fierement beseingnables a bien parler come ceaus qui ci sont. 9. Encore nos comande il une autre chose que l'en ne doit pas oblir en son conte; mes quant il aura finé son devisement, et il comence l'autre branche, c'est confermement, por prover ce qu'il a dit, sovieingne li que tout autresi il confirme devant ce que il devisa devant, et puis l'autre, chascun en son leuc, en tel maniere que quant il voudra finer son conte il n'ait oblié neent de ses confermemenz, car ce seroit laide chose a recomencier autres plais après la fin de son parlement.

50. Ci dit de la quarte branche dou conte, c'est confermement

1. Après la doctrine dou devisement vient la quarte branche dou conte, c'est confermement. De quoi Tulles dit que confermement est apellés quant li parleor dit ses bons argumenz qui acroissent sa auctorité et ferment sa cause. 2. Et por ce que a diverses causes covient divers confermemenz, voudra li maistres tout avant dire et montrer les leus de quoi li parleor puet retraire ses argumenz; et puis quant il en sera leuc et tens il dira coment l'en doit fermer son confermement sor chascune maniere de causes. 3. Et sachiez que nulles sciences dou monde enseingnent leuc a prover ses diz, se dialectique et rethorique non; mes tant a de differance entre l'une et l'autre, que rethorique consirre especiaus choses, selonc le sens dou nom et selonc la vois solement, mes dialectique consirre les generaues choses selonc la senefiance dou nom et de la vois. Et ja soit ce que cil qui sevent loi et divinité, ou les autres ars, font provance par leuc, je di que c'est ou par dialectique ou par rethorique.

51. Ci devise les argument por prover ce que li parleor dit

1. Toute chose est confermee par argumenz qui sont retrais des proprietez dou cors ou des proprietés de la chose. Et sachiez que Tulles appelle cors celui por le cui dit ou por le cui fait naist la question; mes chose appelle il celui dit ou celui fait de quoi la questions naist. De ces proprietez dira li maistres tout l'enseingnement, et premierement dou cors.

52. Ci devise les proprietez dou cors qui donent argumenz de prueve

1. Les propietez dou cors sont tels, que par els puet le parleor dire et prover que celui cors est atornez a aucune chose faire ou non faire. Tulles dit que ses propietez sont .xi.: li nons, la nature, la norreture, la fortune, le habit, la volenté, l'estude, le consoil, le oeuvre, le dit et la chaoite.

2. Nom est une propre et certaine vois que est misse a chascune chose coment ele soit apelee, dont li uns sont nons, et li autres sornons; et de les uns et de les autres puet li parleor fermer son argument. Raison coment: je di que cest home doit estre fiers, car il a nom Lionet. Autresi dit sovent l'Escripture. «Je di», fist li angeles, «que il aura nom Jhesus, por ce que il sauvera le pueple». 3. Nature est molt grieve chose a descrire son estre, car les uns dient que nature est le commencement de toutes choses, les autres dient que non est, car se ce fust, donc eust Dieu commencement de par nature. Mes Platons dit que nature est la volenté Dieu, et par ce pert que Dieu et nature sont ensemble. Mes nature est double: une qui fait naistre, et une de ce qui est né. Et des choses qui sont nees, les unes sont devines, les autres sont mondanes. Et des mondanes choses les unes apertienent as homes, et les autres apertienent as bestes. 4. De ce qui apertienent as homes per nature sont .vi.leus, de quoi li parleor puet prendre ses argumenz. Li premiers est se il est masle ou femelle, raison coment: «Vos ne devez pas croire que madame feist la bataille, car ce n'est pas euvre de feme». Le secont leu est son pais, raison coment: «Nos devons bien croire que cist home sait saiges, car il est grezois». Li tiers est sa ville, raison coment: «Nos devons croire que cist home est bon drapier, por ce que il est de Provins». Li quars est de sa lignee, raison coment: «Bien doit Charle estre loials, car il fu filz le roi de France». Li cinquesme est son aage, raison coment: «Il n'est pas mervoilles se cist home est legiers et muables, car il est fierement juvenes». 5. Li sesime est li biens et li maus que l'en a par nature en son cors ou en son corraige. Ou cors est se il est sens ou malades, granz ou petis, biaux ou lais, isnel ou lent. Ou coraige est se il a dur engin ou sutil, se il est bien sovenables ou non, ou dous, ou aspres, ou souffrans, ou corrouçables. Ensement en some toutes choses que l'en a per nature ou cors et ou coraige sont contees sous le leu de nature; mes celes que l'en aquiert per enseingnement sont contees sous le leuc de habit, si come li maistres dira ci apres. 6. Norreture demoustre coment et entor quels genz et par cui les homes sont esté norris et apriés, ce est a dire qui furent ses maistres, et qui ses amis, et ses compaignons, quel art il seit et de quoi il s'antremet, comant il gouverne ses choses et sa maisniee, et de ses amis, et coment il moine sa vie. Ces et autres semblables propietez apartienent a noreture, et de touz puet l'en coillir ses argumenz. Raison coment: «Alixandres devoit bien estre saiges, por ce que Aristotes fu son maistre»; ou «Cist prestres ne doit pas estre evesques, car il moine sa vie en luxure». 7. Fortune comprend ce qui avient a home de bien ou de mal, c'est a dire se cist home est franc ou serf, riches ou povres, provost ou sans prevostié, et s'il est bieneurés et de bone renommee ou non, et quels filz il a et quel feme. Mais

se tu paroles d'ome mort, consirre ses proprietiez, c'est a dire quel home il fu, et coment il morut, car de toutes ces choses pues tu prendre tes argumens por le leuc de fortune, si come dit Juvenaus: «Il n'a», fist il, «au monde si grieve chose come riche feme». 8. Habit est un compliment que l'en a d'une parmanable chose en son cuer et en son cors. Ou cuer est li complimens des vertus qui sont devisees en l'autre livre, et le complement des ars et des sciences que l'en set et aprent en son cuer. Ou cors sont les complemens que l'en aquiert non mie par nature, mes per son estude, ou per enseingnement, si com est ores bien combatre, de bien luitier, et bien chevauchier. 9. Volentez est un legiers movemenz qui aucune fois avient au cors et au coraige par aucune achoison, si com est ores leesce, covoitise, paor, corrous, maladies, febletés et autres semblables choses. 10. Estude est une continuel emprise que li corraiges fait o grant volenté, si come est estudier soi en philosophie et en clergie. De ce puet li parleor fermer ses argumens en ceste maniere: «Cist home sera bon avocat, car il estude molt fierement en loi». 11. Consoil est une sentence longuement pensee sor une chose faire ou non faire. Mes il a differance entre consoil et pensement: car pensement est a consirrer l'une partie et l'autre, mes consoil est la sentence quant il prent une des .ii. parties. Et por ce covient a tos consoil que la matire et le conseilhor soient semblables; car se je disoie «Cist home a bien bargeigné son cheval, por ce que il s'en consoilla avec son provoire», certes le conseilleur n'est pas avenable. Mes se je di: «Cist home est bien repentant, por ce que il a longuement consoillé a son provoire», c'est certes bons argumens et creables. 12. Huevre en ce conte n'est pas la propre cause sor quoi l'en parole, ainz est li usaiges que uns home suet avoir de aucune chose faire ou dou non faire. Et de ce puet li parleor prendre son argument, et mostrer de cel home se il fist cele chose, ou se il la fist maintenant, ou se il la fera, ensi come uns des chevaliers Chateline dist: «Je croi bien», fist il, «que Chateline fera la conjuroison encontre nos, car il en est acostumés». 13. Dit est li usaiges que l'en suet avoir d'une chose dire ou non dire, et ensit dou tout la nature qui est devisee de l'uevre ci desus. L'argument fait l'en en ceste maniere: «Je ne croi pas que cist home mesdie de moi, por ce qu'il ne suelt pas dire vilenie de nullui». 14. Cheoite est des choses qui sont par aventure, non mie penseement, et ensit la nature de l'uevre et dou dit; car l'en puet retraire son argument de ce qui est avenu, et de ce qui avient, et de ce qui est a avenir en ceste maniere: « Vos devez bien croire que cist home tua cist autre, por ce que il tenoit un coutel sanglant en ses mains»; ou en ceste autre maniere: «Il n'est pas mervoille se cist home rit, por ce que il a trouvé un grant moncel d'or». Mes ci se taist li contes des proprietiez dou cors, por deviser les proprietiez de la chose.

53. *Ci devise les proprietiez de la chose*

1. En ceste partie dit li maistres que les proprietiez de la chose sont tels que par elles puet li

parleur dire et prover sa entencion de cele chose. Tulles dit que ses proprietiez son en .iiii. manieres: une qui se tient en toute la chose, autres qui sont en la chose faisant, autres qui sont jointes a la chose, et unes autres qui sont environ la chose. 2. Les proprietiez qui se tiennent en toute la chose sont .iii. manieres, ce sont la some dou fait, l'achaison et l'apareil. La soume dou fait est quant li parleur dit le nom dou fait et de la chose qui a esté, ou qui est maintenant, ou qui est a avenir en une some briefment, en ceste maniere: «Cist home ci fist murtre»; «Cist autre larecin»; «Li autres fera traison». 3. L'achaison de la chose est double, une pensee et autre non pensee. Et achaison qui est pensee est quant l'en fait une chose penseement et par consoil; la non pensee est quant l'en cort a faire une chose par aucun soudain movement et sans consoil. 4. L'apareil est en .iii. manieres. Un qui est devant le fait, en ceste maniere: «Cist home agaita cil autre et le chaça longuement l'espee nue en sa main». Et l'autre appareil est sor le fait, en ceste maniere: «Et quant il l'ot aconseu, il le geta a terre, et le feri tant qu'il morut». Li tiers aparelz est après le fait, en ceste maniere: «Et quant il l'ot tué, il l'ensevelli enmi le bois». Ces et autres semblables proprietiez se tiennent o toutes les choses si fermement que a peine puet une chose estre faite sans eles; et por ce en puet li parleur establir ses argumenz, et prover la chose et bien et fermement. 5. Les proprietiez qui sont en la chose faisant sont .v.: li leuc, li tens, la maniere, la saison, li pooir. Li leuc est cele part ou la chose fu faite; et certes il afort molt a bien prover son dit que li parleur esgarde bien toutes les proprietiez dou leu: c'est se li leuc est grant ou petit, loins ou prés, ou desers, ou habités, et de quel nature est li leuc et tout le país environ, c'est a dire se il a mons ou valees, ou riveres, ou fluves, ou sans eves, ou se li leuc est bons ou mauvais, et se li leuc est sacrez ou non, ou se il est comun ou privez, ou se il est ou fu a celui qui fist la chose ou non. 6. Tens est li espaces que l'en ot en la chose faissant, c'est a dire per annees, ou par semaines, ou par jors, ou par ores, ou novelement, ou ancienement, ou tart, ou tost; car l'en doit molt garder se une grant chose puet estre faite en celui tens. Et sachiez que ces .ii. proprietiez, ce sont le leuc et le tens, sont si profitables a la chose prover, que neis cil qui mistrent en escrit les ancienes estoires, et cil qui font chartres et letres, escrivent le leuc et le tens por miauz affermer la beseingne. 7. Saisons est comprise sous le tens; mes tant a de differance entre l'un et l'autre, que tens esgarde l'espace et la quantité dou tens alé et dou present et qui est a avenir, mais la saison esgarde la maniere dou tens, c'est a dire se il est nuit ou jor, ou se il fait cler ou oscur tens, ou se il est jor de feste, ou tens de vendenge, ou de moissons, ou se cil home dort, ou se il fait noces, ou ensevellist son pere. Vois donc que une saison appartient a tout le país, si come est moissons; une autre appartient a toute la ville, si come sont les jors de ces festes et de ces jeux acostumés, ou por eslire prevost ou evesque; une autre appartient a un sol home, ce sont noces et sepulture. 8. Maniere est a mostrer coment l'en fist cele chose et a quel corraige, ce est a dire se il le fist a esciant ou non, ou par son gré ou estre son gré. 9. Povoir est en .ii. manieres, un qui aide a

faire la chose plus legierement, et un autre sans quoi ele ne porroit pas estre faite. De ce puet li parleor establir ses argumens en ceste maniere: «Il n'est pas mervoille se cist chevaliers gaaingna la joste, por ce que il est miauz montez que li autre»; ou ensi: «Cist home ci ne fera pas la joste, por ce que il n'a point de cheval»; et «Cil ne fist le coutel, por ce qu'il n'avoit point de fer». 10. De proprietés qui sont jointes a la chose establist li parleor ses argumens en ceste maniere, quant il le retrait d'une autre chose plus grant ou plus petite, ou semblable, ou d'une contraire, ou de son general, ou de son especial, ou de la fin. 11. Et sachiez que chose paroille plus granz et plus petite est consirree par la force, et par le nombre, et par la figure de lui. Raison coment: force est en dous manieres, une qui est ou cors, et une autre qui est en la chose. En corps est la force quant le nom senefie les proprietéz de lui; car a estre apelés Neron senefie cruauté et folie a estre apellés Salemon senefie sens et savoir. En la chose est la force quant le nom senefie les proprietéz de lui; car a dire paracide senefie grant cruauté a Dieu et as homes. Autresi est consirrés le nombre, quant li parleor dit un ou dous ou trois genz, ou se il dit .i. ou .ii. ou plusors choses. Autresi est consirrè la figure dou cors, quant l'en dit que il est grant ou petit, et la figure de la chose, quant ele a plus de proprietéz; car plus est a dire: «Cist home ci occist un prestre sor l'autier au jor de Pasques», que a dire «Il occist un home privé en leuc privé». 12. Semblable chose n'est mie pareille; car pareille chose senefie la grandor et la mesure, mes semblable ne senefie autre chose que la qualité. Car semblance est la propriété qui fait .ii. diverses choses estre semblables entre lor, raison coment: «Cist home est isnel come tigre, et cist prestres devoit sermoner au pueple come Saint Pieres». 13. Contraires choses sont çaus qui tout droit, front a front, sont l'une contre l'autre, si come est froit contre chaut, et vie contre mort, et mau contre bien, et veillier contre dormir, et orgoil contre humilité. De quoi li parleor puet ses argumens former en tel maniere: «Se tu ennuies celui qui t'a garanti de la mort, que feras tu donc a ceus qui te veulent occire?» 14. General chose est cele qui est desus, c'est a dire celui qui comprend maintes choses desous lui; car vertu est general, por ce que desous li sont justise, sens et atemprance et maintes autres bontés. Et animal est general, por ce que desus lui sont homes et bestes. 15. Especial chose est cele qui est desous son general; car avarice est especial, por ce que ele est sous covoitise, et sens est souz vertu. 16. La fin de la chose est ce que ja en est avenu, et qui en avient, et qui est a avenir; et de ces choses retrait li parleor ses argumenz quant il mostre ce qui est a avenir, ou ce qui doit avenir, ou ce qui avenir siaut des choses semblables, en ceste maniere: «Per orgoill vient outrage, et par outrage vient haine». 17. La quarte maniere de la propriété de la chose est de ce qui avient entor la chose, non pas si dedenz come les autres devant dites; en quoi l'en doit tot avant garder coment cele chose ert apellee, et de quel nom, et quels furent les chevetains et les troveors de la chose, et qui li aida a faire. Après doit il garder quel loi, quel us et quel jugement il a sor cele chose, ou quel art, quel science, quel mestier. Autresi

doit il garder se tel chose soloit avenir sovent, ou par nature ou non, ou se ele soloit desplaire as genz ou non. Et ces proprietez et maintes autres qui soulent avenir après le fait, maintenant ou tart, ou se ce est honest ou profitable, doit touzjors consirrer li parleor en tel maniere que de toutes proprietez il sache confermer ses dis et retraire ses argumenz et prover sa cause: por ce que mau s'entremet de parler qui ne prueve ses paroles resnablement, si que il soit creus de quant qu'il dit ou de la greingnor partie. Et por ce viaut li maistres enqui mostrer coment li parleor doit faire ses argumens.

54. Ci devise .ii. manieres de toz argumenz

1. Tous argumens que li parleor fait par les proprietez devant dites, Tulles dit que il doit estre necessaires ou voires semblables. Car argument est un dit trovés sor aucune matire qui la mostre voiresemblablement, ou qui la prueve necessairement.

55. Ci devise de necessaires argumenz

1. Necessaire argument est celui qui mostre la chose en tel maniere que autrement ne puet ele pas estre. Raison coment: «Ceste feme gist d'enfant, donc a ele geu avec home». Et sachiez que li argumenz qui prueve la chose par nécessité puet estre dit en .iii. manieres, ou par reploiment, ou par nombre, ou par simple conclusion. 2. Reploiment est quant li parleor dit .ii. ou .iii. ou plusors parties, de quels se son aversaire conferme l'une, quele que ele soit, certes il sera conclus. Raison coment: je di que Thomas ou il est bons ou il est mauvais. Se tu dis que il est bons, je diroie: «Por quoi le blasmés vos donc?» Et se tu dis que il soit mauvais, je diroie: «Por quoi converses tu donc avec lui?» Et ensi vient de reploiment, que la quelque partie tu preingnes, je en retrai maintenant mon argument qui conclust par nécessité. 3. Et sachez que cist argument est en .ii. manieres: une qui est par la force des .ii. contraires choses que l'en dit tout ensemble, l'une après l'autre, si com est ci en l'exemple qui est dit ci devant; l'autre maniere est par la force des .ii. choses qui sont contraires entr'aus par la force d'une negacion, en ceste maniere: «Je di que cist home ci a deniers ou il n'en a nuls». Itels argumenz fist Sainz Augustins contre les juys, quant il lor dist: «Li Sains des sains, se il est venus, donc est perdu vosre enungimens; et se il n'est venus, n'est le ungement pas perdu; donc avés vos roi; et se vos avez roi, donc ou ce est Jesu Crist, ou un autre; mes autre roi n'avez vos point, donc est il Jesu Crist». 4. Nombre est quant li parleor conte en son dit maintes des choses, et maintenant les oste trestoutes fors que une solement, la quele il prove par nécessité. Raison coment: je dirai ensi: «Il covient a fine force que se cist home tua cil autre que il le feist ou par haine qui

entr'aus fust, ou par paor, ou par esperance, ou par l'amor d'aucun sien ami; et se il ne i a nulle de ces achoisons, donc ne l'occist il pas, car sanz achoison ne puet estre fait un tel malefice; mes je di que entr'aus n'avoit haine nulle, ne paor, et que il n'avoit esperance que il deust estre son hoir, ou d'avoir aucun autre profit de sa mort, ne il ne nul de ses amis; donc di je que il ne l'occist pas». 5. Et ceste maniere de argument est profitable a celui qui deffent sa querelle, si com li exemple mostre desovre. Autresi est ele profitable a celui qui acuse, raison coment: «Je di que mon argent ou il fu ars, ou il est en la huche, ou tu l'as emblé; mes ars ne fu il pas, ne en la huche n'est il mie, donc remaint ceste partie, que tu l'as emblé». 6. Simple conclusion est quant li parleor conclut necessairement ce qu'il viaut prover par la force d'une chose qui est dite devant. Raison coment: «Vos dites que je fist cest murtre en aost; mes en celui tens estoie je outre mer, donc pert il par nécessité que je ne le fis pas». 7. Ore avez oï les .iii. manieres de necessaires argumenz, es quels li parleor se doit molt fierement garder que son argument n'ait mie seulement la color et la semblance de nécessité, ainz soit dou tout de si necessaire raisons que li aversaires ne puisse riens dire a l'encontre.

56. Ci devise de voires semblables argumens

1. Li voire semblables argumenz est des choses qui ont acostumé avenir sovent, ou des choses que l'en cuide que soient, ou des choses qui ont aucune semblance que eles soient voires ou voires semblables. 2. Des choses qui ont acostumé avenir prent li parleor son argument en tel maniere: «Se ceste feme est mere, donc aime ele son fis; et se cist home est avers, donc ne redoute il soirement». 3. Et des choses que l'en cuide qui soient prent li parleor son argument en ceste maniere: «Se cist home est pecheor, s'arme ira a la perdurable mort; et se cist est philosophes, donc ne croit il en Dieu». 4. Des choses qui ont aucune semblance prent li parleor son argument en .iii. manieres: ou par ses contraires, u par ses pareilles, ou par celes qui sunt d'une meisme raison. Par ses contraires fait il son argument en ceste maniere: «Se li pechieres vont en enfer, donc li religious vont en paradis». 5. Par les pareilles ensi: «Si come li leuc sans port n'est seur as nes, tout autresi li corraiges sans foi n'est parmanables as amis»; car leuc sans port et cuer sans foi sont semblables en muableté, nes a port et cuers en foi sont semblables en seurté. 6. Par les choses qui sont de une meesme raison prent li parleor ses voires semblables argumenz en ceste maniere: «Se il n'est laide chose a chevaler de doner ses robes, donc n'est il laide chose as menestrels se il les vestent». Or sachiez que cist argument et li autre semblable sont necessaires en ceste maniere: «Se il a la marche, donc fu il nafrés»; mes li voires semblables est ensi: «Se il a molt de poudre sor ses solers, donc a il alé longue voie». Itel argument est provable, mes il n'est pas necessaires, car l'en porroit bien avoir

poudre sor ses chaucemens sans estre alé ne poi ne grant voie; mes marche sans nafreure ne porroit nus avoir. 7. Por quoi je di que toz argumens voiresemblables ou il est signe, ou il est creable, ou il est establis, ou il est semblables. 8. Et signes est une demostrance que done presompcion que la chose fust ou sera selonc la segnefiance de celui signe; mes il n'est pas certaine prueve, et por ce requiert encor greingnor confermement. Et ces signes sont selonc les .v. sens dou cors, c'est dou veoir, de l'oïr, dou flairer, dou gouster et dou thouchier. Car si je di: «Il a enqui environ charoigne, por ce que il a grant puantor», certes est un signes, mes il n'est pas certains, que il ne convieingne encor greingnor prueve. 9. Creable est ce que sans nul tesmoing done foi et creance, en ceste maniere: «Il n'est nul home que ne desirre que ses filz soient sains et bieneurés». 10. Establis est en .iii. manieres: ou par loi, ou par comun usaige, ou par establissement des homes. Par loi est establie la peine des larrons et des murtriers. Par comun usaige est establis que l'en rende honor au plus viel et au plus grant de lui. Par establissement des homes est quant il establisent par els meismes sor une chose douteuse qu'il en doit estre; raison coment: Grases, quant il fu censor de Rome, ne fist riens dou monde sans le sens son compaignon. Ce li tornoient li un a sens, li autre a folie, mes la comune dou pueple establi que il fust consules l'an après, et ensi fu fermé que il avoit fait grandisme sens. 11. Semblables est ce qui demoustre aucune semblable raison entre .ii. diverses choses, et c'est par .iii. manieres: ou par ymage, ou par comparoison, ou per exemple. Ymage est ce que dit que .ii. ou plusors diverses choses ont aucune semblance entre aus selonc les proprietiez dou cors et de la nature, en ceste maniere: «Cist home ci est plus hardis que lions, et cil autre coars come conils». Comparoison est que mostre que aucunes diverses choses aient entre lor resemblance selonc les proprietiez dou corraige en ceste maniere: «Cist home ci est engignous come Aristotes, et cil autre est gros come un asne». Exemple est celui argument qui mostre aucune resemblance es chose par les dis et par les comandemenz que l'en trueve es livres des saiges, ou por ce qui est avenus as homes ou as choses qui furent de cele semblance. Mes de ces argumenz se taist hores li maistres, car il voudra torner a autre chose qui appartient a confermement.

57. Ci dit de toz argumenz en .ii. manieres c'est de loins et de pres

1. Après ce que li maistres ot enseigné le leuc et les proprietiez et les raisons des quels et coment li parleor puet prendre argumenz de prover sa matire et son dit, et il li fu avis que se il ses argumenz devisast par parties, que la raisons en seroit plus belle et plus entendable, meesmement por ce que c'est une science que poi de parleor sevent, car ele est griés a savoir et a mostrer. Et por ce dist il en ceste partie que toutes manieres de argumenz, de quelque proprietiez ou de quelque raison il soit, certes il covient que il soit pris ou de loins ou de prés. Car aucune fois est tele la

matire dou parleor que il ne la porroit prover se il ne le feist de loins. Et por ce est il drois a deviser les enseingnemenz de l'un et de l'autre.

58. Ci devise de cel argument qui est pris de loins

1. De loins est pris celui argument qui par les semblances des certaines choses de loins amoine son aversaire a consentir et a conoistre cele chose que li parleor viaut mostrer. 2. Raison coment: je parle a Audebrant, qui pas n'amoit sa feme, ne ele lui, en ceste maniere: «Dites moi, Audebrant, se vostre voisin eust miaudre cheval de vos, le quel ameriez vos miauz a avoir, ou le sien ou le vostre?» «Le sien», fist il. «Et se il eust plus belle maison de vos, la quelle voudriés vos avoir, ou la siene ou la vostre?» «La siene», fist il. «Et se il a meillor feme de vos, la quel voldriés vos avoir, la soe ou la vostre?» A ce mot ne dit il ne ce ne quoi. 3. Maintenant je m'en alai a sa feme, et la enquis en tel maniere: «Se vostre veisine eust meillor tresor de vos, le quel voudriés vos, ou le sien ou le vostre?» «Le sien», fist ele. «Et se elle eust meillors dras et plus riche hernois de vos, le quel voudriés vos, ou le sien ou le vostre?» «Le sien», fist ele. «Et se ele eust meillor mari de vos, le quel voudriez vos, ou le sien ou le vostre?» A ceste parole ot la feme honte, que ele ne dit nient. 4. Et quant je fu a ce venus, maintenant je li dis: «Por ce que nul de vos ne respont a ce que je voloie oïr, je diroie ce que chascuns pense. Vos voudriez avoir tres bone feme, et vos tres bon mari; por ce vos di que se vos ne faites tant que chascuns soit le meillor, vos ne finerez jamas de querrir ce que tres bon semble. Donc vos covient il penser que tu soies tres bon mari, et tu soies tres bone feme». 5. Garde donc que por la resemblance des certaines choses de loins je les amoine a consentir ce que je voloie, car se je demandasse tout simplement se celui vousist meillor feme et cele vousist meillor mari, certes il ne se fussent pas consenti a ma demande. Itels argumenz usa molt Socrates en ses dis, et toutes fois qu'il voloit riens prover metoit il avant tels raisons que l'en ne pooit pas nier, et lors fasoit il sa conclusion de ce qui estoit en son proposement. 6. Mes en cest argumenz doit li parleor garder .iii. choses. Premierement, que cele chose que il comprend de loins por semblance de sa cause soit certaine sans doute, car chose douteuse doit estre prove e par certaines raisons. 7. Après doit il garder que ele soit dou tout semblable a ce que il viaut prover, car s'ele fust estrange ou desemblable il ne porroit pas fermer sa prueve. 8. Après doit il garder que li oieres ne sache pas a quoi il li fait ces demandes, car se il s'en aperceust, ou il s'en tairoit, ou il nieroit, ou il respondroit par contraire. 9. Et quant tu auras a ce mené ton aversaire, il covient a fine force que il face une de ces .iii. choses: ou que il se taise, ou que il nie, ou que il conferme ta prueve. Et se ce est que il la nie, ou tu la reprueve par la semblance de ce que tu avoies devant dit, ou d'autres semblables choses que tu redies maintenant; mes se il la conferme, ou se il se taist, maintenant tu dois conclure la

querelle, et posser fin a ton dit, car Tulles dit que cil qui se taist est semblables a celui qui conferme. 10. Par ces enseingnemenz poés vos entendre que en cest argument de loins coviene avoir .iii. choses: la premiere est le semblableté que li parleor dit tout avant; la seconde est cele propre chose que il viaut prover; la tierce est la conclusion, qui moustre ce qui ensit de ses argumenz et conferme la prueve. 11. Mes por ce que il i a maintes genz de si dure cervis que par les enseingnemenz qui sont donés sor aucune science ne la porroient pas entendre, se il ne le veissent par exemple, viaut encores li maistres escrire un exemple d'un plait qui dura longuement entre les grezois, ou il avoit jadis une loi qui disoit que se le viel conostable ne renvoiast toz les chevaliers au novel conostable, que il deust perdre la teste. Or avint chose que Epainmaus ne envoya pas ces chevaliers au novel conostable lors que il devoit, ainz s'en ala ou tout son ost contre les lacedomens, et les venqui par force d'armes. Et quant il en fu accussez, il disoit que cil qui fist la loi entendit que se li vielz conostables detenist les chevaliers por le profit dou comun, que il ne fust dampnez. Mes ses avversaires fasoit ses argumenz contre lui en ceste maniere: 12. «Seingnors juges, ce que Epainmaus dit, et que il viaut joindre a la loi outre ce que nos i trouvons escrit, souffrés le vos? Nenil. Et se ce fust que vos le soffrissiez por la auctorité que il a aqise, ce seroit molt contre la digneté de vos, et contre la honorabeté. Mes cuidiez vos que li pueples le soufre? Nenil certes. Et se ce est tort joindre a la loi, cuidiez vos que il soit droit a faire le? Je certes conois tant le sens et le savoir en vos qui i est, que ja ne vos sembleroit bon, por quoi je vos di que se la loi ne puet estre amendeé, ne par vos ne par autre, donc ne povez vos remuer la sentence de ce que vos ne poez remuer un sol mot». Mes ci se taist li maistres a parler des argumenz de loins, de quoi il a dit assez, si tornera son conte as argumenz de pres.

59. Ci dit de celui argument qui est pris de pres

1. De pres est pris celui argument qui par aucune des proprietéz dou cors ou de la chose mostre que son dit soit voires semblables, et le conferme par force et par sa raison sans nul argument de loins. De cest argument dit Aristotes et Teofrastes que il i a .v. parties. Dont la premiere est le proposement, c'est a dire quant tu proposes briefment la some de ton argument. Raison coment: tu dis que toutes choses sont miaus governees par conseil que sans conseil; c'est ton proposement, et est la premiere partie de ton argument. 2. Or te covient aler a la seconde, c'est a confermer la par maintes raisons, en ceste maniere: «La maison qui est establee par raison est miaus guarnie de toutes choses que cele qui est governee folement; l'ost qui a bon gouverneur et bon seingnor est plus saigement menez que celui qui a fol seingnor et nice; la nef meismes fait bon son cors quant ele a saige gouverneur». 3. Or est acomplie la seconde partie des argumenz, c'est le

confermement dou premier proposement; si toi covient aler a la tierce partie, c'est a prendre ce que tu viaus prover par le premier proposement, en ceste maniere: «Mes nulle riens n'est si bien governee par consoil come tos li mondes». C'est la prise, que tu viaus prover. 4. Et maintenant te covient passer a la quarte partie de l'argument, c'est a confermer la prise par maintes raisons, en ceste maniere: «Que nos veons que li cours des signaus et des planetes et de toutes estoilles est establi a son ordre; li movemenz dou tens sont chascun an par necessité au profit de toutes terrianes choses; ne li ordre des jors et des nuis n'est mie par le damage de nullui. Toutes ces choses sont signes que li mondes n'est pas gouvernés sans grandisme consoil». 5. Or est acomplie la quarte partie des argumenz, c'est li confermement de la prise; si te covient maintenant aler a la cinquesme partie de l'argument, c'est a la conclusion, qui puet estre dite en .ii. manieres. Ou sans reddire nient dou premier propossement ne de la prise, en ceste maniere: «Donc di je que li mondes est governez par consoil». Ou en redissant le premier proposement et la prise: «Car se toutes choses sont miaus gouvernés par consoil que sans consoil, ne nulle riens n'est si bien governee par consoil come toz li mondes, donc di je que li mondes est gouverné par consoil». Et ces sont les .v. parties des argumenz de pres, c'est le proposement et son confermement, la prise et son confermement, et la conclusion .. 6. Mes il i a mains de genz qui dient que en cest argument n'a que .iii. parties sans plus, car il cuident que le proposement et son confermement ne soit que une meesme chose, et prise et son confermement une chose, et la conclusion soit une autre chose. Mes il sont trop malement deceus, et orez raison por quoi. 7. Ce sans quoi une chose puet estre n'est pas de cele chose, ainz est d'une autre tout par lui, et ensi sont .ii. choses et non pas une. Raison coment: se je puis estre home sans savoir lire, donc sui je une chose et la letre une autre. Autresi est d'un proposement, qui puet estre ferme et estable sans nul confermement, en ceste maniere: «Se le jor que cist murtre fu fait a Rome je estoie a Paris, donc ne fu je pas a ce murtre». Ci n'a pas mestier de nul confermement; 8. mes maintenant feras ta prise, et diras en ceste maniere: «Mes a Paris estoie je sans faille». Et quant tu auras ce dit, tu le dois confermer, et faire puis ta conclusion, et dire: «Donc ne fu je pas a cest murtre». Tout autresi est d'une prise, qui puet estre ferme et estable sans nul confermement, en ceste maniere: «Se l'ome viaut estre saiges, il se doit estudier en philosophie». C'est le premier propossement, qui requiert a estre confermez, por ce que mains de gens cuident que l'estude de philosophie soit mauvais. Et quant tu l'auras confermé par bones raisons, tu feras ta prise en ceste maniere: «Mes toz homes desirrent a estre saiges». Ceste prise est si certaine que il ne la covient confermer; mes tout maintenant fai ta conclusion, en ceste maniere: «Donc se doit chascuns estudier en philosophie». Par ces raisons et par ces exemples pues tu bien conoistre que il i a de tel proposemens et de tels prises qui requierent a estre confermees, et de tels que non. 9. Por ce s'acorde bien Tullus a la scentence de Aristote, et dit que en cest argument a .v. parties, et que çaus

sont en error qui cuident que il n'en ait que trois solement. Et neporquant il puet bien estre aucune fois li argumens de tel nature que il n'i a que les .iiii. ou les .iii. parties sans plus. Et a la verité dire, li argument a toutes les .v. parties quant il dit le proposement et son confermement et la prise et son confermement et la conclusion. Mes quant le proposement ou la prise est si establee que li uns d'els n'a mestier de nul confermement, lors n'a li argument que .iiii. parties. Et se le proposement et la prise sont tels que ne l'un ne l'autre ne quiert confermement, lors n'a li argument que tres parties, c'est: li proposiment et la prise et la conclusion. 10. Mes il i a mains de genz qui dient que cest argument puet estre de .ii. parties ou d'une solement. Car se li proposement et la prise sont si estables que la conclusion naist toute clere, si que il ne li covient pas dire, lors n'a il que .ii. parties. Et se li proposement est si fors que li parleor en puet maintenant fermer sa conclusion sans prise, lors n'a il que .ii. parties. Autresi en ceste maniere: ceste feme gist d'anfant, donc conuit ele home charnelment. Et se li proposemens est si fors et si establiz que l'en antant bien la conclusion sanz dire la, lors n'a il que une partie, car se tu diz: ceste fame est grosse, chascuns conut bien que ele a coneu masle, si que il ne l'estuet pas dire. 11. Sor ces parties dit Tulles que il ne cuide pas que droit argument puisse estre fait selonc ceste art au moins de .iii. parties; car ja soit ce que diverses sciences aient divers enseingnemenz, neporquant la science de rethorique requiert argumens clers et certains, que se faissant croire as oianz. Por ce a li maistres devisé diligemment toutes manieres de prover ce que l'en viaut dire, et de confermer ses dis selonc ce qui s'en apartient a la quarte branche dou conte, c'est a confermement. Si tornera a sa matire, por dire la cinquesme branche, c'est dou defferement.

60. Ci dit de la cinquesme branche dou conte, c'est defferement

1. Après la doctrine dou confermement vient la cinquesme branche dou conte, c'est defferement. De quoi Tulles dit que defferement est apellés quant li parleor apetisse et destruit les argumenz son aversaire, dou tout ou de la greingnor partie. Et sachez que defferement ist de cele meisme fontaine que le confermement, car si come une chose puet estre confermee par les proptietez dou cors et de la chose, tot autresi puet ele estre deffermee. Et por ce dois tu prendre l'enseingnement meismes que li maistres devise ça errieres, ou chapistre dou confermement. Et neporquant il en dira aucune chose por miauz mostrer la force et la nature dou defferement, et chascuns le porra entendre plus legierement, quant li uns contraires est mis après l'autre. 2. Toz argumenz sont defermez en .iiii. manieres. Premièrement se tu nies la prise de ton aversaire, ce meismes que il viaut prover. Après se tu confermes la prise, mes tu nies la conclusion. Après se tu dis que son argument soit vicious. Après se contre son argument tu en redis un autre si ferme ou

plus. Por ce viaut doner li maistres les enseingnemenz qui covient a chascune de ces .iiii. manieres.

61. Ci dit dou deffermement qui nie les voires semblables argumenz

1. Le premier deffermement est a nier ce que ton aversaire prent a prover per argument necessaire, ou par argument voiresemblable. Et se ce que il dit est argument voiresemblable, tu le porras nier en .iiii. manieres. 2. Dont la premiere est quant il a dit d'une chose qui est voiresemblable, et tu dis que non est, por ce que son dit est tout clerement faus, en ceste maniere. Ton aversaire dit que il n'est nus hom qui ne soit plus covitois de deniers que de sens: certes de ce ne dit il mie voir, car il en y a plusors qui miauz aiment sens que chatel. 3. Ou se son dit est tel que son contraire soit autresi creable come son dit, en ceste maniere. Ton aversaire dit que il n'est nus hom qui ne soit plus covitois de seingnorie que de deniers: certes autresi fermement pues tu dire son contraire, que il n'est nus qui ne covoit plus deniers que seingnorie. 4. Ou se son dit n'est pas creable, en ceste maniere: uns hom qui est fierement avers dit que par un petit servise de son ami il ait laissié un sien grandisme profit. 5. Ou se ce qui suet avenir aucune fois, ton aversaire dit que il avient tozjors usement, en ceste maniere: il dit que toz povres covoiennent plus deniers que seingnorie. Certes il avient bien aucune fois que un povre covoit plus deniers que seingnorie, mes il en resont des autres qui miauz aiment la seingnorie, si come en aucun leuc desert suet faire l'en murtre, mes non pas en tous. 6. Ou se ce qui avient aucune fois ton aversaire dit que il n'avient en nulle maniere dou monde, en ceste maniere: il dit que nus ne puet estre pris d'amor de feme par un sol esgart; car c'est une chose qui puet avenir, que par une sole veüe l'en aime par amors. 7. La seconde maniere de nier le dit ton aversaire est quant il dit le signe d'une chose, et tu le deffermes par icelle meisme voie que il l'a confermé. Car en touz signes covient il a mostrer .ii. choses: une que cel signe soit voirs, l'autre que il soit propre signe de la chose que il viaut prover, si come sanc qui est signe de meslee, et charbons sont signe de feuc; et puis covient mostrer que fait soit ce que ne covient pas, ou que ce ne soit pas que covenoit, et que l'ome de quoi li parleor dient savoit la loi et la costume de cele chose; car toutes ces choses apartiennent au signe et au semblant. 8. Et por ce que tu viaus deffermes le signe ton aversaire, tu dois esgarder coment il le dit, car se il dit que ce soit signe de cele chose, tu dis que non est, en ceste maniere. Il dit que la cote sanglante que tu aportes est signe que tu as esté a la meslee; et tu dis que non est, ou tu dis que c'est legiere signe, car la cote sanglante puet estre signes que tu aies esté saingniés. 9. Ou tu dis que celui appartient plus a toi que a lui; car se il dit que fait soit ce que ne covient pas en ceste maniere: «Tu enrogis ou visaige por ce que tu avoies colpe en cest meffait», tu dis que ce ne fu mie por mau, mes par honesté et par

droit. Ou tu dis que celui signe soit dou tout faus; car se il dit que tu tenoies le coutel sanglant, tu dis que sanglant n'estoit il pas, mes enreüllies. 10. Ou tu dis que celui soit partenans a autre souspeçon que ton aversaire ne dit. Car se il dit que ce ne soit pas fait que covient, en ceste maniere: «Tu t'en alas sans congié prendre, c'est semblance de larrecin»; et tu dis que ce ne fu mie por mal, mes por ce que tu ne voloies esveillier le seingnor de laiens. 11. La tierce maniere de nier le dit ton aversaire est quant il fait en son dit une comparoison entre .ii. choses, et tu dis que cele chose n'est pas semblable a cele autre, por ce que eles sont de diverses manieres. Car se il dit: «Tu voldroies avoir meillor cheval que ton voissin, donc voudroies tu avoir meillor feme»; et tu denies son dit, por ce que feme est d'autre maniere que cheval. Ou por ce que eles sont de diverses natures: car se il dit que l'en le doit redouter come lion, et tu nies son dit, por ce que home est d'autre nature que lion. 12. Ou por ce que eles sont de diverses forces; car se il dit: «Pirrus doit estre dampnés a mort por la feme Lirestis que il ravi, autresi come Paris qui ravi Eleine», et tu nies son dit, por ce que li forfait de Paris fu plus fort que celui de Pirrus. 13. Ou por ce que il ne sont d'un grant; car se il dit: «Cist home ci a un home tué, il doit estre jugiés a mort autresi comme celui autre qui en occist .ii. », et tu nies son dit, por ce qu'il ne fist si grant mal come cil autres. Autresi di je en soume de la diversité dou tens, dou leuc, dou cors, et de la opinion, et de toutes diversités qui sont es homes et es choses; car de chascune puet li bon parleor reprendre son aversaire et defermer son confermement. 14. La quarte maniere de nier le dit ton aversaire est quant il ramentoit aucun jugement de saiges homes, car tels argumenz puet il confermer en .iiii. manieres. 15. Ou par la louange de çaus qui le jugement donent, si come Jule Cesar dist, que li anciens saiges de Rome par lor grant sens avoient pardonné a çaus de Cartaige. 16. Ou il le puet confermer par la resemblance que celui jugement a a la chose de cui il parole, si come fist un pretor de Rome quant il dist: «Si come nos ancestres pardonnerent a çaus de Cartaige, tout autresi devons nos pardonner a çaus de Grece». 17. Autresi le puet il confermer por ce que il dist que le jugement qu'il ramentoit fu confirmé par trestoz homes, ou .par touz ciaux qui l'oient, ou qui confermer le devoient. Autresi le puet il confermer por ce que celui jugement fu greingnor et plus griés de la chose de cui il parolent; si come fist Catons quant il dist que Mallius Torquatus juga son fis por itant solement qu'il envahi les françois outre son comandement. 18. Ce sont les .iiii. manieres por confermer le jugement, et tu soies maintenant apareillies a defermer ce qu'il a dit par le contraire de ses confirmemenz, se tu onques pués; c'est a dire que se il le loe tu le blasmes; et se il dit que le jugement fu confermez, et tu dis que non fu; autresi fai de touz les raisons que il dit sur le jugement, tu dies les contraires raisons. 19. Mes por ce que li enseingnement dou parleor doivent estre comuns entre l'un parleor et l'autre, dit li maistres que li parleor qui ramentoit le jugement doit molt resgarder que le jugement ne soit desemblable de cele chose de cui il parole, por ce que son aversaire le porroit legierement reprendre. 20. Après ce se doit il garder que il ne

ramentoive tel jugement qui ait esté contre les oianz, por ce que il crieront maintenant et diront que c'est contre droit, et que li juges en deust estre dampnés. 21. Après se doit il garder que quant il puet ramentevoir mainz bons jugemenz loés et seüs, il ne die un estrange et mesconeü, car c'est une chose de quoi son aversaire le puet legierement reprendre, et defermer son dit. Ores avez oï coment l'en puet deffermer toz voires semblables argumenz; si fait oimés bon dire dou deffermement des necessaires.

62. Ci dit dou deffermement qui nie les neccessaires argumenz

1. Et se ton aversaire fait sor son dit argumenz necessaires, tu dois maintenant consirrer se li argumenz est necessaires, car se il est droitement necessaire tu n'as pooir de contredire. Mes se il porte la semblance, et il ne soit pas necessaires, lors li porras tu deffermer par celes voies meismes qui furent devissees ça errieres ou chapistre de necessares argumenz, c'est par reploiemement et par nombre ou par simple conclusion. 2. Reploiemement est quant li parleor devise .ii. ou .iii. ou plusors parties, des quels se tu confermes l'une, quele que ele soit, certes il te conclut, se ele est voire; mes se ele est fause, tu la pués deffermer en .ii. manieres: ou en deffermant totes ses parties, ou en deffermant l'une sans plus. 3. Raison coment: ton aversaire viaut conclure que tu ne doies pas chastier ton ami, et sor ce devise .ii. parties en ceste maniere: «Ou il crient honte, ou il ne la crient pas; se il la crient ne le chastier mie, car il est bon; se il ne la crient ne le chastier pas, car il a por nient ton enseingnement». Cest argument n'est pas necessaires, mes il le ressemble. Et tu dois maintenant deffermer andous les parties, en ceste maniere: «Mes je le doi chastier, car se il crient honte il ne despitera mes dis, et se il ne crient honte de tant le doi je plus chastier, por ce que il n'est mie bien saige». Et se tu viaus deffermer l'une de ces parties sans plus, tu diras ensi: «Mes se il crient, voirement le doi je chastier, car il sera amendés par mes dis, et deguerpira son error». 4. Nombre est quant li parleor conte en son dit maintes choses par l'une prover, selonc ce que li contes devise ou chapistre de necessaires argumenz. Lors maintenant te covient deffermer son nombre, car il puet avoir .iii. vices. 5. Dont le premier est se il ne nombre pas cele partie que tu viaus affermer. Raison coment: ton aversaire dit ensi: «Ou tu as acheté cest cheval, ou il te fu donez, ou il fu norris en ta maison, ou il te chei de herietage, ou, se ce n'est, donc l'as tu emblé; mes je sai bien que tu ne l'as achaté, ne ne te fu pas donez, ne ne te chei de herietaige, ne ne nasqui en ta maison: donc l'as tu emblé sans faille». Et quant il a ensi conclus, tu dois maintenant dire la partie que il laissa en son nombre, et di que tu l'as gaaingnié au tornoiemement, car son argument i est toz deffermez, se ce est la verité que il n'avoit pas conté. 6. Li segonz vices est quant il nombre une chose que tu pués contredire: car se il dit que tel cheval ne te chei d'erietage, et tu pués dire que si fist, certes son

argument est toz despeciez. 7. Li tierz vices est quant une des choses que il nombre tu la pués bien reconnoistre et affermer sans laidure. Raison coment: ton aversaire dit ensi: «Ou demores enqui por luxure, ou por aguait, ou por le profit ton ami». Certes tu le pués affermer, que tu i soies por le profit ton ami. 8. Simple conclusion est quant li parleor conclut ce que il viaut par la force d'une chose qui est dite devant; mes c'est de .ii. manieres: ou il le prueve par nécessité, ou par semblance de nécessité. Et se ce est par nécessité, tu ne le pués pas contredire; car se il dit: «Ceste feme est enceinte, donc conut ele home»; ou: «Se cist home espire, donc vit il», certes tu ne pués riens dire a l'encontre. Mes se ce est per semblance de nécessité, en ceste maniere: «Se ele est mere, donc aime ele son fis»; certes tu le porras bien reprendre, et mostrer que ce ne soit pas nécessité, ainz puet estre tout autrement.

63. Ci dit dou deffermement qui nie la conclusion

1. Li segonz deffermement est quant reconois que li proposemenz ou la prise de ton aversaire soit veritable, mes tu nies sa conclusion, por ce que ele ne naist de ce que tu avoies reconeu, ainz conclut autre chose que ele ne doit ne ne puet. Raison coment: les genz de ta ville alerent a l'ost, et il avint chose que, quant tu i aloies, une maladie te prist en mi la voie qui ne te laissa pas aler jusques a l'ost, si que ton aversaire t'en accuse, et conclut en ceste maniere: «Se vos fussiez venus en l'ost, vostre conostables vos eust veü; mes ne vos virent; donc ne vousistes vos pas venir». 2. Or garde que en cest argument tu affermes bien le proposement ton aversaire, c'est que se tu eusses estés a l'ost le conostable te eust veü, et afferme sa prise, c'est qu'il ne te virent pas; mes sa conclusion ne naist mie de ce, car la ou il dit que tu n'i vosis aler, il ne dit mie voir, por ce que tu voloies bien aler, mes tu ne poois. 3. Cist exemple est si clers et si overs que c'est legiere chose a conoistre son vice, et por ce viaut li maistres mostrer un autre exemple plus obscur a entendre, por miauz enseingner ce qui appartient a bon parleor, car la ou li vices est obscurs a entendre; il puet bien estre provez autresi come se il fust veritable. Et ce puet estre en .ii. manieres: ou por ce que il cuide que tu affermes a de certes une chose douteuse, ou por ce que il cuide que il ne te sovieingne pas de ce que tu as affermé et reconeu. 4. Et se ce est que il cuide que tu aies afermé a de certes une chose douteuse, por quoi ton aversaire te conclut, lors maintenant te covient il mostrer l'entendement que tu avoies quant tu affermas cele chose, et dire que il a reprolié son argument a autre chose. Raison coment: ton aversaire dit ensi: «Vos avez mestier d'argent»; et tu affermes bien son dit selonc ta entencion, c'est a dire que tu en voudroies avoir plus grant some que n'en as. Mes ton aversaire pense tout autre chose, et dit ensi: «Mes vos avez mestier d'argent, car se ce ne fust vos ne feriez mercheandise; donc estes vos povres». Garde donc que il te conclut per autre entencion, et por ce

dois tu deffermer son argument, que il reploia et mua ce que tu entendoies. 5. Mes se il cuide que tu aies oblié ce que tu as reconeu, et coment, il en fera une mauvaise conclusion contre toi, en ceste maniere: «Se li herietaige dou mort apertient a toi, chascuns doit croire que tu l'occeis»; 6. et sur cest mot dit ton aversaire maintes paroles, et assigne plusors raisons a prover sa cause. Et quant il a ce fait, il prent son argument et dit: «Mes sans faille li herietaiges apertient a toi, donc l'as tu occis». Garde donc que ceste conclusion n'ensit pas de ce que li herietaige appartient a toi, et por ce toi covient il diligemment resgarder la force de son argument, dont il le trait et coment.

64. Ci dit coment l'en doit deffermer l'argument qui est vicious

1. Li tierz deffermemenz est quant tu diz que li argument ton aversaire est vicious; et ce puet estre en .ii. manieres: ou por ce que il a vice a l'argument meisme, ou por ce qu'il n'appartient pas a ce que li parleor propose. Et sachez que vices est en l'argument quant il est dou tout faus, ou se il est comun, ou universel, ou legiers, ou lointains, ou malapropriés, ou douteus, ou certains, ou non affermez, ou laides, ou enuios, ou contraires, ou muables, ou aversaires. 2. Faus est celui qui est appartenans de mençonges. Raison coment: «Nus ne porroit estre saiges qui desprise deniers; mes Socrates desprisoie les deniers, donc ne fu il pas saiges». 3. Comuns est celui qui n'appartient pas a toi plus que a ton aversaire. Car se tu dis ensi: «Je dirai briefment, por ce que je ai droit», autresi bien le puet dire ton aversaire come toi. 4. Universel est celui qui puet estre retrait sor une autre chose qui n'est pas veritable, en ceste maniere: «Seingnors juges, je ne me fusse pas mis sor vos, se je ne cuidasse que li drois en fust tozjors devers moi». 5. Legiers est en .ii. manieres, une qui est dite 'a tart', si come le vilain dit: «Se je cuidasse que l'en emblast mes boes, je eusse fermé mon estable». L'autre maniere est a covrir une laide chose de une legiere couverture, si come fist le chevalier qui deguerpi son roi quant il estoit en sa haute seingnorie, et puis que son roi fu exilliez, son chevalier l'encontra un jor, et dist: «Sire», fist il, «vos me devez pardonner ce que je vos deguerpis, por ce que je m'aparoilloie a aler tout sol a vostre secors». 6. Lointains est celui argument qui est pris par trop loins, selonc ce que fist la chambariere Medee: «Dieu vosist», fist ele, «que l'en ne eust pas taillié le marien de quoi furent faites les nes». 7. Mal apropiés est en .iii. manieres. Une qui dit les propriétés qui autresi son comunes a une autre chose: car se tu me demandes des proprieté de l'ome qui est descordable, et je disoie que descordable est celui qui est mauvais et enuios entre les homes, certes ces propriétés ne sont plus dou descordables que de l'orgoillous ne que dou fel, ne que d'un autre mauvais home. La seconde maniere dit ces proprieté qui ne sont mie voires, mes fauses. Car se tu demandes des proprieté de sapiencie, et je disoie que sapiencie n'est autre chose que gaigner argent, certes je diroie fauses proprieté. La tierce maniere dit aucunes

proprietez, mes non pas trestoutes. Car se tu me demandes des proprietez de folie et je disoie que folie est de covoitier haute renommee, certes, ja soit ce folie d'aucune part, ne di je mie toutes les proprietez de folie. 8. Douteous est celui argument qui par douteuses causes viaut prover une douteuse chose, en ceste maniere: «Seingnors princes de la terre, vos ne devez pas avoir guerre l'un contre l'autre, por ce que li dieu qui governent le mouvement dou ciel ne s'entrecombatent mie». 9. Certains est quant li parleor conclut ce meismes que son aversaire confirme, et laisse ce qu'il deust prover, si come fist li aversaires Horestis quant il devoit mostrer que Horestes avoit tué sa mere: il mostra que il l'avoit occise, et ce ne beseingnoit pas, qu'il ne le denioit mie, ainz disoit qu'il l'avoit a droit occise. 10. Non affermez est quant li parleor dit mains de paroles et de confirmemenz sor une chose que son aversaire nie tout plainement. Raison coment: Ulixes fu accussez qu'il avoit occis Aiace, mais il disoit que non avoit; et toutes voies son aversaire disoit grans mos et granz paroles, et ce estoit molt laide chose que un vilain occist un si noble chevalier. 11. Lais argumenz est celui qui est deshonest par raison dou leuc, c'est a dire lait mot devant l'autiel; ou par raison de celui qui le dit, c'est se un evesque parole de feme et de luxure; ou par raison dou tens, c'est se au jor de Pasques l'en deist que Dieu ne resuscita pas; ou par raison des oianz, c'est se devant les religious l'en parole de vanitez et des deliz dou siecle; ou par raison de la chose, c'est a dire que qui parole de la sainte Crois, il ne doit pas dire que ce soient forces. 12. Enuios est celui qui enuie a la volenté des oianz; car se par devant li presteor je loasse la loi qui dampne la usure, certes mon argument ennuieroit as oians. 13. Contraires argumenz est quant li parleor dit contre ce meisme que les oianz firent. Raison coment: je vois devant Alixandre, et accuserai aucun proudome qui avoit une cité veincue par force d'armes, et dirai qu'il n'a au monde si cruel chose come de prendre cités et guaster les: certes itels argumenz est bien contraires, por ce que li oians, c'est Alixandres, destruist plusors villes et cités. 14. Muables est quant un parleor dit d'une meisme chose .ii. diversitez qui sont l'une contre l'autre, selonc ce que .i. hom dist: quiconques a les vertus, il n'a pas mestier d'autres a bien vivre; et puis après dit il meismes que nus ne puet bien vivre sans santé. Et uns autres, quant il ot dit que il servoit a son ami par amors, et puis après si dist il qu'il atendoit de lui grant servise. 15. Aversaires est celui argumenz qui plus fait contre le parleor que por sa partie. Car se je voloie conorter le chevalier a la bataille, et je disoie que nos ennemis sont granz et fors et bieneurés, certes ce seroit plus contre moi que por moi. 16. Or covient a dire de l'autre maniere de l'argument qui est vicious, c'est quant il n'appartient pas a ce que li parleor propose; et ce puet estre en maintes manieres: c'est se le parleor promet qu'il dira de plusors choses, et puis ne dit que de l'une; ou se il doit mostrer tout, et il ne mostre que une partie, c'est a dire se li parleor viaut mostrer que toutes femes sont averes, et il ne le mostre que d'une ou de .ii.; ou se il ne se deffent de ce dont il est blasmés, selonc ce que fist Paquves quant il vost deffendre musique, qui estoit blasmés par plusors:

il ne la defendi pas, mes il loa molt sapience; autresi fist cil qui estoit blasms de vaine gloire, car il ne se deffendi pas, ainz dit qu'il estoit molt fiers et hardis as armes; ou se la chose est blasmee par le vice de l'ome, si con font ciaux qui dient mau de sainte Yglise por la mauvestié des prelaz; ou se je voloie loer un home, je diroie que il est molt riches et bieneurés, mes je ne di pas que il ait aucune vertu; ou se je fas comparoison entre .ii. homes, ou entre .ii. choses, en tel maniere que il ne cuide pas que je puisse l'une loer sans blaser l'autre, 17. ou se il loe l'une solement, et il ne fait de l'autre mencion nulle, come se nos fussiens a consoil por establir laquelle vaut miaus, ou la pais ou la guerre, je ne fineroie de loer pais, mes de la guerre ne diroie je ne ce ne quoi; ou se je demandoie d'une certaine chose, et tu me respons d'une general, car se je te demande de l'ours se il cort, et tu dis que uns animaus cort; 18. ou se la raison que li parleor rent est fause, car se il dit que deniers sont bons, por ce qu'il donent plus bieneurose vie que riens dou monde, certes la raisons en est fause, por ce que deniers donent a l'ome grandisme travail et maleurté; 19 ou se li parleor rent foible raison de son dit selonc ce que Plauctus fist: «Il n'est mie bon», fist il, «que l'en chastie son ami de ses meffais devant tens, por ce je ne viaus pas hui chastier mon ami des maus qu'il a fais»; 20. ou se li parleor rent tel raison de son dit que ce est ce meismes que son dit, car se il dit que avarice est trop male chose, por ce que covoitise d'argent a ja fait mainz granz damaiges a maintes genz, certes avarice et covoitise sont une chose; 21. ou se li parleor rent une petite raison la ou il la porroit rendre grant, car se il dit: «Bone chose est amistié, por ce que l'en en a mainz deliz», certes il porroit dire meillor raison, et dire qu'il i a mains profis et honesté et vertus.

65. Ci dit dou deffermement qui dit autresi ferme raison come son aversaire

1. Li quart deffermement est quant ton aversaire a dit son argument, tu reddis a l'encontre un autre autresi fort ou plus; et tels argument apartienent plus as contens qui sont sor le consoil prendre que a autre chose. 2. Et sachiez que ces deffermemenz puent estre fais en .ii. manieres. La premiere est quant mon aversaire dit une chose que je consent, et ensi est fermee, mes tout maintenant je redi a l'encontre une autre plus estable raison, qui est fermee par necessaires argumenz. Car la ou Cesar disoit: «Nos·devons», fist il, «pardonner as conjurés, por ce que il sont nos citiens», «Voir est», dist Caton, «que ils sont nos citoyens, mes se il ne sont dampnés, il covient a fine force que Rome en soit destruite per els». 3. La seconde maniere est quant mon aversaire dit d'une chose que ele est profitable, et je di que voirs est, mes je mostre tot maintenant que ce que je di est honeste chose; car sans faille honesté est plus ferme chose que profit, ou autant. Mes ci se taist li maistres de la cinquiesme branche dou conte, c'est dou deffermement, a parler, de quoi il a dit ce que il en savoit a dire; des ores mes en dira il de la sesime branche, ce est la conclusion.

66. *Ci dit de la sesime partie dou conte, c'est de la conclusion, qui est la derreene*

1. Après la doctrine dou deffermement, et de toutes les .v. premieres branches dou conte, vient la derreene branche, c'est la conclusion, la ou li parleor conclut ses raisons et posse fin a son conte. Et neporquant nos trovons que Hermagoras dit en ses livres que devant la conclusion doit estre mis le trespas, et ensi fasoit .vii. branches au conte. Mes li tres saiges Tulles Ciceron, qui de bone parleure passa toz homes, blasme trop la sentence Hermagoras. 2. Et vos avez bien oï ça errieres que trespas est quant li parleor ist un pichot de sa propre matire, et trespasse a une autre, por achoson de loer soi et sa partie, ou de blasmer son aversaire et sa partie, ou par achoison de confermer, non mie por argument, mes por acroistre sa cause, selonc ce que li maistres devise ça errieres au chapistre *Coment l'en puet acroistre sa matire*, et en mains autres leus. De cestui trespas dit Tulles que il n'est ne ne doit estre tot par lui branche dou conte, ainz est souzmis as argumenz des branches dou conte; 3. et por ce s'en taist atant li maistres, et dit que conclusion est l'issue et la fin dou conte. Et sachiez que la conclusion a .iii. parties, ce sont recontre, desdaing et pitié. Et vos orez de chascune par soi diligemment, et premierement de recontre.

67. *Ci dit dou recontre*

1. Recontre est cele fin dou conte en quoi li parleor briefment et en some recontre touz ses argumenz et les raisons qu'il avoit conté par mi son dit, les unes ça et les autres la, et les ramenteive en briés mos, por torner les a la memoire des oianz plus fermement. Mes por ce que se li parleor fasoit tozjors son recontre d'une maniere seulement, les oianz en seroient souspecenous, et cuideroient que ce fust chose pensee, il toi covient sovent varier, et raconter ore en une maniere ore en une autre, selonc ce que tu porras veoir ci desous. 2. Et tu pués bien aucune fois ramentevoir la some de chascun de ses argumenz par soi, car ce est assez legiere chose a dire et a entendre. Aucune fois pués tu bien raconter toutes les parties que tu deïs en ton devisement et que tu promés de prover, et ramentevoir toutes les raisons, coment tu les as provees et confermees. 3. Aucune fois pués tu demander as oianz en ceste maniere: «Seingnors, que querez vos? ne que volez autre chose? por quoi plus? je ai ce dit et si ai prové ce et cel autre». En tel maniere ramenteive tes diz et tes argumenz, car les oianz s'en souveront miaus, et cuideront qu'il n'ait plus a prover. 4. Aucune fois pués tu ramentevoir tes raisons et prueves, sans noient dire des raisons ton aversaire, et aucune fois dire de ses argumenz avec les tiens, en tel maniere: quant tu dis uns des argumenz ton aversaire, tu dis maintenant coment tu l'as deffermé et deffacié; car c'est une maniere de raconter por quoi les

oians se sovient de tout ce que tu as confirmé et deffermé. 5. Aucune fois pués tu amonester les oians de ta boche, que il se sovieingnent de ce que tu as dit, en quel leuc et coment. Aucune fois pués tu nommer .i. autre home autresi come se il parlast, et metre sor lui ton recontre, en ceste maniere: «Je vos ai ce appris et montré ce et cel autre; mes se il fust enqui Tulles, que li demanderez vos plus?» 6. Aucune fois pués tu nommer une autre chose qui ne soit pas home, si come est loi, ou un livre, ou une cite, et tels autres choses semblables, et metre sor lui ton raconte, en ceste maniere: se la loi peust parler, ne se plaindroit ele devant vos, et diroit: «Que querrez vos, que demandez vos plus, quant l'en prueve ce et cel autre, et mostre si clerement com vos avez oï conter?» 7. Et sachiez que en ces .ii. manieres, c'est de un autre cors d'ome, et d'une autre chose, pués tu ensivre toutes les varietés qui sont posées ci desovre. Mes le general enseingnement de toutes manieres de raconter est: de chascun de tes argumenz tu saches trier et prendre ce que plus vaut, et raconter le au plus brief que tu onques porras, en tel maniere qu'il semble que la memoire soit renouvellee, non pas le parlement.

68. Ci dit de desdaing

1. Desdaing est cele fin dou conte en quoi li parleor met un cors d'ome ou d'autre chose en grant haine et en grief mallevoillance. Et sachez que cest desdaing naist de ces leus meismes de quoi naissent conffermement et deffermement, et des proprieté dou cors et de la chose, selonc ce que li livres devise ça errieres en ses chapistres, car ce sont les leus par quoi l'en puet acroistre les crimes et les forfais et toz desdaings. Et neporquant li maistres devisera enqui les enseingnemenz qui apartiennent tout droit au desdaing. 2. Le premier leuc de desdaing est pris par auctorité, c'est a dire quant je di que cele chose ait esté de grant estude a Dieu, ou as homes de grant auctorité: et ce puet estre montré par raison de sors, ou de devin mandement, ou de propheties, ou de mervoilles, ou de tels choses semblables. Autresi puet il estre montré par la raison de lor ainsnez, ou de nos seingnors, ou de citez, ou de genz, ou de tres saiges homes, ou dou senat, ou dou pueple, ou de çaus qui firent la loi. 3. Raison coment: il fu voirs que Judas deguerpi les deciples par sa traison. Les autres apostres geterent sors por veoir qui deust estre mis en son leu. La sort en vint sor Mathie, qui fu apostres en leu de Judas; mes se il se fust escondiz, et ne le vosist pas estre, l'en peust metre sor lui desdaing, en ceste maniere: «Nus ne te doit aimer, quant tu refusses ce que Dieu nos a montré par sors». De cest exemple se passe li maistres, car il sofist bien a entendre toz les autres leus devant diz. 4. Li segonz leus dou desdaing est pris quant li parleor croist le forfait par corrous, et mostre a cui il appartient; car se il est contre touz homes, ou contre les plusors, c'est grant cruauté; et se il est contre les graindres et qui sont plus dignes de nos, c'est grant desdaing; et se c'est contre nos

pers c'est grant mauvestié; et se c'est contre les foibles, c'est grant fierté. 5. Li tierz leuc de desdaing est pris quant li parleor dit autresi come en demandant le mau qui en puet avenir se les autres fasoient ce que son aversaire a fait, et que l'en li pardone ce meffait: mains de genz oseront faire tels et piours euvres, dont il puet avenir granz perilz. 6. Li quart leuc est quant li parleor dit as juges que maintes genz resgardent a ce qu'il establiront sor celui meffait, por savoir qu'il lor loist a faire s'il pardonent a lui. 7. Le cinquesme leuc est quant li parleor dit que toz autres jugemenz, se il fussent contre droit, porroient estre amendez, mes ceste crime est de tel nature que ce qui en sera jugiés une fois iert si estables qu'il ne porra pas estre remuez par autres scentences ne par jugemenz de nullui. 8. Li sesime leuc est quant li parleor dit que son aversaire a ce fait penseement et par consoil, et que nus ne doit pardonner le forfait que l'en fait de son gré, ja soit ce que l'en puet aucune fois pardonner a ciaux qui avienent contre son gré et non sachant. 9. Li septieme leuc est quant li parleor dit que son aversaire par sa puissance et par ses richescs a fait une si cruel chose et si desperee come ce est a oïr. 10. Li huitisme leuc est quant li parleor dit que une si pesme chose ne fu onques oïe, ne poi ne granz, et que nus tyrans, nulle beste, ne sarrazins ne juys ne l'osa onques faire; et nome çaus contre cui il a ce fait, c'est son pere, ou contre ses filz, ou contre sa feme, ou contre ses parans, ou contre ses subjés, ou contre ses amis, ou contre son oste, son voisin, son ami, son compaignon, son maistre, ou contre les mors, ou contre les chaitis et les foibles, ou contre çaus qui ne se puent aidier, si come sont enfans, veillars et femes et malades: car de toutes tels choses naist un cruel desdaing par cui les oianz sont fierement commeus contre çaus qui font tels choses et semblables euvres. 11. Li noveme leuc est quant li parleor ramentoit une autre grant mauvestié provee, et dist que ce que son aversaire fist est d'assez plus griez et de greingnor peril que cele autre. 12. Li desime leuc est quant li parleor ramentoit toute la beseingne par ordre, si come il fu en la chose faissant, et qui fu après jusques a la fin, et croist le desdaing et la cruauté de chascune chose par soi, tant come il puet, et la demostre as oians autresi come se il l'eussent veü en sa presence. 13. Li onzeme leuc est quant li parleor dit de celui qui a ce fait: «Ne le devoit pas faire, ainz devoit metre et cuer et cors por deffendre que ce ne fust pas fait». 14. Li dozemes est quant li parleor dit autresi come par corros que l'en a ce fait a lui tout premier que onques ne fu fait a nullui. 15. Li trezeme leuc est quant li parleor dit que outre ce mau que son aversaire li a fait, il li dist mains de cruels mous et reproches et menaces. 16. Li quatorzeme leuc est quant li parleor prie les oianz qu'il tornent sor els le tort fait que l'en li a fait, c'est a dire que se le mau est des enfans, qu'il le tornent sur ses filz, et se il est des femes, qu'il le tornent sor ses femes. 17. Li quinzeme leuc est quant li parleor dit que ce qui li est venu siaut sembler grief et cruels a son aversaire. En some, ce que li parleor dit par desdaing, il le doit dire au plus griefment que il onques puet, si que il mueve les corraiges des oianz contre son aversaire, car c'est une chose qui molt profite a sa cause, quant les oians sont comeus par corros

contre son aversarre.

69. *Ci dit de pitiés*

1. Pitiés est un dit que a la fin aquiert la misericorde des oianz; et por ce li parleor qui viaut finer et clore son dit par pitiés, doit faire .ii. choses: une, qu'il adoucisse les coraiges des oianz, en tel maniere qu'il n'aient nul troblement contre lui, et se il l'ont, qu'il tornent a debonaireté; l'autre si est qu'il face tant que les oianz aient misericorde de lui, c'est a dire qu'il lor poisse de son damaige, por ce que quant les oians sont a ce venus qu'il sont debonaire, et qu'il n'ont nul troblement, et qui lor poisse de ton mal, certes il sont legierement esmeus a pitié. 2. Et a ce faire doit li parleor torner as comuns lués, c'est a la force de fortune et a la foibleté des homes, car la ou tu dis bien ces choses, il ne sera ja de si dur cuer qu'il ne coret a misericorde, meismement quant il consirre que l'autrui mal puet venir sor lui et sor ces choses. 3. Et sachiés que li leus qui apartiennent a aquerre pitiés sont .xvi. Dont li premier est quant li parleor conte le bien qu'il soloit avoir jadis, et moustre le mau que il souffre maintenant. 4. Li segonz leuc est quant li parleor mostre le mal qu'il a eü jadis, et çaus qu'il aura ça avant. 5. Li tierz leuc est quant li parleor se plaint, et nomme toz ses maus, si come le pere se plainsist de la mort son fis, et nomast le delit que il avoit de sa juenece, et l'esperance qu'il avoit de lui, et la tres grant amor qu'il li portoit, et le solas, et la norreture, et les autres choses semblables. 6. Le quart leuc est quant li parleor se plaint qu'il a souffert, ou que il li covient souffrir laides choses, ou vils, ou de servaiges, les quels il ne deust souffrir par la raison de son aage, ou de son lignaige, ou de fortune, ou de sa seingnorie, ou por le bien qu'il a ja fait. 7. Li cinquesme leuc est quant li parleor devise par devant les iauz des oians por les maus qui sont avenus, autresi come se il le veissent; car c'est une maniere par quoi li oianz sont comeus autresi bien por la force dou fait comme por la force des dis. 8. Li sesime leuc est quant li parleor mostre que hors de sa esperance il est venus en maleurté, et que la ou il atendoit que de cel home, ou de cele chose, li deust avenir grandisme profit, il n'en a nient, ainces en est cheu en grant male aventure. 9. Li septieme leuc est quant li parleor torne ses maus vers les oianz, et lor prie que quant il esgardent lui, qu'il se sovieingnent de ses filz, et de ses parans, et de ses amis. 10. Li huitisme leuc est quant li parleor mostre que fait soit aucun desavenant, ou que ce qui estoit avenant ne fu pas fait, selonc ce que dist Cornelle, la feme Pompei: «Laisse», fist ele, «que je ne fui a son deffinement, je ne le vi, je n'oy son derrenier mot, ne ne reçui son esperit». En ceste maniere se plaingnoit sa feme, et mostroit que ce qui estoit avenant ne fu pas fait, et maintenant mostra coment fu fait le desavenant, la ou ele dist: «Il mourut», fist ele, «ex mains de ses ennemis; il jut vilainement en la terre de ses guerriers; il n'ot onques sepulture, ne point de honorableté a sa mort, et sa charoingne fu longuement trainee par les

bestes sauvaiges». 11. Li noveme leuc est quant li parleor torne son dit sor aucune beste, ou sor une autre chose sans sens et sanz parler, car c'est une maniere de parler qui molt entre es cuers des oianz, selonc ce que fist la feme de Pompei: «Gardez», fist ele, «coment son ostel plore, sa robe et ses hernois se plaignent, son cheval et ses armes recontent ses tors fais». 12. Li desieme leuc est quant li parleor se plaint de sa povreté et de sa maladie, et de sa foibleté, et de sa solitude, selonc ce que fist la feme Pompei: «Ha laisse, come je sui desormés povre et nue, sans nul pouvoir: je serai toute soule sans seingnor et sanz nul consoil». 13. Li onzeme leuc est quant l'en parole de ses enfanz, ou de son pere, et de son cors enterrer, selonc ce que dist Eneas quant il fu chacies de Troie. «Je ne sai», fist il, «coment il sera de ma vie ou de ma mort entre tant de perilz, mes je lais mon fil en vos mains; je vos pri de lui et de mon pere, et que mon cors soit enterés honorablement se je muer». 14. Li dozeme leuc est quant l'en se dessoivre de çaus que l'en aime tendrement, et mostre quele dolor et quel damaige il avient a lui ou a cels de sa sevrance. 15. Li trezemes leuc est quant li parleor se plaint de tels genz qui li font mau et ennui, qui li devroient faire bien et honor. 16. Li quatorzemes leuc est quant li parleor prie humblement les oianz autresi come en plorant que aient pitié de lui et de ses maus. 17. Li quinzeme leuc est quant li parleor ne se diaut de son mau, mes il se plaint de la mescheance son ami ou de son parent, selonc ce que Catons disoit contre les conjurés de Rome: «Il ne me chaut de moi», fist il, «mes il me poisse de la destruction de nostre comun, de nos fis et de nos genz». 18. Li sezeme leuc est quant li parleor dit qu'il li pois se molt fierement dou mau des autres, et neporquant il mostre qu'il ait grant cuer et franc de soffrir touz perilz. Car il avient sovent as princes de la terre et as autres qui ont actorité de seingnorie ou de vertus, que s'il dient hautes paroles, et mostrent franc corraige, les oianz en sont commeus a misericorde plus tost et miaus que par prieres et per humilitez. Et sachiez que c'est une maniere de parler a quoi se tornent toz conostables et les seingnors des ost, quant il volent les siens conorter a la bataille. 19. Or avez oï touz les leus por aquerre la misericorde as oianz; mes li parleor doit molt garder que la ou il aperçoit que li corraiges sont commeus de pitiés, qu'il ne demore plus en sa plainte, mes tot maintenant fine son dit devant ce que les oianz issent de la pitié, car Appollones dit: «Nulle riens ne seche si tost come larmes».

70. Ci dit de la diversité qui est entre parleor et dicteor de la conclusion

1. Ces sont les .iii. parties de la droite conclusion, qui apertient a bien parler, selonc les enseingnemenz de Tulle. Mes les diteors se descordent un petit, car en la conclusion qui est en parlant conprent li parleor et sa demande et la some de ses raisons, et fine son conte; mes en letres que l'en envoie as autres, quant li diteor a escrites ses premieres branches, c'est la saluance et le

prologue, le fait, la demande, et qu'il a demandé ou prié ce qu'il viaut, il escrit maintenant li bien qui en puet avenir, si en fait sa requeste, ou le mau se l'en ne le fait, et posse fin a sa letre, et c'est sa conclusion. Mes ci se taist li maistres a parler de la conclusion por mostrer des autres doctrines.

71. Ci dit coment li contes puet estre a moins de .vi. branches

1. Jusques ci a devisé li maistres les branches dou conte, et a mostré diligemment toz les enseingnemenz qui a ce coviennent, selonc l'auctorité de Tulle et des autres maistres de rethorique. Et ja soit ce que il die que un conte de boche a .vi. brances, que une letre en a .v., selonc ce que vos avez oï ça errieres, neporquant la matire porroit bien estre de tel maniere que ele ne requieroit pas toutes les branches et les parties devant dites, ainz seroit assez d'une branche sans plus, ou de .ii., ou de .iii., ou de .iiii. ou de .v., selonc la nature dou fait. Et por miauz conoistre, covient il savoir que les unes branches sont si substanciels que l'en ne puet riens dire se par eles non, si com est le fait et la demande, car sans une de ces .ii. ne puet estre nul conte de boche ne de escriture. 2. Mes les autres branches, c'est la saluance, et le prologue, et li devisement et confermement et defferement et conclusion, ne sont mie dou tout de la substance dou conte. Car letres et messaiges il puet bien estre aucune fois sans saluance, ou por ce que se uns autres ovrist les lettres, que il ne seust les nons, ou por ce que li messaiges est de tel maniere que li messaigiers nommera les uns et les autres plusors fois en son conte; et lors n'a en cele letre ne en celui messaige que .iiii. branches derreenes. 3. Mes quant la matire est si honeste que ele par sa digneté plaist as oianz sans nulle dorreure de prologue, lors se puet on bien taire de prologue et dire sa beseingne, selonc ce que vos avez oï ça errieres au chapistre des prologues. Autresi bien puet l'en laisser le devisement et le confermement et le defferement et la conclusion, et dire simplement le fait o sa demande. A ce povez vos entendre que aucune fois est assez a dire le fait solement, en ceste maniere: «Sachez que nos sumes en France»; et aucune fois soufist a dire la demande sans plus, en ceste maniere: «Je toi pri que tu soies proudomes en ceste guerre»; aucune fois est asez a dire l'un et l'autre, en ceste maniere: « Vos veez bien que nos sumes a la bataille venus (c'est le fait), dont je vos pri que vos soiés prous et hardis contre nos henemis» (c'est la demande). 4. Et si com un conte puet estre de .ii. branches ou de l'une sans plus, tout autresi puet estre que l'une des .ii. ou andous soient acompaignies a une u a .ii. ou a plus des autres branches devant dites, selonc ce que le saige parleor voit que il li covieingne a sa matire.

72. Des branches qui ont establi leu déterminé

1. Et si com il a ou conte une branche sanz quoi il ne puet estre, et une autre sanz quoi il puet bien estre, tout autresi ont les unes si propre leuc et si certain siege que aillors ne porroit pas estre, et les autres sont si muables que li parleor le puet remuer de leuc en leuc si come il viaut. Car la saluance ne puet estre misse se au comencement non, et la conclusion a la fin; mes toutes les autres parties puet li parleor metre hors de son leuc selonc sa provoiance. Mes de ce se taist ores li maistres et torne as autres choses.

73. Ci finist rethorique. Or comence des governementz des citez

1. Es premiers livres dedevant son devisees les natures et le comencement des choses dou siecle, et les enseingnementz de vices et de vertus, et la doctrine de bone parleure; mes en ceste derreene partie viaut maistre Brunet Latin acomplir a son ami ce qu'il li avoit promis entor le comencement dou premier livre, la ou il dist que son livre definirait en politique, c'est a dire le gouvernement des citez, qui est la plus noble et haute science, et le plus noble office qui soit en terre, selonc ce que Aristotes preuve en son livre. 2. Et ja soit ce que politique compreingne generaument toz les ars qui beseingnent a la comunité des homes, neporquant li maistres ne s'entremet se de ce non qui appartient au cors dou seingnor et a son droit office. Car de lors que genz comencerent premierement a croistre et a multeplier, et que le peché dou premier home se racina sor son lignage, et que le siecle empira durement, si que li un covitoient les choses son voisin, les autres par lor orgoil sousmetoient les plus foibles au joug dou servaige, il covint a fine force que cil qui voloient vivre de lor droit, et eschiver la force des maufaitors, se tornassent ensemble en un leuc et en un ordre. De lors comencerent a fonder maisons, a fermer villes et forterescs et clore les de murs et de fossez; 3. et de lors comencerent a establir ses costumes et sa loi et les drois qui estoient comuns por trestoz les borjois de la ville. Por ce dit Tulles que citez est un essemblement de genz a habiter en un leuc et vivre a une loi. Si come les genz et les habitacions son diverses, et li us et li drois sont divers par mi le monde, tot autresi ont il diverses manieres de seingnories. Car des lors que Nembrot li jahanz surprist premierement le roiaume dou pais, et que covoitise sema les guerres et les mortels haines entre les genz dou sicele, il covint as homes qu'il eussent seingnors de plusors manieres, selonc ce que li uns furent esleus a droit, et li autre par lor pooir; et ensi avint que li uns fu sires et rois dou pais, li autres fu chastelains et gardeor des chastiaus, et li autres fu duc et conduisseries de l'ost, li autres fu cuens et compaignon le roi, li autre avoient des autres offices: dont chascuns avoit sa terre et ses homes a gouverner. 4. Mes toz seingnors et toz officiaus, ou il sont perpetuels a tozjors par lui et par ses hoirs, si come sont roi et cuens et chastellains et li autre semblable; ou il sont a toz les jors de sa vie, si come est mes sires li apostoilles ou l'empereor de Rome et li autre esleus a sa

vie; ou il sont par annees, si come sont li maires, les prevos et la poesté et li eschevins des citez et des villes; ou il sont sor aucunes especiaus choses, si come sont li legas et li deslegas et li vigueres et li officiaus a cui li plus grant seingnor baillent a faire aucunes choses, ou sor quoi l'en se met de ses questions. Mes de tot ce se taist li maistres en cest livre, que il ne dit noiant de la seingnorie des autres, se de ceaus non qui government les villes per annees. 5. Et çaus sont en .ii; manieres: unes qui sont en France et as autres païs, qui sont souzmis a la seingnorie des rois et des autres princes perpatuels, qui vendent les prevostés et les baillent a ceaus qui plus l'achotent, poi gardent ne sa bonté ne le profit des borjois; 6. l'autre est en Ytalie, que li citien et les borjois et les comunitez des villes eslissent lor poesté et son seingnor tel come il cuident qui soit plus profitable au comun prou de la ville et de toz ses subjés. Et sor ceste maniere parole li maistres, car l'autre n'apartient ne a lui ne a son ami. Et neporquant toz seingnors, quelque seingnorie il aient, en porront aprendre mainz bons enseingnemenz.

Apêndice 2

TESOURO

Livro primeiro (I.1 – I.200)	<p>Prólogo: Aqui começa o livro do Tesouro, o qual trasladou em francês mestre Brunetto Latini de Florença e fala do nascimento de todas as coisas abreviadamente (I.1 - I.5)</p> <p>Como Deus fez todas as coisas no começo (I.6 - I.200)</p>
Livro segundo (II.1 – II.132)	<p>Aqui começa o segundo livro de Aristóteles que fala de vícios e de virtudes, o qual mestre Brunetto Latini trasladou de latim em romance (II.1 – II.49)</p> <p>Aqui termina o livro de Aristóteles e começam os ensinamentos dos vícios e das virtudes (II.50 - II.132)</p>
Livro terceiro (III.1 – III.105)	<p>Aqui começa retórica, isto é, o livro de boa fala que ensina a bem falar (III.1 - III.72)</p> <p>Aqui termina retórica. Ora começa o governo das cidades (III.73 - III.105)</p>

LIVRO I

LIVRO III

Discurso com menos de seis ramos (III.71)

Ramos com lugar determinado (III.72)

Aqui termina retórica. Ora começa o governo das cidades (III.73)

Apêndice 3

I.

Efeitos do mau governo.

II.

Alegoria do mau governo.

III

Alegoria do bom governo.

IV.

Efeitos do bom governo na cidade.

V.

Efeitos do bom governo no campo.

VI.

Alegoria e efeitos do bom governo.